

A PORTA

Cida Lima

A PORTA





Editora e Comércio de Livros Jurídicos Ltda.
Rua do Riachuelo, 267, Boa Vista, Recife/PE - Fone: (81) 3301-7788

Direção Editorial: João Luís

Diretor Executivo: Flávio Barbosa

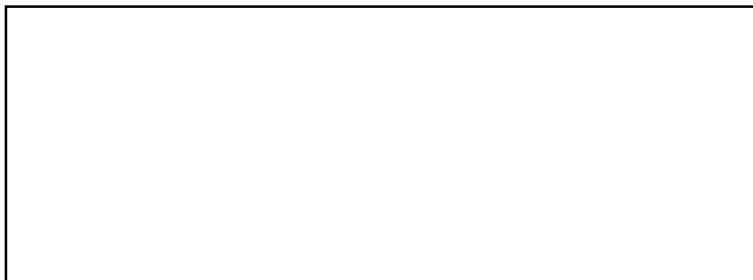
Conselho Editorial: Carlito Lima
Cláudio Vieira
Domingos Alexandre

Revisão: A Autora

Projeto Gráfico e Diagramação: Carlos Lopes (Editora Nossa Livraria)

Capa: Thiago Emmanuel

Contatos com a autora: cida_oliveira_lima@hotmail.com



copyright© Cida Lima
Todos os direitos reservados ao Autor

Esta obra é uma ficção mesmo inserida em um contexto real, portanto,
qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Agradecimentos:

Expresso acima de tudo, minha gratidão a Deus, que me permitiu esta oportunidade. Também sou grata a Alisson de Sá, por ler tudo que eu escrevia e me ajudar na elaboração dos textos, Cibele Cavalcante, por incentivar acreditar no meu sucesso, Kátia Nabuco, pelas dicas que me levaram a melhorar meu roteiro, Nádia Dias, pela excelente revisão e correção.

Agradeço a minha família, por me apoiar de forma ativa, principalmente meu irmão Thiago, que é meu hacker de plantão.

Aos meus colegas de trabalho do PAM Salgadi-
nho, auxiliares, técnicos, enfermeiros e médicos,
agradeço por tirarem minhas dúvidas e orienta-
rem minhas pesquisas, vocês foram grandes cola-
boradores.

Aos meus amigos, que são minha fonte de ins-
piração, obrigada.

– Amo todos vocês!

Cida Lima

Prefácio

A princípio não sei se falo da obra ou da autora. Mas vou começar pela criadora desse romance. Uma pessoa cativante, que no primeiro encontro nos corredores da TV Pajuçara, se revelou uma jovem escritora com muita vontade de crescer, ter seu trabalho reconhecido, e quem tem esse perfil normalmente vai longe.

A Porta é um romance fácil de ler. É um daqueles livros que a gente não consegue parar de devorar. Tem uma pitada de cada coisa; emoção, fanatismo religioso (esse tema é bem atual) e até mesmo sequestro de jovens para clonagens e outras experiências.

Uma trama muito bem elaborada, que coloca Cida entre os novos escritores alagoanos, mas com um diferencial, ela revela seu lado místico, intrigante, investigativo de escrever.

Cida Lima é a prova de que nem tudo está perdido, ainda existem jovens que se dedicam não somente a leitura, mas a um a viagem na bela arte de escrever.

Jefferson Morais
Repórter e Apresentador,
da Tv Pajuçara, Rede Record

Campus da UFAL: Novembro de 1987.

Naquela noite o vento e a chuva incomodavam bastante. Lucas esfregou as mãos pelos braços em movimentos rápidos para se aquecer, apressou o passo, devido à chuva e à hora avançada o campus da universidade estava deserto. Na verdade em qualquer noite o campus era assustador. Os espaços dentro da universidade eram divididos em blocos, em volta de cada bloco havia muitas árvores, para os estudantes do diurno era maravilhoso, mas para os estudantes do curso noturno era aterrador, cheio de sombras e vultos. Outro fator que apavorava os alunos era que todo o campus estava cercado por terreno desabitado, sendo os vizinhos mais próximos o complexo penitenciário e algumas favelas.

Lucas sentiu certo alívio, ouviu passos se aproximando. Voltou-se para ver quem se aproximava;

a chuva aumentou. Em volta de seu guarda chuva a água formava uma cortina que dificultava a visão. Continuou a andar, se a pessoa quisesse companhia o chamaria.

O frio aumentou; ele conhecia bem aquele tipo de frio, sua nuca estava arrepiada, como se gelo escorregasse por toda extensão de sua coluna. Como um homem que cresceu no meio evangélico, ele sabia identificar os sinais de perigo que seu corpo lhe enviava. Algo ruim se aproximava dele.

– Senhor Deus e Pai de Jesus Cristo... Lucas orou com um fervor que ele mesmo desconhecia. E ele viu. Eles estavam a sua frente. Dois homens que se encaravam e giravam um em volta do outro se testando para uma luta. Um vestia um terno cor de chumbo, quase negro e o outro jeans e camiseta de malha azul clara.

Neste momento, os dois tomaram ciência de sua presença, e voltaram seus rostos para ele. Lucas deixou escapar um grito! Aqueles rostos eram como máscaras, sem boca ou nariz e os olhos duas bolas de vidro onde ardiam chamas. A diferença era que o de jeans tinha mais luz no olhar e o outro um brilho opaco. Eles se assustaram ao perceber que ele os via, mas foi apenas uma fração de segundo, o de jeans ergueu uma espada cercada de luz e degolou o outro. A cabeça degolada e caída no calçamento fez um som como riso e falou: – Eu arranjo outro corpo e volto. O mestre o quer. – E o corpo apontou para Lucas.

Tudo sumiu. Apenas a chuva acompanhou o apavorado Lucas até o ponto de ônibus e de lá até sua casa.

Cláudia foi para o estacionamento do hospital Universitário acompanhada de sua assistente. Aquele plantão tinha sido cansativo, faltaram alguns médicos e ela foi obrigada a atender pacientes de outras especialidades. Era pediatra, amava sua profissão. Naquela noite tinham feito três partos, destes, dois foram difíceis, chegou até a pensar que perderia um dos bebês. Agora tudo estava bem, tinha passado o plantão com a situação dos bebês estabilizada.

Tudo o que queria era um banho quente e dormir algumas horas. Cláudia destravou o carro e abriu a porta do lado do motorista. Jogou sua mala e bolsa no banco traseiro e se acomodou no assento, ligando o carro. Neide que a auxiliou o dia todo, também parecia cansada, e como sua casa era no caminho e seus plantões eram os mesmos, ela a levava em casa. Ainda que nunca saíssem na hora certa. O seu horário era até as sete da noite e devido aos partos já eram quase onze horas.

Cláudia estava um pouco impaciente. Porque Neide não entrava logo? Saíram juntas, pararam ao lado do carro, ela entrou e a outra não. Baixou o vidro da janela do passageiro e chamou a colega. Nada!

Ela devia ter esquecido algo e voltado ao hospital. Aguardou. Buzinou. Neide não deu sinal algum. Saiu do carro, a chuva fina incomodava um pouco. A poucos metros havia um enorme cachorro cinza com um objeto na boca. Cláudia parou perplexa!

O animal estava com uma bolsa na boca. Soltou a bolsa no chão e voltou seus olhos para ela, olhos

acesos, não com brilho verde como a maioria dos cães que ela já viu antes, mas vermelho. Ele rosnou e sua boca se repuxou como um sorriso cínico. Cláudia andou de costas até o carro, entrou pela porta do passageiro e a travou. Escorregou para o banco do motorista. Ligou o carro. Tinha que sair dali e pedir ajuda. Na saída do estacionamento havia uma guarita com um vigia. O coração dela batia alucinado. Algo tinha acontecido a Neide, ela não deixaria sua bolsa jogada se tudo estivesse bem. Uma coisa era certa, a partir deste dia estacionaria em frente ao hospital, bem a vista de todos. Parou na guarita e pediu que o vigia lhe acompanhasse, e entrou no hospital pela porta da frente.

Cláudia saiu do hospital às três da madrugada. A polícia foi chamada ao local e não encontraram Neide. Sua bolsa não estava no estacionamento, ninguém ligou para o detalhe do cão. O policial comentou que o animal viu a bolsa no chão e revirou procurando comida. No dia seguinte encontraram um jaleco sujo de sangue no matagal nos fundos do hospital próximo ao campus. O corpo de Neide nunca foi encontrado. Neide se tornou mais uma das muitas pessoas desaparecidas todos os dias sem nenhuma explicação.

Zona rural do município de Arapiraca/Al.

Lúcia, com seus dezesseis anos era pura vaidade. Diante de um espelho, destes que os prestanistas vendem de casa em casa, dava os últimos retoques na maquiagem. Seu rosto de pele morena possuía traços suaves, olhos escuros e contornados por cílios longos, maiores agora, depois de escurecê-los com lápis preto. Finalizou com um batom vermelho.

Olhou o perfil, a saia jeans curta, valorizava suas pernas grossas e bumbum saliente, a blusa estilo babylook, marcava como uma segunda pele a curva dos seios cheios e a cintura fina. Apoiou um dos pés no tamborete, ajustou a fivela da sandália plataforma.

Estava pronta para encontrar seus amigos do povoado. De lá iriam para um baile na cidade, vinha um grupo de forró e ia rolar até reggae.

Abriu a cortina que separava o corredor da sala e se preparou para enfrentar os avós. Eles a criavam desde os dois anos, desde que sua mãe fugiu com um gringo que conheceu no bar em que trabalhava na Barra de São Miguel, seus avós a adotaram e mesmo aposentados, ainda plantavam fumo no pequeno pedaço de terra nos fundos da casa. Lúcia ajudava dona Maria Viúva a cuidar da barraca de cereais na feira livre, ganhava pouco, mas dava para ajudar nas despesas.

– Vai adonde Luça? Eu já disse que teu vô se abusa com tu. Mania da gota di sai dinoite.

– Ôxe, vô. Vou ao baile na cidade, Nega, Zefa e Nilda vai mais eu.

– Rum, quatu peça lorde. Ói, drumna na casa di dona Maria Viúva, e mais mió que vim neste pretume di noite fora di hora.

– Pronto! Ando nesta estrada desde que me entendo de gente e nunca vi nada. Ói, to indo. Diga ao pai que to drumindo e não bote ferrolho na porta di cima, prenda cum taco di pano, quando eu chegá eu tranco. Bença vô.

– Deus te faça filii, Deus te dê juízo. Nossa Senhora te cubra com o sagrado manto.

– Chau! Amém.

Lúcia saiu para a noite escura. Realmente estava um breu. Conhecia aqueles caminhos desde menina, cada touceira de capim da estrada de barro que levava a rodovia principal. Lá na estrada principal era melhor de caminhar, os carros passavam a todo instante indo para a cidade, claro que sempre ofereciam carona, mas ela nunca aceitou, ouviu muitas histórias de moças que entravam em carro de estranho e nunca mais apareciam. Ia a

pé, estava acostumada a caminhar léguas sem se cansar. Seguiu seu caminho, sem medos ou receios, ela sabia que as pessoas inventavam muitas histórias para assustar as crianças e colocá-las para dormir com medo. Ela não, nunca teve medo de bicho nenhum. O único animal a ser temido era o homem. Principalmente os de fala mansa e boa aparência, estes eram os piores.

Cumprimentou o vigia da fazenda dos Oliveira Campos, o homem era estranho, nunca respondia nada e ela insistia em falar por saber que isso o aborrecia. Apressou o passo, logo Zefa ia pensar que ela tinha desistido e sairia sem ela. Resolveu atravessar pela roça de fumo, assim cortava caminho e ganhava tempo.

Lúcia parou e deu um grito de susto!

– Quase atropelou o vigia! Ele nem se abalou passou por ela e seguiu na direção oposta. Do outro lado da plantação e antes de chegar ao povoado onde Nilda e Zefa moravam, havia uma ponte de madeira sobre um pequeno córrego. Para espanto de Lúcia o vigia se encontrava no final da ponte, encostado no poste de madeira que sustentava uma lâmpada fluorescente que iluminava o caminho.

Lúcia sentiu vontade de voltar. Como aquele homem que caminhava em direção oposta a sua, podia estar a sua frente e por três vezes? Começou a rezar em pensamento e encarou o homem.

Os olhos. Lúcia soube naquele instante que a morte a esperava no fim da ponte. Tentou correr, mas como em um pesadelo não havia como evitar, seguiu em passos trôpegos para seu destino, uma força estranha a atraía para ele. Ele não, aquilo!

- Que Deus tivesse piedade de sua pobre alma!
Lúcia nunca voltou para casa ou chegou à casa das amigas. Foi considerada desaparecida.

Marechal Deodoro/Al.

Mariane, dezessete anos, saiu de sua casa na Rua da Poeira para um encontro com o namorado. Fernando, conhecido como Nandinho, tinha ido jogar bola com os amigos. Marcaram o encontro na orla da lagoa Manguaba.

O local era muito bonito, os jovens da cidade gostavam de sentar nos bancos à sombra dos coqueiros para jogar conversa fora ou beber escondido dos pais. Também era fácil conseguir substâncias mais pesadas para fazer a cabeça. Como o mercado público funcionava ali, assim como a feira livre. Era possível comprar realmente de tudo.

A pelada terminava oito da noite e Mariane já aguardava a chegada do namorado sentada no ancoradouro. Estava pensando em desistir e ir para casa, tinha mentido para sua mãe dizendo que ia à casa de uma amiga fazer um trabalho de escola.

Nandinho estava demorando, ela não gostava de ficar ali sozinha. Às vezes apareciam bêbados e drogados que eram muito inconvenientes. Já se levantava para voltar para casa, quando ele chegou. Não disse uma palavra sobre o atraso, foi logo a envolvendo com beijos arrebatadores.

Nossa! Valeu à pena esperar. Ele nunca tinha demonstrado tanta paixão. Ela não sabia ao certo o que era, mas o beijo estava diferente. Seu corpo também reagia diferente, suas pernas pareciam feitas de gelatina. Como uma dança sedutora e envolvente, ele a guiava para um local afastado.

Mariane o seguia. Estava tão apaixonada que iria com ele para qualquer lugar. Principalmente hoje, que ele estava tão diferente, não cheirava a suor, não falava coisas bonitas, mas também não usava a linguagem grosseira e vulgar. Uau! Ele tinha até trazido um carro! Um carro! Como?

A mente de Mariane tentou se libertar da sedução, como Nandinho que era filho de marisqueiros, podia arranjar um carrão daqueles?

Afastou-se e encarou a namorado.

– Nando?

Mariane olhou nos olhos escuros de seu namorado. Que estranho os olhos dele pareciam claros!

– Aquele não era Fernando!

Desvencilhou-se e tentou fugir. Foi agarrada por mãos fortes e jogada dentro do carro. Ainda conseguiu chutar a porta, que bateu em alguém que passava na calçada.

– Véio, ta cego. Aí oia por onde tu passa!

Antes da porta do veículo fechar, Mariane viu as costas de Fernando se afastando do carro e se-

guindo para o local do encontro. Tentou gritar! Mas seu acompanhante lhe revelou seu verdadeiro rosto. A inconsciência lhe trouxe a fuga.

Fernando ainda esperou por Mariane, como ela não apareceu foi para casa. Soube dias depois que ela tinha saído à noite de casa dizendo ir à casa de uma amiga e nunca mais voltou. Mariane foi considerada desaparecida.

Viçosa, Alagoas.

Beatriz morava no convento há seis meses. Tinha plena certeza de sua vocação religiosa. Desde pequena era atraída por tudo que fosse relacionado à religião. Filha de pais católicos cresceu no seio da igreja. Nunca se interessou por rapazes, mesmo achando o casamento algo muito bonito.

Seus pais eram um exemplo vivo de felicidade conjugal. Toda comunidade local elogiava o comportamento do casal e como educaram bem sua única filha. Irmã Bia, como era conhecida, vivia só para Deus e a Virgem. Seu maior desejo após a ordenação era se afastar totalmente do mundo e se dedicar inteiramente a contemplação divina.

Bia tinha certeza que lá no convento, nada perturbaria a paz que sentia em seu interior e essa paz ela precisava para viver. Era só o que queria da vida, sem ambições, sem vaidades, sem a hostili-

dade das mulheres ou o olhar que os homens lançavam para ela quando caminhava pelas ruas. Tinha medo do jeito como a olhavam, desde menina ficava inquieta quando alguém do sexo oposto a olhava com interesse. Era uma moça bonita, olhos verdes, emoldurados por cílios longos e sobranceiras cheias, cabelos castanhos escuros, um rosto de traços marcantes. Tinha estatura mediana e um corpo de curvas esculturais. Mesmo ciente de sua beleza física nunca se envaideceu, ao contrário, sempre viu este fato como um empecilho para sua vocação religiosa. Todas as tardes, das cinco as sete, alfabetizava jovens, as aulas eram ministradas em um salão paroquial onde funcionava o centro comunitário e o objetivo era proporcionar aos jovens a oportunidade de aprender a ler e escrever.

Nesta tarde Bia veio sozinha, Ângela, que sempre a acompanhava e também era postulante, não pode acompanhá-la devido a uma forte virose destas tão comuns no verão. Ao término da aula, professora e alunos seguiam a pé para o povoado, em romaria que diminuía de participantes ao longo do caminho, restando, ao se aproximar do convento, somente a professora. O terreno próximo ao convento era todo cultivado, algumas das freiras internas e pessoas da região, plantavam legumes, hortaliças e macaxeira. Destes alimentos alguns iam para cozinha local e a maior parte era doado a famílias carentes do povoado. Beatriz passava por baixo de uma frondosa mangueira que ficava em frente à entrada; de lá já se ouvia os cânticos que eram entoados no refeitório antes de cada refeição.

“Ao Senhor agradecemos, aleluia. O alimento que comemos. Aleluia...”

Ela cantarolava quando ouviu alguém chamar seu nome. Olhou a sua volta, estava escuro, mas seus olhos já estavam acostumados, não viu ninguém, também seu estômago roncava tão alto que já confundia seus ouvidos.

– Preciso de você, Beatriz.

Desta vez a voz sussurrou ao seu ouvido, ela pôde sentir o hálito quente. Parou, sentiu uma forte energia a envolver. Sentiu medo, mesmo com a voz trôpega perguntou:

– Quem está aí?

– Sou eu, preciso de você Beatriz.

– Apareça se não eu grito.

– Que fé pequena, não conhece seu dono, Bia?

Bia sentiu o vento a envolver. Seu corpo estava todo arrepiado, não conseguia se mover como se uma energia muito forte a dominasse.

– Eu sou do Senhor meu Deus... – Balbuciou ela.

– Eu sou seu senhor agora. Não resista, venha para mim. Você é minha. Beatriz... Estou a sua espera. Sente...

Ela sentiu e desfaleceu.

Primeira Parte

Capítulo I

Viçosa/Alagoas: Junho de 1988.

Lucas estava na sala pastoral da igreja onde passou os melhores dias de sua vida. Foi o fundador daquela congregação, mas quando sua esposa morreu, logo após o parto, ele não quis ficar naquela cidade.

E agora estava ali, chorando a morte de seu pai e ainda sentido a dor pela saudade da esposa morta. Seu pai cuidou daquela igreja nos últimos dez anos. A congregação o havia procurado para cuidar dos preparativos do funeral e da igreja, até a vinda de um novo pastor designado pela convenção. Ele aceitou, por seu pai e por si mesmo, afinal aquela igreja era resultado de anos de muito trabalho e esforço de sua parte e de sua família. Como seu pai costumava dizer, se emenda a corda no local em que ela quebra. Talvez fosse sua oportunidade de refazer sua história,

nos últimos anos tinha feito de tudo e construído quase nada.

Fez alguns cursos, terminou o mestrado em história. Lecionou durante algum tempo em algumas faculdades e cursinhos. Ganhava o suficiente para ter uma vida confortável e dar uma boa educação a filha, contudo sentia aquele vazio no peito, por ter falhado com sua mulher, ao trazê-la para morar numa cidade que tinha uma assistência médica tão precária e também com Deus, quando largou todo o trabalho que estava fazendo na igreja e cego pela dor partiu para capital sem olhar para trás.

Respirou fundo, saiu da sala e se dirigiu ao templo, seus irmãos e toda congregação o aguardavam para o culto e mais cedo ou mais tarde teria que encarar aquelas pessoas. Melhor que fosse logo.

Duas semanas depois, Lucas já se sentia um pouco mais a vontade tanto em relação à cidade, quanto a igreja que dirigia como pastor provisório. Durante suas visitas a alguns membros de seu rebanho, soube que uma das jovens que moravam no convento havia desaparecido, ficou curioso, ultimamente muitas jovens estavam sumindo misteriosamente de seus lares.

Fez algumas perguntas a respeito, de forma discreta, pois por se tratar de uma moça católica as pessoas estranhariam sua curiosidade. O que descobriu foi pouco revelador, era uma noviça ou algo assim e sumiu no início da noite a caminho do convento. Todos na cidade estavam assustados inclusive alguns dos membros de sua igreja. Ele acon-

selhou os pais para não deixarem seus filhos saírem sozinhos.

Maceió/AL:

Cláudia saiu do consultório de sua psicóloga se sentindo péssima. Certo que sua história era no mínimo estranha, contudo ela sabia que o que via era real. Tinha certeza que desde o desaparecimento de sua assistente, um enorme cachorro cinza a seguia para onde fosse. Não era paranóia, o bicho estava esperando na frente do prédio onde ela morava, no estacionamento do hospital, no Shopping, onde quer que fosse.

Claro que parecia realmente absurdo, tanto que não custava nada dar credito a terapeuta e tirar umas férias. Quem sabe após um descanso, sua vida voltaria a ser como antes e os pesadelos acabassem? Fazia dias que não tinha uma noite de sono tranqüila.

Precisava de um lugar onde se sentisse segura, pudesse descansar e, se possível, ser útil, pois detestava não ter nada proveitoso para fazer. Cláudia sorriu, sabia exatamente para onde ir!

Cláudia saiu cedo de Maceió e chegou a Viçosa a tempo de tomar o café da manhã no convento. O café era servido às sete e trinta. Como sempre, foi recebida com muito carinho por Matilda, a madre superiora do convento; padre Manoel, pároco local, também se achava presente. Era costume, aos domingos, o padre tomar café da manhã no convento após celebrar as missas matinais. Depois dos cum-

primentos e abraços saudosos, Cláudia explicou que veio passar alguns dias no povoado. Tinha tirado licença no hospital e faria um trabalho com as famílias da comunidade rural.

Preferiu omitir que foi idéia de sua terapeuta. Irmã Matilda achou a idéia muito boa, disse que as crianças do local estavam enfrentando um surto de diarreias e que muitas morreram. Cláudia suspeitava que fosse um vírus conhecido como Rotavírus, que ela estava pesquisando há algum tempo.

Percebeu uma troca significativa de olhares entre a freira e o padre. Parecia que algo estava acontecendo e que sua presença não era bem vinda. Logo espantou tal pensamento, sempre foi bem vinda ao convento.

O café da manhã transcorreu em silêncio, mesmo dizendo para si mesma que estava tudo bem, o clima entre as internas parecia tenso. O silêncio sempre tão agradável estava carregado de tensão.

- Irmã, alguém poderia me mostrar um quarto?
- Perguntou à madre superiora, esta engasgou com um gole do café, depois que passou a tosse respondeu:

- Minha querida, você vai nos perdoar, mas as normas do convento não permitem a entrada de leigos. - Cláudia quis protestar mais a freira prosseguiu. - Sei que já ficou aqui no passado e confesso que gosto muito de tê-la aqui, mas o novo Arcebispo é muito conservador e convém obedecer. Você compreende?

- Claro, não tive a intenção de impor minha presença. Gosto de ficar aqui por ser perto centro

comunitário, mas vim de carro o que facilita meu deslocamento até a cidade.

- Cláudia, tem uma senhora que mora próxima a casa paroquial é viúva, mora só e aluga quartos para moças. - Sugeriu padre Manoel. - A casa é espaçosa e confortável, na verdade ela tem hóspedes para não ficar só. Tenho certeza que você gostará de lá e eu estarei por perto caso você precise de algo.

- Para mim está ótimo. Vou passar o resto do dia por aí matando saudade de tudo. Amanhã estarei aqui logo cedo para fazer algumas visitas. Padre avise no fim da missa para que as pessoas tragam as crianças para uma consulta, explique que não cobraremos nada. Eu trouxe comigo alguns medicamentos, gostaria de deixá-los no centro comunitário antes de irmos à cidade.

- Eu avisarei, vamos. Tenho uma sala que vai servir como um bom consultório. Lá arranjaremos um armário para os remédios.

Cláudia seguiu o padre. A sala era bem iluminada mesmo sendo pequena. Descarregou os remédios, improvisou uma maca e deixou os equipamentos necessários para as consultas, assim no dia seguinte teria tudo à mão.

Ao chegar à casa de Dona Conceição, conhecida como Ceixa, foram muito bem recebidos, a casa era espaçosa e o quarto confortável e aconchegante. A senhora idosa adorou a idéia de hospedar uma médica em sua casa e foi logo enchendo Cláudia de mimos. Depois de se instalar, resolveu sair e explorar os arredores.

O dia estava ideal para caminhar ao longo do

rio e pela quantidade de automóveis, muita gente teve o mesmo pensamento. O rio se alargava e formava uma espécie de lago, na verdade a aparência calma da superfície das águas enganava, na parte funda a correnteza era bastante forte, sendo comum haver afogamentos e até mortes.

Antes de ver o lago, pode ver uma grande quantidade de pessoas sentadas em toalhas estendidas ao longo das margens, e o som de música gospel. Cláudia teve vontade de voltar, mas a curiosidade foi maior. Nunca tinha visto nenhum tipo de cerimônia dos crentes e aquela era a oportunidade de assistir a um batismo. Procurou um local onde tinha uma boa visão de tudo, aos poucos foi se aproximando do grupo para ouvir melhor o que era dito.

Havia dois homens dentro da água, um de calça azul marinho e camisa azul clara de mangas compridas que aparentava uns cinqüenta anos, os cabelos e bigodes escuros já se tingiam de branco, o outro aparentava ser mais jovem era alto de físico bem proporcionado, sorria com muita frequência, o que formava covinhas na face. Os cabelos castanhos possuíam reflexos acobreados.

Continuando sua inspeção, observou que este vestia calça marrom e camisa bege claríssima. Neste instante olhou em sua direção, olhos escuros, vivos, capazes de enxergar a alma da pessoa. Aquele olhar fez seu pulso acelerar.

A voz do pastor mais velho se fez ouvir, ele falava algo sobre nascer de novo em Cristo, que o batismo era o início de uma nova vida. Após a breve mensagem, um grupo de pessoas, bastante heterogêneo, vestido em batas brancas longas e de man-

gas compridas se encaminhou para dentro das águas, ambos os pastores seguravam a pessoa de costas e a mergulhava na água e a traziam rapidamente a superfície.

Algumas pessoas saíam da água chorando, outras cantando, outras num estado de euforia, com risos e muitas palmas. Todos eram envoltos em toalhas e levados a um biombo para trocarem a roupa molhada. Quando a última pessoa saiu da água, Cláudia não conteve a curiosidade e perguntou a uma garota que sentou ao seu lado:

– O que vai acontecer agora?

– Você é nova convertida? – Perguntou a garota que aparentava uns doze anos. Olhava atentamente para o rosto de Cláudia, com lindos olhos dourados.

– Não, eu ia passando e parei para assistir. Tem algum problema?

– Acho que não, agora vai ser servido um lanche e vamos voltar para a cidade, à noite vai ter um culto festivo na igreja e estas pessoas vão tomar a Santa Ceia pela primeira vez. Você já participou de um culto?

– Não, já assisti muita missa.

– Eu acho missa chata, agente nem pode participar e é sempre a mesma coisa. Hoje eu vou cantar e dançar com o coral daqui. Vai ser durante o culto, vamos ter muitos músicos se apresentado. Vai ser a posse do novo pastor. Ele vai substituir meu avô que dorme no Senhor. – Ela apontou para o pastor mais velho. – O outro é o meu pai. Ele foi pastor interino, mas agora que o novo pastor chegou vamos voltar para casa. Meu pai não gosta deste lugar.

– Onde vocês moram? – Ao saber que o bonito era pai da menina, Cláudia não conteve a curiosidade. – Sua mãe gosta daqui?

– Gostava muito. Depois que ela morreu fomos morar em Maceió. Acho que meu pai não gosta daqui por isso. Não é, papai?

Cláudia nem percebeu que ele se aproximou. Agora ele estava ali bem a sua frente, tinha trocado a calça molhada por uma preta e camisa branca, também de mangas compridas e arregaçadas até o punho. Os cabelos estavam úmidos, beijou a testa da filha e a encarou.

– Desculpe, minha filha fala pelos cotovelos.

– Que injustiça, pai! Eu estava explicando pra ela, porque você não gosta daqui.

– Mas eu gosto daqui, mocinha. Eu só não quero morar aqui.

– O que dá no mesmo né. O que você acha? Ei, nem perguntei seu nome? O meu é Rebeca.

– O meu é Cláudia, também não moro aqui, estou passando férias.

Ele apertou sua mão, sem desviar os olhos dos dela. Nisso pai e filha eram iguais, faziam questão de olhar nos olhos quando falavam com alguém.

– Meu nome é Lucas e minha filha já deve ter revelado tudo ao meu respeito.

– Na verdade ela falou pouco de você, estava me convidando para assistir o culto, devo admitir que nunca entrei em uma igreja de crente, mas achei o batismo muito bonito.

– Venha nos visitar então, se você não gostar não volte.

Cláudia ia responder, quando a intempestiva Rebeca falou:

– Fiquem aqui, vou buscar o lanche pra nós. Já estão servindo. – E saiu correndo sem esperar resposta.

– Ela é elétrica, às vezes me sinto um Matusalém diante da vitalidade de minha filha. Você disse que também não é daqui, posso saber de onde você é?

– Claro, sou de Maceió. Trabalho como médica no hospital Universitário. Vim para cá descansar um pouco.

– Bem Dra Cláudia eu leciono na universidade, somos vizinhos de trabalho.

– Você não parece um professor.

– A principio eu poderia dizer que você não parece uma médica, mas observando melhor você tem o nariz empinado típico da profissão.

Cláudia ia dar uma resposta grosseira, mas calou-se diante do sorriso dele e contagiada riu.

– Sabe quando você escolhe ser médico, você casa com a profissão, não sobra muito tempo para outras coisas. Acho que é por isso que somos considerados pouco sociáveis.

– Certo. Respeito seu ponto de vista, mas a maioria dos médicos que já conheci se acham um pouco superiores a nós simples mortais.

– Bem, vindo de alguém que vai morar no céu, seu comentário é no mínimo entranho. – Cláudia quase mordeu a língua, o comentário grosseiro escapuliu. – Desculpe, Lucas. Eu não quis ser grosseira.

– Tudo bem, eu não me ofendi.

Rebeca chegou com os bolos e refrigerantes, Cláudia pôs de lado o constrangimento se serviu, o bolo de massa puba estava delicioso. Era uma das comidas típicas de sua preferência.

Logo esqueceram o mal entendido e se puseram a rir dos comentários de Rebeca. Ela também comentou que um rapazinho se ofereceu para acompanhá-la até em casa ao final do culto.

– E o que você respondeu? – Perguntou Cláudia vendo que pai e filha riam a valer.

– Nos moramos na igreja. Há uma casa pastoral nos fundos da congregação. Até o fim do mês ficaremos nela, depois o novo pastor vai se mudar para lá, não é papai.

– É vamos aproveitar o restante das férias escolares. Depois voltaremos para Maceió.

Alguém chamou o nome dele.

– Filha se despeça da doutora, vamos retornar o ônibus já vai sair. Até a noite doutora.

Cláudia falou num impulso:

– Vocês não gostariam de ir comigo? Assim eu fico sabendo o local do culto.

– Ótimo! Pai avise aos irmãos que vamos com ela. – Rebeca respondeu pelos dois.

Tomou a mão de Cláudia e seguiram para o carro. O trajeto até a igreja foi bastante agradável, Rebeca não parava de tagarelar sobre os mais diversos assuntos. A despedida foi breve, pai e filha seguiram de mãos dadas para casa.

Cláudia voltou para seu quarto com o coração apertado. Dava para ver na troca de olhares que pai e filha se amavam muito. Algo que ela nunca sentiu ao lado dos pais. Nem lembrava claramente

deles, aos treze anos foi mandada para a casa dos avós, no Brasil... Bem, ficar lamentando o passado não ia resolver nada. A vida segue sempre em frente. E esse lema sempre a fez superar os seus medos e limites.

Ao sair logo mais a noite. Não comentou com Dona Ceíça para onde ia, disse apenas que voltaria cedo. Ela certamente comentaria com o padre e este não compreenderia sua curiosidade e a repreenderia por entrar em uma igreja de crente.

Foi caminhando, quando chegou, o local estava lotado e uma senhora muito simpática a conduziu a uma cadeira na segunda fileira. O altar estava bem decorado com arranjos de flores, como na igreja católica havia uma espécie de palco onde ficava o altar e logo por trás algumas cadeiras onde a maioria dos ocupantes eram homens. Uma moça cantava e um conjunto bastante afinado acompanhava. As músicas eram muito bonitas e logo Cláudia deixou de lado a apreensão e relaxou, Lucas era o que chamavam de dirigente do culto, era ele quem anunciava as pessoas que iam se apresentando, quando Rebeca foi anunciada, entrou acompanhada de mais quatro moças que vestiam túnicas brancas e amplas e quando se movimentavam os braços lembravam anjos voando.

O vestido de Rebeca era branco com bordados dourados, a saia ia até o tornozelo, os pés estavam equilibrados pelas pontas dos dedos e calçados por delicadas sapatilhas de dança. Ela trazia nas mãos a bandeira de Israel, que tremulava conforme ela vazia evoluções no ritmo da música. Cada passo,

cada gesto, tocava o coração de quem assistia, Cláudia sentiu lágrimas nos olhos. Era um maravilhoso espetáculo, na verdade todas as apresentações eram lindas! Talvez esse fosse o motivo de tanta gente ser crente, o culto era muito bonito e a música muito envolvente.

- A missa tinha que melhorar em muitos aspectos para atrair as pessoas. - Pensou Cláudia. - A Santa Ceia era como a Eucaristia, só as pessoas batizadas podiam tomá-la, Cláudia não participou, mas pode observar que eram servidos pão e vinho aos participantes. Durante todo culto sentiu o olhar de Lucas sobre ela e antes de se levantar para sair ele já estava ao seu lado.

Apertou sua mão e lhe perguntou:

- Gostou do culto, doutora?

- Muito, eu não imaginava que fosse tão bonito. Sua filha esteve maravilhosa.

- Sim, confesso que me emociono quando vejo minha menina dançando. Ela tem um dom especial que comove toda congregação. Parece um Querubim.

- Ela estuda balé ou outra dança?

- Ela faz balé e devo admitir que fui contra. Quando minha cunhada a matriculou fez sem me consultar. Eu só descobri um ano depois quando a vi se apresentando no culto, fiquei bravo e orgulhoso. As pessoas ainda não aceitavam muito bem as danças durante os cultos, somos um pouco conservadores, mas minha filha é aceita por todos, ela dá vida à música.

Foram interrompidos pela própria Rebeca que tinha trocado o vestido por uma saia jeans e blusa de malha.

- Oi Cláudia. Pai alguns jovens vão lanchar na pizzaria, posso ir junto? A mãe da Vanessa vai com agente.

- Pode ir. - Lucas retirou a carteira do bolso traseiro da calça e entregou algumas cédulas a filha. Ela agradeceu e saiu correndo para encontrar os amigos. Lucas voltou-se para ela.

- E você já jantou?

- Não, tomei um suco antes de sair.

- Aceita jantar comigo? Não é um convite formal, como não somos daqui acho que não há problema em fazermos companhia um ao outro. O que acha?

Bem que mal poderia haver em jantar com ele?

- Aceito claro.

Saíram juntos, caminhando lado a lado. O restaurante servia apenas comida regional, mesmo sendo um lugar rústico a comida era muito gostosa e o lugar estava lotado, tiveram que dividir a mesa com outro casal que também esteve na igreja. A conversa foi interessante, sobre diversos temas, Lucas era muito divertido e ela riu bastante. O outro casal saiu após terminar a refeição e eles ainda demoraram um pouco conversando sobre suas vidas, Cláudia falou de sua profissão, explicou que era pediatra, mas gostava muito de pesquisas laboratoriais, inclusive que tinha feito alguns cursos nesta área, Lucas falou de sua esposa que morreu ao dar a luz a Rebeca e de alguns fatos engraçados vividos por seus alunos. Quando saíram do restaurante foram buscar Rebeca, pois a pizzaria ficava na outra esquina da mesma rua. A menina já estava de saída, agarrou Cláudia pela cintura e

com o outro braço a cintura do pai, de modo que ambos ficaram muito próximos e começou a falar sem parar como era seu costume. Quando Cláudia deu por si, estavam na pracinha em frente à casa de Dona Conceição.

– Eu estou hospedada aqui. Como vocês adivinharam?

– Cidade pequena. – Disse Lucas sorrindo. – Amanhã todos vão comentar que a Doutora e o Pastor novato jantaram juntos, como nada de mais aconteceu e não ficamos sozinhos não há nenhum mal nisto.

– Sério? Você se preocupa com os comentários?

– Sim, eu tenho que me preocupar com a minha reputação. Sou um pastor evangélico e a minha imagem é importante, se eu não viver conforme o que prego vou ser mais um hipócrita no mundo.

– Não imaginava que vocês fossem tão rigorosos assim. Quer dizer que os evangélicos não namoram?

– Namoram sim, e muito. – A resposta foi de Rebeca. – Meu pai diz que os obreiros são espelho para as outras pessoas e se você escolher ser um tem que fazer direito. Desde que minha mãe morreu, ele não teve outra namorada. Acho que ele gostou de você.

– Rebeca. – Lucas parecia visivelmente, embaraçado. – Desculpe, Cláudia, minha filha ainda não aprendeu nada sobre discrição.

– Não se incomode eu também gostei muito de conhecê-los. Se não for incomodá-los podemos sair juntos outras vezes, já que estamos de férias e somos praticamente colegas de trabalho.

– Por mim está tudo bem. Certo, filha?

– Certo! Você liga pra gente. – Trocaram os números de telefone. Rebeca deu um beijo na face de Cláudia. – Que a paz do Senhor, esteja com você.

– Certo.

– Não. – Disse Lucas. – Quando alguém lhe desejar a Paz de Senhor, você responde: – Amém, que assim seja.

– Amém. – Disse Cláudia para Rebeca. – Boa noite e abrigada por me trazer em casa.

– Boa noite. – Responderam pai e filha e foram embora.

Cláudia tomou o copo de leite que dona Ceíça lhe trouxe no quarto, agradeceu, trocou-se e deitando logo em seguida. Refletiu que para seu primeiro dia, suas férias prometiam ser muito interessantes. Adormeceu e sonhou com um lindo pastor evangélico, que sorria para ela, com covinhas na face.

Capítulo II

Fazenda Ribeirão, Viçosa /Al.

Zé Roberto estava atrasado para o serviço com seu pai. Pela altura do sol já devia ser mais de seis horas. Ele ia começar com pelo menos uma hora de atraso. Lavou o rosto e bochechou um pouco da água para lavar a boca, esta era sua higiene matinal.

Correu para o curral que ficava nos fundos da casa. Ele era o responsável por limpar o local onde criavam oito cabras leiteiras e um bode de raça que era o orgulho de seu pai. Ao entrar no cercado percebeu que os animais estavam inquietos, no ar, além do cheiro familiar de esterco, havia outro odor que ele não identificou de imediato.

Num dos cantos do cercado, ficava um alojamento para os animais se abrigarem no caso de chuva ou muito sol, era mais uma palhoça que um abrigo, mas servia bem aos propósitos, lá ele colocava duas gamelas, uma com ração e outra com água. Quando Zé Roberto se abaixou para derramar o restante da água suja, pode ver o que havia por trás da gamela.

– Uma mulher morta!

O choque foi tamanho que ele vomitou em seguida.

Nos seus dezesseis anos de vida, nunca vira algo tão cruel. Teve medo de se aproximar do corpo, disparou numa carreira alucinada para a roça onde seu pai e seus dois irmãos se encontravam. Pela sua aparência não precisou falar muito para eles perceberem que algo de ruim havia acontecido e fazerem o caminho de volta o mais rápido possível.

Seu Zé Bodeiro, como era conhecido o pai de Zé Roberto, por matar e vender bodes, ficou transtornado com o que viu.

A moça morta estava nua. Todo seu corpo estava marcado com sangue e apresentava uma marca de operação na barriga, o rosto estava coberto pelos cabelos e ele não quis mexer. Quem a colocou ali, a colocou sentada e seu corpo escorregou de

lado. Perto do corpo da moça havia também o corpo sem cabeça de seu bode reprodutor, pela corda amarrada no pé do bode, ele deduziu que ele havia sido amarrado na viga do teto para ser degolado. Quem era a moça e porque fizeram isso, só a polícia poderia descobrir.

Lucas estava na casa de uma anciã, que congregava na igreja e devido sua saúde delicada, tinha faltado à Santa Ceia. Ela morava um pouco afastada da cidade em uma chácara e ele foi designado para levar-lhe a ceia. Irmão Marcos, que possuía uma picape o levou até o local. Quando já se despedia da família da anciã, foram abordados por um jovem muito nervoso, que pedia uma carona para a cidade, pois sua família tinha encontrado uma moça morta em seu quintal. Lucas sugeriu que Marcos levasse o rapaz e ele ficaria para ajudar a família dando conforto espiritual.

Cláudia acordou cedo e bem disposta naquela manhã. Tinha chegado cedo ao centro comunitário e já atendia algumas crianças quando padre Manoel entrou em sua sala como um furacão.

– Cláudia você pode me levar numa chácara aqui perto? Uma moça foi morta e a polícia me pediu assistência. Dizem que a família pediu a presença de um padre. Você me leva?

– Claro, só faltam duas crianças, o senhor pode aguardar alguns minutos?

– Posso? Enquanto você termina vou trocar de roupa. – Apontou para a roupa surrada que usava para cuidar da horta. – Volto logo.

Quando ele retornou Cláudia já o aguardava ao lado da picape. Entraram e seguiram em silêncio. Ela ia questionar o porquê da presença de um padre, mas calou-se diante da pequena multidão reunida. Enquanto se aproximavam do corpo, as pessoas iam se afastando e dando passagem, algumas faziam o sinal da cruz, outras apenas olhavam assustadas. Cláudia percebeu que atravessaram um cercado e entravam num curral, havia sangue por todos os lados.

- Parem! - Gritou uma voz estridente. - Vocês não pisar nas evidências.

Cláudia e o padre pararam imediatamente! Só então perceberam que as manchas de sangue formavam uns desenhos no chão.

- Dêem a volta e passem por ali. - O homem apontou o caminho e se apresentou. - Delegado Antonio Santos, sou encarregado do caso, padre Manoel, fui eu quem pedi que viesse, gostaria que o senhor observasse estes escritos que parecem desenhos e me diga se fazem algum sentido para o senhor.

Após correr a vista pelo local e observar de vários ângulos as figuras escritas no chão e no corpo da moça. O padre comentou:

- Não, eu não sei o que estes desenhos são. Mas pelos o uso do sangue e o corpo despido, lembra o que aqueles vândalos que foram vistos fazendo orgias dentro do cemitério. Infelizmente eu não sei traduzir estes rabiscos.

- O seu padre acha que aqueles moços que são chamados Darkeanos fizeram isto?

- Eu não estou afirmando nada, apenas acho

que o estilo do ritual lembra o que estes jovens fizeram quando passaram por aqui. - Padre Manoel transpirava muito.

- Certo padre, não deixa de ser um bom começo para investigar. Isso somado a identificação da moça.

- Ainda não identificaram a vítima?

- Não, achei melhor não tocar no corpo, o IML de Maceió já está vindo para fazer a perícia e não é prudente comprometer as evidências.

- Delegado é possível cobrir o corpo, para preservar um pouco o de dignidade a morta e a todos da casa.

- Acho que pode ser feito, padre.

Seu Zé Bodeiro, que acompanhava tudo atentamente, saiu e voltou trazendo um lençol branco que foi entregue ao delegado e colocado sobre o corpo. Padre Manoel saiu do curral e seguiu para casa onde a família do proprietário se encontrava. Cláudia não o acompanhou preferiu observar os arredores, caso o padre demorasse ela o procuraria mais tarde. Sua mente vagava, precisava lembrar, ela já vira aquele tipo de escrita antes. Onde? O que significava?

Lucas chegou a casa Dona Severina, esposa do seu Zé Bodeiro e membro de sua igreja, antes da chegada de qualquer curioso. Observou atentamente o local onde se achava o cadáver e desde a chegada do delegado se encontrava dentro da casa conversando com dona Severina. Esta estava muito abalada com tudo o que estava acontecendo.

A violência era muito grande na região, sendo

comum encontrar cadáveres de vítimas de assaltos e tocaias, carbonizados nos canaviais, mas aquele tipo de crime chocava bastante. Lucas não era um perito no assunto, entretanto tinha certeza de que se tratava de um ritual de magia negra.

Era comum se encontrar despachos nas encruzilhadas da cidade, devido à herança africana, alguns habitantes do local praticavam o Candomblé, eram conhecidos como macumbeiros e Pais de Santo. Matavam algumas galinhas e às vezes bodes, contudo nunca se ouviu falar que fizessem sacrifícios humanos na região. Nilza a filha de dona Severina, ainda estava com os olhos inchados devido ao choro, como a mãe, ela tinha medo de morrer do mesmo jeito.

Depois de fazer uma oração e pedir a proteção divina para os membros daquela casa, ele, as mulheres e o filho mais velho do casal, estavam na sala conversando quando foram interrompidos pela chegada de um senhor idoso. Pela gola e terço nas mãos, Lucas deduziu que se tratava do padre local. Nilza, nova convertida à sua religião, levantou-se e beijou a mão do padre e pediu sua benção, foi imitada pelos irmãos e pelo pai que acompanhava o padre. Somente dona Severina cumprimentou o padre sem as reverências. – Velhos costumes demoram a morrer. – Pensou Lucas.

– Se assente seu padre. – Disse seu Bodeiro. – Nilza, traga um café pra o seu padre e pro seu pastor. Não é todo dia que eu tenho dois homens de Deus dentro de casa. E graças ao meu Padim Padre Ciço nada de mal aconteceu aos meus.

Os homens de Deus se observaram com certa

curiosidade. Padre Manoel olhava com certo aborrecimento para o invasor. Isso, os pastores em geral eram vistos por ele como invasores de seu território. Chegavam destruíam a fé das pessoas e dividiam as famílias. Estava claro que ali havia uma família dividida. Ele tinha que ficar de olho naquele lobo em pele de cordeiro. Outra coisa, que o padre não gostou foi da cara bonita do homem. Com aquela cara de arcanjo não era de admirar que as mulheres corresse para a igreja dele. Não ele não abandonaria aquela família, não depois do que ele viu lá fora, não diante do homem que estava ali dentro.

– Que Deus abençoe a todos e que a Virgem Maria Mãe de Deus os cubra com seu sagrado manto.

– Amém. – responderam em coro, exceto por Lucas e dona Severina.

– Senhor Bodeiro, quando acabar esse entre e sai da polícia e da imprensa, eu venho celebrar uma missa no local pela alma da morta e proteção para sua casa. O que o Senhor me diz?

– Ôxe padre, que maravia num é mulé?

– Eu agradeço padre, mas o pastor Lucas vem com toda congregação fazer um culto aqui. Até o novo pastor vem, não é irmão?

– É verdade. – Respondeu Lucas. – Vou trazer as irmãs do Ciclo de Oração que se consagram diariamente e vamos abençoar este local.

– Ôxente, é muito mai mior ainda. – disse seu Bodeiro. – Uma Missa e um Curto, graças a Deus vamos tá bem protegido. Seu padre vem quando?

– Deixe-me ver. – Disse padre Manoel. – Pode

ser na quinta-feira de manhã. Como hoje é segunda, me sobra tempo para convidar as pessoas.

– Bom, e seu pastor vem quando?

– Hoje no fim da tarde, até lá a perícia já deve ter concluído o trabalho e nós vamos limpar o local. Bem eu vou indo, tenho que buscar minha filha na casa de irmão Marcos e reunir a igreja. Nos vemos mais tarde. A paz do Senhor a todos.

Sem esperar resposta, Lucas se retirou do local. Era melhor sair logo, se continuasse na mesma sala que o padre logo estaria discutindo doutrina religiosa e isso não ajudaria ninguém em nada, ao contrário, poderia confundir a mente das pessoas e o padre sairia com a vantagem.

Ao sair, chocou-se de frente com alguém que se dirigia às pressas para dentro da casa. Para não cair no chão de cimento grosso, agarrou a pessoa e a levou consigo para alguns sacos de farelo estocados num canto ao lado da porta, assim amorteceu a queda.

– Você está bem? – Lucas percebeu que curvas macias tentavam se afastar de seu corpo. Ajudou-a no equilíbrio, se recompôs e encarou a mulher apressada.

– Desculpe-me eu... – Cláudia reconheceu Lucas. – Oi, atrolei você. Sinto muito. Você está bem? Ta fazendo o que aqui?

– Bom vê-la também doutora, e sim eu estou bem e poderia fazer a mesma pergunta?

– Eu vim com o padre. Eu venho sempre que posso, faço um trabalho voluntário no centro comunitário.

– Fico feliz em saber que você presta este servi-

ço à comunidade, a assistência médica daqui não é das melhores.

– O que eu faço é muito pouco, mas é o que eu tenho a oferecer no momento. E você, o que um pastor faz no local de um crime?

– Eu fazia uma visita a uma anciã que mora perto daqui e fui comunicado do ocorrido, vim dar assistência espiritual à família, a dona da casa congrega conosco. Você viu o corpo?

– Sim, eu nunca tinha visto nada assim antes, olhe que eu já vi cadáveres de todo tipo. – Cláudia fez um breve silêncio e perguntou. – Aquilo parece um ritual, não?

– Você assiste a filmes de terror, Cláudia?

– Já assisti alguns, por que a pergunta?

– Porque aquilo lembra os rituais satânicos mostrados no cinema, você viu os símbolos? Eu gostaria de conhecê-los e traduzi-los.

– Pois eu quero distância destas coisas, Lucas. Eu nem gosto de pronunciar o nome do Diabo, com medo de atrair coisas ruins para mim. Qualquer dia deste eu lhe conto algumas coisas pelas quais passei, e pastor, você vai ficar de cabelo em pé.

– Certo, será uma troca de experiências.

Ambos ficaram em silêncio. Seus olhos se encontraram, Lucas ficou desconsertado por alguns instantes.

Esta mulher mexia com seus nervos, despertava nele sentimentos que há muito não sentia e seu bom senso lhe dizia que ela era alguém fora de seu alcance. Suas crenças eram diferentes, pelo jeito ela era uma católica praticante. Bem, ele sempre poderia evangelizá-la. Ou não?

– Tenho que ir buscar minha filha na casa de uns amigos. Também preciso me preparar para o culto que vamos realizar logo mais.

– Posso assistir este?

– Pesquisa de campo doutora?

– Não, curiosidade. Gostei muito do culto de ontem e gostaria de assistir outros para poder estabelecer melhor minha opinião.

– Você pode assistir ao culto de hoje, mas só vou poder tirar suas dúvidas ao final. Com jejum e orações nós vamos afastar daqui entidades e quebrar pactos que foram feitos aqui durante o ritual realizado. Vai ser um pouco monótono, mas você pode vir se quiser.

– Sua filha vem?

– Você acha que Rebeca ficaria afastada de um local tenebroso?

– Acho que não. Posso vir com vocês?

– Por mim tudo bem. Você pode nos apanhar às dezesseis horas?

– Posso sim. Tchau Lucas!

– Tchau!

Lucas encontrou irmão Marcos e juntos voltaram à cidade. Lá, cada um tomou uma direção no sentido de comunicar aos membros da igreja que haveria um culto de libertação na casa de irmã Severina. Rebeca ficou entusiasmada com a idéia de participar de uma batalha espiritual de verdade. Quem entende as crianças?

Capítulo III

Durante o trajeto de volta, padre Manoel resmungava o tempo todo sobre a presença do pastor.

– Aquilo é um enganador, você viu a cara do homem? Rosto de boneca. Aquilo é um lobo, um sedutor de mulheres. Vi a malícia no olhar dele...

Cláudia nem prestava mais atenção nas coisas que o padre falava, se manteve calada e quando ele a olhava se limitava a inclinar a cabeça concordando. Melhor não contrariar, muito menos dizer que conhecia o pastor e simpatizava com ele. Se o padre soubesse que foi ao culto teria um ataque.

Ao deixá-lo na casa paroquial, alegou uma forte dor de cabeça e foi para seu quarto na pensão. Não teve com evitar a chuva de perguntas que Dona Ceíça fez durante o almoço, Cláudia respondeu poucas das perguntas feitas.

Quando terminou de comer já eram quase duas horas, descansou um pouco, pois tinha que se arrumar para o encontro da tarde. Cláudia se esmerava na aparência. Ela sabia que tinha algo a ver com certo pastor de lindos olhos escuros e sorriso bonito.

Fazia tempo que um homem não conseguia chamar tanto sua atenção e ao mesmo tempo despertar sua curiosidade. Principalmente por ser um pastor protestante. Por incentivo de sua avó materna, frequentava a missa todos os domingos e achava lindo o modo como as freiras viviam ali, inteiramente voltadas para Deus e trabalhando pelos pobres.

Mas a vida religiosa não era para ela. Ela sentia muita falta de companhia masculina. O que era perfeitamente normal por ser uma mulher adulta e saudável. Se continuasse com suas divagações se atrasaria, era algo que não queria, tinha que causar boa impressão.

Cláudia encontrou Lucas e Rebeca já a sua espera. Como vinha acontecendo todas as vezes que o encontrava, seu coração batia alucinado, como podia um homem tão simples e ainda por cima religioso ser tão bonito. Antes que chegasse a alguma conclusão eles chegaram ao local.

Mesmo estando adiantados, já havia várias pessoas ali. Todos estavam muito sérios e calados, diferentes do grupo animado que se reuniu dias atrás.

A família de seu Zé Bodeiro e dona Severina estavam esperando no terreiro à frente da casa, tinham colocado bancos de madeira e cadeiras espalhados pelo local, Lucas e pastor Paulo, o pastor mais velho, tomaram a frente e iniciaram a leitura de textos bíblicos que todos os que tinham Bíblia acompanhavam, alguns dos presentes também leram alguns textos que sempre era intercalado por cânticos e orações. Teve um momento que pastor Paulo convidou a família de dona Severina a se ajoelhar e sobre a cabeça de cada membro da família havia um irmão ou irmã com as mãos estendidas, os restantes das pessoas presentes deram as mãos e formaram um círculo. Cláudia percebeu que Lucas e duas outras moças ficaram por fora do círculo de mãos dadas, do qual ela vazia parte ao lado de Rebeca, e caminhavam ao redor de olhos abertos e braços estendidos, pareciam orar por todos.

Quando a oração terminou, muitos dos presentes enxugavam as lágrimas e abraçavam uns aos outros. Cláudia sentiu um calor pelo corpo, uma inquietação. Era impossível negar que uma energia muito forte envolvia aquelas pessoas e era boa, transmitia uma paz que ela nunca tinha sentido antes.

Um lanche foi servido e quando se prepararam para voltar já estava escuro. Assim Cláudia ofereceu carona a um grupo de jovens que vieram caminhando. Era mais seguro ir na carroceria da picape, do que naquelas estradas escuras e desertas. Quando chegaram à praça central da cidade todos seguiram para suas casas, restando apenas Lucas e Rebeca.

- Bem, agora vocês podem satisfazer minha curiosidade?

- Claro. Cláudia você se importa se comermos algo antes? Eu fiz só um lanche, não tive tempo de almoçar.

- Não, você pode conversar comigo outra hora. Vocês parecem exaustos.

- Cláudia, eu só quero comer algo mais substancial que bolo, daí conversamos enquanto comemos o que você me diz?

- Vamos Cláudia! - Rebeca já agarrou sua mão e a puxou para a lanchonete do outro lado da rua, Lucas as acompanhava. Ela nem pode responder. Quando deu por si estava sentada a mesa ao lado de Rebeca e a frente de Lucas. Fizeram os pedidos e comeram em silêncio.

- Muito bem agora sou todo ouvidos. Sei que para você tudo é novo e muito estranho, pode perguntar?

- Como vocês fazem para que os textos que com-

binem somente usando a Bíblia? Na igreja católica nós temos o jornal que trás os textos já selecionados e todos os que leram não fugiram de um mesmo tema, como pode?

- Cláudia, se existe algo que todo cristão deve fazer diariamente é ler a Bíblia. - Vendo o olhar de descrença dela ele afirmou. - Toda a Bíblia, pelo menos uma vez ao ano. Somente os que não sabem ler ou não descobriram o quanto a palavra de Deus é maravilhosa, é que não o fazem. Assim conhecendo os textos fica mais fácil saber qual ler em cada ocasião.

- Você já conseguiu ler a Bíblia toda?

- Várias vezes. Rebeca já leu uma vez, conte como foi filha?

- É muito fácil, mas no começo eu achei chato tem um monte de coisa que eu não entendo, meu pai disse que a maioria das pessoas não entende e que este entendimento vem com o tempo e com muito estudo. Daí eu li como um desafio, todos os dias eu lia ao menos uma página. Como eu disse o começo foi chato, depois eu adorei, é muito interessante descobrir tanta coisa.

- Rebeca, você passou quando tempo para ler?

- Foram quase dois anos, eu iniciei novamente já estou no Levítico. - Ela baixou a voz. - Dá vontade que pular este livro, mais se eu pular quando terminar de ler não terei lido a Bíblia toda.

- Você tem todo razão Rebeca. Lucas porque alguns irmãos não participaram da oração? Você ficou de fora não foi?

- Na verdade nós cuidamos dos que estão em oração.

- O que pode acontecer durante uma oração?

- Muita coisa, desde uma pessoa que se aproxime para perturbar sua comunhão com Deus a uma ação espiritual. Como estão todos de olhos fechados é prudente que alguém cuide da retaguarda. Quando nós oramos numa situação como vivida por aquela família, nós chamamos este tipo de oração de quebra de maldição, este tipo de oração é uma batalha e temos que proteger a todos. Nunca dar lugar para o inimigo entrar.

- Então uns oram e outros oram pelos que estão orando.

- Isso, este principio de oramos uns pelos outros chamamos de intercessão, no fim todos oram por todos e oram em concordância, ou seja, todos pediram a mesma coisa. Esta tarde, pela paz e proteção daquela família.

- Lucas, porque vocês não oraram pela alma da morta? Se oraram eu não percebi?

- Não oramos. Cláudia, a Bíblia diz que depois da morte segue-se o juízo, nada podemos fazer por quem se foi. Tudo que se pode fazer se faz quando se está vivo, depois é tarde, infelizmente só vivemos uma vez e seremos julgados por nossos atos nesta única vida.

- Vocês não acreditam em reencarnação, vida após morte, sabe lá... Essas coisas?

- Não, não é uma questão de acreditar ou não na reencarnação. Eu sou cristão, como tal eu acredito na ressurreição de Cristo. Dentro do cristianismo nós acreditamos que Jesus Cristo morreu e ressuscitou pelo perdão de nossos pecados. Você crê nisto?

– Creio, a Igreja Católica ensina assim.
– Certo a Igreja Católica é cristã, assim prega a ressurreição. Crer na reencarnação e achar que o sacrifício de Jesus pelo perdão dos nossos pecados foi vão, pois todos vão reencarnar e pagar seus próprios pecados, vida após vida. Da para compreender? São crenças antagônicas uma neutraliza a outra, ou você ressuscita ou reencarna, nós cristãos ressuscitaremos, nós esperamos uma única salvação em Cristo Jesus.

– Nossa Lucas, eu nunca tinha pensado nisto! Confesso que sempre achei bonita esta história de ter tido outra vida. Muitas pessoas cristãs pensam assim, que não ha mau nenhum em crer um pouquinho em tudo.

– Cláudia a vida é feita de escolhas. Jesus disse que quem quiser segui-lo, negue-se a si mesmo tome a sua cruz e siga. Você escolhe se quer segui-lo, se quiser vai abrir não de suas crenças e se isso fosse fácil ele não chamaria de cruz.

Cláudia percebeu que Rebeca mudou de lugar e cochilava com a cabeça apoiada no peito do pai.

– A conversa está muito boa, mas já é tarde foi um dia cansativo para todos. Obrigada por tudo Lucas.

Ele levantou e saíram para calçada, pai e filha bem agarradinhos. Cláudia desejou fazer parte daquele abraço e pelo olhar ele percebeu o rumo dos seus pensamentos, constrangida ela desviou o olhar.

– Boa noite, doutora.

– Boa noite, pastor.

Cada um seguiu seu caminho. O pensamento de que eles seguiam caminhos distintos, incomodou Cláudia.

Capítulo IV

Palmeira dos Índios/ Alagoas.

Jerônimo Martins caminhou apressado para casa. Nesta noite fechou cedo o bar do qual era proprietário. O Bar do Pai de Santo e ele era o Pai de Santo, todos o conheciam assim devido ao terreno de Candomblé que ele tinha na frente de sua casa. Desde seus quinze anos tinha descoberto sua mediunidade e esta mediunidade depois de desenvolvida era responsável por seu sustento e de sua família. Hoje ainda jogava búzios e lia cartas. Dizia estar sendo guiado por entidades, mas a única entidade que o guiava era a necessidade de dinheiro e um rigoroso treinamento na arte de enganar. Na verdade ele nem acreditava em entidade alguma. Tinha sido assim por muito tempo. Até que sua filha Jaciara, de quinze anos de idade, começou a receber e conversar com entidades. E no caso dela, ele sabia que não eram truques, o que tornava a consulta ainda mais valorizada.

E ele era um homem que sabia dar valor às coisas, nesta noite ia receber alguns clientes ricos e precisava chegar em casa cedo para arrumar o terreno e ajudar a filha a se vestir adequadamente.

– Gente vinda da capital! Sua menina estava ficando famosa. E se está fama fosse bem administrada podiam lucrar muito com ela.

Quando as pessoas chegaram para a sessão, Jerônimo tinha tudo preparado e sob controle. O

salão estava arrumado, as velas de várias cores estavam acesas, ele particularmente nunca entendia porque os Santos católicos dividiam o Peji com os Caboclos e Exus. Ele se limitava a copiar a arrumação que todos faziam, alternando as figuras com cuias e plantas ornamentais.

Como o Peji ficava em frente à porta, as outras três paredes eram arrumadas apenas com quadros de Santos amarrados com fitas, pregados com pregos grandes que apareciam ao lado das molduras, bancos de madeira serviam de assento. Como não ia ter batuque, os tambores e outros instrumentos descansavam num canto.

O grupo vindo de Maceió era muito estranho. Duas mulheres loiras pálidas que aparentavam ser mãe e filha. Uma negra bonita, de corpo curvilíneo, que olhava de jeito atrevido para todos os homens presentes, dois homens magros com pele macilenta e aspecto cadavérico que aparentavam ser gêmeos. E um terceiro homem, este muito bonito, alto, de corpo atlético, cabelos escuros e olhos claros, que na luz bruxuleante das velas não era possível definir a cor.

Pelo modo como os cinco se dirigiam a ele, dava pra perceber que ele era o chefe do grupo. Quando Jaciara entrou na sala todos curvaram suas cabeças para ela, exceto o homem alto. Este apenas a encarava sem nenhuma expressão definida. Jaciara era uma moça sem grandes encantos, não era feia, mas seus traços tornavam seu rosto comum. Tinha o rosto oval, olhos estreitos e castanhos, nariz afilado demais e boca cheia e grande, o corpo magro desprovido de curvas.

Alta, sua única beleza eram os cabelos, pretos e longos, que iam até os quadris, lisos e brilhantes, numa perfeição invejável. Normalmente ela os trançava, no entanto esta noite estavam soltos, contrastando com o vestido longo e branco que ela usava para atender.

Jerônimo sabia que o porte altivo da filha intimidava e despertava respeito nos clientes. Por isso ficou surpreso ao vê-la ajoelhada aos pés do homem alto, o chamando de Mestre e beijando-lhe a mão. Os cinco ficaram onde estavam, mas sua filha acompanhou o Mestre até um dos bancos, este se sentou e ela sentou-se ao chão e deitou a cabeça em seu colo. Como estava de costa para ele, Jerônimo via apenas a longa cascata de cabelos negros e a mão do homem que os afagava. Ambos sussurravam de modo que ninguém ouvia o que eles conversavam.

Não que tivesse presságios ou algo assim, mas como pai ele não estava se agradando da situação. Caminhou até eles. Foi impedido de se aproximar pelos homens macilentos. Estes quando o tocaram o fizeram ficar sem forças, tanto que caiu sobre os joelhos, no chão. Não tinha forças para falar ou gritar. Entretanto em seus pensamentos muitas vozes gritavam:

– Ela é do Mestre! Ela é do Mestre!

Repetiam várias vezes. Como num jogral. A ele só restou observar o homem que chamavam de mestre tocando sua filha. Ambos se levantaram e olhavam um nos olhos do outro. Sua menina começou a dançar e encostar os quadris no do homem, se afastava girava e se aproximava novamente, até que o homem a tocou na frente.

Ela fechou os olhos, inclinou o corpo e ficou totalmente suspensa no ar. Jerônimo tapou os ouvidos com as mãos na esperança de calar as vozes que gritavam. Concentrou-se no que seus olhos viam, sim, os pés da menina não estavam no chão. Seu corpo esguiou estava suspenso, deitado e virado para cima à altura dos quadris do homem. Com um movimento das mãos deste, o vestido de sua filha foi erguido até a cintura, era como se um vento forte o mantivesse inflado, mesmo com a claridade trêmula das velas ele pôde ver que sua filha não usava roupa íntima.

Quando o homem afastou as pernas da menina revelando sua intimidade, Jerônimo fechou os olhos, não queria assistir o que estava para acontecer. Nenhum homem merecia a humilhação de ver sua filha única passar por isso. O que é pior, sem poder fazer nada!

Por mais descrente que fosse ele sabia que aquele homem tinha um poder sobrenatural e diabólico. As vozes que gritavam cessaram e foram substituídas por gemidos lascivos, uma voz de mulher implorava ao amante por mais torpezas. Jerônimo abriu os olhos somente o tempo de ter certeza de que a voz era mesmo de Jaciara. Como sua menina tão serena e meiga podia fazer aquelas coisas, e na sua frente?

Deus! Ela estava olhando para o ele! Ela gostava do que estava acontecendo. Jerônimo tornou a fechar os olhos e fez uma oração. Se existia Diabo, então Deus estava em algum lugar.

- Deus, sabe que nunca conversei contigo, mas tu és pai. E como pai eu te peço pela minha filha.

Sei que para mim é tarde para salvação, mas minha menina é tudo o que tenho. Ajuda ela...

Jerônimo não terminou a oração, levou um forte chute no rosto e caiu desacordado. Quando acordou o dia já amanhecia. Espreguiçou-se e sentiu o corpo todo dolorido. Ficou surpreso ao constatar que dormiu no chão do salão.

- Jaciara!

Correu para o lado oposto do salão, lá havia uma porta que dava acesso à casa que ele dividia com a filha. A encontrou na cozinha, sentada à mesa. Tinha tomado banho. Os cabelos molhados denunciavam isto. Ela usava um vestido curto de malha, com alças bem fininhas que deixavam à mostra as curvas dos seios pequenos, ali seu Jerônimo pôde ver as marcas de dentes.

Puxou a filha por um dos braços e colocou-a de frente para ele. Todo colo e pescoço estavam com marcas roxas e com mordidas. A boca estava com um corte num canto e um hematoma, certamente provocado por outra mordida no lábio inferior. Ele a soltou e percebeu que ela sentava com cuidado.

- Venha, vamos à delegacia. Vou dar parte daquele estuprador miserável.

- Eu fico.

Jerônimo a puxou pelo braço.

- Você vai comigo para fazer exame de corpo delito.

- Não vou. - Disse ela se desvencilhando da mão do pai com um safanão. - Se formos à delegacia todos vão saber que você fez isso. E você fez meu pai.

- Você está louca! - Jerônimo se afastou da filha. - Eu nunca toquei em você!

– Não me incentivou a desenvolver meus dons para ganhar dinheiro? Tudo tem um preço pai, Lúcius só veio cobrar a parte dele.

– Então você sabe o nome do canalha.

– Sei, mas o que importa isso? Eu concordei em dar a ele minha virgindade. E gostei muito de ter sido ele! Ele é o melhor de que estes matutos ignorantes. Não vou fazer como as meninas daqui que mais cedo ou mais tarde se entregam ao primeiro idiota que aparece. Não, ele me escolheu. E em troca vou ter poderes e dinheiro.

– Você não sabe o que diz, está traumatizada.

– Pai, eu estou somente dolorida, isso passa logo. Você viu como ele é poderoso? Ele me fez flutuar. Que mortal me daria tal experiência? Você deveria estar festejando! Eu te tirei da miséria. – Olhou em volta com desprezo. – A partir de hoje não vamos mais morar aqui. Vamos nos mudar para a área nobre de Maceió. – Abriu a mão e jogou um molho de chaves sobre a mesa. – Aí tem a chave de nossa nova casa. Pai, aprenda a dirigir, pois tem carro na garagem.

Disse tudo isso e saiu, deixando seu Jerônimo estupefato.

Capítulo V

Viçosa/Alagoas

Uma semana após o aparecimento do cadáver a

cidade acordou em polvorosa. Um dos jornais de maior circulação no estado tinha divulgado o resultado da perícia e a identificação da moça. Trabalhava-se de Roseneide Santos de Mendonça, que trabalhava como auxiliar de enfermagem no Hospital Universitário em Maceió.

A moça dada como desaparecida a mais de seis meses, tinha sido vista pela última vez quando saiu do trabalho, na ocasião estava acompanhada pela médica plantonista a quem auxiliava. Também contava que tinham retirado todas as vísceras do abdômen da moça e colocado a cabeça de um bode dentro da cavidade e costurado.

Lucas estava no escritório da casa pastoral e tinha acabado de ler a notícia quando o telefone tocou. Ele atendeu era Cláudia, ela desejava lhe falar e sua voz estava rouca como se houvesse chorado. Alguns minutos depois ela chegou, ainda chorava. Ele a recebeu e a deixou chorar em seus braços até se acalmar. Quando o choro cessou, Lucas lhe serviu uma xícara de café, da garrafa térmica que sempre ficava sobre uma mesinha ao lado do filtro com água.

– Você consegue falar sobre o que aconteceu?

Ela assentiu, enxugou o nariz e os olhos com lenços de papel de uma caixa que trouxe consigo.

– Lucas, eu era a médica que estava com a moça que morreu.

Ficou um tempo em silêncio para que ele assimilasse a informação e contou toda sua história sem omitir nenhum detalhe.

Estavam sentados em cadeiras um de frente ao outro. Cláudia observava as reações estampadas

no rosto de Lucas. Era muito importante que ele acreditasse nela, era o que mais desejava no momento, ser aceita por Lucas, sem restrições, sem ter que mentir ou fingir ser algo que ela realmente não era. Era imprescindível ser ela mesma, mas temeu parecer louca ou desequilibrada. Ao final do relato ela fez uma pausa e perguntou:

- O que você acha de tudo que lhe contei?

- Cláudia, eu acho que você precisa de ajuda.

- Lucas, eu procurei ajuda psicológica logo que ela sumiu. A psicóloga me aconselhou estas férias, disse que as visões de cães e os pesadelos são reflexos do medo que passei, refletem minha insegurança, etc. Eu já tirei as férias e ontem à noite quando fui para a pensão, vi aquele bicho asqueroso me seguindo.

- Eu não me referia a este tipo de ajuda. Cláudia, problema espiritual precisa de ajuda espiritual.

- Procurar por Médiuns, Gurus ou coisa do gênero?

- Não, Cláudia, estes são charlatões e a grande maioria só explora os clientes. Falo de orientação religiosa, de fundamentar sua fé, de compreender estes fenômenos e aceitá-los como parte real da sua vida.

- Religião é um pulo no escuro.

- Não, o medo é um mergulho no escuro. A religiosidade é alienante, mas a verdadeira fé liberta, trás a luz para nossos medos. Você já parou pra pensar o porquê de termos tanto medo do escuro?

- Eu sempre vejo como a privação do sentido que está sempre nos orientando. A perda da percepção do que está ao nosso redor.

- Cláudia, será que nos percebemos realmente tudo o que está ao nosso redor? - Lucas olhava fixamente para o rosto dela. - Você sabe que a psicologia já provou o contrário, nós vemos parcialmente o que nos cerca. Tanto, que às vezes conversamos algum tempo com alguém e quando esta pessoa sai e alguém pergunta a cor da roupa que ela usava não sabemos responder. Agora se a pessoa entra com uma roupa que chama a atenção é possível que lembremos os detalhes da roupa e esqueçamos o assunto tratado. Tudo depende do foco da nossa visão e nisto somos parciais.

- Sei, eu já li a respeito, mas...

- Mas, o escuro não é só a privação de um sentido, ele representa o oculto, nos temos um medo natural do desconhecido. O que não vejo, eu não identifico se não identifico, eu não reconheço, se não conheço, tenho medo. O desconhecido é assustador!

- Eu sei, mas a religião também é um campo desconhecido para mim.

- Então, vamos desvendá-lo. Se você permitir eu posso ser seu orientador ou lhe indicar alguém capaz de fazê-lo com responsabilidade.

- Posso pensar?

- Deve. Você tem que ter muita convicção do que você quer e em que acreditar. Cláudia você já é uma cristã eu só lhe mostrarei em que nossa fé está fundamentada. Você é quem vai decidir se quer ou não continuar na igreja que está.

- Certo. Eu vou iniciar este estudo com você, mas se não funcionar eu desisto.

- Muito bem doutora, eu até já estou simpatizando mais com a classe médica.

- Que coincidência, eu também passei a simpatizar com pastores.

- Veja as maravilhas que o conhecimento nos trás. Jesus sabia o que dizia quando afirmou: Conhecereis a verdade e ela vos libertará.

Ambos sorriram o que diminuiu a tristeza de Cláudia, ela levantou caminhou até uma janela que mostrava os fundos da igreja. O terreno bastante arborizado terminava numa casa simples de dois andares, que ela supôs ser a casa pastoral. No andar superior ela pode ver as pernas de alguém que se balançava numa rede armada na varanda.

- É Rebeca?

Lucas se aproximou e parou por trás de Cláudia. Ela sentiu um arrepio na espinha quando ele colocou a mão em suas costas.

- Onde?

- Lá na rede.

- Sim. Ela sai cedo da cama e vai pra varanda se balançar na rede até dormir de novo.

- Lucas você falou em conhecer a verdade, e você Lucas, só fala a verdade?

- Bem, digamos que eu me esforço para falar sempre a verdade.

Cláudia voltou-se e ficou de frente para ele. Ele era mais alto e ela ficou na ponta dos pés. Colocou as mãos nos ombros e olhou em seus olhos.

- Bom, eu quero saber a verdade, o que você sente por mim? - Ela falou num sussurro. Encostou seu corpo no dele. Como ele era firme! Um homem sólido e confiável. E precisava ser tão bonito? Os cabelos castanhos brilhavam a luz do sol da manhã, e os olhos? Cláudia viu refletido neles o

mesmo desejo que ela sentia. Aproximou sua boca da dele e disse com voz rouca:

- Porque eu quero muito você Lucas, você me quer? - Ele não respondeu, colou sua boca na dela.

Ambos se entregaram ao beijo.

Lucas até pensou em se afastar, mas seu corpo não o obedecia e era impossível negar a forte atração que existia entre os dois. Deslizou as mãos pelas costas macias daquele corpo tentador. Como os cabelos estavam soltos, ele pode acariciá-los, dourados, longos e perfumados.

O Beijo que começou tímido tomou proporções vulcânicas e entre um beijo e outro sentiram uma urgência de tocar mais, sentir mais. Fazia tanto tempo que ele não tinha uma mulher em seus braços, e aquela era perfeita, curvilínea, perfumada, receptiva. Desde a morte de Estela, não sentia seios tão macios em suas mãos. Seios! A realidade explodiu como uma bomba dentro dele.

Como chegara a este ponto? Como ele podia estar ali a ponto de possuir uma mulher dentro da sala de sua própria igreja? Empurrou-a para longe de si.

Capítulo VI

Cláudia não conseguia pensar em nada, nunca tinha sentido uma atração tão forte por um homem, também nunca tinha sido beijada com tanta paixão, seu corpo parecia derreter-se nos braços dele.

Estava tão envolvida que levou um choque quando ele a empurrou bruscamente, se não houvesse uma cadeira próxima onde se segurou, teria caído ao chão.

– Lucas, o que houve?

– Isto! Um pouco mais eu faria amor com você aqui, no chão da sala pastoral de minha igreja!

Cláudia viu acusação e raiva no olhar dele. Sentiu vergonha da forma como ele a repeliu, foi humilhante. Ela nunca havia sido rejeitada e ele a olhava como se ela fosse suja, desprezível. Ficou tão desconcertada que voltou a chorar.

Sentiu-o envolver seus ombros e levá-la até a cadeira. Quando as lágrimas cessaram, Lucas ofereceu a caixa de lenços que estava sobre a mesa.

– Você está melhor. – Lucas não sabia o que dizer. – Eu não queria te magoar. Mas eu não posso... Não assim.

Cláudia colocou a mão sobre a boca dele. Calando-o.

– Não, Lucas, eu que peço desculpas. Acho que confundi sua atenção com atração. Espero que você me perdoe e compreenda que eu não estou num bom momento. Normalmente eu não saio por ai me oferecendo a todo homem que conheço. Deve ser toda esta pressão ou carência, faz muito tempo que estou só e tem acontecido tanta coisa!

Lucas passou a mão pelo rosto, a barba por fazer estava coçando, olhou para o rosto dela, os olhos vermelhos, o rosto molhado pelas lágrimas, a boca inchada e rubra por seus beijos e pela barba não feita. Agora ela estava sentada com as mãos sobre o colo.

Lucas percebeu que ela tremia um pouco. Sentiu-se um Ogro. Como ele pode deixá-la tão desconsertada? Ela veio pedir ajuda e para ela ter uma vida sexual livre era tão natural quanto satisfazer qualquer outra necessidade física. No mínimo se sentia humilhada.

Ele desabafou:

– Cláudia, você não se enganou, eu me senti atraído por você desde a primeira vez que a vi. Você não me beijou a força, eu quis. Olhe eu desejo você, mas eu não posso ficar com você.

Ela ia falar ele a calou.

– Espere, nos não podemos namorar, não assim. Eu sou viúvo. Estou sem mulher desde que minha esposa morreu. E por uma decisão minha, eu só quero possuir outra mulher dentro do casamento. Desculpe.

– Mas, Lucas, para casar você tem que namorar e conhecer a mulher. Trocar beijos e carícias faz parte de um namoro normal.

– Cláudia eu não sou adolescente para ficar de namoricos. Sou um homem adulto e saudável. Acho que você me compreende. Além do mais acho que nossa situação ainda é um pouco confusa. Deixe-me lhe ajudar a superar este seu problema. Se o que sentimos não passar, falaremos a respeito, certo. Juntos acharemos uma boa solução para os nossos problemas, sem tornar este sentimento outro problema. Você ainda quer a minha ajuda?

– Claro! Você tem razão somos adultos e já aprendemos a controlar nossas emoções. – Cláudia respirou fundo e resolveu mudar de assunto. – Lucas, o delegado local quer meu depoimento. On-

tem no fim da tarde eu recebi este papel. – Revirou a bolsa tiracolo que trouxe consigo e mostrou o papel.

– Cláudia isto é uma intimação, você quer que eu lhe acompanhe?

– Não será preciso. Meu avô mandou um advogado para me acompanhar, ele me pediu para esperá-lo aqui. Espero que você não se importe, eu dei o endereço da igreja.

– Não, claro que não há problema algum, ele vem de Maceió?

– Não, de Brasília, quando liguei ele estava lá.

– E chegará a tempo?

– Ele disse que estaria aqui logo cedo. Meu avô mandará um jatinho, da usina até aqui, ele virá de helicóptero. Ele estará aqui a tempo tenho certeza.

Lucas caiu o queixo! Quem era a aquela mulher? Ou melhor, quem era o avô dela?

– Cláudia de quem você é neta?

– Nossa falamos tanto eu nem me apresentei direito. Cláudia Angélica Bastos e Greenwhite, neta de João Bastos de Albuquerque.

– O usineiro? Sérió?

– Ele prefere ser chamado de empresário, deputado, nunca de usineiro ele acha que soa pejorativa a imagem pública que ele possui.

– Bem, se ele pensa assim quem somos nós pra discordar? Posso saber quem é o advogado que você está esperando. E...

Foram interrompidos pelo som estridente da campainha e da porta que foi aberta num supetão com a entrada de dois homens que pareciam dois gladiadores, vestidos com ternos escuros e logo

atrás outro de terno cinza claro e gravata torta. Este tomou a frente e se apresentou:

– Bom dia! Charles França Neybert. – Apertou as mãos de ambos e se dirigiu a Cláudia. – Seu avô foi bastante vago. Você pode me inteirar do que está acontecendo aqui?

– Claro! Vamos sentar, Charles este é o pastor Lucas. – Os homens se olharam e voltaram sua atenção para ela. – Você tem tempo?

– Tenho todo tempo necessário. Vamos nos sentar, então.

Lucas ofereceu a poltrona por trás do birô. O advogado se acomodou espalhou seus documentos e encarou-os esperando explicações.

– Eu vou ver se minha filha está bem e volto em seguida com café fresquinho. – Disse Lucas, encontrando assim uma desculpa para deixá-los a sós. – Volto logo.

Com a saída de Lucas, Charles perguntou:

– Quem é ele, algum namorado novo?

– Não, não sei se reparou aqui é uma igreja evangélica e ele é o pastor. – Cláudia encarou o amigo. – Então este foi o motivo de tanta formalidade quando você chegou?

– Um dos motivos, o outro é que você é minha cliente e por falar nisso vamos ao caso. – Abriu o bloco de anotações e perguntou: – O que aconteceu?

– A mais ou menos sete meses atrás quando eu saía do plantão, minha assistente desapareceu misteriosamente. Charles foi só o tempo que levei para entrar no carro e ela ficar fora. Chamamos a polícia.

- Quem chamou a polícia?

- Bem, eu comuniquei a direção do hospital e liguei para a polícia. Eles investigaram e só encontraram o jaleco dela sujo de sangue, e segundo a perícia, o sangue era da moça. Nunca encontraram nada que solucionasse o caso.

- Este fato foi em Maceió?

- Sim, não preciso dizer o quanto isto me assustou. Charles, poderia ter sido eu!

- Você contou a sua família?

- Não, né! Você sabe o estardalhaço que meu avô faria e o mínimo que aconteceria seria ter que andar com um segurança para todo lugar. Charles, você sabe como eu luto para estar desvinculada deles. Para meus amigos eu sou apenas uma médica competente. Você sabe como o poder econômico da família inibe nossas chances de sermos nós mesmos.

- Certo, não estou criticando, continue.

- Como disse anteriormente, eu fiquei muito abalada com o sumiço de minha assistente, como não estava me concentrando no trabalho resolvi tirar uma licença e vir passar um tempo por aqui, sou médica voluntária no centro comunitário ao lado do convento. Faz alguns dias que estou aqui e o corpo da moça aparece de forma macabra em uma das fazendas da região. Eu cheguei a ver o cadáver, sem ter noção de quem se tratava. Ontem quando recebi a intimação eu nem imaginava o que o delegado queria comigo. Hoje quando eu li nos jornais que a moça morta de forma tão selvagem era Neide, fiquei mortificada, daí vim ficar aqui na igreja.

- Porque não foi para o convento?

Cláudia ainda abriu a boca para responder, mas a entrada de Lucas com uma bandeja, seguido da filha fez com que se calasse. Após deixar o lanche sobre a mesinha, Rebeca pediu licença e se retirou. Lucas sentou-se.

- Considero minha pergunta respondida. - Disse Charles muito sério, como o conhecia bem, Cláudia notou o brilho maroto em seu olhar. - Devemos considerar que por ser a última pessoa que viu a moça com vida e estar no local do crime faz de você uma forte suspeita a assassina.

- Mas isso é um absurdo! O delegado não tem o direito de pensar isso de mim! - Cláudia deu um pulo da cadeira. - Você sabe que eu nunca machucaria ninguém, imagine fazer uma barbaridade daquelas.

Como Cláudia voltou a chorar. Lucas levantou-se e passou os braços sobre seus ombros num gesto protetor. Charles desconsertado diante da fragilidade de Cláudia apanhou o jornal e começou a ler a matéria sobre o caso. Ao terminar a leitura Cláudia estava mais calma já havia se sentado e bebericava uma xícara de café.

- Cláudia você lembra onde esteve na noite anterior ao crime?

- Ela estava comigo. - Lucas falou num impulso. Diante do olhar chocado do advogado acrescentou. - Ela veio à igreja, depois eu a levei em casa. Minha filha de onze anos estava conosco.

- Alguém viu quando vocês saíram? Ou quando você chegou a casa? Pensei que você estava no convento?

- Eu ia ficar lá, mas irmã Matilda achou melhor eu me hospedar aqui perto da casa paroquial. Parece que o novo arcebispo não quer estranhos nos conventos. E a senhora que me hospeda me levou um copo de leite no quarto. Depois eu dormi, quando acordei fui ao centro comunitário e foi lá que padre Manoel me chamou para ver um corpo.

- Eu acho que o motivo de não lhe hospedarem no convento foi que uma das noviças desapareceu alguns meses antes de você chegar. - Ambos olharam para Lucas. - Ninguém sabe nada sobre o sumiço da moça. Ela era professora na zona rural e desapareceu a caminho do convento. Todos ficaram muito assustados, a moça era natural daqui e muito conhecida na cidade.

- Bem, Cláudia, quero que você fique aqui. Eu vou conversar com o delegado. - Disse Charles e quando já estava de saída acrescentou. - Um dos seguranças vai ficar aqui. E quando eu partir eles vão ficar com você. Infelizmente são ordem expressas do seu avô.

Charles saiu apressado, não quis ouvir a resposta. Ele sabia que ela não ia aceitar aquela imposição. Cláudia se esforçava para ser independente e se desvincular dos laços familiares, entretanto ele sabia que com os vínculos que ela possuía isto era quase impossível.

Charles retornou algumas horas depois. Lucas tinha convencido Cláudia a descansar e ela dormia o sono dos justos no quarto de Rebeca. Ele tinha a intenção de conversar a sós com o advogado. Depois de acomodados frente a frente, Lucas comentou:

- Consegui convencê-la descansar um pouco e ela dormiu. Vou mandar minha filha acordá-la, mas antes gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

- Eu também gostaria de conversar com você, pode começar.

- Como ficou a situação dela?

- Digamos que o delegado compreendeu que ela está acima de tudo isso.

- Mas haverá uma investigação? Foi um crime hediondo.

- Certo, haverá uma investigação federal, o delegado foi afastado do caso. O que pode acontecer é que ela seja ouvida como testemunha.

- O delegado daqui tem fama de implacável, vocês devem ter contatos muito fortes para neutralizá-lo.

- Você conheceu Cláudia recentemente?

- Sim, ela e minha filha se conheceram há alguns dias e desde então temos nos encontrado com frequência.

- Pastor Lucas, você faz idéia de quem seja a família dela?

- Ela me contou que é neta do deputado.

- E se eu lhe disser que o deputado não é ninguém comparado ao poder econômico do pai dela. Você sabe quem é Sherman?

- Devo admitir que o nome me soe familiar, mas não consigo lembrar nada no momento.

- O pai e o irmão de Cláudia comandam uma multinacional que lidera o mercado europeu em pesquisa farmacêutica e tecnológica. O nome de batismo dela era Clodie Angel Greenwhite Sherman. Como ela se encantou com o Brasil e a

família da mãe. Adotou o nome de Cláudia Angélica Bastos, do avô, Greenwhite, dos pais e desde os treze anos ela usa este nome. Os pais concordaram que ela estaria mais segura não estando associada aos Sherman. Assim ela vive no Brasil, depois se graduou nos EUA saiu da casa dos avós, trabalha como médica em Maceió. Você acha que só com o salário do hospital ela poderia se dar o luxo de tirar férias e fazer trabalho voluntário? Os médicos daqui precisam de vários empregos para viver com decência. Ela pode ser o que quiser sem se preocupar com as contas simplesmente porque ela nunca pagou por nada, a família criou um fundo de pensão para ela se manter. Claro que é admirável como ela se dedica as causas nobres. Dentre tantas opções que a vida lhe ofereceu ela quis ser médica e de periferia.

- Porque você está me contando estas coisas?

- Porque ela é uma bela mulher e precisa de alguém que cuide dela. E algo me diz que você é o homem certo.

- Eu? Eu sou um homem pobre e vivo satisfeito com o que tenho. Não vejo em que eu possa ser o homem ideal para ela.

- Você tem algo precioso pastor, fé. A fé pode fazer coisas inacreditáveis, pode realizar milagres, e ela precisa de um milagre se quiser ser feliz. Nunca se esqueça disto.

- É no mínimo estranho que um advogado venha me falar de fé.

- Todos acreditaram em algo e para enfrentar os males que a perseguem é preciso ter bases bem sólidas de fé.

- Você fala como se já tivesse tentado ser esse homem?

- Digamos que ela não era para mim.

- Falando de mim? - Cláudia entrou na sala pastoral naquele instante, apesar dos cabelos em desalinho, que ela tentou disfarçar amarrando com um elástico de Rebeca, estava muito bonita. Charles tinha razão, pensou Lucas, aquela era realmente uma mulher muito bonita e de uma simplicidade admirável. - Como foi com o delegado? Vou ser presa?

- Imagine! Nossa princesa nunca seria envolvida numa história tão sórdida. Se você quiser ajudar nas investigações procure a polícia federal quando voltar das férias. Eles vão tomar seu depoimento com muita discricção. Já estão cientes da sua identidade e o quanto é importante preservá-la. Quanto aos seguranças vou mandá-los de volta, explicarei a seu avô que você estará mais segura assim, sem chamar a atenção para si. E o pastor me prometeu estar sempre por perto.

Lucas ia protestar, mas calou-se. Desmentir ia causar uma situação constrangedora e Cláudia ainda estava muito frágil, dizer que não ficaria perto dela também era mentira. Deus, como foi se envolver assim com aquela mulher e num curto espaço de tempo!

- Adeus, Charles, abrigada por vir. Sei o quanto você anda ocupado com os escândalos do novo governo.

- Veja o lado bom, quanto mais processos, mais clientes eu arranjo. Adeus, Cláudia. Lucas, foi um prazer conhecê-lo.

Trocaram um aperto de mãos e o advogado se foi.

– Pai o almoço está pronto. – Rebeca entrou falando sem parar como era de costume. Lucas pediu à filha que esperasse um pouco. Cláudia que acompanhou o advogado até a porta estava de volta. – Ôxe pai. Os homens foram embora sem almoçar. Você almoça com a gente, Cláudia?

– Se não for incomodar eu aceito.

– Não vai ser incomodo algum, irmã Cícera sempre faz comida pra um batalhão. E é um pecado desperdiçar a comida gostosa que ela faz. – Disse Lucas que logo foi deixado para trás, sua filha e Cláudia seguiram de mãos dadas para a casa pastoral.

A casa pastoral era simples e confortável. No almoço foi servido frango guisado, salada crua de tomate e alface, feijão com charque e abóbora, arroz refogado no alho e óleo. A sobremesa foi um doce de mamão com coco bem geladinho. Cláudia achou muito bonita a oração que Rebeca fez agradecendo a Deus pelo alimento que tinham na mesa. Ao final disseram amém e comeram num clima de descontração contagiante.

Aquela era a família que sempre sonhou para si e ela não ia desperdiçar nenhuma oportunidade de ter aquele homem tão raro. Se ele só se relacionaria dentro do casamento, ela casaria. Lucas só precisaria de alguns estímulos para perceber que precisava de uma mulher e ela era esta mulher, faria o que fosse preciso para ser.

Capítulo VII

No subsolo em algum lugar não muito próximo dali.

– Trouxe o que lhe mandei?

– Sim, mestre. A mulher é formosa e virgem.

– Espero que seja mesmo. A última não era mais. – Aquele que todos chamavam de Mestre, afastou o lençol que cobria o rosto da moça. – Ela é muito bonita. Sabe de Onde veio?

– Daqui do interior de Alagoas era uma freira.

– Sim, me lembro dela. Ainda está intocada?

– Ninguém mexeria em uma caça sua.

– Saia! – Gritou ele com sua voz estridente. O ser repugnante se retirou.

Ele acariciou o belo rosto da jovem com suas mãos frias.

– Vou precisar de uma forma mais agradável para lhe seduzir. Vamos conhecer seus desejos secretos.

O Mestre tocou a testa da jovem. Nada. Nenhum desejo lascivo, nenhuma forma que lhe fosse desejável. Uma mulher que não tinha descoberto sua sensualidade.

Que delícia! Precisava de sua forma mais sedutora. Saiu da sala e escolheu um dos corpos que repousavam na câmara ao lado. Deitou-se sobre o corpo e acordou nele. Agora ele era carne. Ainda ficava extasiado com as maravilhas do corpo humano. Vestiu um roupão e se dirigiu a sala onde a jovem o aguardava. Uma das desvantagens de se

ter um corpo eram as malditas paredes. Abriu a porta e pelo corredor teve acesso a sala onde ela se encontrava.

Puxou o lençol e contemplou a maravilhosa nudez daquele corpo. Sentiu de imediato uma ereção. Carne fresca para brincar. Ah! Como brincaria com ela. Daria dor e prazer. Sentiu sede, logo teria sangue. As virgens sangram, sua boca salivou.

- Acorde. - Disse com foz sedutora. - Seu mestre lhe chama.

Ela abriu os olhos. Olhos verdes e os fechou novamente.

- Abra os olhos Bia. Hoje você vai conhecer o meu paraíso...

Capítulo VIII

Viçosa/Alagoas.

Irmã Matilda era a personificação da calma, nos trinta seis anos de vida religiosa nunca tinha feito ou visto nada que a agitasse, gostava do ritmo desacelerado da vida rural e da quietude do convento. Admirava as irmãs que tinham coragem de se aventurar por favelas e presídios, mas isso não era para ela.

Contudo, havia certa tensão no ar desde o desaparecimento de Bia. Apesar de muitos comentarem que devido a sua beleza, ela teria fugido com algum namorado. Ela não acreditava nessa histó-

ria. Nesta sua vida tinha visto poucas vocações religiosas tão sinceras como a da moça. Agora a moça aparecera, na verdade tinha amanhecido em seu quarto. Se o aparecimento era entranho, o que dizer da aparência da moça e seu estado geral. Neste momento a Dra. Cláudia a examinava. Ela e padre Manoel aguardavam ansiosos o parecer da médica. Algum tempo depois a médica sai e os encara desanimada.

- Fale, Cláudia, como ela está?

- Sim, filha, diga o que há com ela.

- Está muito machucada. Eu fiz um exame superficial. Colhi amostras de sangue, e de tecido das lesões e vou encaminhar tudo ao laboratório, mas posso adiantar que ela foi drogada. Só posso afirmar o tipo da substância após o resultado dos exames.

- Ela falou alguma coisa? Acho que qualquer coisa que ela diga pode servir como pista.

- Padre, ela murmurava algo como, “não ser a porta”. Faz algum sentido para vocês?

Pelas expressões, Cláudia percebeu que não tinha sentido algum.

- Eu aconselho vocês a levá-la a um hospital. Irmã Matilda, ela foi espancada várias vezes. - Irmã Matilda gemeu, diante do comentário da médica. - Eu acredito que também foi estuprada.

- Meu Deus! Uma moça tão boa. Quem faria uma barbaridade destas! - Irmã Matilda não conteve as lágrimas. - Temos que avisar a família, os pais estão aflitos.

- Eu acho que devemos esperar a moça acordar. Se os pais já esperaram tanto tempo, um dia

ou dois a mais não fará diferença. – Disse padre Manoel. – Além do mais, nós não sabemos o que aconteceu realmente com ela e os pais podem fazer um escândalo. Tudo que não queremos é divulgar esta história. Vou comunicar a Cúria e até o Arcebispo autorizar ela fica aqui. Senhoras com licença.

Quando padre Manoel saiu, irmã Matilda conduziu Cláudia até um sofá que ficava num canto da sala. Depois de acomodadas, indagou:

– Cláudia você acha que ela foi conivente com o que lhe aconteceu?

– Irmã, eu posso lhe afirmar, baseada nas cicatrizes que ela tem pelo corpo, que ela foi brutalizada. Quem a levou a algemou ou amarrou as mãos. Os punhos dela estão muito feridos e todo o corpo apresenta marcas de mordidas, algumas mordidas chegaram a tirar pedaços de carne. Sei que padre Manoel teme um escândalo envolvendo o nome da Igreja, mas esta moça precisa urgentemente de um hospital.

– Cláudia, eu prefiro esperar pela resposta que o Arcebispo dará. Eu não quero ser insubordinada ou responsabilizada pelo que vier a acontecer.

– Irmã, ela pode ter fraturas, hemorragia interna, pode inclusive ter sido envenenada. Eu não acredito que o louco ou os loucos que fizeram isso com ela queiram ser descobertos. Eu posso providenciar um internamento de forma discreta, o que eu não posso fazer é ser conivente com isto. Ela precisa de cuidados médicos especializados, e quem sabe até de uma UTI.

Irmã Matilda olhou nos olhos de Cláudia.

– Estou descendo para o jantar no refeitório e você vai ficar terminando os exames. Você tem mais de uma hora até que uma noviça termine o jantar e venha ficar com ela. – Dito isso, saiu da sala e fechou a porta.

Cláudia ficou estarecida! Como ela ia transportar aquela moça sozinha? Elas estavam no segundo piso!

– Lucas, claro! Correu até um telefone público que ficava na frente do convento e ligou para a igreja, Lucas atendeu. Ela fez um breve resumo da situação e ficou aguardando sua chegada. Ele chegou cerca de vinte minutos depois. Estava ofegante e suave muito

– Desculpe a minha demora, tive dificuldade de conseguir uma carona para cá. Você me pediu discrição e eu pedi que me deixassem perto daqui e segui a pé.

– Não se preocupe você chegou em tempo hábil. Vamos. – Como todos estavam no refeitório, ela pode explicar durante a ida ao quarto, o que estava acontecendo. Lucas ouviu tudo em silêncio e não conteve um suspiro de espanto ao ver o estado deplorável da moça.

– Cláudia, ela está tão machucada e magra!

– Lucas, ela precisa de um hospital, vamos levá-la.

Ela não pesava muito para ele, mas cheirava muito mal. Ele não disfarçou o alívio ao depositá-la no banco da velha picape.

– Lucas, você dirige?

– Sim, você quer ficar com ela?

– Quero, vou precisar da minha bagagem também, pretendo ficar em Maceió até ela ter alta.

– Neste caso vou até a igreja buscar Rebeca. Não quero deixar minha filha sozinha.

Cláudia não comentou nada, dava pra ver o medo nos olhos dele. Ela não o culpava se tivesse uma filha também estaria em pânico com a segurança dela. Lucas voltou alguns minutos depois com duas mochilas e uma silenciosa Rebeca. Que só disse um: oi, e entrou no carro.

– O que disse a ela?

– Disse que tinha uma moça morrendo e você nos pediu para ajudar a salvá-la e que ela nos ajudaria ficando quieta e calada.

– Ta explicado o silêncio da menina!

– Vamos.

Tomaram seus lugares e seguiram viagem. Ao chegarem à entrada da cidade, Lucas perguntou o endereço, Cláudia deu o nome do hospital. – Cláudia este hospital não é particular?

– Sim é, pertence a um médico amigo meu. Ele vai providenciar tudo que for preciso sem fazer perguntas, desde que a conta seja paga, ele é a descrição em pessoa.

Ela estava certa. Tudo foi feito com discrição e sem perguntas embaraçosas. Cláudia disse que conhecia a moça e pagaria a conta, fez um depósito e num passe de mágica apareceu uma competente equipe médica.

– Lucas, vou ficar por aqui, você pode ficar com o carro. Como já está escurecendo vá para casa. Amanhã você vem me buscar, Certo?

– Certo. Você vai ficar bem?

– Vou sim, se precisar de algo eu ligo pra sua casa. – Como Rebeca estava esperando no estacio-

namento, Cláudia deu um beijo rápido na boca, antes que ele reclamasse acrescentou: – Você mereceu.

– Espertinha! Que Deus te abençoe. Não se esqueça de me ligar.

Estava ai algo que nem que quisesse ela conseguiria esquecer. Voltou às pressas para o quarto de Beatriz, tinha muito trabalho pela frente, ia ser uma longa noite.

Capítulo IX

A mudança na vida de seu Jerônimo foi realmente radical. Residia em um condomínio fechado. Tinha um carro com ar condicionado e tudo. E a casa era um luxo, espaçosa e com cinco suítes, várias salas, precisavam de duas empregadas para dar conta do serviço doméstico. Para quem morou a vida inteira numa casinha pequena com o chão de cimento batido, apenas dois quartos que mal cabiam uma cama e um armário, uma cozinha, um banheiro e um corredor com um sofá que servia como sala. Aquela nova casa era uma verdadeira mansão. Isso sem mencionar a despensa recheada de mantimentos e a geladeira sempre bem abastecida. O bar da casa também era farto, contudo para seu Jerônimo bastava uma cervejinha gelada, afinal era um homem de gosto simples.

Tudo que ele sonhou na vida havia recebido ago-

ra. Às vezes sentava-se na sala de jantar e ficava contemplando a mesa farta, a beleza dos móveis e a decoração primorosa. Jaciara tinha razão, o preço pago não foi tão alto assim.

À medida que os hematomas sumiram do corpo de sua filha sua indignação foi passando, ele até já concordava com o raciocínio da moça. Tinham homens na sua cidade natal que machucavam muito mais as esposas e ninguém ligava à mínima, e elas nem possuíam todo aquele luxo para compensar.

O homem daquela noite nunca mais apareceu. Somente um dos homens macilentos é que morava com eles na casa. Segundo Jaciara era uma espécie de segurança deles. Não que alguém fosse se intimidar com aquele saco de ossos, mas Jerônimo sabia o que um toque daquele ser asqueroso poderia fazer.

Ele não falava, não fazia as refeições com eles, às vezes parecia sumir na decoração da casa. Seu Jerônimo sabia de sua presença porque podia senti-lo. Já havia se habituado a sentir um arrepio quando o homem se aproximava. Até o apelidou de Zumbi, por parecer um daqueles zumbis mortos-vivos dos filmes de terror que se alimentavam de cérebro.

Já fazia cinco meses que havia se mudado, Jaciara se encontrava com um barrigão do quinto mês de gestação. Fazia as consultas do pré-natal em um hospital particular que pela aparência devia ser muito caro. Não havia feito nenhuma ultrassonografia, mas sua filha tinha certeza de que era um menino, do mesmo modo que ela disse, ainda nos primeiros dias que estava grávida, o bebê era esperado no sétimo mês.

Ele é que não ia questionar as atitudes da filha. A vida estava boa assim, pra que mexer? Tinha que aproveitar, isso sim. Com este pensamento seu Jerônimo se dirigiu ao quarto da filha. Fazia dias que não via sua menina e sentia saudades. Como encontrou a porta aberta entrou sem bater. Demorou alguns segundos para que seus olhos se acostumassem à escuridão. Jaciara estava deitada em sua cama e parecia dormir. Ele se aproximou puxou a poltrona e ficou a contemplar o sono da filha.

Paz. Essa era a sensação que tinha quando contemplava o sono de sua menina. Uma certeza de que tinha feito a coisa certa. Sim, ficar com a menina foi à melhor coisa que fez na vida. Quando nada na sua vida parecia dar certo, ele se sentava ao lado da cama e ficava ali ouvindo sua respiração suave, isto ia lhe acalmando. Nascia nele a certeza de que tudo ia melhorar, tinha que melhorar, sua filha dependia dele e ele precisava continuar por ela. Ela sempre foi seu maior estímulo para seguir frente com sua miserável vida.

– Saia daqui!

Seu Jerônimo levou um baita susto. Prescutou em volta com o olhar, não havia mais ninguém no quarto, exceto a filha e ele.

– Saia logo! Fora!

Abaixou-se e levantou o lençol da cama para ver se havia alguém embaixo. Nada! Acendeu a luz. Nada, não havia mais ninguém no quarto.

– Fora! Queremos ficar sozinhos!

– Quem quer ficar sozinho?

– Eu e ela. Fora!

Não, aquilo parecia loucura, mas seu neto es-

tava falando com ele de dentro da barriga da mãe! Correu para a porta. Já estava de saída quando ouviu:

- Não vejo a hora de beber o sangue dos dois. Não tinha uma mulher mais bonita para me colocar no corpo dela.

Seu Jerônimo segurou a porta para que o trinco não fechasse e ficou ouvindo a estranha conversa. Sim havia outras vozes.

- Mestre, ele não se foi. Ouve o que dissemos.
- Então o tire daí.

Como se surgisse do nada o homem macilento materializou-se do seu lado. Antes que ele o tocasse ele correu para bem longe daquele quarto.

Seu Jerônimo só parou de correr quando chegou à rua. Sentou-se na calçada do lado oposto da casa e chorou. Em que havia se metido? A vida de sua filha corria perigo! Como isso não lhe ocorreu antes? Aquilo que estava na barriga de sua filha era uma cria diabólica. O que fazer? A verdade caiu sobre ele como um manto de paz. Tudo ficou claro. Agora ele sabia exatamente o que tinha que fazer.

Capítulo X

Lucas acordou muito bem. Fazia tempo que não dormia em sua própria cama. Foi até o quarto da filha, que ainda dormia profundamente. Voltou a seu próprio quarto, trocou de roupa às pressas, tinha muito que resolver naquele dia. Como saiu de

Viçosa de forma repentina, não teve tempo de comunicar ao novo pastor, e no momento ele nem sabia quando poderia retornar. Ele estava intrigado com o estado da freira, nunca tinha visto ninguém com o corpo tão mutilado como o daquela moça. Os cabelos cortados e pelados em vários locais, como se fossem arrancados do couro cabeludo por puxões. O corpo coberto de mordidas, umas já saradas e outras infeccionadas, de modo que até a pessoa mais leiga deduziria que ela foi abusada durante muito tempo. Como um ser humano poderia fazer aquilo com outro? Será que se pode chamar de humano alguém capaz de tamanha atrocidade?

Lucas ligou para pastor Paulo. A conversa foi breve e ele explicou que estava resolvendo assuntos pessoais e urgentes e não sabia dizer com precisão a data de sua volta.

Deixar Rebeca demorou mais que o esperado. Teresa estava muito curiosa em relação à médica com quem vieram. Culpa da filha que disse que o pai estava namorando. Ficou embaraçado, ainda não se sentia seguro para falar de Cláudia, principalmente com a ex-cunhada. Balbuciu algumas respostas e seguiu então para a Ponta verde; como sua cunhada morava no bairro do Poço, ficava perto.

O prédio que Cláudia morava ficava de frente para o mar, numa das áreas mais valorizadas do lugar. Após se identificar ao porteiro, subiu num moderno elevador até a cobertura. Lucas se questionava o porquê de ricos gostarem tanto de coberturas? Seria um modo de ostentação? Mas ela parecia ser uma pessoa tão simples.

Assim que saiu do elevador foi envolvido num caloroso abraço. Resistiu, mas ela parecia tão frágil, que ele a envolveu com os braços. Aquela mulher despertava nele uma incontrolável vontade de protegê-la.

Lucas a afastou gentilmente e foi conduzido ao interior do apartamento. Nunca, somente em televisão, Lucas tinha visto um lugar tão luxuoso e requintado. O apartamento tinha dois andares e pela vidraça da sala que estavam ele pode ver uma bela piscina particular.

- Lucas se você não se importar, eu gostaria de tomar o desjejum na varanda? Você me acompanha?

- Claro! Tomo um café.

A varanda ficava no segundo piso, de lá dava para ver a piscina e do outro lado da rua, o mar. Cláudia comeu em silêncio, enquanto Lucas bebericava seu café perdido em pensamentos. Sua maior indagação era o que ele, um homem pobre, estava fazendo ali? Aquela mulher não era para ele e este pensamento o magoava muito, por mais que resistisse a idéia de tê-la, perdê-la parecia bem pior. Os dedos frios dela, tocando sua mão sobre a mesa, o trouxeram ao presente.

- Lucas você está tão distante, aconteceu algo?

Ele teve vontade de gritar que sim, que aconteceu milhares de Dólares de distância entre eles. Negou com um gesto de cabeça.

- Não, Cláudia, eu estou bem. Só um pouco impressionado com o estado da moça, como ela está?

- Continua sedada. Ela acordou durante os exames e gritava tanta coisa sem sentido que resolvi sedá-la. Estou aguardando o resultado dos exames,

ficaram de me ligar do hospital assim que estivessem prontos.

- Ela vai sobreviver?

- Eu acredito que sim, ela é muito forte. Prescrevi alguns antibióticos para conter a infecção das feridas. Ela tem fratura no braço esquerdo, pela marca no pulso acho que ela o quebrou tentando se soltar. Como a clavícula está deslocada nós imaginamos que a penduraram pelos pulsos. Também está desnutrida e desidratada.

- Cláudia, eu não consigo imaginar como essa moça suportou tanta tortura.

- O que lhe disse até agora não foi o pior. Ela não foi estuprada, o ginecologista que a examinou, disse que ela continua virgem.

- Sim, esta não é uma boa notícia?

- Não, Lucas, ela está grávida!

- Mas como? Isso é possível?

- Sim, com os recursos da medicina atual, sim. Pode ter sido por inseminação, ainda não sei ao certo. Ela tem marcas de seringas nos braços e uma cicatriz cirúrgica no abdome, estou aguardando o parecer de um especialista em reprodução humana que trabalha comigo, hoje nos vamos saber de quanto tempo é a gestação. Acho que não a mataram por causa do bebê.

Ficaram em silêncio, imersos em seus próprios pensamentos. Lucas levantou e caminhou até a amurada e recostou-se. Ficou observando o mar, ali tão próximo e tão belo. Sentiu o leve roçar do tecido do vestido que ela usava. Ela estava ao seu lado, foi se aproximando até encostar a cabeça em seu ombro.

- Lucas?
- Oi.
- Ele continua me seguindo.
- Ele quem? - Lucas voltou-se e ficaram um de frente para o outro. - O cachorro?
- Sim. - Ela afastou-se e começou a caminhar de um lado para o outro. - Ele estava no estacionamento do hospital e quando eu cheguei aqui ele me observava do outro lado da calçada.
- Venha cá. - Lucas abriu os braços e Cláudia se atirou neles. Não conteve as lágrimas. Era tão bom estar ali, ele era tão quente, tão forte, tão seguro de si. - Nós vamos cuidar disto, certo.
- Lucas a levou nos braços para o sofá colocou-a lá e sentou-se a seu lado. Cláudia o envolveu num abraço apertado e deitou a cabeça em seu peito.
- Lucas, estou apavorada, eu nunca senti tanto medo.
- Lucas levantou seu rosto usando o indicador.
- Ei! Esqueceu que eu estou aqui? Nada de mal vai lhe acontecer.
- Mas, você não estava comigo quando ele apareceu?
- Certo. Mas, a senhora não tinha me prometido que esperaria no hospital? Era só ligar e eu chegaria logo.
- Lucas, você também me assusta! - Ele a encarou surpreso e ela prosseguiu. - Eu tenho medo de depender de alguém, eu sempre contei só comigo.
- Nós precisamos contar com alguém de vez em quando.
- Eu sei, mas com você é diferente, eu quero

- que você fique. É como se eu dependesse de você para existir. Você entende como é? Eu me apaixonei por você.
- Eu também e estou tão assustado quanto você.
- Por quê?
- Porque temo não estar sempre ao seu lado e temo por estar perto de você?
- Por quê?
- Por isso... - Lucas a beijou nos lábios de um modo que ela pode sentir todo seu desejo, se afastou e ficou olhando por algum tempo, depois se aproximou novamente, deu-lhe um beijo suave, depois mais outro e outro mais demorado. Até que a trouxe para seu colo.
- Cláudia suspirava de satisfação entre um beijo e outro, podia sentir o quanto ele estava excitado e isso a excitava também. Mas não ia apressar as coisas e perdê-lo. Deitou a cabeça novamente no peito dele e ficou ali ouvindo as batidas alucinadas do seu coração.
- Para quem não gosta de beijar, você beija muito bem, pastor.
- É porque eu sou apenas um homem quando lhe beijo.
- Eu sei, e posso dizer que adoro o homem que você é.
- Cláudia, eu nunca desejei uma mulher como desejo você e isso não está certo. Somos muito diferentes.
- Errado pastor, somos um homem e uma mulher e nada é mais certo que isso. - Desta vez Cláudia tomou a iniciativa do beijo, que foi correspondido com igual fervor. Lucas tocou seus seios com ambas

as mãos e em seguida desceu para a cintura e a depositou no sofá.

- Desculpe, Cláudia, mas se você continuar no meu colo eu vou perder a cabeça e eu não quero me arrepender de nada que fizer com você.

Mesmo frustrada ela comentou:

- Certo, você já me explicou, lembra?

- Sei e sempre acabo nos seus braços, tenho que me comportar melhor.

- Não, você só tem que decidir até que ponto me quer.

- Como assim?

- Se você me quer a ponto de fazer uma loucura e se arrepender depois, ou se me quer a ponto de casar para me ter sem problemas.

Para Lucas, ambas as opções eram loucuras! Como ele, que não tinha um centavo, ia casar com uma mulher tão rica quando ela? E eles mal se conheciam.

- Cláudia você já se casou alguma vez?

- Claro que não!

- Eu já, e é uma decisão muito séria, eu não posso me casar com você só para levá-la para cama.

- Então, faça porque me ama!

- Cláudia, nós somos de mundos diferentes. Meu salário de professor não dá para pagar nem o condomínio deste apartamento, quem dirá o aluguel.

- Este apartamento é próprio e meu pai paga todas as despesas, todos os semestres ele faz um depósito na minha conta.

- Pior ainda! Cláudia se eu casar com você eu não quero que seu pai lhe sustente e também não

posso pagar pelo luxo que você está acostumada. Não vê que não da certo?

- Não, Lucas, eu vejo um homem que me quer tanto quanto eu o quero e fica lutando contra isso. Lucas eu sou uma mulher! Para de me ver como se eu fosse diferente! Veja o que você deve ver de mim!

Cláudia levantou e parou na frente de Lucas, puxou o vestido pela cabeça, tirou a roupa de baixo e ficou completamente nua na frente dele. Lucas baixou a vista, se ela queria seduzi-lo, olhar não ia ajudá-lo a resistir.

- Olhe para mim Lucas, deixe de ser covarde!

Ele a encarou e fixou o olhar no rosto, ela estava furiosa.

- O que você vê?

- Você está descontrolada!

- Não, Lucas, o que você vê?

Ele percorreu o corpo dela com o olhar.

- O que vê? - Cláudia insistiu na pergunta.

- Uma mulher.

- Nossa pensei que você não ia notar! Você vê algo em mim que as outras mulheres não tem?

Ele engoliu seco e mais uma vez contemplou aquele corpo maravilhoso. Será que ela sabia o quando estava linda?

- Não, você é igual às outras mulheres.

- Que bom, eu já estava preocupada, pensei que eu fosse totalmente diferente! - Cláudia suspirou impaciente. - Lucas é só isso que eu vou levar para o casamento, eu mesma, com minhas qualidades e defeitos.

- Nossa! E ela achava pouco! - Pensou Lucas.

Cláudia saiu da sala pisando duro e voltou em seguida vestida em um roupão de seda. Sentou-se em uma poltrona bem longe dele.

- Não vou negar que tenho dinheiro. Tenho sim e daí? Eu posso lhe dizer que renuncio a fortuna da minha família, mas de que isso serviria? Se o dinheiro é meu, que seja eu a usufruí-lo como quiser. - Fez uma pausa. - Quero que você me ame pelo que eu sou, esqueça o que tenho. To pedindo muito?

- Não. Você merece um homem que lhe ame, você é uma mulher muito bonita e inteligente, não há nada errado com você. O problema é comigo, eu não sou o homem certo para você.

- Posso saber por quê?

- Por que somos muito diferentes. E você também está muito insegura, não é um bom momento para tomar decisões.

- Graças a Deus por sermos diferentes! - Cláudia ficava impaciente a relutância dele. - Lucas, eu não preciso de nenhum outro homem. Eu quero você do meu lado, o pai de Rebeca, porque eu quero um pai assim para os meus filhos. Porque a única vez que eu sonhei com marido e filhos, foi com você. É com você que eu quero dormir e acordar todos os dias e se Deus nos abençoar, quero envelhecer a seu lado. Eu só desejei isso com você, está tão difícil assim compreender isso?

Cláudia fez uma pausa e continuou:

- Lucas, você faz idéia de quantas pessoas já se aproximaram de mim para ter acesso à fortuna dos meus pais? Sempre tive muito medo de me relacionar com alguém, isso fez de mim uma mulher mui-

to só, sempre tive relações passageiras. Daí eu conheço você, um homem honesto de boa índole e você não me quer porque sou rica, pode?

- Cláudia, não vamos nos precipitar, nós mal nos conhecemos.

- Certo e você já conhece mais de minha vida que qualquer outra pessoa.

- Eu sou um pastor evangélico, eu vou à igreja no mínimo quatro dias por semana, acordo na madrugada para orar e costumo passar alguns dias jejuando e lendo a Bíblia.

- Certo, dependendo do meu horário no hospital posso ir à igreja com você. Estou acostumada a passar as madrugadas cuidando de enfermos. Lucas, eu não sou uma Patricinha, sou uma médica! Às vezes acordo no meio da noite para atender uma emergência e já cheguei a passar sessenta e duas horas no hospital sem dormir mais que três horas consecutivas. Você aceitaria isso em uma esposa?

- Claro isso não seria problema entre nós.

- Eu aceitaria sua religião sem problemas, já estou pensando seriamente eu congregar numa igreja evangélica.

- Eu preciso pensar certo?

- Tudo bem. - Cláudia o acompanhou até a porta. - Lucas pense seriamente no que conversamos.

- Eu prometo que vou pensar. Tchau!

Cláudia o puxou pelas mãos:

- Entre, eu quero beijar você e ai fora tem câmera.

- Cláudia...

- Só um beijo Lucas, vai que você não volte mais.

- Vou voltar.
- Meu beijo... Ficou de ponta dos pés e uniu suas bocas, como sempre acontecia ele se entregou ao beijo depois se afastou um pouco e disse:
 - Vou pensar nisto também.
 - Resolva logo, ou você vai me enlouquecer antes daquele cachorro nojento.
 - Sim, eu já ia me esquecendo de dar a chave do carro.
 - Fique com ele, pelo menos por enquanto, assim se eu precisar você tem como vir, o aluguel está pago até o próximo mês. Eu tenho um carro esporte na garagem e Lucas?
 - Oi.
 - Pare de pensar bobagem, certo?

Capítulo XI

Padre Manoel estava muito aborrecido com Cláudia. Por sua causa ele havia levado um sermão do Arcebispo. Tinha acabado de chegar a Maceió e falado com ela ao telefone, foi informado do endereço da clínica onde a moça estava internada. Cláudia o esperava no estacionamento e pela cara da médica as notícias eram péssimas. E àquela altura não adiantava mais sermões.

- Boa tarde, Cláudia. Como está Beatriz?
 - Venha, padre, tire suas próprias conclusões.
- Ele seguiu a médica pelos corredores frios do hospital, seus ossos não gostavam nada do ar-con-

dicionado do lugar. No quarto sob espessos lençóis estava o alquebrado corpo da moça. No braço esquerdo apareciam os ferros mostrando que ela passara por uma cirurgia ortopédica. Vários tubos estavam conectados à moça, inclusive sangue. A cabeça agora totalmente raspada estava suja de anti-sépticos e apresentava vários pontos pelo couro cabeludo.

- O que houve com os cabelos dela?
- Tivemos que raspar para fazer enxerto e debridamento das feridas. Padre, alguém arrancou os cabelos dela com puxões e mordidas, ela tem ferimentos de mordidas por todo corpo. Também uma cicatriz cirúrgica no abdome. As pessoas que a levaram também fizeram experiências de reprodução no corpo dela. Ela chegou aqui virgem e grávida.

- Virgem Santíssima!
- Durante a madrugada ela sofreu um aborto espontâneo, seu corpo estava muito debilitado pela desnutrição e desidratação.

- Deus sabe todas as coisas, o que iria ser dela e desta criança?

- Padre a criança não era um humano.
- E o que poderia ser?
- Ainda não terminamos as pesquisas, a princípio pensamos que fosse mal formado, depois concluímos que era um canino. Um cachorrinho.

Padre Manoel procurou uma poltrona e sentou-se. Estava desolado. Cláudia ofereceu a ele um copo com água, o homem estava pálido. Ela verificou sua pressão e só então se acalmou. Teve medo que ele tivesse um infarto ou um AVC, comuns em pessoas

na idade do padre, principalmente depois de um choque emocional.

Na verdade não esperava que ele aceitasse bem o que aconteceu com a moça. A história de Bia era chocante até para os médicos envolvidos no caso. Claro que tudo era feito no mais absoluto sigilo. Até a moça acordar e oferecer respostas, eles só tinham teorias. E diante dos maus tratos sofridos, Cláudia não acreditava que ela tivesse algo coerente para contar, pois se supunha que ela passou a maior parte do tempo sedada ou desacordada. Assim, suas lembranças poderiam ser reais ou um delírio, a moça não saberia diferenciar.

- Cláudia, obrigado por estar tratando de Beatriz, eu não sei o que se passou por minha cabeça para tomar uma decisão tão imprudente.

- Por nada, padre. Acho que a família da moça deve ser comunicada e também acho prudente que a gravidez não seja mencionada.

- Concordo com você, filha. Agora, eu vou contar ao Arcebispo o que houve aqui. Omitirei este pormenor até que seja esclarecido.

- Confirme que a levaram contra a vontade e não foi estuprada, para que não perca seu lugar na congregação.

- Diante dos acontecimentos eu não acredito que se oponha a seus votos. Mas mesmo assim comunicarei a eles.

Cláudia deixou o padre sozinho para rezar pela moça e saiu para o laboratório. Quando padre Manoel deixou o quarto era a imagem da tristeza e desolação.

Capítulo XII

Pastor Mário observava um gaguejante pastor Lucas, tentando explicar seus problemas. Faziam mais de vinte minutos que Lucas tentava lhe explicar o que havia de errado com a médica por quem se apaixonou. Mário conhecia a história de Lucas, foi amigo de seu pai e acompanhou de perto o drama que o rapaz viveu. Medo! Esse era seu diagnóstico para o tudo que ele lhe dizia. Medo de perder novamente a mulher que amava. Medo de sofrer. Mas quem não sofre deste mal?

- Lucas, pelo que você me contou ela não se importa com sua situação financeira. E você pode optar por um casamento com separação de bens. Case-se filho, você precisa de uma boa mulher. Você esta viúvo há quanto tempo?

- Mais de onze anos.

- E tem se guardado na fé?

- Sim, eu fiz um voto com Deus, não sou um devasso.

- Está na hora de encerrar este castigo. Você é jovem, saudável. Sente desejo por ela?

- Por que você acha que eu estou aqui! Ela me enlouquece! Mário, eu tenho medo de cair. Por isso lhe procurei. Ela pediu minha ajuda está passando por alguns problemas eu não consigo tirar as mãos dela. Fico constrangido com as reações do meu corpo. Isso nunca me aconteceu antes. O que eu devo fazer?

- Se ela não fosse tão importante você não viria

até aqui pedir conselhos, você simplesmente se afastaria desta tentação. Se você se dispôs a se expor assim é porque o que sente não permite que se afaste dela. Certo?

- Certo.

- Então filho, case-se e seja muito feliz. Posso ter o privilégio de celebrar as bodas?

- Claro! Quer dizer vou falar com ela.

- Apresse-se, rapaz, lembra que o Apóstolo Paulo disse que é melhor se casar que viver abrasado? Deus te abençoe pastor Lucas. A paz do Senhor Jesus seja contigo.

- Amém.

Lucas saiu da Igreja, localizada na Ponta verde, ainda um pouco confuso. Pastor Mário ficou algum tempo sozinho, com um sorriso brincando no rosto, celebrar casamento era uma das funções ministeriais que ele mais gostava e breve celebraria um.

Fazia tanto tempo que Cláudia estava fechada no laboratório, que nem percebeu o passar das horas. Quanto mais resultado de exames recebia, mais intrigante ficava aquele caso e a equipe de médicos envolvidos ia aumentando a cada novo achado. Cláudia nunca acreditou na onisciência médica, para ela cada um era soberano em sua área específica.

Assim, sua equipe contava até o momento com um ginecologista, especializado em reprodução humana, um hematologista, um veterinário especializado em clonagem de animais e reprodução artificial, o dono da clínica, que era um excelente cirurgião geral, e não aceitou ser excluído do grupo,

já que o mesmo passou a trabalhar em sua clínica, e ela mesma.

Como a paciente em análise era sua e ela quem pagava as despesas com toda equipe, ninguém se opôs à sua chefia, na verdade todos estavam curiosos com o caso apresentado e se sentindo privilegiados por trabalharem nele.

Seu estômago deu sinais de fome e ela consultou o relógio, eram quase dez horas e ela não tinha comido nada desde a hora do almoço. Perguntou se algum dos colegas queria lanchar, como todos haviam jantado, pediu licença e se dirigiu a lanchonete que funcionava enfrente ao hospital.

Quando voltou para a clínica percebeu que a frente estava um pouco mais escura. Lembrou que a recepção do hospital fechava às dez horas e a partir desse horário todas as ligações eram encaminhadas às salas de enfermagem de cada setor, seguiu o portão lateral que passava pelo estacionamento, a recepção de urgência e emergência funcionava vinte e quatro horas. Estava escuro, mas logo à frente ela podia ver o segurança conversando com a jovem recepcionista, seguiu vacilante, pisando com cuidado nas pedras irregulares do calçamento. De repente sentiu a terrível sensação de estar sendo observada, apavorada apressou o passo, o salto de seu sapato prendeu em uma pedra solta e ela caiu. Tentou se levantar, mas seu tornozelo doía muito, sentou-se no chão descalçou o sapato e apalpou o tornozelo, estava torcido, ela tinha certeza disso.

Apoiou o peso no outro pé e com as mãos espalmadas no chão fez impulso para se levantar.

Já estava quase conseguido se levantar quando o viu. O enorme cachorro escuro de olhos vermelhos estava a poucos metros dela, oculto da vista de quem passava numa vaga entre dois carros. Cláudia tentou correr, mas seu desespero a levou novamente ao chão. Olhou para trás, o animal já a estava alcançando, colocou os braços na frente do rosto e aguardou o ataque. Nada mais poderia ser feito.

Capítulo XIII

Lucas chegou a casa com uma terrível dor de cabeça. Tomou uma aspirina e deitou-se um pouco para descansar. Acordou assustado, teve um sonho terrível com Cláudia. Tinha que vê-la imediatamente, consultou o relógio de pulso, dez horas. Empurrou a camisa de qualquer jeito para dentro das calças, calçou o sapato sem as meias, apanhou os documentos e as chaves e correu para o carro, como morava no bairro da Serraria e hospital onde ela estava era no farol, não demoraria muito a chegar lá.

A cada quilômetro rodado seu coração apertava mais no peito. Era uma sensação de que a estava perdendo. Começou a orar em pensamento, Deus não permitiria que algo de ruim acontecesse a ela, não agora que ele tinha tomado sua decisão. Ao chegar ao hospital foi direto para o estacionamento, estranho, estava tudo escuro. Avistou uma vaga logo à frente e seguiu para ela.

Foi quando sentiu o impacto! Vindo não se sabe de onde um animal pulou e chocou-se com o carro. Lucas saiu às pressas e se deparou com Cláudia caída no chão a pouco mais que um metro dos pneus do automóvel. Ela estava sentada encolhida com os braços protegendo o rosto.

- Cláudia!

Lucas correu para ela. Ela tentou levantar e não conseguiu, ele a tomou nos braços e seguiu para dentro do hospital. Um maqueiro trouxe uma cadeira de rodas, onde ela foi acomodada. Lucas teve dificuldade de se soltar, apesar de não falar nada, ela parecia em choque.

- Cláudia, fique aqui eu vou checar o estacionamento. Volto logo.

Ela fez um gesto afirmativo e Lucas saiu às pressas, ao passar pela segurança o chamou para acompanhá-lo, disse que havia batido em algo e ele foi junto averiguar. Munidos de uma lanterna observaram todo local. Nem sinal do cão. Voltaram para examinar o carro, o vidro estava inteiro, o maior impacto tinha sido no farol direito, este estava quebrado e com sangue escorrendo dele.

- Acho que depois da pancada o danado do cachorro foi embora.

Lucas olhou espantado para o rapaz:

- Você viu o cachorro?

- Sim, faz alguns dias que o bicho ronda por aqui, como ele sempre acompanha a doutora eu pensei que fosse dela.

- Não, ele não é dela. Eu acredito que ele a atacou, se o ver novamente não hesite em atirar nele. Ele é muito perigoso.

– Certo, doutor.

Lucas não perdeu tempo explicando ao rapaz que não era médico, entrou no hospital e foi ao encontro de Cláudia. Ela tinha sido levada à ortopedia e quando ele entrou na sala já estavam terminando de enfaixar seu tornozelo. Ele se aproximou da maca e foi agarrado num abraço desesperado. Embaraçado pelo gesto, na frente do médico e do enfermeiro, Lucas explicou:

– Ela tem pavor a cães e um a atacou no estacionamento.

– Isso explica o nervosismo dela, eu pensei que fosse devido à dor, tem pessoas que se desesperam quando sentem dor. Já administramos um analgésico e um sedativo, logo ela dormira um pouco.

– Eu agradeço muito doutor, ela precisa mesmo descansar.

– Quero ir pra casa. – Cláudia balbuciou, pois a sonolência provocada pelo calmante já a dominava.

– Lucas, não me deixe só.

– Não vou deixar, eu prometo que vou ficar com você o tempo todo.

Como o sono a dominou ela afrouxou o abraço e Lucas pode se soltar e deitou-a com cuidado.

– Vou pedir para trazerem a bolsa e outros objetos pessoais dela e você pode levá-la para casa. – Disse o ortopedista. – Não esqueça de que ela não deve se apoiar nesse pé por uma semana, e quando fizer que seja de forma gradual, sem firmar todo peso nele. Nós médicos nunca cuidamos muito bem da nossa própria saúde. Seja firme.

– Farei todo o possível para que ela repouse.

Lucas optou por um lugar onde ele pudesse

colocá-la para repousar e ainda ficar o todo tempo a seu lado, como não se sentia a vontade no apartamento dela, a sua casa seria ideal. Ela ficaria no quarto dele por ter cama de casal onde se apoiaria melhor, e ele usaria o quarto de Rebeca, já que a filha estava na casa da tia.

Ele fez como planejado, foi uma noite bem longa, ele dormiu pouco, pois Cláudia estava muito inquieta e chamava por ele dormindo. Ele até gostou de saber que ocupava os pensamentos dela. Como de costume, levantou cedo, preparou um café reforçado para sua paciente e levou para o quarto. Colocou a bandeja sobre o criado mudo. Ela ainda dormia e ele abriu a janela para arejar o quarto, esta dava para o pequeno jardim que ele fez para filha, o agradável perfume de rosas e jasmim inundou o ambiente. Já estava de saída quando a ouviu bocejar e gemer um pouco.

– Bom dia, dormiu bem?

Ela bocejou mais uma vez antes de responder.

– Como uma pedra. – Olhou em volta. – Onde estamos?

– Em minha casa, para ser mais preciso você está na minha cama.

– Quem disse que Deus não atende aos desejos de uma pobre médica? – Ela sorria, deu um tapinha no colchão num convite para que ele sentar-se ali. Ele sentou e depositou um beijo em sua testa. – Obrigado por cuidar de mim.

– Nem se apreze em agradecer. Eu recebi ordens expressas de seu ortopedista, para mantê-la presa a uma cama e é exatamente o que vou fazer.

- Me lembre de agradecer a este maravilhoso médico por nos dar uma idéia tão sugestiva.

- Cláudia!

- Nossa! Uma moribunda não tem o direito de se divertir um pouco?

- Tem sim. Mas não esse tipo de diversão, a senhora precisa de repouso.

- Vamos negociar melhor esses termos. Se você me der um beijo bem gostoso prometo ficar deitada aqui, bem quietinha.

- Só um beijinho de bom dia, certo?

- Certo.

Capítulo XIV

Eles nunca paravam em um só beijo. Cláudia e Lucas já estavam deitados lado a lado, trocando carícias, tão envolvidos que nem ouviram a porta do quarto se abrir. Foi o grito de susto de Teresa e os risos de Rebeca, que os trouxe a realidade. Lançando um olhar duro aos dois, Teresa saiu do quarto arrastando Rebeca.

- Ai! Eu quero falar com meu pai. - Disse Rebeca, já no corredor, tentando se soltar das garras da tia.

- Não é um bom momento, vamos esperar na sala.

Lucas tentou arrumar os cabelos passando os dedos por eles, levantou da cama com cuidado para não magoar o tornozelo de Cláudia, muito embora eles tenham se esquecido dele bem rápido.

- Desculpe, Cláudia, minha filha tem uma cópia da chave. O que eu não esperava é que ela viesse aqui tão cedo.

- Não se preocupe comigo, vá conversar com elas e esclarecer os fatos.

- Não há nada para ser dito. Nós fomos pegos numa cama, aos beijos. Não há como explicar isso!

- Claro que sim! Nos não fizemos nada de mais e você não dormiu comigo. Eu posso esclarecer isso se você quiser. - Cláudia segurou a mão dele. - Não quero que sua filha pense mal do pai.

- Cláudia, não houve nada ontem, mais hoje eu não estava disposto a parar, se elas não nos interrompessem eu ainda estaria nesta cama com você.

- Oh! - Cláudia não sabia ao certo se comemorava ou se desesperava com a decisão dele. Qual era mesmo a decisão dele? - Lucas você quer falar sobre isso?

- Sim. - Ele soltou sua mão. - Cláudia, ontem eu fui aquele hospital desesperado, com um medo terrível de lhe perder e disposto a lhe pedir em casamento.

- Oh!

- Daí aconteceu tanta coisa que nem tivemos tempo de conversar. Eu vim aqui hoje, disposto a falar sobre isso, aí você me beijou e os argumentos se foram. Não consigo pensar quando toco você. - Lucas tomou as mãos de Cláudia. - Cláudia você aceita casar comigo? Posso te dar um tempo pra pensar...

- Claro que aceito!

Ela respondeu tão rápido que ele demorou alguns segundos para assimilar a resposta. Ficaram algum tempo olhando um nos olhos do outro.

- Sei das nossas diferenças mais estou disposto a tentar.

- Nós vamos conseguir Lucas, porque nos amamos e o amor supera tudo.

- Andou lendo a Bíblia?

- Claro, estava me preparando para ser esposa de um pastor.

Selaram o compromisso com um beijo cheio de promessa e ternura, que mais uma vez foi interrompido pela voz de Rebeca.

- Pai termina logo de beijar ela, que eu quero falar com você!

- Desculpe, eu não consegui segurá-la na sala Lucas. Você sabe como sua filha é curiosa.

Lucas depositou mais um beijo na testa de Cláudia se levantou da cama.

- Bom dia, filhota. Isso é jeito de falar com seu pai?

- Bom dia e, benção, pai. - Pulou no pescoço do pai e deu-lhe um beijo estalado no rosto. Correu para a cama e deu um beijo no rosto de Cláudia. - Bom dia, doutora. Dormiu aqui?

- Rebeca! - Gritaram Teresa e Lucas ao mesmo tempo.

- Tudo bem. - Cláudia tranqüilizou Lucas com um olhar. - Rebeca eu dormi aqui ontem porque sofri um pequeno acidente e seu pai me trouxe para cá. Eu dormi sozinha nesta cama, ele deve ter dormido no seu quarto, e eu vim porque estou assim. - Cláudia puxou o lençol para que a menina visse as ataduras. Mostrou também os cotovelos e antebraços esfolados.

- Você se machucou feio. Como foi?

- Ela foi atacada por um cachorro enorme no estacionamento do hospital, o papai chegou antes que ele a mordesse.

- Por isso ela tava beijando você?

- Não, filha. O papai tem algo bem especial para lhe contar.

- Sei, vão se casar.

Cláudia e Lucas trocaram olhares de espanto.

- Como você descobriu isso, filha?

- Pai não foi você quem disse que casados namoram no quarto. Lembra que eu perguntei o que tia Teresa fazia fechada no quarto com o tio Luiz e você disse isso? Então, vocês estavam namorando aqui e aqui é um quarto, acertei?

Ambos ficaram vermelhos diante da lógica da menina, até Teresa que acompanhava tudo ficou embaraçada. Deu-lhes os parabéns, em seguida saiu arrastando Rebeca, que estava atrasada para aula.

Uma vez a sós eles tomaram o desjejum. Lucas a levou para fazer sua toailete no banheiro. Como ainda não eram íntimos ambos ficaram constrangidos e ele deixou-a sozinha.

Enquanto Cláudia fazia a toailete, Lucas foi à garagem observar o estado do carro a luz do dia. A frente do veículo estava bastante amassada, o que o levou a deduzir que o animal era grande e pesado, pois mesmo com a velocidade reduzida o estrago foi feio. Isso o incomodava muito, pois uma coisa era enfrentar uma batalha espiritual, outra bem diferente era lutar contra seres de carne e osso.

E aquele bicho era bem sólido para ser uma aparição! Cláudia corria perigo. Ele pediu a Deus

forças para protegê-la, logo seriam marido e mulher, e ele não ia falhar desta vez.

Capítulo XV

Cláudia estava radiante com os preparativos do casamento. Os noivos, em comum acordo, preferiram uma cerimônia simples e durante a semana, não fariam festa, apenas um coquetel para os convidados, servido no salão da própria igreja. A lista de convidados também foi bastante resumida. A família de Lucas, alguns amigos, a maioria deles pastores.

Cláudia convidou os avós. Nunca ficou muito à vontade com os primos e tios por isso não os convidou, também foram convidados alguns colegas de trabalho e todos que acompanhavam o caso Bia. Como o casamento seria realizado em uma igreja evangélica, ela achou melhor não falar nada com padre Manoel.

Já fazia duas semanas desde o incidente no estacionamento, Lucas evitava tocar no assunto e ela respeitou a decisão dele. No momento eles eram a prioridade e ela estava gostando muito de fazer as compras para a nova casa. Era uma experiência totalmente nova, fazer de uma casa vazia, um lar. Apesar das reclamações de Lucas, Cláudia conseguiu convencê-lo a deixá-la usar seu próprio dinheiro na decoração.

Faltavam apenas duas semanas para o casamento. E naquela manhã Cláudia ficou de passar

na casa nova para levar alguns dos presentes de casamento que haviam recebido. Já estava de saída quando o interfone de seu apartamento tocou, ela correu para atender a porta quando soube que se tratava de sua avó.

– Vovó! Que bom te ver. – Cláudia foi envolvida num abraço quente e fofo. Meredith, sua queria vó Meire, era carinhosa e acolhedora. Sempre com um sorriso na face, os cabelos tingidos de loiro, que já foram negros como a noite, viviam sempre escovados e num corte bem atual.

Vovó Meire gostava de se vestir com sobriedade e elegância, mesmo vivendo sempre acima do peso, seu bom gosto a tornava uma mulher bela com um charme ímpar. Muito querida e perseguida pela imprensa local.

– Você achava que sua avó ia perder a oportunidade de dar palpite em seu casamento?

– Tenho certeza que não! Foi muito bom você ter vindo, eu estava de saída para ver a casa nova. Você pode vir comigo, assim já fica sabendo meu novo endereço?

– Ótimo. Vou pedir ao meu motorista que nos acompanhe, posso ir no seu carro?

– Claro, vovó, vamos!

O percurso até a casa foi muito agradável, sua avó fez muitas perguntas sobre o noivo, o casamento e a nova casa. Cláudia procurou satisfazer sua curiosidade sem permitir que ela invadisse demais sua privacidade.

A casa ficava no bairro da Gruta, numa área de chácaras muito agradável. Lucas tinha comprado a casa antes de conhecê-la, por isso estava sem au-

tomóvel, vendeu o que possuía para completar o valor. Ele disse que na ocasião lhe pareceu um bom investimento, fez as reformas necessárias e tinha procurado uma imobiliária para alugar. Quando decidiram casar, a casa ainda estava desocupada e Cláudia se encantou do local e da sólida construção. A casa era térrea e cercada por varandas. Como o terreno em volta da casa também era arborizado, havia muita sombra para armar as redes e descansar. Lucas mandou reforçar o antigo muro e acrescentou cerca elétrica e câmeras de segurança no portão de entrada. Na verdade as mesmas medidas de segurança que a maioria da vizinhança possuía.

Como estava com muitos objetos para serem retirados do carro, Cláudia entrou e estacionou na entrada da garagem. O motorista, seguido do carro com os seguranças de sua avó, ficou do lado de fora do portão. Pelo olhar, Cláudia percebeu que sua avó gostou da casa.

– Claudinha, esta casa é perfeita para se criar um rebanho de crianças.

Cláudia sorriu e respondeu:

– Bem eu espero ter uma criança para começar. O rebanho nós vamos providenciando aos poucos. Fico feliz que você tenha gostado daqui, eu me encantei logo que vi toda essa paz. Aqui é simples, confortável e seguro, como tudo que envolve meu noivo.

– Você fala dele com muito carinho.

– Mas eu sinto muito carinho por ele! – Cláudia acompanhou a avó até duas poltronas de bambu, com almofadas bem fofas que eram seu local preferido para repousar, sentaram e foram agraciadas

com o delicioso aroma das mangas maduras de uma mangueira que ficava ao lado. – Vovó, eu nunca gostei de ninguém como gosto dele. Acho que o fato de estar me casando já demonstra isso.

– Seu avô ficou preocupado, você sabe que existe muita gente oportunista. Ele sabe dos negócios de seus pais?

– Sabe, eu contei a ele. Olhe, sei como todos devem estar preocupados, mas Lucas não é um golpista. Nós vamos nos casar com separação de bens e ele me fez prometer que viveríamos de acordo com o padrão social dele. Foi ele quem comprou esta casa. Eu só comprei pequenas peças para a decoração e tenho feito isso com meu salário. Nós concordamos que dá para viver bem com o que ganhamos sem depender das mesadas que meu pai manda. E eu quero estar bem com meu marido, quando aceitei casar com ele eu aceitei também o modo seu de vida. Eu lhe disse que ele também é pastor?

– Não! E fora ser pastor ele faz o que para sobreviver?

– Ele é professor universitário.

– E como vocês se conheceram?

– Foi em Viçosa... Cláudia fez um resumo de sua história com Lucas. – Sei que parece que tudo está acontecendo muito rápido, mas eu me sinto como se já o conhecesse a vida toda. Sabe vó, aqui no meu peito, eu sinto que ele é o companheiro que eu esperei a vida toda. E nada vai me impedir de tê-lo. Não pense que foi fácil convencê-lo de que eu era a mulher da vida dele.

– Filha, eu não a estou criticando, ao contrário,

estou muito satisfeita em te ver assim, tão feliz. E seus pais? Você ligou para dar a notícia?

– Não. Que diferença vai fazer para eles se caso ou continuo solteira? Eles têm a vida deles, com os valores e obrigações deles. Há muito tempo que eu não faço parte daquele clã. Gostaria que você o vovô respeitasse meu pedido.

– Vou pedir a seu avô que não interfira.

Ouviram vozes e som de passos se aproximando.

– Parece que você vai conhecê-lo vovó.

Lucas vinha por fora da casa acompanhado de Rebeca. Esta soltou a mão do pai e pulou no pescoço de Cláudia.

– Bom dia, Cláudia!

– Bom dia, meu amor. – Cláudia adorava o carinho que recebia de Rebeca. – Bom dia, querido. Esta é minha avó Meire.

Lucas cumprimentou a avó de Cláudia e deu um beijo na face da noiva.

– Não vou atrapalhá-las, só passei aqui porque não resisti o desejo de lhe ver. – Deu um beijo rápido na boca da noiva. – Vou levar Rebeca à academia. Nós vemos a noite?

– Você me pega em casa?

– Claro. Não quero você dirigindo sozinha a noite, só em casos muito especiais. Ligo mais tarde. A paz.

– Amém.

Depois que Lucas se foi, sua avó passou um tempo em silêncio. Cláudia conteve a ansiedade para não perguntar o que a avó achou dele. Droga! Lucas a fazia se comportar como adolescente.

– Antes que você estoure de curiosidade vou

dizer o que penso. – Sua avó fez silêncio e a olhou séria. – Se eu fosse trinta anos mais moça, esse homem tinha dona. E olhe que eu nem gosto muito de crente.

Ambas riram a valer. Para Cláudia era muito nova a sensação de se ter uma família, desde seu noivado, ela passou a se sentir assim, membro de um grupo, onde um se importa com o outro. Estava adorando a descoberta, esta sensação de ser importante, de fazer parte de algo. De ser especial. Devia a Lucas esta nova fase em sua vida. Ele a apresentou a toda sua família, ela foi muito bem recebida por todos.

Os pais de Lucas já eram falecidos, mas seus quatro irmãos e oito sobrinhos a trataram com muito carinho, eram convites para almoços, jantares, feriados. Lucas era o mais moço dos irmãos. Como era o único solteiro era mimado pelas quatro cunhadas, que se portavam como verdadeiras mães.

Toda família era evangélica, embora todos não pertencessem à mesma denominação. E Cláudia já estava se acostumando com a diferente rotina dos cultos que freqüentava. Ainda se emocionava com a beleza dos hinos e das pregações. Seu conhecimento bíblico tinha melhorado bastante, ela já se sentia cristã de coração. Independente de ter ou não Lucas em sua vida, o evangelho ficaria marcado nela para sempre. Amava ser evangélica, amava as igrejas e acima de tudo amava Jesus. Como explicar isso a sua avó? Era novidade demais até para ela mesma assimilar. Mais uma coisa não podia negar, estava muito feliz.

Num impulso deu um abraço na avó. Ao se afas-

tar percebeu que sua avó disfarçava algumas lágrimas. Como ela era parecida com sua mãe. O mesmo porte altivo, a beleza clássica nos traços. Contudo o olhar era diferente, havia no de sua avó um brilho de carinho, um afeto que sua mãe jamais possuiria.

– Eu desejo que você seja muito feliz! Você merece filha, durante todos esses anos nós nos preocupamos muito com você. Esse seu jeito independente e solitário. Cláudia você nunca permitiu que ninguém se aproximasse de você. Nós respeitamos a distancia imposta por você. Mas nunca concordamos com ela. Não sei o que aconteceu com você quando foi seqüestrada, mas você era uma menina. Filha, faz dezessete anos, não é hora de perdoar seus pais? Quem sabe esse casamento não é um bom motivo para reconciliação?

– Não! Nunca! – Cláudia se descontrolou, afastou-se da avó como se esta estivesse contaminada.

– O que você fez?

– Nada! Pare de tolices, Cláudia!

– Não! Eu quero saber. O que você fez? Ligou para sua filha? Contou do meu casamento?

Sua avó ficou calada olhando para os galhos da mangueira sendo agitados pelo vento.

– Você tem mantido todos eles informados da minha vida. Como você pode?

– Eles são seus pais. Tem todo direito de saber de você? Eles se preocupam com seu bem estar.

– Vá embora vovó.

– Cláudia, seja razoável.

– Vá. Você já sabe o suficiente para mantê-los informados, vá.

– Eles ainda não sabem a data do casamento. Eu fiquei de ligar para seu irmão informando.

– Faça como achar melhor.

– Cláudia, eu não menti para você, eu quero muito que você seja feliz.

– Quer mesmo? Então peça para eles me esquecerem. Eu morri aos treze anos.

– Cláudia não fale isso!

– Por favor, me deixe só. Não interfira mais na minha vida.

Dito isto deu as costas para a avó. Esta ainda se aproximou e estendeu as mãos para tocá-la, mas arrependeu-se deu meia volta e saiu.

Capítulo XVI

Cláudia passou toda a tarde deitada sozinha no quarto onde ocuparia com Lucas. Chorou bastante e adormeceu. Acordou assustada com o som de vidro quebrando. Demorou algum tempo para reconhecer o local onde estava, olhou pela janela, estava escurecendo. Foi até a porta do quarto e trançou com a chave, sentiu frio, o vento vindo da janela a estava deixando arrepiada.

A janela! Correu até a janela para fechá-la. Respirou aliviada, Lucas tinha mandado colocar uma grade de metal por fora das janelas.

Sentou-se na cama, abraçou os joelhos. Respirou fundo. Tinha que se acalmar. Entrar em pânico não ia ajudar em nada. Estava sozinha na casa,

não lembrava se tinha ou não fechado o portão quando sua avó saiu. Outro som de vidro quebrando. Alguém revirava sua cozinha. Passou a vista pelo quarto à porta estava fechada, correu para o banheiro e fechou a porta e sentou-se ao chão. Logo Lucas ia sentir sua falta e ali na casa seria o local onde ele iniciaria a busca.

Foi ali, sentada no chão do Box, que Lucas a encontrou, três horas depois. Colocou-a no colo e a levou para sua picape. Tinha se apegado tanto ao velho carro que o tinha comprado da firma de aluguel. Seu irmão, Joab, o acompanhou, e estava junto com os agentes da empresa que fazia a segurança da casa, fazendo uma varredura em todo local.

Não encontraram ninguém, e nada foi roubado. Os agentes chegaram à conclusão que foram moleques que acharam o portão aberto e entraram para bagunçar. A cozinha estava revirada. Como era o único cômodo que não tinha grade na porta, quebraram o vidro e entraram por ela. Lucas preferiu não fazer perguntas na frente da noiva, ela tentava disfarçar fazendo brincadeiras com os agentes, mas ele sabia que ela estava muito nervosa, já era tarde e ela passou muito tempo sozinha.

Na casa de Lucas, Cláudia foi acomodada em seu quarto, na companhia de Rebeca, ele foi para sala conversar com seu irmão.

– Ei, que tal um cafezinho.

Joab serviu-se de uma xícara e acompanhou o irmão até o terraço. Sentaram-se lado a lado nas cadeiras de ferro, não acederam às lâmpadas e a claridade vinha da luminária do poste na frente da casa era suficiente.

– Lucas, você parece preocupado com o que aconteceu hoje. Relaxe, foi só um susto e nada foi roubado.

– Você não acha estranho isso? Alguém invade minha casa, quebra uma porta para entrar e não leva nada.

– Meu irmão, eles devem ter ouvido algum barulho ou percebido a presença dela e foram embora.

– Eles não eram gente.

– Não! O que eram então?

– Um cachorro enorme.

– Lucas, como um cachorro ia quebrar uma porta de vidro?

– Você viu alguma pedra no chão da cozinha?

– Não.

– Você prestou atenção nas pegadas deixadas na cerâmica? – Joab fez que não. – Eram pegadas de cachorro. De um maldito cachorro que a persegue por todo lugar. Se ela não tivesse acordado com o barulho do vidro e fechado a porta do quarto, agora eu estaria chorando a morte dela. Eu não agüentaria perdê-la.

Joab abraçou o irmão. Ele só tinha visto o irmão deprimido daquele jeito quando ficou viúvo. Como irmão mais velho ofereceu todo apoio necessário. Apesar dos dez anos de diferença na idade entre eles, ele sempre foi o mais apegado ao irmão caçula. Era um admirador da força de caráter do irmão. Lucas era um homem cheio de ideais, já Joab era mais de ação. Era cristão, mas não tinha a religião como prioridade em sua vida. Tanto que se dedicava mais a carreira de advogado e a família. Tinha uma esposa encantadora e duas filhas lindas.

– Lucas, por que você não me conta toda essa história desde o princípio, para que eu possa compreendê-la melhor?

Lucas sentou-se novamente e contou ao irmão quem era Cláudia, o que aconteceu com a assistente dela e toda história do cão que a perseguia.

– Joab, eu não preciso lhe dizer que isso é um assunto sigiloso. Cláudia confia em mim para protegê-la e se as pessoas soubessem quem ela realmente é, ela nunca estaria segura neste país.

– Não vou comentar este assunto nem com minha esposa. Mas mano, que história! A rica herdeira e o pobre pastor. Parece até romance gótico.

– Não brinca, isso é muito serio.

– Eu sei que é. Você pode estar colocando sua vida em risco e a de Rebeca também. Você vai mesmo se casar com ela?

– Claro que vou.

– Lucas pense bem. Nos não somos ninguém diante do poder econômico dessa gente. Sei que ela é bonita, um mulherão, mas você não precisa casar com ela. Se a deseja, tudo bem durma com ela. Tenha um caso, quando terminar peça perdão a Deus encontre uma boa mulher do nosso nível e case. Ninguém vai condená-lo por isso. Você não é um santo, Lucas. É apenas um homem com as mesmas fraquezas dos outros.

– Eu fui ordenado pastor!

– Eu também. Mas quando percebi que eu queria viver mais para mim eu larguei o ministério e construí minha carreira. Não estou em pecado. Sou casado, trabalho duro para sustentar minha família. Creio que Deus me abençoa por isso. Já você

fica aí, sofrendo para se manter casto, enquanto sua noiva dorme com sua filha. Eu vejo como vocês se olham. Ela quer você.

– Eu também quero. Mas tudo tem um tempo debaixo do céu. Eu sinto que preciso fazer as coisas direito com ela.

– Como se você já tivesse feito algo errado só para variar?

– Fiz, todo mundo erra. Mas desta vez eu quero manter as coisas funcionando como devem. Vou casar, vou ter outros filhos, vamos vencer cada barreira por vez. Se tiver alguém tentando matá-la essa pessoa não conhece a minha perseverança em mantê-la viva. E se for algo espiritual vou estar preparado para a batalha. Deus vai guerrear por mim, eu fico aqui guardando a e aguardando na palavra de Deus.

– Lucas, o que você vai fazer quanto à segurança dela?

– Vou trazê-la para morar aqui. – Diante do sorriso cínico do irmão ele acrescentou. – E você vai antecipar nosso casamento, acho que três dias são suficientes para terminarmos os preparativos.

– Vou fazer o possível.

– Joab, uma vez na vida faça algo impossível acontecer.

E aconteceu.

Três dias depois, na igreja Batista do Farol, era celebrado o casamento de Lucas e Cláudia. A cerimônia foi simples e contou com a presença da família de Lucas, alguns colegas de trabalho de Cláudia.

Os avós de Cláudia chegaram ao final da celebração, acompanhados por uma celeuma de seguranças e alguns tios e primos. Passado o choque inicial todos relaxaram e aproveitaram a oportunidade de se conhecerem.

Cláudia teve que admitir que as cunhadas eram imbatíveis em preparar festas de última hora. A recepção estava impecável. O Buffet contratado era muito eficiente e a comida de excelente qualidade. Deu até para fazer um bolo de casamento. Cláudia apegou-se a idéia de antecipar o casamento por motivos de segurança.

Ela temia que de alguma forma os pais atrapalhassem seu casamento e o mesmo já estando sacramentado eles nada podiam fazer, Ou podiam?

Quando se aproximou da mesa dos avós estremeceu um pouco, mas disfarçou mantendo um sorriso no rosto. Foi recebida com beijos abraços e votos de muita felicidade. Seu avô disse que queria conversar em particular com Lucas.

Como ela foi cercada pelas cunhadas e sobrinhas que queriam que jogasse o buquê, não pode acompanhá-lo.

Lucas acompanhou o Deputado até um banco que ficava fora do salão de festas da igreja. Percebeu que os seguranças se moviam discretamente entre os convidados e não perdiam nada de seus olhos treinados.

- Bem, vou direto ao ponto. Seu nome é Lucas?

Lucas assentiu.

- Lucas, agora você é marido de minha neta, então faz parte da família e com minha família eu

vou direto ao assunto. Por que este casamento apressado? Engravidou minha neta?

- Não!

- Então porque apressaram um casamento que já estava indo depressa demais?

- Deputado...

- Pode me chamar de João.

- Dr. João, também sou um homem muito objetivo. Eu apressei este casamento porque eu queria que Cláudia viesse morar comigo o mais rápido possível. Ela não estava segura morando sozinha.

O homem mais velho calou-se e ficou observando a neta caminhando entre os convidados. Lucas pensou até que ele tinha esquecido sua presença, pois demorou muito tempo calado.

- Ela é linda.

Lucas pensou não ter ouvido direito, mas o outro repetiu e apontou para Cláudia.

- Ela é linda. É a única dos meus netos que nasceu loira como eu. Toda minha família é morena. Sabe, Lucas? Cláudia veio morar comigo quando tinha treze anos. Minha filha a trouxe e explicou que ela estava traumatizada por causa de um seqüestro. Era magrela, uma massa de cachos loiros e um rosto coberto de lágrimas. Mudamos o nome dela, ela passou a morar comigo e a avó. Levamos um mês para que ela dissesse uma palavra e ela disse uma frase toda. - Me proteja deles.

João Bastos enxugou os olhos com um lenço que retirou do paletó.

- Eu fiz tudo o que pude para mantê-la segura. Até que foi estudar longe e caminhou com os próprios pés, mas tem algo que ela não falou algo que

esconde. Sei que a família de minha mulher é cheia de mistérios. Um bando de europeus loucos, que não sabem o que é paternidade. Tem os filhos e os mandam pelo mundo. Lugar de filho é com os pais, você compreende isso? Eu soube que cria uma filha. Vi também como sua família acolhe minha neta. Espero não estar enganado, mas tive informações de que você é um bom homem. Você a ama?

- Muito. Eu passei mais dez anos esperando por ela e não sou um homem de descuidar do que é meu. - Fez uma breve pausa. - Ela me falou pouco dos pais e pra mim não faz muita diferença quem eles sejam ou que tenham ou deixem de ter. Não entrei neste casamento para mudar minha situação financeira.

- Acho que eu não dei essa impressão.

- Não, mas eu sei que é isto que a maioria das pessoas pensa. Amo Cláudia e vou descobrir quem quer matá-la e por que.

- Tentaram matar minha neta?

- Sim, três vezes, em duas delas eu estava lá para impedir.

- Como foi?

- Sei que parece estranho, mas alguém treinou um cachorro enorme para segui-la e atacá-la.

Lucas pensou que João Bastos ia desmaiar tamanha a palidez.

- Tem certeza que era um cão?

- Tenho, eu o atropeliei com meu carro. Desde então faço de tudo para não deixá-la sozinha.

- Ela sabe disso.

- Sabe, ela concordou em ficar na minha casa

até o casamento, mas eu tenho uma filha e não ficava bem minha noiva morar comigo sem casar.

- Minha esposa falou que você é pastor.

- Sou e procuro viver segundo minha fé.

- Isso é muito bom, um homem deve viver aquilo que acredita.

- Dr. João, o senhor quer tomar um fresco? Podemos falar sobre isso outro dia. Hoje é meu casamento lembra?

- Sim, claro.

- Vou buscar o fresco?

- Não, eu estou bem. - João Bastos levantou e tocou o braço de Lucas. - Lucas, quando terminar a lua de mel me procure. Posso lhe ajudar a proteger a menina.

- Não se preocupe, eu contratei uma empresa de segurança monitorada para nossa casa e eu acredito que anjos do Senhor nos guardam dia e noite.

- Amém, meu filho.

Dito isto, João Bastos voltou para a recepção, Lucas o seguiu. Este era seu grande dia, ou melhor, sua grande noite. Aproximou-se da noiva, ela estava maravilhosa naquele vestido branco, que se moldava a cada curva daquele corpo escultural até a altura dos quadris, lá a saia se abria formando uma cauda. O vestido era trabalhado em pedras e bordados. Lucas sabia que tinha custado uma fortuna. Mas Cláudia podia usar seu dinheiro como bem quisesse. Esse foi o acordo que fizeram, viveriam de acordo com as posses dele e ela disporia de seu patrimônio como desejasse.

Ela estava incrível e agora era sua esposa, sua diante de Deus o dos homens. Nossa como estava

bonita! Como uma mulher podia ser tão bela? Não, bela era ficaria quando tirasse aquele vestido e todos os grampos do elaborado penteado. Com este pensamento pouco ortodoxo, Lucas beijou a face da noiva e colocou-se a seu lado.

Capítulo XVII

Miguel dos Anjos Silva, chegou a Maceió exaustivo, a viagem de Manaus até Salvador foi muito cansativa e o vôo saiu com mais de quatro horas de atraso. E de Salvador até ali, tinha vindo de helicóptero. E logo ele que detestava esse tipo de transporte! Tinha uma verdadeira fobia.

Mas seu semblante não revelava nenhuma emoção, seus muitos anos como major do exército lhe ensinaram a não revelar suas emoções. Tinha acabado de deixar o exercito daí aquele convite inesperado para uma caçada. Não tinham especificado que tipo de animal ia caçar, mas pelo dinheiro que ofereceram ele caçaria até dinossauros.

Depois de tantos anos vivendo nas regiões remotas da Amazônia, caçar era para ele sempre uma boa aventura, tinha realizado muitas caçadas com o objetivo de se alimentar ou levar o animal para uma região mais apropriada, longe do convívio humano.

O que lhe doía à cabeça era que tipo de animal se encontrava naquele paraíso tropical, repleto de praias e lagoas. O pouso foi tranqüilo, aquele lugar parecia uma usina de moagem de cana-de-açúcar,

sim, agora ele se lembrava de seu amigo ter lhe explicado que o contratante era um usineiro.

Foi escoltado por um rapaz moreno com cara de desconfiado até uma sala que parecia ser o escritório. Uma mulher de baixa estatura e excessivamente maquiada, o anunciou num interfone. Logo ele foi conduzido até o escritório de seu contratante.

Miguel encontrou três homens sentados, em volta de uma mesa de reuniões, o aguardando. O mais velho aparentando uns setenta anos se apresentou como o deputado. Apesar da idade sua mão era firme e o olhar muito astuto. Este apresentou o mais jovem como marido de sua neta, este deveria ter uns trinta e poucos anos e o outro de mais de quarenta, como irmão do mais jovem.

– Seu nome é Miguel. – Começou o homem mais velho. – Tive boas referencias suas, como ótimo segurança e caçador.

– Creio que ouve um equivoco aqui, eu não trabalho como segurança. Eu vim fazer esta caçada porque foi um pedido pessoal de alguém muito querido para mim. Normalmente eu não faça esse tipo de trabalho.

– Creio que o valor oferecido vai compensá-lo por abrir esta exceção.

– Senhor, eu vim mais pela amizade, um amigo muito próximo me pediu discrição para realizar este trabalho. Mas já que eu estou aqui não seria melhor vocês me exporem o que tem em mente?

O homem mais jovem se levantou foi até um televisor, o ligou e uma imagem de câmara de segurança que começou a passar na tela.

– Esta imagem é uma cópia, que eu pedi ao

segurança do hotel onde eu me hospedei em minha lua de mel. – Ele deu uma pausa no filme. Mostrava a imagem de uma mulher loira, muito bonita que abria a porta de um dos quartos. – Esta é minha esposa.

– Que cara de sorte! – Pensou Miguel. O outro continuou o relato.

– Ela voltou a nosso quarto para buscar uma máquina fotográfica e eu fiquei aguardando na recepção do hotel. Agora preste atenção, o elevador vai abrir e uma moça com o mesmo modelo de saída de praia vai passar no corredor.

O filme continuou uma jovem loira com uma canga da mesma cor da anterior, saiu do elevador. Assim que as portas se fecharam um enorme animal pardo pula sobre ela. A jovem num gesto instintivo ergue os braços na frente do rosto. O bicho arranca um dos pulsos e o punho com a mão cai ao lado. Em seguida a fera passar a estraçalhar o corpo da moça como se fosse uma boneca de pano. Pára de repente, olha para câmera como se soubesse que estava sendo observado, daí à porta do quarto da frente se abre e a fera e a mulher se encaram.

Miguel percebeu no olhar da mulher algo mais que medo, reconhecimento. Não era a primeira vez que se viam. Quando a fera se prepara para pular sobre mulher, seu corpo é sacudido por um tiro no coxão traseiro, o animal se joga através do vidro de uma janela. O filme termina.

A voz do homem continua o relato.

– A moça não resistiu aos ferimentos, já o maldito cão fugiu, caiu do terceiro andar do hotel e sobreviveu.

– Quantos ataques sua mulher já sofreu?

– Quatro com esse.

Miguel encarou o homem, este parecia realmente desesperado, mas havia também nele uma paz, algo que ele não sabia definir e ele sempre foi muito bom em julgar o caráter das pessoas.

– Seu nome é?

– Lucas.

– A mulher na fita é sua esposa?

– Sim, faz um mês que estou casado.

– Ela sabe que vocês estão me contratando? – Com o silêncio que se seguiu, Miguel deduziu que não. Eles estavam escondendo alguns detalhes daquela mulher.

– Não, minha esposa acha que aquele cão morreu da queda e eu prefiro que ela continue acreditando nisto. Eu tenho uma filha de doze anos. Da pra imaginar o pânico das duas. Cláudia sabe que corre perigo, mais é menos assustador para ela imaginar que outra coisa pode pegá-la, não este cão nojento. Você acredita que ele lhe segue a mais de um ano.

– Então ele não quer matá-la, só assustá-la.

– Como não quer matá-la! Você viu o vídeo, viu o que ele fez a outra mulher? Você acha que ele estava brincando?

– Não. Ele sabia que não era sua mulher.

Lucas levantou-se e se pôs a caminhar pela sala.

– É um maldito cachorro. Como ele sabia que não era minha mulher, quer dizer que o bicho tem consciência?

– Não, o maldito animal tem instintos, um faro aguçado, uma audição que é capaz de ouvir as batidas de seu coração. Ele sabia que não era ela. Coloque o fim do filme.

Lucas colocou.

- Observe que ele para de morder depois olha para câmera. Quando ele para de morder ele sabe que sua mulher se aproxima, ele ouve os passos, sente o cheiro dela se aproximando da porta, veja ele olha para porta antes mesmo dela abri-la. Ele sabe. Quando ela aparece, ele passa a observá-la. Se ele lhe quisesse morta tinha atacado sem hesitação. Eu sei o que digo, nenhum predador hesita diante da presa.

- O que me aflige é pensar na mente por trás da fera. Quem treinaria uma criatura para atormentar a vida de alguém assim? Você consegue imaginar uma mente doente a ponto de fazer isso?

- Disse o Deputado.

- Vocês ficariam chocados se eu contasse o que eu já vi seres humanos fazerem por prazer.

- Você vai pegar o serviço?

- O que vocês querem que eu faça?

- Quero que você seja o novo segurança de minha mulher. Quero que você pegue o animal vivo e através dele eu quero apanhar o dono.

- Olhe, eu não quero ofender, mais não vou passar o dia seguindo uma Patricinha fazendo compras no shopping. Contrate uma agência.

- Já contratamos. Mas precisamos de alguém que saiba caçar animais, não ladrões e minha mulher é médica, raramente faz compras.

- O que o senhor vai fazer agora que saiu do exército? - Perguntou o deputado.

- Comprar umas terras no Mato Grosso, criar umas vaquinhas. Ter contato com a natureza.

- Bom, mas daqui a alguns meses este caso vai

estar resolvido, suas terras vão poder ter uma localização melhor, suas vacas podem ser de uma raça premiada. Acredite em mim, quando temos dinheiro no bolso à paisagem fica mais bonita.

Miguel admitiu que o deputado tinha razão, ele não tinha nada nem ninguém esperando por ele, então tempo não era o problema. Aquele era um bom desafio, nunca tinha caçado um animal tão fascinante.

- Tudo bem, eu pego o serviço. Mas não trabalho sozinho e quero escolher minha equipe pessoalmente.

- Feito, meu irmão Joab é advogado e vai lhe explicar os termos do contrato. Estou lhe aguardando lá fora. Não é necessário que o senhor fique em um hotel. Nós temos uma casa de empregada que está vazia, tem um quarto, sala, cozinha e um banheiro, fica nos fundos de nossa casa. As suas refeições podem ser feitas conosco, o senhor vai perceber que somos gente muito simples.

Eis aí algo que Miguel não acreditava, na simplicidade daquela gente.

Pouca coisa nesta vida surpreendia Miguel, mas o convívio com a família de Lucas era surpreendente.

O cara era pastor evangélico, dava pra crer nisso?

Um pastor!

A casa era confortável e simples, o casal parecia muito unido. Tudo lá era feito em um clima de paz e harmonia. Não dava pra acreditar que aquela gente estivesse passando por algum tipo de crise.

A mulher era encantadora, simpática e pelo que pode observar totalmente dedicada a família e ao trabalho. A casa vivia sempre cheia, uma multidão de parentes e amigos se revezava para não deixá-los sozinhos. Havia uma solidariedade tocante entre aquela gente. Miguel até já sabia uns hinos e vez ou outra ajudava Rebeca na tarefa da escola. Ele se encantou pela garota sapeca que o chamava de Tio Miguel.

Um mês e nem sinal da fera.

Capítulo XVIII

Fazia vários dias que seu Jerônimo procurava um jeito de sair a sós com a filha. Como tinha tirado a carteira de motorista, tinha o motivo perfeito para dispensar o motorista. Esperou pacientemente que ela descesse para o café da manhã. Ela estava muito pálida e magra. Na maioria das vezes se servia automaticamente dos alimentos e não tocava em nada. Nesta manhã não foi diferente. Ele aproximou-se dela, deu-lhe um beijo na face fria.

- Bom dia filha. Notei que você não está comendo direito. Isso não é ruim para o bebê?

- Não sinto fome. Está tudo bem.

- Não, você precisa de um banho de sol e pedir aquele médico que lhe de uns fortificantes. Isso! Vou chamar aquele segurança que não faz nada para levá-la ao médico.

Saiu e voltou acompanhado de Zumbi:

- Veja a menina não come nada, deste jeito meu neto não vai nascer sadio. - O homem macilento olhou bem para a magreza de Jaciara e pela expressão de sua cara encovada o argumento de seu Jerônimo fazia sentido. - Você deve levá-la ao médico antes que ela morra de fome e mate a criança junto.

- Eu não vou a médico nenhum! - Disse Jaciara amuada. O Zumbi saiu da sala e voltou trazendo o telefone e entregou-o a Jaciara. Ela atendeu e repetiu que estava bem e não queria ir ao médico.

- Menina teimosa, olhe você deveria ir ao tal médico e pedir a ele as vitaminas. - Disse seu Jerônimo ao homem. - Fale para seu patrão.

O homem pegou o telefone da mão de Jaciara e saiu da sala. Minutos depois ouviram o barulho do carro saindo da garagem.

- Filha, vamos tomar um pouco de sol. Você não negaria isso a seu pai, negaria?

- Só por alguns minutos e depois você me deixar em paz.

- Claro que deixo, vamos.

Saíram da casa e se puseram a caminhar pela calçada arborizada, dentro do condomínio. Como a saída era perto seu Jerônimo deixou a filha sentada em um banco sob uma árvore e foi até a guarita da entrada. Lá pediu ao porteiro que chamasse um táxi, pois a filha grávida não estava passando bem. Voltou e sentou-se ao da filha.

- Filha, fui perguntar ao guarda se ele tinha chicletes, lembra que você sempre sentia fome quando mascava chicletes?

- Lembro sim. - Disse isso e aceitou um tablete.

Mascou algumas vezes e desmaiou nos braços do pai. – Desculpe, filha. O homem me garantiu que essa droga só vai fazer você dormir.

Nisto o táxi chegou e seu Jerônimo deu o endereço da clínica. Claro que lá pediria outro táxi e seguiria para o endereço combinado. De lá sumiria no mundo com sua filha.

Quando a filha acordou, já estava no hospital.

– Pai onde estamos? O que ouve?

– Você desmaiou. Eu avisei que você estava muito fraca, agora nos estamos no hospital, não se preocupe o médico já lhe examinou e disse que você precisa tomar um soro com vitamina e pode ir para casa.

Jaciara não respondeu, apenas fechou os olhos, resignada. Quando aplicaram o soro ela voltou a dormir, logo o médico entrou na sala, médico não era bem o termo, ele já tinha o registro caçado por pratica ilegal de abortos. Mas o homem era bom no que fazia.

– Bom dia, trouxe o dinheiro?

Enquanto fazia aulas na auto-escola seu Jerônimo aproveitou para discretamente vender alguns eletros eletrônicos, algumas das bebidas mais caras que estavam no bar e claro, as jóias que a filha ganhava com frequência do pai da criança. Com a apatia que a moça vivia nem sentiu falta de nada. E numa jogada de mestre tinha vendido o carro, certamente há essa hora o dono estava na porta da casa esperando o carro e os recibos. Não foi difícil convencer o vizinho a comprá-lo, o carro era novo. E ele alegou que ia vender para separar a filha da lembrança do marido morto, e faria uma surpresa para ela.

O homem se compadeceu e lhe adiantou sessenta por cento do valor da compra. Munido desse dinheiro, que trazia em espécie consigo, ele estava pronto para recomeçar uma nova vida ao lado da filha.

– Claro doutor, trouxe em espécie como o senhor pediu. Dou metade agora e metade quando a menina tiver alta.

O médico ficou em silêncio por alguns instantes ponderando a proposta, como a moça estava no fim do sexto mês, faria uma cesariana.

– Certo. Vou aceitar sua proposta. – Pegou o dinheiro, contou e perguntou: – Vai querer que a moça ainda tenha outros filhos?

– Não! Pode tirar tudo.

– Certo. Vejo que o senhor é um homem prudente.

– Doutor, a criança não deve sobreviver. É muito importante e estou pagando mais do que me pediu.

– Considere feito.

Capítulo XIX

A recuperação de Bia surpreendeu a todos. Desde os resultados dos exames até a cicatrização das feridas.

A moça que chegou ao hospital mutilada, agora encantava a todos com seu jeito dócil e meigo. Nunca reclamava de nada, não demonstrava descon-

tentamento com nenhum tipo de exames. Suportava tudo com um sorriso terno no rosto, que aos poucos recuperava a beleza original. Dois meses de internamento, cinco cirurgias, sendo duas ortopédicas e três plásticas. Bia era uma sobrevivente.

Padre Manoel e irmã Matilda vinham visitá-la uma vez por semana, seus pais vinham com mais frequência. Todos se esforçavam para alegrá-la, ninguém perguntava nada sobre o período que passou desaparecida. Mesmo que perguntassem, ela não se lembrava de nada. Só de raros momentos de lucidez, quando ouvia vozes, daí silêncio novamente.

Agora Bia estava no jardim do hospital, Miguel o novo motorista da doutora lhe fazia companhia, há um mês o bom homem a trazia todos os dias para tomar sol.

– Irmã Bia, a senhora quer entrar? Tenho que levar a doutora para casa e não quero deixá-la aqui.

– Obrigada Miguel, mas eu gostaria de tentar ir andando. A doutora falou que eu preciso me exercitar para que minhas forças voltem.

– Deixe-me ajudá-la a se levantar.

Beatriz foi envolvida pelos braços fortes de Miguel. Mesmo com tanta força física ele possuía um toque delicado, suave. Era bastante agradável ser amparada por ele.

Quando chegaram ao quarto que ficava a uns dez metros do jardim, Bia estava exausta. Miguel a ajudou a deitar, Cláudia chegou e juntos ajudaram a paciente a ficar confortável.

– Beatriz eu tenho uma ótima notícia para lhe dar. – Cláudia sorriu para a moça. – Mais tarde

tiraremos estes ferros do seu braço e na semana que vem você pode ir para casa.

Bia ficou em silêncio. Onde era sua casa agora? Não se sentia pertencendo a lugar nenhum, só aquele hospital.

Miguel dirigia em silêncio. Ele tinha muita vontade de fazer perguntas sobre o caso da freirinha. Soube através dos rumores que circulava nos corredores do hospital, que ela chegou ali grávida e muito machucada.

Alguns diziam que ela ficou sumida por seis meses. Outros que fugiu com motoqueiros de gangs, que usou drogas e coisas assim, outros diziam que engravidou de um Padre e a congregação a espancou.

Ele só ouvia. Seu objetivo ali era manter a doutora a salvo. Mas quando ele via a pureza nos grandes olhos verdes da garota, sentia um desejo incontrolável de protegê-la. Nenhuma mulher, independente do seu pecado, merecia ser espancada como aquela moça tinha sido.

– Doutora a senhora poderia me falar um pouco da irmã Beatriz?

– Claro. O que exatamente você quer saber?

– Existem muitos rumores sobre ela. Eu gostaria de saber o que aconteceu para ela ficar naquele estado?

– Eu posso lhe dizer que ela foi seqüestrada quando voltava para o convento. Quem e porque, onde ou como isso foi feito nem ela deve saber, mas machucaram muito aquela moça. Eu cheguei a pensar que ela não resistira aos ferimentos, mas

posso lhe garantir que ela lutou bravamente contra quem a levou, a prova disso são as fraturas nos braços. Beatriz é uma guerreira!

- E o que vai ser feito dela agora?
 - Acredito que ela vai voltar para o convento.
 - Mas ela não engravidou neste período?
 - Miguel, eu não posso revelar coisas da vida dela que eu só sei por ser sua médica.

- Desculpe. Mas todos falam que ela perdeu um bebê. Então a senhora não está quebrando ética nenhuma me revelando isto. O que eu quero saber é se vão aceitá-la naquele convento.

- Não vejo motivo para não aceitarem, o que aconteceu com ela foi uma fatalidade. Ela não pode ser responsabilizada por isso.

- Seu amigo padre disse isso?
 - Sim. A madre também a quer de volta.
 - Obrigado, doutora, e desculpe a minha curiosidade, mas ela parece uma moça tão boa!

- Nem se preocupe com isso. Bia é um amor, todos se encantam com seu jeito doce. Miguel, vou passar à tarde em casa com meu marido. Só nós dois. Você pode tirar o resto do dia de folga.

- Seu marido sabe que está me dispensando?
 - Foi idéia dele.

Miguel se conteve para não rir do jeito maroto da doutora. Quem podia culpá-los? Ainda estavam em lua de mel e nunca tinham um tempo para ficarem sozinhos. Ele ia sair, tinha uma investigação para fazer. Fechados dentro de casa ambos estavam seguros.

Miguel foi procurar algumas respostas.

Capítulo XX

Jaciara acordou. Ouviu som de vozes que discutiam exaltadas ao seu redor. Manteve os olhos fechados. Era mais sensato não atrair a atenção deles para si.

- Lúcius, eu não quero um cadáver aqui no hospital. Leve-os para onde você achar melhor.

- Está se voltando contra mim, doutor?

O médico baixou o olhar num gesto de falsa submissão.

- Mestre, eu nunca me rebelaria diante de sua autoridade. Mas, existem forças acima da sua. Eu fui pressionado a destruir sua cria. O senhor sabe que o menino não ia sobreviver. Ela, - apontou para Jaciara. - não tem a carga genética para conceber um ser espiritual.

- Lenda. Nós demônios somos cercados de muitos mitos.

- Mas a entrada para esse mundo tem que ser feita pela Porta, senão ele não seria legítimo.

- Estou farto desta história de portas.

O Mestre fitou as próprias unhas com ar de desdém.

- Para mim ausência de parede pode ser uma boa porta.

- Mestre a Porta existe e só o escolhido pode passar por ela.

- Eu me escolhi para mim isso basta.

Mestre fez um gesto dispensando o homem. Antes que ele saísse do quarto, perguntou:

- Doutor, nós já fizemos um pacto de sangue?
 - Sim. Eu e minha casa o servimos a muitas gerações.

- Ótimo! Então não há problema se eu levar o que é meu.

- Não, não vejo motivo para objeções. - O médico se referia à paciente.

- Melhor assim.

Lúcius tomou o pulso do médico. Os dois homens macilentos que sempre o acompanhavam, seguraram o doutor com os braços abertos.

- Segurem-no. Quero que ele conte quantas contrações seu coração fará em minha mão.

Os olhos do médico se arregalaram. Lúcius introduziu a mão em seu tórax e retirou dele o coração, que pulsava ainda.

- Mestre, temos que deixá-lo partir.

- Não! O coração ainda pulsa e ele está contando.

- Mestre, não podemos segurar o espírito dele por muito tempo, é a lei.

- De que adiantou a Grande Rebelião se o Grão ainda dita regras para os caídos? Se a alma dele me pertence, o espírito devia vir para mim, não dormir e aguardar um julgamento onde com certeza ninguém vai ser absolvido.

Soltou o coração do homem no chão e lambeu os dedos. Sangue humano tinha um gosto tão bom!

- E ela?

- Esperem o pai chegar e matem os dois. Quero que ele assista a filha morrer e podem brincar com ela antes de matá-la.

Jaciara que ouvia tudo ficou aterrorizada. Com

movimentos suaves para não chamar a atenção, apertou insistentemente à campainha. Pediu em pensamento que alguém ouvisse seu chamado e viesse socorrê-la.

O som de vozes e o entre e sai no quarto, lhe deu coragem para abrir os olhos. O corpo do doutor estava caído ao chão, mas não havia marcas de sangue. Um homem alto, muito atraente se aproximou da cama.

- Você está bem?

Mesmo com a boca seca pelo medo Jaciara pode responder.

- Sim, o que houve?

- Parece que seu médico teve um infarto bem aqui, no seu quarto. Como você tocou a campainha, a enfermeira veio e o achou no chão. Infelizmente não deu tempo de salvá-lo.

- Devo ter apertado involuntariamente.

- Tudo bem volte a dormir.

- Não, eu preciso sair daqui.

- Calma você está segura aqui.

- Não, ele quer me matar.

- Ei, você acaba de acordar, deve ter tido um pesadelo, o fato de um homem ter morrido no seu quarto também não ajuda muito, mas acredite ninguém vai machucá-la aqui.

- Meu pai...

- Calma eu vou ficar aqui com você até seu pai voltar. Ah, meu nome é Miguel e o seu?

- Jaciara.

Apesar de todo medo. Seu corpo não resistiu ao stress cirúrgico e aos medicamentos e Jaciara adormeceu.

Miguel tinha acabado de chegar ao hospital quando ouviu o som de gritos dentro de um dos quartos. Correu até lá e encontrou um dos obstetras do hospital morto. A jovem que ocupava o quarto estava muito assustada e ele resolveu fazer companhia. Uns trinta minutos depois o pai da moça retornou. Ele resolveu procurar Beatriz.

Tinha vindo da cidade dela, lá fez algumas investigações, mas havia perguntas que só ela poderia responder. Como já passava das dez horas da noite achou melhor não acordar a freira. Deitou-se no sofá da ante-sala do quarto e aguardou, ia passar a noite ali. Não voltaria para casa de Lucas, o casal merecia um tempo só para si. Fechou os olhos e dormiu.

Acordou sentindo muito frio. A porta de comunicação com o quarto de Beatriz estava aberta. Miguel levantou sem fazer ruído e entrou. Vazio! Olhou o banheiro, também não havia ninguém. Onde ela estaria? Saiu para o corredor, ouviu vozes vindas do jardim, alguém cantava uma canção de ninar.

Bia, sentada em um dos bancos de pedra do jardim, acariciava algo em seu colo e cantava suavemente. Miguel se aproximou devagar, por instinto procurou ficar contra o vento e oculto nas sombras. De onde estava ele podia ver somente uma enorme cauda escura se agitando de um lado para o outro, contrastando com a bata clara que a moça usava. O animal sentiu sua presença e se afastou de Beatriz.

Ela continuou cantando como se estivesse num transe. Miguel reconheceu o animal, puxou o re-

vólver que trazia na cintura e mirou entre os olhos. O cão caiu sem um grunhido. Ele deu mais um tiro na cabeça, para ter certeza de que o matara.

Bia acordou do transe e se levantou a frente de sua bata estava molhada de sangue. Miguel a colocou no colo e voltou para o quarto. A moça mantinha os olhos abertos fitando o teto. Seus lábios se moviam repetindo sempre a mesma frase:

- O mestre me encontrou... O mestre me encontrou...

Miguel despiu Beatriz, precisava estancar o sangramento. Parou estarrecido diante da nudez da jovem. Seu abdome tinha marcas de uma incisão cirúrgica na região pélvica. Um dos seios não tinha bico, só uma grotesca cicatriz e marcas saradas do que pareciam mordidas, algumas na barriga outras nas coxas, quadris e nádegas. Como aquela moça tinha sofrido. Tão linda e tão jovem, só uma pessoa doente poderia fazer aquilo. Fez uma busca minuciosa, não havia sinal de corte recente.

Como era de se esperar o hospital havia acordado. Os rapazes responsáveis pela segurança do lugar o chamaram, ele cobriu Bia e saiu do quarto.

- Rapazes, eu matei um cachorro o corpo está no jardim.

- Nos já encontramos a carcaça.

- Certo, deixem lá e não toquem em anda. Peçam para que seja feita uma busca no hospital, acho que alguém foi atado por ele.

- Sim senhor, vamos fazer o que pede.

Miguel voltou para junto de Beatriz. Uma jovem enfermeira tinha trocado a roupa e lhe aplicava uma medicação injetável.

Miguel segurou a mão da moça:

– O que é isso?

A jovem olhou assustada.

– Um sedativo. Como ela tem dificuldade para dormir a noite, nós aplicamos este medicamento, como foi uma noite agitada eu só pude fazer a medicação agora.

– Você estava aqui quando ela chegou?

– Sim, mas eu só pude tratá-la algumas semanas depois. A Dra. Cláudia fazia pessoalmente os curativos nela. Foi o senhor que a despiu. – Ele assentiu. – É terrível imaginar o que essa mulher passou nas mãos dos bandidos que a pegaram.

A moça apontou para a cabeça de Bia, onde os cabelos já cresceram pouco mais que dois centímetros.

– Tiveram que raspar os cabelos dela. Alguém os arrancou com puxões e mordidas e eram mordidas humanas. Vou sair agora o senhor vai ficar com ela?

– Sim, vou ficar aqui até amanhecer.

– Vou ver outros pacientes, hoje foi um plantão muito agitado.

– Muito agitado.

Miguel tinha certeza que a agitação só estava começando em algum lugar naquele hospital havia uma vítima da fera que ele matou. O sangue na bata de Bia revelava isso, mas ele não ia deixá-la sozinha e vulnerável.

Infelizmente teria que interromper o sono do pastor e de sua esposa. Estava acontecendo muita coisa para mantê-los afastados e era mais fácil proteger a doutora e Beatriz se elas estivessem jun-

tas. De alguma forma uma parecia estar ligada a outra.

Capítulo XXI

Cláudia chegou ao hospital como se estivesse vivendo um terrível pesadelo. Os primeiros raios de sol despontavam radiantes no horizonte. Um amanhecer tão belo, para uma noite de horrores.

O cenário era dos mais traumáticos, funcionários cansados e amedrontados, pacientes temerosos e com os familiares exigindo suas transferências para um lugar mais seguro. Policiais entrando e saindo, interrogavam a todos por quem passavam na esperança de alguma informação esclarecedora. A imprensa, ávida por uma matéria, cercava o local.

Assim que ela chegou à recepção, e a recepcionista a chamou de doutora, uma multidão de câmeras e microfones veio ao seu encontro, jorrando perguntas. Cláudia não chegou a responder. Lucas esclareceu que sua esposa estava ali para ver o estado de uma amiga, que como todos, não sabiam nada sobre o que aconteceu durante a noite. A recepcionista confirmou que ela não era funcionária do hospital, sim uma cliente. Assim ela e o marido tiveram acesso aos quartos. Foram direto ao quarto de Bia. Miguel os aguardava e tinha todas as informações sobre as mortes ocorridas no local.

À medida que o segurança ia contando os fatos, Cláudia começou a sentir um pouco de náusea, correu para o banheiro e vomitou. Quando voltou ao quarto foi amparada pelo marido, que preocupado com sua saúde, queria voltar para casa imediatamente.

– Miguel, eu não vejo porque era tão importante trazer minha esposa aqui, há esta hora. Não vejo em que a presença dela vai ajudar em alguma coisa?

– Na verdade eu precisava lhe mostrar algo e não queria deixá-la sozinha. – Pelo modo sério como Miguel a olhava, Cláudia sabia que tinha algo sobre as mortes que ele ainda não tinha revelado.

– Também gostaria de pedir algo para vocês. É muito importante.

Cláudia apertou a mão do marido, estavam sentados lado a lado e Miguel ocupava o sofá em frente e Lucas falou:

– Pode falar Miguel, se nós pudermos fazer algo por você, diga, teremos prazer em ajudar.

– Beatriz não está segura aqui, talvez pudesse morar com vocês.

– Ela sabe que está em perigo? – Lucas estava curioso. – A moça concorda com o arranjo?

– Ela não precisa saber que estamos preocupados com sua segurança. Gostaria que a doutora fizesse o convite, alegando que assim, pode acompanhar melhor sua recuperação. Diante dos acontecimentos ocorridos aqui de ontem para hoje, este lugar não é seguro para Beatriz. Quando estivermos em casa eu explico melhor.

O casal compreendeu que Miguel não queria correr o risco de ser ouvido.

– Miguel, como a jovem é paciente de minha esposa está decisão cabe somente a ela. Seja qual for a decisão que ela tome eu vou apoiar.

– E o que a senhora me diz?

– Vou conversar com ela, se ela concordar em ir conosco, vou ficar muito feliz em tê-la em minha casa pelo tempo que for preciso.

Cláudia foi para junto de Beatriz. Precisava acordar a moça e explicar a necessidade de levá-la para morar com eles.

Lucas aproveitou o tempo em que Cláudia conversava com Bia, para acompanhar Miguel para fora do quarto:

– Miguel, você não esclareceu nada. Falou de três mortes. A do médico, a de uma mulher e de um ancião. Eu gostaria de saber mais detalhes.

– Espere um pouco, eu pedi para um dos rapazes ficar aqui.

– Dos nossos?

– Sim. Liguei para que um deles viesse para cá. A partir de agora as mulheres não ficaram sozinhas em lugar nenhum. Até no interior da casa nós vamos nos revezar e pastor eu espero que seja suficiente. Estamos lidando com sádicos.

Lucas ficou um tempo em silêncio refletindo sobre o que acabara de ouvir.

– Eu não tenho medo. Eu acredito que o Senhor acampa seus anjos ao redor daqueles que os temem e os guarda.

– Então porque você contratou seguranças para sua mulher?

– Eu creio e temo ao Senhor. Eu não posso ga-

rantir a fé de minha mulher. Assim eu ajo com prudência. Jesus nos aconselhou a sermos simples como as pombas, mas prudentes como as serpentes.

– Seu argumento parece lógico. Veja o rapaz chegou, podemos ir.

Tão logo Miguel esclareceu ao segurança o que devia ser feito, Lucas o seguiu até dois quartos a frente do de Beatriz. Miguel pegou no trinco com um lenço de papel. Deixou a porta encostar-se ao canto.

– É melhor não entrar. Os policiais já reviram o lugar, mas a polícia técnica ainda não veio.

Quando os olhos de Lucas se acostumaram com a penumbra, ele pode ver a cena grotesca. O leito coberto com um lençol manchado de sangue, provavelmente do corpo da jovem. Nas paredes, teto e chão, inscrições, símbolos e figuras feitos com sangue. Lucas se afastou da porta. Sentia-se um pouco sufocado. Miguel tocou no seu ombro.

– Ei, tubo bem? Respire devagar e profundamente. – Lucas obedeceu. A cor começou a voltar ao seu rosto. – Eu admito que também fiquei chocado.

Lucas ia falar, mas o outro não permitiu e disse baixinho:

– Comentaremos em casa.

Lucas assentiu e o seguiu até o jardim. Lá a cena também não era das mais agradáveis. Havia muito sangue provavelmente a vítima se arrastou até o muro. Em silêncio Lucas acompanhou Miguel até o outro lado do jardim, lá estava o corpo de um enorme cachorro cinza. Miguel calçou uma luva de

látex e examinou o corpo do animal. Olhou consternado para Lucas e disse:

– Não é ele. Este não tem nenhuma cicatriz.

Lucas ficou um longo tempo em silêncio. Imaginar quantos destes cães estavam soltos por ai, o deixava em pânico. Olhou para o rosto sério de Miguel e perguntou:

– Onde esta o terceiro corpo?

– Foi levado para o necrotério junto com o da mulher. Parece que eram pai e filha.

– Foi o cachorro que o matou?

– Não e isso é muito esquisito, havia sangue no cachorro. Ele atacou alguém, mas não foi encontrada nenhuma vítima dele. Não parece realmente estranho?

– Diga-me Miguel, o que não é estranho aqui?

– É tudo realmente muito estranho. Vamos, quero saber se a doutora conseguiu convencer a freira a ir conosco.

Cláudia nem precisou de muitos argumentos para convencer Beatriz a morar por algum tempo com eles. Como era seu costume, assumiu uma atitude resignada e os acompanhou sem reclamar. Foi instalada no quarto de hospedes que ficava ao lado do quarto de Rebeca e em frente ao quarto do casal.

Capítulo XXII

Cláudia e Lucas estavam deitados bem agarradinhos. Naquele momento Cláudia precisava muito

do calor dele. Durante todo percurso do hospital até em casa ela sentiu um desejo muito forte de chorar, gritar, dizer que estava apavorada. Conteve-se para não assustar Bia. Agora ali, agarradinha ao marido, o medo tinha diminuindo bastante. Ele tinha esta ação calmamente sobre ela. Algo no cheiro, no toque ou no calor de seu corpo a fazia sentir-se segura. Em sua mente ainda passavam as imagens do hospital, no entanto agora tudo parecia tão distante.

- Lucas?

- Hum.

- Miguel conseguiu descobrir o que aconteceu naquele hospital?

- Não sei. Nós não conversamos sobre isso, ele me disse que em casa responderia minhas perguntas, acho que ele tinha receio de sermos ouvidos por alguém.

- Ele é muito desconfiado, mas tenho que admitir que ele seja muito competente. Você viu como ele olha para Beatriz? Ele a adotou.

- Eu não vejo tanto paternalismo assim. Para mim ele é um homem e ela uma mulher.

- Lucas! Além da diferença de idade, ela é uma freira!

- Amor, você não disse que ela não fez os votos? E nós somos uma prova viva que os opostos se atraem. - Lucas rolou na cama e ficou sobre ela. - Eu ainda me lembro de como você foi persuasiva.

Lucas beijou a esposa e se levantou.

- Fica.

Lucas gemeu, sua esposa sabia que quando olhava para ele daquele jeito sempre o convencia a

ficar, mas tinha que conversar com Miguel. Seu irmão, Joab, também chegaria a qualquer momento e ele queria saber o que descobriram e a segurança da esposa vinha em primeiro lugar. Deu um beijo em sua testa e afastou-se.

- Você sabe o quanto eu gostaria de ficar. Mas tenho que descobrir o que está acontecendo. Durma um pouco, foi uma noite cansativa, eu lhe chamo quando o almoço estiver pronto.

- Lucas se você sair eu não consigo dormir. Fica. Só até eu dormir.

- Só dormir, certo?

- Certo.

Joab andava de um lado para outro. Parecia um leão enjaulado. A cada trinta segundos consultava o relógio. Fazia uns quinze minutos que aguardava pelo irmão no escritório. Sua impaciência era evidente e irritante.

- Ninguém merece ter que esperar por um homem recém casado que se fecha num quarto com a mulher!

- Ei. Já estou aqui.

- Lucas! Faz um tempão que estou lhe esperando. Se eu soubesse teria passado antes em minha casa, tomado um banho e almoçado.

- Desculpe, Joab. Cláudia estava muito abatida e eu a esperei dormir para sair do quarto. Onde está Miguel?

- Ele me deixou aqui e disse que ia chamá-lo.

Como se ouvisse o chamado, Miguel entrou no escritório. Cumprimentou a ambos e sentou-se em uma das poltronas vazias.

- Miguel, como Joab tem pressa vamos deixar que ele fale primeiro o que descobriu sobre a necropsia da moça assassinada em Viçosa.

- Por mim tudo bem, pode falar.

- Certo vou direto ao ponto. A moça não possuía nenhum órgão interno em seu corpo. O legista me falou que isso é intrigante, pois sem os órgãos internos fica impossível saber se ela também esteve grávida durante o cativeiro, já a incisão do abdome foi feita com ela viva, assim como a freira ela tinha fraturas nos braços e marcas já cicatrizadas de mordidas. Sob as unhas foi encontrado fragmentos de parafina, provavelmente de velas e tecido humano. O interessante é que este tecido encontrado possui substâncias que o laboratório não conseguiu identificar e claro, uma cabeça de bode dentro da cavidade abdominal.

- Que horror! Essa gente é doente! - Miguel demonstrava asco. - Como alguém pode submeter outro ser humano à tamanha degradação. São uns filhos da puta, mesmo! Desculpe a expressão pastor, mas eu não consigo entender a mente de uns animais destes!

- Realmente é difícil de digerir estas informações. Joab, você procurou saber detalhes da investigação e se o nome de minha mulher está relacionado de alguma forma a tudo isso?

- Sim, eu tenho um amigo que trabalha lá e me deixou ler todo conteúdo do processo. O nome da sua mulher é mencionado como testemunha, não há nada que sugira outra coisa. Agora o mais estranho é que o processo foi arquivado por falta de provas. O resultado dos exames feitos fora do esta-

do pelos agentes da necropsia, não foram sequer abertos. Eu tirei o lacre do laboratório quando li o conteúdo. Ninguém teve interesse de investigar realmente nada. A família prefere não comentar o caso.

- Parece que essa gente também tem suas influências e é gente bem grande para poder abafar um crime tão bizarro. - Miguel levantou-se a se aproximou de Lucas. - Vocês não acham que tudo isso tem uma ligação? Inclusive os crimes de hoje no hospital?

- Que crimes? Quem morreu no hospital?

Lucas contou a Joab o que houve no hospital inclusive que tinham trazido a freira para morar com eles por questão de segurança. Ao terminar de ouvir o relato o irmão de Lucas estava perplexo.

- Vocês percebem que todos esses assassinatos estão ligados. Miguel tem toda razão, os rituais e os cães pertencem à mesma gangue. Você já parou pra pensar que sua mulher está no centro disto tudo, Lucas? Ainda não se perguntou por quê?

Miguel aguardou em silêncio pela resposta do pastor.

- Sim. Eu já passei noites em claro me fazendo esta pergunta.

- E o que você concluiu?

- Eu cheguei à conclusão de que alguém está tentando assustá-la, que minha esposa corre perigo de vida.

- Não, meu irmão, eu estou assustado! - Joab levantou-se e apontou o indicador para o rosto do irmão. - Você perdeu o juízo! Sabe no que nos meteu quando trouxe esta mulher para nossa famí-

lia? Você nem sabe quem ela é ou o que ela fez! E tudo isso por quê? Porque queria levá-la para cama, mas como você tem que fazer tudo certinho, casou com ela e nos colocou a todos nesta enrascada. Custava ter transado com ela e pronto? Todo homem normal faz isso!

- Você quis dizer todo canalha faz isso, não Joab!

- A voz de Cláudia, seguida do som da porta se fechando deixou todos estarecidos. Passado o choque inicial, Lucas foi até ela e passou o braço sobre seu ombro num gesto protetor.

- Ei, eu nunca me arrependi de ter me casado.

- Segurou o queixo da esposa e a olhou nos olhos. - Eu amo você. E nada vai mudar o que eu sinto. Meu irmão só está apavorado com tudo que está acontecendo, o que é normal. Todos nós estamos assustados.

Miguel confirmou com um gesto de cabeça, diante da tensão achou melhor ficar calado.

- Desculpe, eu não percebi sua presença. Não foi minha intenção ser grosseiro com você.

- Mas você não foi grosso comigo, Joab. Você foi grosso com seu irmão e o que é pior na presença de um estranho.

Miguel se dirigiu a porta na intenção de sair.

- Por favor, fique, Miguel. Eu confio em você e acho que se ficarmos guardando segredinhos só vai piorar a situação. Está na hora de falarmos abertamente sobre o que está acontecendo. Eu não estou com raiva de você, Joab. Compreendo seu medo. Você tem todo direito de se preocupar com a segurança de seu irmão. Mas eu também não sei o que está acontecendo. Quando conheci seu irmão eu

achava que o cachorro era fruto da minha imaginação. Até fiz terapia. - Fez uma pausa e prosseguiu. - Vocês também estão me ocultando fatos e eu quero saber a verdade.

Os dois homens olharam para Lucas.

- Querida, nós vamos lhe contar tudo que descobrimos. Tenho certeza que juntos encontraremos uma resposta para tudo isso. - Olhou sério para os presentes e prosseguiu:

- Eu não quero ouvir acusações contra minha esposa. Eu nunca interfeiri na vida pessoal de nenhum dos meus irmãos e não vou permitir que invadam a minha. Se você não consegue ser profissional comigo, eu contrato outro advogado, certo Joab?

- Me perdoe, meu irmão, eu me excedi, mas só quero o seu bem.

- O meu bem e o de Cláudia são um só, nós somos marido e mulher. Você ainda lembra Joab: - Deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá a uma mulher e os dois serão uma só carne.

- Gênesis, capítulo dois e verso vinte e quatro. - Citou Joab.

- Bom saber que você ainda conhece a palavra de Deus, meu irmão. Os meus motivos pra me casar, são meus. Assim não devem ser questionados. - Os irmãos se encararam e logo em seguida se abraçaram, pedindo perdão um ao outro. - Posso contar com você Joab?

- Sempre meu irmão.

Todos sentaram e Cláudia contou novamente como foi o desaparecimento de Neide até quando trouxe Beatriz para Maceió. Lucas fez um resumo de como contrataram Miguel e da sua tentativa de

poupá-la de saber que o cão estava vivo. Joab repetiu o que descobriu sobre o processo e chegou à vez de Miguel contar o que havia descoberto.

- Ontem fui a Viçosa e descobri detalhes importantes sobre os dois crimes. Primeiro que as vítimas foram mantidas em um hospital ou algo semelhante, que ambas foram brutalizadas com mordidas humanas e puxões de cabelos. A diferença é que Bia sobreviveu, quem a abandonou no convento não esperava que ela sobrevivesse.

- Você não acredita que ela fugiu? - Perguntou Lucas.

- Não, ela não tinha condições físicas para isso, eu tenho certeza que não era ela quem procuravam. Vejam, de alguma forma ela não serviu para eles e foi descartada. Doutora, tem algo anormal nos exames dela.

- Sim, não, o que você chamaria de anormal?

- Pense doutora, eles tinham um objetivo e ela não podia alcançá-lo, eu pensei que como médica você pudesse responder esta pergunta.

- Eu acredito que as moças foram vítimas de experiências genéticas e seus úteros foram usados para gestar estes fetos, o fato de terem retirado as vísceras da outra moça reforça minha suspeita.

- Por quê? - Perguntou Miguel.

- Porque eles se deram ao trabalho de ocultar vestígios. Veja o caso de Beatriz, como sofreu um aborto espontâneo, nós associamos a princípio ao fato de estar debilitada, depois descobrimos que ela possuía uma deficiência hormonal que a impedia de levar uma gestação além do primeiro tri-

mestre, acredito que eles tentaram suprir a deficiência com hormônios e fetos que tivessem o período de gestação menor, como pó exemplo, cães.

- E isso é possível, uma mulher gestar um animal? - Perguntou Joab.

- Na verdade, a ciência através da manipulação genética pode fazer coisas inacreditáveis e essas pessoas sabem como fazer isso. Nós estamos pesquisando para descobrir como fizeram, ou o que aplicaram para que seu útero aceitasse esse tipo de feto, mesmo que por um curto período de tempo.

- Então é possível que em outras mulheres as experiências tenham dado certo?

- Sim. Se Beatriz não tivesse essa deficiência levaria a gestação até o fim.

- Então aqueles cães podem ser uma mistura de raças geneticamente modificadas. - Concluiu Joab.

Miguel acrescentou:

- Muito pior, são da nossa raça também.

Lucas se indignou:

- Misericórdia! Para que alguém ia querer um animal assim? Brincar de ser Deus? Criar criaturas monstruosas é uma idéia diabólica!

- Pense num animal completo: audição e faro aguçado, instintos e reflexos apuradíssimos, astúcia e inteligência humana. Tudo num kit só, guardado num corpo forte e ágil, totalmente fiel ao seu objetivo.

- Credo Miguel, você parece fascinado.

- Não, doutora, estou apenas descrevendo o animal que está lhe caçando.

- Oh!

Lucas abraçou a esposa que ficou lívida diante da revelação:

- Miguel, não precisava assustá-la assim!

- Pastor, ela precisa ter consciência do que está enfrentando. É o único jeito de mantê-la segura.

- Eu estou bem. Miguel pode continuar, o que você falou faz muito sentido, eu só não entendo o que eles querem de mim?

- Talvez sua profissão? Você seria útil para cuidar dos fetos. Eu repito que eles não lhe querem morta, a estão assustando para enfraquecê-la, é muito mais fácil dominar uma mente assustada.

- Não, se fosse só isso eles já teriam tentado levá-la. Eles querem algo que você ainda não está pronta para oferecer.

- Seja mais específico Joab? - perguntou Miguel.

- Não sei, pode ser dinheiro, algo como o resultado de suas pesquisas? Quem sabe o que vai numa mente de um sádico?

- Joab tem razão, mais até descobrirmos o que está acontecendo vamos nos revezar e manter o esquema de segurança funcionando vinte e quatro horas. Eu gostaria de lhe pedir que não ficasse sozinha em momento algum, exceto dentro desta casa. Posso contar com sua contribuição doutora?

Cláudia olhou para o marido em busca de apoio. Este concordou com Miguel:

- Não vai ser tão ruim assim querida e será só até solucionarmos este mistério, tenho certeza que podemos levar uma vida normal mantendo alguns cuidados. Você vai nos ajudar?

- Eu tenho escolha?

- Sempre temos uma escolha, mas eu gostaria de contar com seu apoio. Eu não quero que você corra nenhum risco desnecessário.

- Vou fazer minha parte. Agora se os senhores me derem licença vou mandar servir o almoço, acho que estamos todos famintos.

Benedito Bentes - Tabuleiro do Martins.

Mesmo três meses depois dos crimes no hospital, seu Jerônimo ainda não tinha superado a perda da filha. Tinha sobrevivendo ao ataque de um enorme cão, graças à interferência de uma jovem interna do hospital que apareceu na hora do ataque. O animal deixou-o e foi atrás da moça. Ele não esperou para ver o que aconteceu, escalou o muro e fugiu.

Tinha visto o corpo sem vida de sua filha, provavelmente tinham confundido o segurança do hospital com ele, pois o corpo do homem jazia sem vida próximo ao de Jaciara. Ele tinha certeza que aquele cão assassino pertencia ao que chamavam de Mestre, pois o animal fazia sentinela do lado de fora e o atacou sem piedade. Ele ainda se recuperava dos ferimentos no braço esquerdo e em ambas as mãos.

Sobreviveu por sorte ou ironia do destino. Um grupo de jovens evangélicos apareceu no dia que ele chegou à comunidade, o acolheram e cuidaram de seus ferimentos em um abrigo que pertence à igreja. Agora ele ia com frequência aos cultos.

- Sim, ele agora era um pouco crente! Diante de tanta desgraça tinha que buscar refúgio em al-

gum lugar? Que lugar melhor para se esconder do Diabo que na casa de Deus? E os crentes acreditavam que tinham o poder de expulsar demônios. Ele esperava que fosse verdade. Na verdade, apostava sua vida nesta esperança.

Saiu do abrigo e alugou uma casinha ali mesmo no conjunto; como o lugar era imenso, semelhante a uma cidade feita de casas populares e favelas, era ideal para quem não queria ser encontrado, pois em meio ao aglomerado de pessoas era difícil identificar alguém.

Adotou o nome de Zé, como se chamava José Jerônimo, o nome era apropriado. Não sepultou a filha, nem sabia onde ela foi sepultada. Teve receio de se aproximar e ser executado sem piedade. Ele não era tolo, Jaciara já estava morta, nada que fizesse podia trazê-la de volta, precisava sobreviver, para vingá-la!

Os irmãos diziam que a vingança pertence ao Senhor. Quem sabe neste caso em particular Deus não iria usar sua mão?

Capítulo XXIII

Gruta, Maceió/AL:

Os últimos três meses foram tranquilos para os habitantes da casa na Gruta. Cláudia saía para trabalhar sempre acompanhada por um dos seguranças, na maioria das vezes por Miguel, que só

designava outro quando ela estava com o marido.

Rebeca passava a semana na casa da tia e nos fins de semana elas incluíam Beatriz nos programas que faziam, tais como ir às compras e ao clube onde descobriram que a moça nadava muito bem. Aos domingos todos acompanhavam Lucas a igreja.

Até o taciturno Miguel, batia palmas e cantorolava alguns hinos. A freira os acompanhou algumas vezes, todos sabiam que era mais por curiosidade. Os pais da moça, assim como padre Manoel deixaram de visitá-la havia mais de um mês. Desde que ela comunicou sua decisão de não mais voltar ao convento nem a cidade. Foi um tremendo bate boca e a moça dócil e submissa surpreendeu a todos com seu caráter forte e decidido. Os pais disseram estar decepcionados com ela e o padre atribuiu a culpa de tudo ao pastor.

Na verdade todos estavam surpresos com as mudanças sofridas pela moça. Abandonou os vestidos compridos e folgados, estes foram substituídos por bermudas e calças compridas justas que revelavam o corpo de curvas voluptuosas, as blusas não eram muito decotadas ou curtas, todos suspeitavam para que escondesse as cicatrizes. Os cabelos cresceram alguns centímetros e ela abandonou os lenços adotou as tiaras de tecidos com cores de combinavam com as roupas, os cachos escuros dos cabelos ficavam bonitos emoldurados pelas tiaras. Ganhou alguns quilos, o que trouxe suavidade a seu rosto de traços marcantes e belos, por sorte o rosto foi poupado, os olhos ainda revelavam medo mergulhado no seu verde profundo.

Mesmo tendo desistido do convento, a moça não

demonstrava interesse por homem algum. Exceto claro, pelo charmoso segurança que a enchia de mimos. Ele era a pessoa com quem ela mais conversava na casa muitas vezes todos iam dormir e eles ficavam conversando na varanda.

Cláudia suspeitava que a rápida recuperação da moça tivesse algo a ver com a presença de Miguel. Ela tinha até pedido dicas de como se maquiar, escolher roupas que valorizassem seu tipo físico e usava a fisioterapia como desculpa para tomar sol na piscina do clube. Alegando que uma pele bronzeada esconderia algumas das marcas, como seu tom de pele bronzeava rápido, ela já apresentava uma cor dourada muito bonita.

Cláudia tinha repetido periodicamente alguns exames, constatou que fisicamente Beatriz estava recuperada e pedia a Deus que sua mente superasse totalmente o terror vivido.

O casamento de Cláudia ia bem, mesmo com todas as fatalidades que os cercavam, nada abalava o amor que sentiam um pelo outro, amava demais aquele homem e não conseguia imaginar sua vida sem ele ou aquela menina sapeca.

Desconfiava de uma gravidez, saiu de casa justamente para buscar o resultado do exame laboratorial e não agüentou esperar, sentada no banco traseiro do carro, rasgou o lacre e leu.

Miguel se assustou ao ver a doutora chorando, já a tinha visto passar por muitas situações onde a maioria das mulheres ficaria histérica e ela suportou tudo com dignidade. Agora lá estava ela, chorando agarrada a um pedaço de papel. Estacio-

nou num lugar seguro voltou-se para ela e perguntou:

- Algum problema doutora? Posso fazer alguma coisa?

- Ah! Miguel, eu preferiria contar primeiro a meu marido, mas desconfio que não vá agüentar.

- Pode confiar na minha discricção.

- Vou ter um filho, Miguel! Não é uma notícia maravilhosa?

- Claro! Parabéns! Vou fazer de conta que não sei de nada, agora se ficar chorando assim, vai deprimir o bebê.

- Não, meu filho sente que estou muito feliz! Obrigada por me ouvir, você tem sido um bom amigo Miguel, acho que você sabe que nós o temos como um bom amigo. Lucas falou que você não tinha intenção de ficar muito tempo, por isso eu lhe sou grata por continuar conosco.

- Digamos que eu não tinha um lugar melhor para ir.

- Meu avô me disse que você pretendia comprar uma fazenda e criar gado.

- Doutora, quando tudo isso terminar decido o que fazer da minha vida.

- Você nunca fala em família, você tem alguém?

- Todo mundo tem alguém, mas eu não gostaria de falar desse assunto se você não se importar.

- Não, tudo bem. Eu também prefiro esquecer alguns parentes.

O resto do percurso foi feito em silêncio. Ao chegarem a casa, Miguel viu um carro estranho na garagem e outros dois estacionados fora.

- Doutora, acho que temos visitas importantes.

- É o que parece.

Capítulo XXIV

A sala de estar da casa de Cláudia foi literalmente invadida pelos visitantes, dois homens se colocavam estrategicamente do lado de fora e ao lado da porta de entrada, outros dois homens e uma mulher ruiva muito elegante, dividiam um dos estofados, um terceiro homem alto de cabelos escuros, circulava pela sala observando os objetos de decoração e os quadros espalhados pelo ambiente. Era alto, magro e se vestia com extremo requinte, seus gestos e passos eram tão suaves que chegavam a parecer femininos.

- Clodie, estes objetos parecem extremamente... Comuns. Você sabe de quem são estes quadros?

Cláudia controlou a vertigem causada pelo medo, respirando profunda e pausadamente. Aquelles olhos que a olhavam com desdém pertenciam a alguém que não via há dezessete anos. Vlad, seu irmão! Só o arrogante Vladmir poderia, após tanto tempo, chegar sem avisar e criticar sua casa como se nada tivesse acontecido e tantos anos não houvessem passado.

- São de um artista local. - Disse ela com voz sumida. - O que você quer aqui.

- Simplória e agressiva! Você não mudou nada em todos estes anos. - Estendeu uma das mãos e a

ruiva se aproximou. - Esta é minha esposa, descendente da realeza russa, assim como nosso falecido pai. - Diante da palidez da irmã ele acrescentou. - Você não sabia sobre a morte de nosso pai? Não lê jornais ou usa a internet?

- Eu não sabia, quando foi?

- Como estava dizendo, minha esposa Yvlana. - A mulher inclinou levemente a cabeça. - Como ela não fala português, como eu, sugiro que se dirija a ela em inglês ou russo, ainda fala estes idiomas?

- Quando ele faleceu? - Perguntou em russo.

- Yvlana espera uma saudação. - Vlad falou em inglês.

- Diga o que você veio fazer aqui. Tenho certeza que não foi para me mostrar à beldade com quem se casou?

- Tem razão, eu não estaria neste lugar se não fosse algo importante. Podemos nos acomodar? - Como Cláudia apontou os sofás todos se sentaram. Com os olhos cinza e frios sobre ela, seu irmão prosseguiu:

- Como nosso pai se recusou a fazer um testamento os bens foram divididos igualmente entre os herdeiros, seu dinheiro está depositado em sua conta, eu fiquei com o controle acionário das indústrias Sherman, se você fizer objeção posso comprar sua parte nas ações. Caso concorde, vou continuar fazendo os depósitos de sua parte nos lucros.

- Você deve saber que minha posição em relação aos negócios da família não mudou.

- Entendo, vamos documentar isso. - Um dos homens presentes abriu uma pasta e retirou algu-

mas folhas de papéis que foram entregues a Cláudia. – Aí estão os documentos que você precisa assinar para abrir mão do controle acionário das empresas.

– Vou ficar com os papéis para analisar com meu advogado, mando para você. Deixe o endereço de onde está hospedado.

– Infelizmente eu não disponho deste tempo. Charles ainda é seu advogado?

– Não o irmão de meu marido é meu advogado agora.

– Sim você casou, que interessante. Com um nativo?

– Com um homem maravilhoso.

– Espero que ele também seja compreensivo, pois você volta comigo para Rússia hoje.

– Nunca!

Miguel que acompanhava tudo calado em um canto da sala se aproximou de Cláudia e postou-se ao seu lado. Esta se colocou em pé.

– Eu não vou! Assino o que você quiser, fique com tudo! Eu não ligo para nada daquilo mesmo, mas eu tenho uma vida aqui, tenho família e por nada me ausentaria deste lugar. – Cláudia pegou a caneta no bolso de Miguel, assinou todas as folhas e jogou para o irmão. – Vá embora. Aí estão seus preciosos documentos.

– O clã precisa de você. Com a morte do líder, um novo líder deve subir ao trono. Tenho certeza que você deve lembrar qual é sua obrigação para conosco, você foi gerada para esse fim, lembra?

Ela lembrou. Não caiu porque Miguel a segurou com firmeza e a sentou novamente.

– Vejo que sua memória voltou cara irmã. Vamos, o nosso sangue nos chama.

– Não, eu não vou com você a lugar algum!

– Se minha mulher disse que não vai, eu lhe peço para não insistir.

– Lucas!

Todos os rostos se voltaram para o homem que acabara de entrar e falava com uma voz calma e firme, Cláudia correu para os braços do marido e foi envolvida num abraço protetor. Miguel com seu olhar felino e sua musculatura intimidadora se postou como de costume ao lado e alguns passos atrás do casal. Correu os olhos pelo recinto e localizou dois dos seus homens já a postos nas entradas da sala. Contar com uma equipe bem treinada era primordial no trabalho que desenvolvia.

Lucas passou o braço entorno da cintura da esposa e se dirigiu ao visitante:

– Ainda não fomos apresentados, sou Lucas marido de Cláudia e o senhor é?

– Vladimir Alexander Sherman, irmão de sua esposa.

Lucas estendeu a mão para o cunhado, este a apertou com firmeza, os dois homens sentiram um formigamento nas mãos e soltaram rapidamente.

– E para onde minha esposa foi convidada a ir com o senhor?

– Para casa. Com a morte de nosso pai temos alguns assuntos familiares para resolver.

– Minha mulher está em casa. – Fez um gesto vago mostrando o ambiente. – Está é a nossa casa. Eu não consigo imaginar algo que obrigue minha mulher a deslocar-se até outro continente, uma

vez que ela não tem contato com esta família a mais de dezessete anos.

- Veja senhor Lucas, nós cultivamos costumes diferentes dos seus, nossas tradições são passadas de geração em geração há vários séculos, somos um seletto grupo familiar muito apegado aos nossos valores.

- Posso imaginar o quanto. - Voltou-se para a esposa. - Você quer ir visitar sua família?

- Não. Tenho muito trabalho e minha família está aqui.

- Como ela mesma disse, não irá a lugar algum.

- Ela não tem escolha, mais cedo ou mais tarde terá que procurar nosso clã.

- Sempre há uma escolha. O homem foi dotado de livre arbítrio para poder fazer estas escolhas.

- Existem ocasiões em que estamos predestinados e não há como evitar nosso destino.

- Sim, você tem razão, mas ainda assim existe a misericórdia de Deus sobre nossas vidas.

- Misericordioso! Você fala do Deus que destina ao lago de fogo quem não o segue.

- Ainda assim temos escolha. Cabe a cada um de nós aceitar as conseqüências de nossas escolhas.

Vladmir voltou seus olhos frios para Cláudia.

- Você está preparada para as conseqüências de sua escolha minha irmã?

- Acho que posso viver com isso!

- Veremos.

Dito isso se levantou e saiu da sala sendo seguido por sua esposa e os homens que o acompa-

nhavam. Miguel os seguiu até a saída, Lucas ficou ao lado da esposa que trêmula agarrou-se a ele.

- Calma querida já acabou. Ele foi embora.

- Não. Eu lembrei porque me trouxeram para a casa de meus avos, lembrei também o que ele quer de mim. Lucas, eu acho que tudo só está começando.

Capítulo XXV

Beatriz escutou a conversa da sala, escondida por trás de uma das plantas ornamentais da varanda, como as janelas estavam abertas as vozes chegavam nítidas aos seus ouvidos. Ainda estava sentada no chão, não teve coragem de deixar o esconderijo, reconheceu aquela voz.

Não foi ele quem a levou. Ele só esteve lá uma vez e nesta única vez, ela viu o que todos chamavam de Mestre se curvar diante de alguém. Foi ele quem ordenou que as moças fossem descartadas, que nenhuma seria útil, pois não possuíam o sangue que ele procurava.

Sim, estava tudo claro na sua mente. Foi num dos poucos dias que esteve lúcida e pode ouvir tudo o que diziam a sua volta, já havia se habituado a fingir inconsciência para não ser molestada. Eles tinham tanta certeza de que não sobreviveria, que nem lhe deram atenção.

Vlad disse ao Mestre que nada adiantaria seus esforços sem a Porta, até riu de seus esforços de usurpar o poder. Dois loucos falando em dominar a

raça humana. Na verdade dois sádicos disputando para ver quem era mais cruel e aquele era mais que cruel, ele disse para que o outro transformasse a vida de alguém em um inferno, mas que não devia matar. Hoje ela descobrira quem era a pessoa, Cláudia. A médica a quem devia sua recuperação e se tornara sua amiga. Tinha que contar o que sabia, devia isso aquele casal que a recebeu sem reservas ou preconceitos.

Foi assim, perdida em pensamentos e sentada por trás de uma planta, que Miguel a encontrou. Como sempre acontecia Bia estendeu os braços para ele e este a levou para o interior da casa. Beatriz nunca precisava dizer a Miguel quando não estava bem, ele sabia, havia uma ligação muito forte entre eles. Quando abriu os olhos novamente Bia já estava em sua cama e Miguel se dirigia a porta do quarto para sair.

– Fica um pouco, preciso conversar.

Ele se aproximou, sentou-se a seu lado na cama de solteiro e a olhou direto nos olhos, os olhos verdes mais lindos que ele já viu.

– Miguel, eu me lembrei de algo muito importante que aconteceu durante meu seqüestro.

– Tem certeza que quer falar desse assunto?

– Miguel, eu nunca falo neste assunto, quando vocês estão falando dele e eu chego imediatamente vocês mudam de assunto. Foi comigo! Acho que isso me dá o direito de saber tudo sobre o que aconteceu. Não?

– Não. Eu sou da opinião de que você deve esquecer o que passou você está viva e bem, isso é o que importa.

– Miguel, eu sou uma mulher, minha cabeça não é prática assim. Às vezes perco o sono tentando juntar os fragmentos do pouco que lembro. Eu sei que estive grávida, sei que perdi o bebê. A doutora me contou que meu filho não era humano e é como se nada disso tivesse acontecido comigo, porque eu não as registrei aqui. – Tocou na cabeça. – Sei que me machucaram porque tenho estas marcas no meu corpo, mas não sei como foram feitas, nem por quem. Hoje eu reconheci um dos homens que estava lá no meu cativeiro, vê-lo me fez lembrar outro.

– Quem é o homem?

– Aquele que se apresentou como irmão da doutora, ele visitou o que todos no meu cativeiro chamavam de Mestre. Este Mestre pareceu submisso a ele.

– Bia, eu quero que você me conte todos os detalhes do que se lembra.

Ela contou tudo em detalhes para ele, logo depois para o casal.

Cláudia não pareceu chocada diante da revelação, era como se já esperasse por algo assim.

– Bia, na noite em que houve os assassinatos no hospital, eu lhe encontrei no jardim junto com um dos cães, ele não lhe atacou por quê?

– Porque eu o alimentava quando traziam comida para mim, eu não comia o que me davam e ele até me defendia das criaturas estranhas que me atacavam a noite.

– Então este tal de Mestre é o dono dos cães?

– Sim.

– Você lembra se havia muitos daqueles animais?

– Não, eu dormi a maior parte do tempo. – Miguel parecia ansioso pelas respostas e ela sentiu-se mal por não tê-las. – Desculpe por eu não lembrar muita coisa.

– Não, Beatriz, suas informações foram muitos importantes. – Lucas percebeu o constrangimento dela por dispor de informações tão limitadas. – Agora já sabemos quem está perseguindo minha esposa. Falta só saber o porquê. Mas eu tenho fé de que logo as respostas chegarão.

Cláudia deu um abraço em Bia.

– Obrigada. Eu sei o quanto é difícil para você lembrar o que lhe aconteceu.

– Eu faria muito mais se pudesse.

– E pode, em breve teremos um bebê nesta casa e vou precisar de toda ajuda que aparecer.

As mulheres se abraçaram novamente.

– Cláudia, que maravilha! Parabéns!

Miguel cumprimentou Lucas com tapas nas costas.

– Para comemorar a chegada de meu filho eu mandei pedir pizzas para todos. Miguel chame os rapazes e agradeça o excelente trabalho que fizeram hoje.

Como de costume o pastor fez uma oração de agradecimento pelo alimento e pela chegada de seu filho, Rebeca chegou com os tios e a comemoração foi muito agradável. Pouco antes das onze horas da noite todos já haviam se recolhido e o silêncio reinava na casa.

Capítulo XXVI

Após conversar com a dupla de seguranças que ficariam de plantão, Miguel foi para sua casinha dormir, tinha se acostumado ao lugar e lá todos respeitavam sua privacidade, na verdade ir para sua casa era força de expressão, pois era só sair da casa do casal e andar alguns metros até seu cantinho.

Tomou uma ducha rápida, vestiu um calção folgado e deitou-se para dormir. Mesmo com todo o estresse da visita do irmão da doutora, o casal parecia não se abalar. Tinha momentos em que ele invejava a calma do pastor. Ele era um homem de atitude, mas tinha algo nele que ao tempo que intimidava, acolhia as pessoas. Possuía uma força interior, que trazia paz para os que o cercavam. Talvez ele já o tivesse contagiado. Muitas vezes Miguel se surpreendia com sua própria atitude de pacificador, logo ele que tinha fama de pavio curto. Recebeu até um elogio dos quatro rapazes que se revezavam fazendo a segurança da casa.

Eles disseram que era muito bom trabalhar com um cara tranqüilo como ele. Virou-se para o lado na cama, esbarrou num corpo quente e macio, deslizou suavemente as mãos e reconheceu as curvas. Estava sonhando, não era a primeira vez que tinha aquele sonho, uma mulher quente e cheirosa se deitava a seu lado, agarrava-se a ele e adormecia. Sonho! Mas ele estava acordado! Pulou da cama, sacou a pistola e apontou para a intrusa.

- Vai atirar em mim por me deitar aqui?
Pela luz que vinha do vidro da janela ele reconheceu a figura de Beatriz.
- Que diabos você faz na minha cama?
- Eu estava com medo e corri para cá.
- Ao invés de levantar, ela puxou o lençol e cobriu-se até o queixo.
- Bia, você não deve entrar no quarto de um homem no meio da noite.
- Mas você é meu amigo, confio em você, Miguel.
- Pois não devia. Droga, o que te ensinaram sobre a vida naquele convento? - Colocou a arma sobre o criado mudo e sentou-se na cama. - Desculpe se te assustei, irmã. Você devia ter me chamado antes de entrar.
- Tive receio de lhe chamar e os outros rapazes me verem aqui.
- Eles viram quando você atravessou o pátio, esqueceu que temos câmeras monitorando tudo ao redor da casa.
- Oh! Eles ficam lá a noite toda? Todo dia?
- Bia, você tem dormido aqui? Claro, isso explica o tom que os rapazes me dão boa noite.
- Eu me sinto segura aqui com você. - Lançou para ele um olhar de cortar coração. - Quando eu fico só não consigo dormir.
- Porque não contou antes? Amanhã vou falar com a doutora para que a arrumadeira divida o quarto com você.
- Não! - Agarrou-se as mãos dele. - Por favor, Miguel, só com você eu me sinto segura, não funciona com outra pessoa. Peça para por minha cama aqui.

- Deus! Você sabe o que vão achar que está acontecendo entre nós? Vão achar que dormimos juntos!
- E dormimos.
- Não no sentido que eles vão pensar. Bia, você não nasceu num convento, com certeza sabe o que se passa entre um homem e uma mulher e eu não quero que eles achem que aconteceu isso entre nós.
- Por quê?
- Porque eu não seria capaz de fazer isso com você. Você já sofreu demais para que um homem se aproveite de você, entende?
- Você só sente pena de mim, não é?
- Miguel não respondeu, foi até um filtro que ficava fora do quarto bebeu água e voltou, tinha que arrumar um jeito de tirar Beatriz dali sem magoá-la. Ela tinha levantado e estava em frente à janela de costas para ele, Miguel observou as pernas bem torneadas, a camisola de malha, era curta revelava coxas roliças e morenas, o tecido ficava esticado na altura dos quadris e folgado na cintura fina. Parou a observação nos ombros que eram sacudidos pelo choro. Sem saber como agir, envolveu-a num abraço, ela se agarrou a ele e deu vazão as lágrimas, quando o choro convulsivo parou, ele deitou-se e a trouxe consigo, ela recostou-se em seu ombro, algumas lágrimas ainda pingavam do rosto de Bia e caíam em seu tórax, fazendo cócegas.
- Sabe, Miguel, às vezes eu fico refletindo sobre minha vida, de certa forma sempre fui rejeitada por ser bonita. Na escola as meninas me tratavam mal, teve uma vez que uma colocou chiclete nos

meus cabelos, minha mãe teve que cortar meus cabelos bem curtos, daí os meninos disseram que eu fiquei linda com os cabelos curtos, eu tinha só sete anos. – Fungou e voltou a falar. – Desse dia em diante eu procurava me esconder das outras meninas, comecei a usar saias folgadas, o cabelo que crescia rápido vivia preso num rabo de cavalo ou trança, quando fiquei moça, fui ao convento lá me receberam com alegria, me disseram que a vaidade levava ao inferno e que eu devia manter meu espírito humilde. Fiz isso e mesmo assim fui para o inferno. Até no inferno meu rosto era invejado, lembro que um deles disse que não deviam marcar meu rosto, minha beleza encantava o Mestre. – Ergueu o rosto para Miguel – Você tá me ouvindo?

– Alto e claro.

– As pessoas me julgam pela minha aparência. Se eu conversava com um homem, lá vinha uma mulher enciumada me afrontar ou me acusar de tentar tomá-lo dela, ninguém levava minha vocação a sério por eu ser bonita, agora que não sou mais bela, não quero mais me fechar num convento. Me mantive pura e casta para Deus e ele não me quis, porque ia me querer agora que sou feia e maculada?

– Você não teve culpa do que lhe aconteceu.

– Diga, Miguel, eu tive culpa de nascer bonita?

– Não, mas também não é motivo para se desesperar, a maioria das mulheres daria tudo para ter um rosto e um corpo como o seu. Você devia se orgulhar.

– De que? De algo que só me trouxe dor? Você viu as cicatrizes no meu corpo? Foi isto que minha

beleza me trouxe, dor e vergonha. Que tipo de mulher eu sou agora? Nem sou inocente nem experiente, porque não me lembro de nada! Você entende como é confuso para mim, perdi um filho e nem sei como é fazer um?

– Ei, foi um dia longo, cheio de emoções, você está cansada. Quando dormir vai acordar renovada e nem vai lembrar as coisas que falou numa hora de tristeza. Quando o sol nasce, o novo dia sempre trás renovação.

– Você parece o pastor falando.

– Devo estar aprendendo um pouco com ele. Eu o acho um homem muito sábio.

– E muito apaixonado pela doutora. Eles parecem tão felizes.

– Você tem razão, os dois foram feitos um para o outro, se é que isso existe.

– Miguel, será que algum dia alguém vai sentir por mim o que o pastor sente pela doutora?

– Quem pode saber, Beatriz? Você é uma mulher bonita, corajosa, forte e muito agradável. Tenho certeza que um sortudo vai lhe encontrar e vocês vão ser muito felizes.

Beatriz ficou em silêncio, tanto tempo que Miguel chegou a pensar que ela havia adormecido. Mexeu um pouco seu braço, que estava dormente devido o peso de Bia sobre ele.

Ela pensou que ele ia se afastar e agarrou-se com braços e pernas no intuito de mantê-lo perto. O corpo de Miguel reagiu de imediato ao contato, envergonhado ele se afastou um pouco para manter a dignidade.

– Miguel, posso pedir uma coisa?

– Diga.

– Eu fui beijada uma vez por um seminarista que visitava o convento, ele me agarrou no corredor e esfregou sua boca na minha. Dei um tapa no rosto dele e ele me disse que a culpa era minha, que eu tentava os homens, quando me confessei o padre não negou a afirmação do rapaz e me mandou ser mais sóbria no modo de me portar.

– Sim e o que você quer? Quer que eu pegue o sacana pra você?

– Não, quero que você me beije, mas beijo de acordado. Uma vez você me beijou dormindo, me sufocou e eu saí rápido.

Miguel teve vontade de rir, ele pensou que era um sonho, sorte que ela foi sensata e foi embora, ele não queria nem pensar no que teria feito se ela ficasse. Não que beijá-la agora fosse o mais sensato a fazer, seu corpo estava em brasa e um beijo só ia piorar as coisas. Enquanto ele refletia sobre o beijo, Bia escorregou e ficou sobre ele, encostou a boca na dele e esperou.

– Droga! Beatriz não facilitava as coisas para ele, inverteu a posição e a beijou lenta e profundamente.

Ela correspondeu a cada beijo, cada toque. As mãos experientes de Miguel passeavam por seu corpo. Suspiros de prazer saíam involuntários dos lábios dela, deixando-o ainda mais excitado.

– Ei, Bia! – Miguel tentava se soltar. – Me solte, era só um beijo.

– Você não quer mais? Seu beijo é muito gostoso, Miguel.

– Também é muito bom beijar você Beatriz, mas

somos adultos e beijos levam a coisas que não queremos fazer no momento.

– Fale por você, eu quero!

– É melhor não!

– Você tem nojo das minhas cicatrizes!

– Não! De onde você tirou essa idéia? Eu acho você linda! – Miguel saiu da cama. – Bia, não sou homem de compromisso e amanhã você vai se arrepender, não quero perder sua amizade.

– Não, Miguel, amanhã eu vou ter algo para lembrar. Uma lembrança boa para as noites em que as lembranças ruins vierem. – Bia estendeu os braços para ele. – Me dê esta noite, é tudo que vou ter. Amanhã é outro dia, hoje eu preciso de você Miguel, por favor...

Ela não precisou pedir mais. Miguel voltou para cama e a envolveu com novos beijos e carícias. Desta vez ele ia providenciar lembranças que certamente ela não esqueceria.

Capítulo XXVII

Cláudia e Lucas tomavam o café da manhã na varanda, tinham colocado uma pequena mesa ali para refeições rápidas. O som dos pássaros e o aroma das plantas melhoravam o apetite do casal. Apesar do dia tumultuado, a notícia da gravidez trouxe muita alegria, era uma benção em meio a tantas provações e perseguições.

Lucas sabia que Cláudia se lembrou de fatos de

sua infância, talvez as respostas estivesse contidas ali. Mas respeitou o silêncio de sua mulher. Quando estivesse pronta ela falaria e a gravidez era um motivo a mais para ser paciente.

O café foi interrompido por um intempestivo Miguel que chegou visivelmente transtornado.

- Bom dia, Miguel, algum problema?

Miguel ignorou a saudação de Lucas e se dirigiu diretamente a Cláudia.

- Porque não me contou que a freirinha ainda era virgem?

- Porque a informação não lhe dizia respeito e eu nunca imaginei que você a levaria para cama! Ela é uma menina Miguel!

- Doutora a menina tem vinte anos e segundo você perdeu um bebê. Como eu ia saber? Eu jamais tocaria nela se soubesse!

- Por favor, sente-se Miguel. Nós não queremos que todos tomem conhecimento do que aconteceu.

- Disse o pastor, com firmeza.

Miguel sentou, passou as mãos pelos cabelos num gesto de nervosismo.

- Desculpe, eu estou confuso com esta situação.

- Tome um café e conte o que aconteceu. Assim quem sabe não achamos uma solução.

Depois de servir-se de uma xícara de café, Miguel encarou o casal, a doutora o fulminava com o olhar, ele compreendia a reação dela, sentiu-se um verme ao acordar.

- Onde está Beatriz? - Perguntou secamente a doutora.

- Ainda está dormindo, eu preferi clarear meus pensamentos, antes de falar com ela.

- E ontem, quais eram seus pensamentos Miguel?

- Sei que está pensando que eu a seduzi, mas doutora, as coisas não foram premeditadas. Há várias noites ela dormia em minha cama sem que eu me desse conta, tenho o sono pesado. Ontem custei a adormecer e ela veio no meu quarto e disse que estava com medo.

- Sei e você a consolou.

- Cláudia, deixe o homem falar, não está sendo fácil para ele, por favor, continue Miguel.

- Daí ela me contou fatos de sua vida e me pediu um beijo, ela me disse que não era justo ela ter perdido um filho e nem ter uma lembrança de como é estar com um homem. Hoje eu sei por que ela não tem lembranças, ela nunca dormiu com um homem.

- Pelo menos até ontem. Veja Miguel, não sou mãe de Bia, mas sou responsável por ela. Entendo a curiosidade dela é perfeitamente normal que ela quisesse conhecer um homem. Depois de tudo que passou ela merece ser feliz. Mas, o que quer com ela?

- Eu não sei. Até agora eu não sei nem o que dizer a ela.

- Diga a verdade. - Aconselhou Lucas. - A verdade é sempre a melhor explicação, por mais confusa que pareça. Se você e ela fossem de minha igreja a solução seria óbvia, casamento, mas diante dos fatos, só posso lhe aconselhar a se afastar dela, pelo menos até você saber o que pretende em relação a ela. Miguel, como um ministro de Deus, eu não quero que isto se repita dentro de minha

casa até porque eu tenho uma filha e não é um bom exemplo para ela. Espero que você não se ofenda conosco.

- Claro que não! Eu contei o que houve justamente por não achar correto. Não sou um santo, mas conheço o que significa respeito. Vou respeitar sua casa pastor.

- Vou orar para que Deus na sua infinita sabedoria possa lhe mostrar a solução para o caso de vocês.

Miguel rumou para sua casa. Tinha que ter um conversa com Beatriz e não seria nada fácil, nem sabia ao certo o que ia dizer. Fazia muito tempo que não namorava uma mulher, sua última namorada foi sua falecida esposa e esta história foi há cinco anos e ainda doía lembrar-se da traição. Teve alguns casos passageiros depois disto e só, nada que durasse muito para não correr o risco de um envolvimento.

Para alívio de Miguel, Bia tinha acordado, tomado banho e arrumado a cama. Estava sentada em uma cadeira a sua espera. Seus olhares se encontraram e duas lágrimas rolaram por seu rosto.

- Ei, o que você tem? Eu machuquei você? - Miguel enxugou as lágrimas com os polegares. - Desculpe, às vezes eu sou um bruto.

- Não, você não me machucou. Estou um pouco dolorida, isso é normal ou você acha que é alguma reação aos meus ferimentos?

- Não, Beatriz é perfeitamente normal, nosso corpo sempre encontra na dor um jeito de nos dizer que fizemos algum excesso e ontem fizemos muitos excessos.

- Foi tão especial Miguel! Só de lembrar o que você me fez sentir minha pele fica arrepiada. - Estendeu o braço e mostrou os pêlos ouriçados. - Vai ser a minha melhor lembrança, eu prometo!

- Não, Bia, por enquanto vai ser sua única lembrança. Eu fui o primeiro homem a fazer amor com você! Você era virgem!

Diferentes emoções passaram no rosto de Bia, surpresa, medo, e a conformidade passiva com que suportava todas as coisas.

- Você tem certeza?

- Sim, tenho.

- Miguel!

Miguel a envolveu num abraço, o mínimo que podia fazer para amenizar seu sofrimento era confortá-la. Deus, como seu corpo reagia rápido a presença dela. Afastou-a delicadamente.

- Bia não fique triste. Eu prometo que vou fazer o possível para compensá-la por mais essa perda.

- Você pensa que eu estou arrependida?

- Não está?

- Claro que não! Eu estou aliviada por ter sido você. Você é forte, bonito, charmoso! E o mais importante: eu escolhi você! Eu quis você Miguel! Graças a Deus não foi uma daquelas aberrações. - Ficou na ponta dos pés e depositou um beijo na boca dele. - Obrigada por tirar este peso da minha consciência.

Quando já estava de saída pediu:

- Posso ficar com a camisa.

- Que camisa?

- Esta que vesti sobre a camisola. - apontou para o corpo. - Recordação.

- Espólio de guerra.
- O que disse?
- É sua.

Ela saiu. Ele sentiu vontade de pedir que ficasse mais um pouco, o que estava querendo? Nem sabia direito o que queria com a moça, tinha dado sua palavra ao pastor de que tomaria uma decisão antes de tocá-la novamente. Sabia que a noite passada juntos poderia ter conseqüências sérias, mas no momento ele nada podia fazer se não trabalhar, trocou de roupa e consultou a agenda da doutora, tinha um trabalho a fazer e faria da melhor forma possível.

Capítulo XXVIII

Cláudia sabia que tinha sido muito dura com Miguel. Tinha sido bombardeada de perguntas por Beatriz, dentre outras coisas ela queria saber como era possível ter engravidado sem conhecer um homem. Cláudia deu-lhe alguns exemplos de técnicas de fertilização e inseminação.

Ela também contou que Miguel foi muito gentil em atender seu pedido e que não estava arrependida do que fez, ao contrário estava aliviada por ter sido um homem tão especial.

Ela não falou de sentimentos, mas seus olhos tinham um brilho de felicidade, que Cláudia diagnosticou como paixão. A doce Beatriz estava apaixonada por Miguel.

Restava agora saber qual seria a reação do homem a tudo isso. Seu marido havia pedido para não interferir e deixar que eles encontrem o próprio caminho, Bia era muito imatura devido ao tempo no convento e Miguel experiente e maduro demais para o romantismo dela. Ou será que não? Os opostos não acabam se atraindo?

Como médica de Beatriz ela esperaria algumas semanas para fazer um teste de gravidez e torceria para dar negativo. Ninguém podia prever o que aconteceria ao corpo da moça passando por outra gravidez. Aconselhou Beatriz a dar espaço para Miguel assimilar o que aconteceu, explicou que infelizmente os homens tinham dificuldade em aceitar mudanças em suas vidas e amar alguém era uma grande mudança na rotina de qualquer um.

Durante as semanas que se seguiram o novo casal resolveu se evitar. Miguel dava sempre um jeito de estar ocupado e Bia começou a se envolver nas tarefas da casa, se mostrou uma cozinheira muito competente.

Cláudia não falou sobre o que se lembrou da família, ainda não se sentia pronta para falar do assunto e seu marido lhe dava esse tempo sem pressioná-la. Estava entrando na nona semana de gestação, ela e o bebê estavam muito bem, os enjoos matinais não foram fortes e ela estava sempre com disposição para o trabalho.

Beatriz não teve a mesma sorte, passava as primeiras horas da manhã debruçada no vaso. Cláudia fez o teste só para confirmar o diagnóstico que todos na casa já desconfiavam, a moça estava grá-

vida. Diante da confirmação do fato. Miguel parecia mais resignado que feliz e Beatriz um pouco assustada com o que esperar do futuro. Miguel não havia tomado nenhuma decisão.

Num fim de tarde, quando Miguel trouxe Cláudia da clínica para casa, eles ouviram o som de gritos abafados vindos do terraço, como era dia de folga da arrumadeira, Beatriz estava sozinha na casa, exceto pelo rapaz que fazia a segurança do lugar. Cláudia correu para lá, Miguel chegou primeiro.

Miguel ouviu os gritos e teve certeza de que algo acontecia a Beatriz, correu para o terraço.

- Pare de chutar vagabunda! Pensa que não conhece seu tipo, cara de santa e uma vadia quando ninguém está por perto!

O homem prendia Bia contra o piso e com uma das mãos tentava suspender o vestido. Ela se debatia como louca. Miguel arrancou-o de cima de Beatriz, deu-lhe um soco tão forte no rosto que este caiu e ele avançou sobre o rapaz batendo sem piedade. O olhar desesperado de Beatriz sendo atacada por aquele tarado dava-lhe a motivação que precisava para continuar batendo.

- Pare Miguel, vai matá-lo! - Os gritos da doutora não chegavam a seu ouvido.

Miguel foi afastado do rapaz por um dos seguranças que chegou para troca de plantão e Lucas. Olhou chocado para o rosto desfigurado do rapaz. A doutora o examinava. Soltou-se e correu para Beatriz que chorava sentada ao chão, com os braços circulando os joelhos. Tomou-a nos braços e a ninou como um bebê.

Sua frágil Beatriz, tão inocente e dócil, porque as pessoas gostavam tanto de magoar os mais frágeis?

- Eu sabia que você ia chegar a tempo. - Murmurou ela ao ouvido de Miguel.

Pela primeira vez em muitos anos, Miguel chorou. Ele era tão frio e ela confiava tanto nele. Rumou direto para seu quarto deitou-a gentilmente em sua cama, deitando-se junto e a envolvendo nos braços. Ficou ali até ter certeza que ela adormeceu. Saiu sem fazer barulho, sabia que teria contas a acertar com o pastor, o homem tinha razão se não o quisesse em sua casa.

Encontrou o pastor, como de costume, sentado na varanda lendo a Bíblia. Este quando o viu marcou a página e deixou o livro de lado.

- Sente-se Miguel. Como está Beatriz?

- Está dormindo, eu achei que isso a ajudaria a se acalmar.

- Minha esposa está muito preocupada, foi difícil convencê-la a não ir até lá importuná-los. Você sabe que no caso de Beatriz a gravidez é considerada de risco?

- Sim. Pastor, como está o rapaz? Eu me descontroliei, se vocês não tivessem interferido eu o teria matado. Não vou mentir dizendo que estou arrependido, ele poderia ter matado minha mulher e meu filho.

- Miguel até os grandes homens da Bíblia já se descontrolaram diante de um ato de violência contra alguém a quem amavam. Moisés, aquele que abriu o Mar Vermelho, um dia cometeu um assassinato, ele viu um soldado espancando um homem

do seu povo e o defendeu. Todos nós estamos sujeitos a um ataque de fúria. Antes de conversar com você, eu me sentei aqui e me pus em seu lugar, fiquei até com medo de imaginar o que eu faria se fosse com Cláudia, o amor nos cega para todo o resto. Mas não tema, o rapaz passa bem, perdeu dois dentes, tem alguns cortes e hematomas no rosto, mas vai sobreviver. Eu o demiti, não quero um tipo como ele perto de minha família.

- E como ele reagiu?

- Bem, ele não disse muito coisa, eu fiz o comunicado enquanto Cláudia fazia a sutura dos cortes. - Ambos riram. - Fizemos um acordo, ele não denuncia a agressão e nós não o acusaremos de assédio sexual e não sujaremos a ficha dele. - Diante do suspiro de Miguel, Lucas comentou. - Todos merecem uma chance de se consertar, até você Miguel.

- Vou continuar aqui?

- Estava pensando em nos deixar?

- Não. Claro que não. Você sabe que desde meu envolvimento com Beatriz apanhar estes caras se tornou pra mim uma questão pessoal. Eu tenho o hábito de terminar minhas missões. E pastor eu tomei uma decisão muito importante: vou me casar com Beatriz.

- Ela é uma boa moça, merece um pouco de conforto e de felicidade. Já marcaram a data?

- Não, eu ainda não falei com ela.

- Pois estão corra, as mulheres são muito sensíveis e as grávidas são as piores. Miguel não é de sua personalidade demonstrar sentimento, mas vai fazer muita diferença se você disser o que sente por ela.

- Vou tentar dizer as palavras certas desta vez e pastor eu gostaria de lhe pedir para ficar aqui, com ela, até o casamento. Estou negociando uma casa aqui ao lado.

- Sei qual é, vi a placa de venda, vai ser muito bom tê-lo por perto.

- Vai ser útil para manter as nossas mulheres próximas e seguras.

- Vá falar com Cláudia, ela está muito apreensiva e se possível deixe-a examinar Beatriz, assim todos ficaremos tranquilos.

Miguel concordou e a doutora examinou Bia, graças a Deus estava tudo bem com ela e o bebê, por medida de segurança, faria uma ultrassonografia no dia seguinte.

Dormiram tranquilos, Miguel acordou cedo, ia pedir uma mulher em casamento e tinha que fazer direito. Por sugestão da doutora tinha encomendado uma cesta de café da manhã com flores, o kit, continha até uma aliança dourada. Serviria para fazer o pedido, depois ele compraria uma de ouro para oficializar a união.

Tinha um bom capital em sua conta. Resultado de anos de economias, gastava muito pouco com ele mesmo, morou sempre nos alojamentos militares, lá fazia suas refeições, seu salário ficava sempre na conta. Agora ele ia investir numa vida nova. Logo seu filho ia chegar e desta vez ele faria está mulher querer ficar ao seu lado.

Miguel já havia perdido uma mulher, na verdade a perdeu duas vezes, quando fugiu com um dos soldados de sua divisão e quando ambos morreram afogados no naufrágio da embarcação. Quando res-

gataram os corpos, ele soube que ela estava grávida. Nunca saberia de quem era o filho, mas aquela altura, de que isso importava? Ambos estavam mortos. Deu a ela um enterro decente e não mencionou com ninguém as circunstâncias da morte da mulher. Rasgou a carta que ela havia escrito antes de partir, contudo as palavras ainda falavam fundo em seu coração, principalmente quando ela dizia que o amor que tinha por ele acabou diante da indiferença com que era tratada e que ela encontrou nos braços de outro toda paixão que ele não foi capaz de despertar.

Tainára era natural da ilha de Marajó, linda, muito jovem, de pela morena, olhos puxados e cabelos lisos e negros, trazia nas curvas de seu corpo toda sensualidade da mulher indígena.

E agora lá estava ele se envolvendo com outra ninfeta. Droga! Não era hora de pensar nisso! Talvez fosse hora de escrever uma nova história, Beatriz não era uma criatura deslumbrada, a menina já tinha sofrido além da conta, este filho ele tinha certeza que era seu.

O pedido de casamento foi meio desajeitado, mas a reação dela foi tão efusiva que ele se contagiou. Ela o cobriu de beijos e de sins.

Foram juntos fazer o exame, Miguel não conseguiu conter a emoção quando viu a vulto de se filhinho na tela do computador. No caminho de volta parou na joalheria e compraram as alianças, mesmo diante de tantos modelos sofisticados sua noiva preferiu um modelo simples.

O casamento foi marcado para o mês seguinte, Bia queria casar antes que a gravidez fosse notada, pois não queria envergonhar os pais.

O casal foi junto a Viçosa para comunicar aos pais da moça a data do casamento, no entanto seus pais foram indiferentes ao comunicado, a mãe de Bia ainda lhe perguntou se ela tinha certeza que não queria voltar para o convento.

Os pais de Bia não vieram ao casamento, que foi celebrado pelo pastor, o irmão dele, Joab e a esposa, foram padrinhos da cerimônia religiosa com efeito civil. A discreta comemoração foi realizada numa churrascaria, próxima a igreja já que o evento foi pela manhã.

A casa dos recém casados ficava ao lado da casa de Lucas e os homens concordaram em fazer uma porta de comunicação entre as propriedades, assim tinham livre acesso de uma para outra sem serem vistos do lado de fora. Construíram a porta dentro da antiga casa de empregada que Miguel ocupara assim somente os dois homens e as mulheres tinham conhecimento de sua existência. Era uma rota alternativa muito importante no caso de precisarem sair sem serem notados. O casal passou uma semana de lua de mel em uma pousada na praia do Francês, cidade vizinha de Marechal Deodoro, local de praias paradisíacas, que ficava à meia hora da capital. Assim em caso de emergência Miguel voltaria em tempo hábil.

Capítulo XXIX

Vladmir esmurrou a sólida mesa de carvalho

no salão onde se encontrava. Amaldiçoou todos os presentes e se enfureceu ao contemplar o sorriso sínico no rosto perfeito de Lúcius.

- Como ela pode engravidar de um mísero mortal! Ela estava prometida a mim, ela foi criada para gerar comigo um ser espiritual, juntos traríamos vida ao nosso senhor e mestre.

- Mulheres são criaturas complexas, eu mesmo em todo esplendor de minha beleza fui rejeitado por uma. Consegue imaginar uma mulher que não me deseje? - Lúcius se lembrou de uma moça de olhos verdes como os seus, lançou um olhar sobre Yvlana. Ela saiu do lado do marido e veio até ele. - Uma mulher que não anseie por todo prazer e luxúria que eu posso oferecer?

Yvlana sentou-se no colo de Lúcius.

- Sente-se aqui Yvlana! - Esta voltou cabisbaixa para o lado do marido que a esbofeteou sem piedade. Ela não chorou, resignada enxugou o sangue que pingava do nariz para não manchar o vestido.

- Eu a daria para você se isso me desse algum prazer, mas fico mais contente quando a machuco. O sangue dela tem um cheiro bom.

Ambos suspiraram e sorriram.

- Devo concordar com você e quanto a sua irmã, vai matá-la? Posso lhe fazer esse favor se você me der o feto, claro!

- Você sabe que não posso matá-la, idiota! Ela é a Porta, demoraria muito para trazermos outra mulher com a mesma carga genética a vida. Cláudia é híbrida e perfeita, a única mortal capaz de trazer um ser das trevas a vida. O que eu preciso descobrir é como um nativo pode engravidá-la. Ela

já teve alguns homens e nenhum nunca me preocupou, este vem e atrapalha meu projeto. Preciso ouvir dos sábios como isto pode acontecer e como desfazer o que está feito sem perder meu lugar diante do Mestre.

- Vai reconhecer minha soberania, Vladmir?

- Não me aborreça com suas tolices. Você é só um demônio vaidoso, de um principado medíocre. O Mestre não se importa com sua existência; você tem seu território, contente-se com ele. Pouco importa para nós o que você faz aqui, mas não interfira no que está acima de você, ou será exilado. Sei que gosta de ser chamado de mestre, mas lembre-se de quem é seu verdadeiro Mestre e onde está sua lealdade.

- Você é só um mortal Vladmir, um peão num jogo que você nem sabe quais são as regras verdadeiras. Já vi bruxos mais poderosos que você queimando em fogueiras e nenhum de nós se sensibilizou por ele. - Lúcius riu em escárnio. - Não temos mesmo nenhum sentimento. Então, não se iluda, posso estar por baixo, mas este é meu time e conheço as regras deste jogo desde sempre.

- Minha família se assenta no mesmo trono há muitos séculos. Temos examinado cuidadosamente as escritas antigas e preparado todo cenário mundial para a vinda dele. E em troca, temos nesta vida tudo que ela pode oferecer o poder que realmente impulsiona o homem: A riqueza. Não um povo ou nação, mais o domínio sobre varias nações. Treinamos e contratamos os melhores cientistas e alquimistas que o dinheiro pode comprar. E temos a

única mulher capaz de dar carne a um ser espiritual. Então não me venha falar de hierarquia infernal. Eu sei o valor que tenho. Eu estou preparado para ser o pai do príncipe deste mundo. Todos os principados e potestades se curvaram perante ele, toda a humanidade o adorará e servirá. Quando as trevas reinarem na terra, eu reinarei com ele e você me chama de mortal, bruxo! Você é uma vergonha, Lúcius, um ser que não sabe tirar vantagens de sua posição, tem acesso à dimensão dos homens, pode se encarnar, e tudo que conquistou foram um grupo de mortos vivos e aberrações genéticas como seguidores.

- Não me subestime, Vladimir, enquanto os seus são vassalos, eu sou servido há séculos. Esqueceu que sou imortal? Tem seu trunfo, está temporariamente por cima, mas tudo passa e eu sei mais sobre sua irmã boazinha que você.

- Fale o que você sabe que eu não sei?

- Sei por que ela está grávida. Sei por que ela lembrou e não tem medo de você! Sei muitas das respostas que você procura!

- Fale!

- Há muitos séculos sua família escreveu uma profecia, que a mulher perfeita só conceberia um único filho gerado pelo sacerdote e irmão. E o sacerdote teria que estar a serviço do mestre a muitas gerações.

- Sim conheço a profecia e não vejo como ela pode conceber fora dela.

- Como fora dela? Sua irmã cumpriu perfeitamente a profecia. O marido dela é pastor de uma igreja.

- Um sacerdote, ainda assim a profecia seria incompleta.

- Lá todos são chamados de irmãos e ela entrou para a igreja antes de casar. Por dedução a família dele deve servir ao mesmo senhor por gerações. - A cada palavra Lúcius zombava da ira do outro.

- Um líder de uma igreja merdinha neste país ridículo. Como pode usurpar o que é meu? Vou aniquilá-lo!

Dito isso saiu da sala seguido como sempre pela esposa e pelos... Sabe-se lá o que são aqueles homens que andam com ele? Lúcius ria da arrogância do outro.

- Mestre. Devemos interferir? - Disse um dos seres perversos e asquerosos que o seguiam.

- Não. Deixe o homem experimentar a frustração de tentar contra os escolhidos. - Todos riram. - Ele conhece o poder, vamos ver como reage diante das limitações.

- Poderes ilimitados, balela! No mundo dos homens e demônios sim, lá eles tinham poderes e domínio, mas não sobre a nação escolhida ou qualquer um dos selados, não! Destes, o grandão cuidava com esmero e Lúcius sabia que nestes o reino de seu mestre tinha muitas limitações ao interferir. Havia dois terços de anjos que não seguiram Lúcifer e foram colocados a serviços dos homens como ministradores e guardiões. Se a mulher tivesse recebido o selo, e herdasse as promessas do tal Cristo, Vladimir ia conhecer o poder do outro reino, se sobrevivesse, Lúcius gostaria de estar lá para escarnecer de sua desgraça. E tirar vantagem, claro!

Tomaria algumas providências e a primeira delas era manter os irmãos sob vigilância. Saber todos os passos de cada um deles, se possível antecipá-los. Deu ordens aos cães para que fossem e não perdessem nenhum dos dois de vista.

Quando um de seus seguidores ofereceu o projeto de manipulação genética, chegou a desprezar a idéia, investiu recursos pelo prazer de caçar suas vítimas pessoalmente. Hoje gostava dos resultados, conseguiu através da clonagem um corpo jovem e belo. Trouxe carne para seus subordinados e criou seus cães do inferno. Estes eram fiéis a ele, o Criador deveria ter usado instintos caninos no homem, assim teria a fidelidade da raça humana, mas como diz o provérbio popular: O mundo é do mais esperto.

Ele era esperto. Não! Ladino seria o termo correto.

Capítulo XXX

O culto dominical foi muito bonito, a mensagem foi sobre o amor de Deus por cada pessoa. Seu José Jerônimo ouvia atento a cada palavra do pastor, desde a chegada do pastor Lucas e sua família a igreja tinha prosperado bastante.

Seu Zé gostava muito do novo pastor, era um homem sábio e acolhedor, bom ouvinte e conselheiro. Todo fim de culto ele cumprimentava o pastor. Já se aproximava do púlpito quando a viu, alta e magra, os cabelos negros e lisos chegavam quase

até os quadris. Pensou que seus olhos estavam lhe pregando uma peça. Afastou as pessoas e se aproximou da jovem, ficou a pouco mais que uns dois passos dela.

- Deus! Era sua Jaciara!

A jovem voltou o rosto para falar com o acompanhante. Ficou de frente para ele e não o reconheceu, mas seu Jerônimo reconheceu o acompanhante, Lúcius! Como ele podia estar ali circulando entre os crentes sem ser notado e como conseguiu dar vida a Jaciara? Outro homem estava com eles, este tinha o ar mais arrogante que o Mestre. Eles se dirigiam para perto da esposa do pastor, seu Jerônimo os seguiu a distância.

O templo estava quase vazio e o pastor estava na sala pastoral. Irmã Beatriz e o marido estavam no salão que ficava ao lado do templo, ministravam uma breve palestra aos novos convertidos. Ele escondeu-se por trás de uma coluna e observou tudo sem ser notado.

Beatriz tinha acabado de anotar o nome e o endereço das pessoas presentes, durante a semana seguinte um grupo de senhoras, conhecidas como visitadoras, fariam uma visita a cada um deles. Miguel com seu jeito objetivo explicava como funcionava a igreja e o que era ser um Cristão.

Seu marido não era o que se chamaria de crente fervoroso, mas era muito convicto de sua crença e suas obrigações. Bia já se acostumara com seu jeito. Estavam casados há seis meses, para alguns ele parecia até grosseiro, mas ela sabia o homem humano e compreensivo que ele era. O som de vo-

zes exaltadas no templo chamou sua atenção, aproximou-se do marido e discretamente lhe pediu para verificar o que se passava. Despediu as pessoas presentes e lhes mostrou a saída lateral. Seguiu para o templo.

Cláudia recostou-se na cadeira, sua cabeça estava dando voltas. Tinha recebido outro telefonema de Vlad, ele insistia em dizer que contaria a todos o segredo da sua origem se ela não o acompanhasse até a Rússia. Ela sabia o que ele e seus seguidores esperavam dela.

Mas ela era uma nova mulher, a Bíblia dizia que aquele que está em Cristo Jesus é uma nova criatura, então não importa que criatura ela fosse antes, agora estava em Cristo. Ela tinha nascido de novo!

Cláudia levou um choque quando alguém tocou seu ombro, virou para ver quem era e teve um susto ao deparar-se com Vladmir, sua esposa e outro casal. Olhou em volta, estava só, revestiu-se de coragem e perguntou:

– Meu irmão, que surpresa, o que faz aqui?

– Vim buscá-la, tudo já está preparado.

– Eu já lhe falei que não vou a lugar algum com você. Meu Jesus, como você é insistente. Quantas vezes vou repetir que não sou a mulher que você procura, eu não sirvo para vocês!

– Como não? Nós criamos você, nós lhe demos a vida!

– Como eu fui gerada não importa, eu agora sou uma nova criatura em Cristo Jesus.

O casal que acompanhava Vlad afastou-se al-

guns passos. Cláudia estava tão nervosa que pensou ter visto a face deles mudar de forma.

– Não diga tolices! – Vlad disse algo em uma língua que Cláudia não conhecia e avançou sobre ela. Não chegou a tocá-la, uma força o jogou longe. – Maldita, prefiro matá-la a deixá-la em paz!

– Eu tenho paz! – Gritou Cláudia.

– Venha comigo agora. Não me obrigue a destruir você e tudo que está ao seu redor.

Lúcius afastou-se estrategicamente de Vladmir, veio por curiosidade e para ver até onde podia ter acesso à família do pastor. Depois da última conversa com o arrogante irmão da doutora, ele foi chamado de volta à Rússia. Soube que seu abastardo clã, tentou um golpe para tomar seu lugar. Ah! A raça humana e sua ganância. Cometiam atrocidades por dinheiro e poder, e às vezes tinham o cinismo de por a culpa no Diabo! Pode? Mas graças à existência da irmãzinha, ele retomou seu lugar. Agora segundo ele, veio buscar o que lhe pertencia. E isso Lúcius queria ver de perto, mas não perto o suficiente para ser chamuscado.

Miguel chegou sem ser notado, reconheceu o irmão da doutora. Ele insistia em querer levá-la para a Rússia. A doutora estava furiosa, falava alto. O casal que veio com o homem, afastava-se cada vez mais. Seja lá o que for que o outro veio fazer, eles vieram apenas assistir, ou estavam com medo. Miguel parou ao lado da doutora, viu Beatriz que se aproximava devagar. De repente o homem avançou sobre a doutora, o estranho é que nem chegou a

tocá-la e foi repellido. Gritou que destruiria tudo e mais uma vez foi jogado longe.

- Como isto acontecia? Ninguém tocava nele?

O casal ria do esforço do irmão da doutora para se levantar e aproximar dela.

- Pastor! - Gritou Vlad assim que ficou de pé. - Venha saber o que é sua mulherzinha!

Lucas veio e parou perto de Vladmir.

- Estou aqui, Vladmir pode falar?

- Sua mulher não é humana, ela é um maldito clone sem alma, criado em um laboratório. - Riu com desdém. - Você casou com uma aberração genética.

- Agora, pois, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus te livrou da lei do pecado e da morte. Romanos, capítulo oito e versos um e dois. Citou Lucas.

- Como pode salvar quem não tem espírito? - Escarneceu Vlad.

- Você é muito tolo, Vladmir, quando Cristo subiu a cruz ele levou sobre si nossos pecados, nossas maldições, nossas enfermidades, num sacrifício voluntário para que todo o que nele crê tenha vida eterna. E para que tivéssemos a certeza de nossa salvação ele nos enviou o Espírito Santo. Cláudia tem o Espírito Santo da parte de Deus.

Vladmir fez uma evocação em uma língua que Lucas não conhecia, Lucas sentiu que não era coisa benigna e ordenou.

- Cala-te e afasta-te daqui! Eu ordeno que toda força das trevas seja banida deste local que é con-

sagrado ao Deus Pai Todo poderoso! Sai em nome de Jesus!

Vlad caiu e não conseguiu levantar, foi levantado pela esposa e os homens que o acompanhavam discretamente e o arrastaram para fora do templo. Lucas abraçou a esposa. Não importava de onde ela veio ou como foi gerada, agora ela era filha do Deus altíssimo e sua esposa.

Bia aproximou-se devagar e ouviu som de risos, risos diabólicos.

E ela viu. Ele estava acompanhado de uma mulher esquisita. Ele também a viu e veio em sua direção.

-Ele ia pegá-la novamente!

Tentou falar, ordens espirituais precisavam ser ditas, o poder da palavra. Bia sabia que para abrir à dimensão do reino espiritual a ordem precisa ser verbalizada.

- A bela Beatriz...

Bia ouviu a frase que era pronunciada em seu cativeiro. E desmaiou.

Miguel viu o outro homem correr até Beatriz, ele disse algo e sua mulher desmaiou em seguida. Correu para alcançá-la antes do outro. Sentia que se aquele homem chegasse primeiro ele perderia Beatriz.

A voz do pastor se elevou numa ordem espiritual. Miguel não entendia o que o pastor falava, mais quando este mandou alguém se retirar e pronunciou o nome de Jesus. O homem que se aproximava de Beatriz sumiu. Tomou a esposa nos braços.

Como amava aquela mulher! Casou-se mais por obrigação que por amor, contudo como não amar alguém tão doce, que lhe tratava com tanto carinho. Mesmo tendo uma gravidez difícil, sua mulher nunca reclamava. Como não amar a mulher tão meiga que em breve lhe daria uma filha. Ela estava acordando, ajudou-a a levantar e sentar numa das cadeiras.

- Você está bem? Consegue falar?

- Miguel, era ele!

- Sim eu sei, o pastor mandou o irmão da doutora embora.

- Não, o outro. Foi ele quem me levou do convento e me machucou.

Miguel contraiu tanto o maxilar que seus dentes estralaram.

- Ele não vai chegar perto de você, eu estou aqui e vou protegê-la.

- Eu sei.

Ouviram passos se aproximando, Miguel procurou a arma no cós da calça. Lembrou que não vinha armado aos cultos, um hábito que deixaria. Levantou e armou-se com uma cadeira. Um senhor, que congregava com eles surgiu em sua frente.

- Sou eu, irmão Miguel, eles já se foram.

Miguel baixou a cadeira e o homem se aproximou.

- O senhor viu o que aconteceu aqui?

- Sim, eu vi tudo e ouvi o que foi dito. - Vendo que o semblante de Miguel endureceu o homem acrescentou. - Não se preocupe. Não comentarei com ninguém nada do que foi dito aqui, também posso oferecer informações sobre o homem que se

aproximou de sua esposa. Venho seguindo a rastro dele há muito tempo.

- Fale o que sabe, mas se não se importar eu gostaria que o pastor e a esposa ouvissem.

O homem concordou com um gesto e acompanhou o casal até o púlpito. Lá o pastor abraçava a esposa, que parecia muito abalada com tudo que aconteceu.

Beatriz deu um forte abraço em Cláudia, uma sempre podia contar com o apoio da outra.

- Lucas, sei o quanto a doutora deve estar abalada com tudo o que houve, mas o irmão José tem algumas informações para nos oferecer. Gostaria que vocês ouvissem o que ele tem para nos dizer.

- Tudo bem, Cláudia, Beatriz venham! Vamos nos sentar um pouco assim conversaremos mais a vontade. - Lucas colocou algumas cadeiras em círculo, onde todos se acomodaram. - Irmãos antes de abordarmos este assunto eu gostaria de dizer que nada do que foi dito por aquele homem muda o que sinto. Somos filhos de Deus e ninguém pode mudar ou tirar de nós esta dívida.

- Cláudia agora eu entendo seu receio em revelar suas lembranças. Você tinha medo de ser de alguma forma rejeitada por nós?

Cláudia olhou para as reações no semblante de cada um, antes de responder a pergunta de Miguel.

- Miguel, não foi fácil lidar com esta descoberta. Cheguei até a achar que eu não era humana. Talvez isso explique porque eu não queria lembrar nada da minha infância, mas quando eu estou perto de vocês, ou quando meu filho mexe no meu

ventre, vejo que sou perfeitamente normal e muito feliz por tê-los. Obrigada por tudo que vocês são pra mim!

- Cláudia, eu nunca conheci ninguém mais humana que você. Quando eu já não acreditava em nada nem na vida, você me trouxe para sua casa e me fez parte de sua família. Acho que meu marido também pode afirmar isso, que devo minha vida a você.

- Eu apenas fiz meu trabalho, Bia.

- Mesmo assim, obrigada, eu amo e admiro você.

As amigas se abraçaram, passada a emoção os homens retomaram o assunto:

- Por favor, irmão, pode nos contar o que sabe sobre aqueles homens?

- Posso, vai ser bom dividir um pouco meu fardo com vocês. - Seu Jerônimo contou sua história desde o terreiro de candomblé que possuía, onde sua filha conheceu Lúcius, até sua fuga do hospital, nesta parte Miguel o interrompeu:

- Então a interferência desta moça o salvou do ataque do cão?

- Sim, quando o cão me soltou e correu para ela eu escalei o muro e fugi. Infelizmente não sei o que houve, não achei que podia fazer muita coisa por nós dois.

- A moça que interferiu não morreu e o cão que o atacou foi morto por mim. - Miguel omitiu o fato de der sido sua esposa a tal moça, nenhum dos presentes o contrariou.

Seu Jerônimo olhou admirado para Miguel.

- Então aqueles monstros morrem como qualquer animal?

- Eu acredito que sim. Matei aquele com dois

tiros. Agora fale o que mais descobriu sobre os homens?

- Primeiro posso afirmar que nem todos eles são homens. Eu os chamo de zumbis, são seres caídos, que se apossam de corpos e usam estes corpos para andar em nosso meio. Para isso precisam de algum tipo de manutenção, que deve ser feita na clínica que eles mantêm secretamente.

Lucas perguntou:

- O senhor sabe onde fica esta clínica?

- Tenho alguns palpites, infelizmente eu não pude entrar para confirmar, os locais são bem guardados e tem muita gente envolvida. Para eles é uma religião, muitos se intitulam de espirituais, de magos, outros têm uma filosofia de vida, outros dizem que não tem religião, mas todos fizeram um pacto com o diabo. São uns malditos satanistas, só não admitem. São poucos os que assumem sua crença ou falam dela.

- Você pode nos contar o que descobriu sobre a ligação entre Lúcius e meu irmão Vlad?

- Doutora, este tal Lúcius, gosta de ser chamado de Mestre. Eu acho que ele não é humano, gosta de seduzir mocinhas. Seu irmão está acima dele, pois ele se curva diante dele, que trunfo seu irmão possui para submetê-lo eu não sei. O que sei e que seu irmão é muito influente no meio deles e tem gente bem grande neste meio, desde médicos e advogados até juizes e políticos do alto escalão.

- E sobre os cães o senhor descobriu algo? - Miguel quis saber.

- Não. Só que o animal que seguia a doutora desapareceu há alguns meses.

– Você o viu?

– Sim, eu tenho uma moto. Observo tudo de longe, eles são muito espertos e rápidos. Sabem se esconder, se camuflar, não fui tolo em chamar a atenção deles. Mas, faz um bom tempo que não vejo este, ele é diferente do outro, tem uma mancha branca no peito e olhos que vão do azul ao verde. Você é capaz de passar por ele na rua e nem notar.

– Nós também fizemos algumas descobertas, mas, acredite irmão, nada tão esclarecedor quando o que nos contou aqui. Contudo se o irmão quiser saber o que temos nos procure amanhã. O senhor sabe onde o pastor mora? Eu moro ao lado.

– Então nos vemos amanhã na casa do pastor. Pode ser à tarde?

– Sim. A hora que lhe for conveniente, nós não vamos sair de casa. – Afirmou Lucas.

A despedida foi breve, apanharam Rebeca que estava como voluntária no berçário. O retorno para casa foi tranqüilo.

Na tarde do dia seguinte a reunião na casa de Lucas foi bastante proveitosa. Contou com a presença de Joab, Miguel, Lucas, Cláudia e Bia. Munidos de todas as informações de possuem em comum, o grupo teve uma visão mais ampla do inimigo que enfrentavam suas armas e seus pontos fracos. Seu Zé passou a ser um assíduo freqüentador da casa do pastor e um amigo querido por todos.

Segunda Parte

Capítulo I

Maceió: 1993.

Rebeca brincava feliz com seu irmão de dois anos e meio. Desde o nascimento de Davi, ela mudou-se definitivamente para a casa do pai. Beatriz chegaria a qualquer momento trazendo a pequena Deborah, às crianças tinham apenas três semanas de diferença.

Miguel agora não era segurança particular, ainda prestava serviço de segurança para sua família, através de sua empresa. Ele e tio Joab haviam feito uma sociedade e a nova empresa de segurança estava prosperando. Os serviços prestados eram de excelente qualidade e de alta tecnologia. Tio Luiz, marido de tia Teresa, também trabalhava com eles, era responsável pela contabilidade. Miguel e Beatriz freqüentavam a igreja de seu pai e cooperavam nos trabalhos religiosos.

Cláudia resolveu fazer um curso de Teologia,

as aulas eram nas tardes de sábado, Bia ai junto, pois estava fazendo um curso para ser professora de escola bíblica e as aulas eram no mesmo local do curso da doutora.

Lucas estava como pastor de uma congregação no conj. Benedito Bentes, em dois anos tinha transformado a pequena igreja num templo maior e bem organizado. A esposa o ajudou bastante, ia a todas as reuniões, exceto nos seus plantões no hospital, agora Cláudia não trabalhava no Hospital Universitário, só no hospital onde Beatriz foi tratada.

Havia também um novo motorista, ou segurança, Rebeca não sabia precisar qual a verdadeira função do rapaz, era muito sério, também era evangélico e um fofo! Nossa! Se seu pai ouvisse seu pensamento ela estaria encrencada. Seu pai preferia acreditar que ela era uma menina de quatorze anos, não uma moça. O rapaz acompanhava Cláudia a todos os lugares, era dispensado somente quando um dos homens da família estava presente, isso incluía o tio Miguel.

Seu pai tinha falado com ela sobre os cães assassinos e ela tinha muito cuidado ao sair de casa, principalmente à noite. Alguém, segundo seu pai, queria fazer mal a Cláudia, e podia conseguir fazer isso através dela e do irmão.

Bem, ela até já estava acostumada à nunca sair sozinha. Suas amigas de colégio é que questionavam a presença constante dos seguranças. Ela fazia uma piada ou mudava de assunto. Era complicado explicar as coisas que aconteciam em sua casa a outras pessoas, já a achavam esquisita por ser

crente, imagine se soubessem das loucuras que aconteciam em torno deles?

Por ser considerada criança, via e ouvia muita coisa. Sabia muito mais do que o que eles lhe revelavam, sabia inclusive que Cláudia sabia o porquê de todo aquele mistério. Mas ela se recusava a falar sobre o assunto até com seu pai. Certa vez a tinha ouvido discutir ao telefone com alguém, ela gritava bastante e dizia que nunca geraria a criança. Quando desligou estava descontrolada e chorava bastante.

Rebeca sabia que ela não tinha dito nada ao pai sobre o telefonema. Ela mesma quando contou ao pai ele lhe pediu para aprender a confiar nas pessoas. Que quando estivesse pronta ela contaria o que estava acontecendo. Eles só podiam orar para que Deus lhe desse sabedoria, ela ia saber o momento certo de falar.

Beatriz chegou. A pequena Deborah era um mimo, linda, lembrava os traços do rosto da mãe, mas tinha a personalidade forte do pai. Todas as vezes que disputava um brinquedo com o meigo Davi, este perdia o brinquedo. Quando seu irmão se impunha um pouco ela chorava e ninguém resistia a seus lindos olhos verdes cheios de lágrimas. De um jeito ou de outro sempre conseguia o que queria. Rebeca pessoalmente gostava muito da menina, a pequena tinha personalidade.

– Rebeca, Deborah acordou muito irritada, pode ser alguma doença. Caso perceba que ela está com febre ou chore muito, ligue para escola e eu venho ficar com ela. – Colocou a menina no chão, ela correu e pegou um dos brinquedos espalhados pelo

lugar. Davi foi até ela e começaram a brincadeira preferida deles: tomar o brinquedo um do outro. – Vou pedir para Cláudia dar uma olhadinha nela assim que voltarmos do curso. A paz, meu amor. – Depositou um beijo na face de Rebeca e entrou na casa.

Pouco tempo depois Rebeca ouviu o som do carro saindo, estava só com as crianças, seu pai estava na congregação. Sim, havia o segurança de plantão. Um rapaz que por ser de família conhecida e cristã, seu pai confiava para ter acesso ao interior da casa e ele era responsável por acompanhar Rebeca sempre que fosse preciso.

Ela sabia que ele ficaria na sala de monitoramento, que ficava logo na entrada da casa, de lá através das câmeras ele via todo movimento fora e em torno da casa.

Os pequenos corriam muito, mas após o lanche ficavam sonolentos e procuravam um dos colchões deixados ali para este fim, brigavam o tempo todo, mas na hora do sono se deitavam lado a lado e dormiam de um frente para o outro. Rebeca deitou-se na rede e fechou os olhos, sempre tirava um cochilo junto com os bebês. Acordou sobressaltada, alguém alisava seu rosto e suas pernas. Abriu os olhos e o homem estava com o rosto a poucos centímetros dela. Jesus! Ele ia beijá-la.

Rebeca foi pega de surpresa pela boca que tocou a sua. Tentou empurrá-lo, mas ele tocou em lugares que deixaram seu corpo mole. Ela até pensou eu resistir, mas não teve forças para fazê-lo. Cuidadosamente ele despiu sua blusa, quis protestar, seu protesto ficou preso no beijo que recebeu

em seguida, sua mente lhe mandava sair dali, entretanto seu corpo queria que ele continuasse as carícias, mais, muito mais. Seja lá o que fosse que ele fazia com as mãos e a boca, ela morreria se ele parasse. Ele não parou...

Quando abriu os olhos estava sozinha e sem blusa, arrumou a roupa. Que sonho estranho! Os bebês ainda dormiam, foi ao seu quarto e tomou um banho, seu corpo estava suado e pegajoso.

Quando parou em frente ao espelho para se vestir, uma marca em seu seio chamou sua atenção. Aproximou-se do espelho, Deus do céu não tinha sido um sonho! Tinha sido beijada e tocada por ele, mas como ele podia estar ali, tinha saído com seu tio e só voltaria à noite? Foi um sonho esquisito, só isso. Provavelmente suas unhas tinham feito a marca.

Voltou para perto das crianças.

As mães chegaram e levaram seus filhos. Rebeca sentiu vergonha de encarar as mulheres, tinha receio de que olhando em seus olhos, elas pudessem descobrir o que havia feito e mais vergonha ainda em admitir que gostou do que sentiu e queria sentir tudo de novo. Alegando dor de cabeça, fechou-se em seu quarto.

Capítulo II

Como acontecia todo Domingo, a família se reunia pela manhã na escola dominical e almoçavam

todos juntos. Cláudia aguardava enquanto seu marido e Beatriz terminavam o planejamento para compra de revistas para a escola bíblica. Como a moça era a coordenadora da escola, cabia a ela dar a última palavra em relação a que revista era mais completa para cada classe matriculada.

Ambos estavam envolvidos na conversa que nem notavam a movimentação das pessoas se retirando para suas casas.

Duas jovens se juntaram a eles, eram professoras das classes infantis. Davi e Deborah corriam de um lado para outro batendo palmas e dando tchauzinho para todos que passavam por eles.

- Ela parece uma artista de cinema.

Cláudia voltou-se para a jovem que se sentou a seu lado e lhe falava.

- Desculpe, eu não estava prestando atenção. O que você falou?

- Que a mulher do pastor parece uma artista de cinema, também um homem lindo daqueles não ia olhar para uma de nós não é mesmo? Vê como se olham. Ela é perfeita para ele, meiga, bonita e uma colaboradora no trabalho da igreja.

- Desculpe, mas a esposa do pastor sou eu!

- Nossa! Então eu que lhe devo desculpas pelo comentário infeliz. - Levantou-se e antes de ir embora acrescentou: - Você deve cuidar melhor do seu marido.

A mulher se afastou antes que Cláudia pudesse fazer qualquer comentário. Sem querer ela parou para observar o jeito como o marido olhava para Beatriz. Normal, ele parecia notar mais o conteúdo da revista que a mulher que a mostrava.

Mas e ela? Bia estava cada vez mais bela, os cabelos já chegavam aos ombros e estavam com um corte bem moderno, o rosto após a maternidade ganhou uma vitalidade exuberante, o corpo ficou maduro, Bia era a personificação da beleza.

Cláudia via como os homens ficavam abasbacados diante dela. Beatriz era apaixonada por Miguel, só tinha olhos para o marido, que por sua vez era um homem de chamar a atenção. Mesmo tão sério Miguel tinha um charme felino. Não, não ia ficar pensando bobagens. A mulher fez um comentário infeliz e só. Num impulso foi até eles.

- Oi, falta muito?

- Não, meu amor. Na verdade a escolha já foi feita por Beatriz, ela só está nos explicando como aproveitar melhor cada lição.

- Certo. Bia será que você pode fazer isso mais rápido? Eu gostaria de chegar mais cedo em casa, hoje o almoço será lá e quero dar os últimos retoques.

- Nossa! Desculpe Cláudia, acho que me empolguei. Vocês podem ir, Miguel está chegando e fecha a igreja comigo.

- Tudo bem pra você, Lucas? Podemos levar Deborah, assim você fica mais à vontade.

- Ótimo, Cláudia! Quando sair daqui vamos direto para sua casa.

Cláudia colocou Deborah no colo e Lucas pegou Davi. Rebeca os esperava fora da igreja conversando com alguns jovens. A menina tinha se tornado uma jovem muito bela, o corpo de bailarina dispensava cuidados, os cabelos longos, dourados com mechas ruivas eram muito bem tratados e bonitos.

Ela dizia a Cláudia que os rapazes perdiam a cabeça quando ela soltava os cabelos. Pena que seu marido não perceber que a filha não era mais uma garotinha e estava muito interessada em rapazes. O que era uma preocupação a mais para ela.

Capítulo III

Rebeca dormia muito cedo, como estudava pela manhã, ninguém estranhava. Na verdade ela tinha urgência em dormir, para sonhar com ele. Estava apaixonada pelo homem do sonho. Ele era tão especial e lhe fazia sentir tanta coisa. Desde a tarde na varanda, ele voltava toda noite e cada novo sonho era uma aventura e ele sempre a salvava de um grande perigo.

E os sonhos tinham continuidade, todas as vezes que dormia o sonho continuava de onde parou. O homem parecia muito com tio Miguel, ela até o confundia com ele, mas só no começo. Agora ela sabia que não era ele, seu príncipe encantado tinha olhos verdes.

Rebeca entrou no mundo dos sonhos, estava caminhando sozinha por uma estrada cercada por mato. Ela não via nada, mas sentia que algo dentro do mato a estava observando. Apressou o passo, a vegetação ao seu redor começou a se mover, ela descia uma ladeira, e alguns metros a sua frente estava à cobra, estirada na estrada. Só a cabeça era capaz de cortar a estrada de um lado para o

outro, o corpo da enorme serpente formava a montanha que ela estava descendo.

Rebeca se aproximou da cabeça da cobra, o animal que parecia dormir, de repente abriu os olhos e a fitou. Ela tentou correr, mas suas pernas não saíram do lugar, fechou os olhos e esperou o bote. Tinha certeza que ia perecer!

Dois braços fortes a envolverem e a retirarem do chão, foi colocada no colo do homem, que cavalgava um cavalo branco. O cavalo pulou a serpente, e seguiu por um caminho no bosque. Parou em uma cachoeira, que formava um pequeno lago, pulou do cavalo e a ajudou a descer. Guiou-a pela mão até o centro do lago.

Rebeca estava sem roupa, mas não se importou com o fato. Ele também estava despido, no entanto apenas seu tórax, muito forte e bonito, estava visível, da cintura para baixo, a água cobria. Ele a conduziu até uma rocha que ficava por trás da cachoeira.

– Incrível! A água se abriu para eles passarem!

Ele a sentou na rocha e ficou em pé dentro da água, as pernas de Rebeca ficaram uma de cada lado da sua cintura. Seu rosto se aproximou do dela, Rebeca sabia que ia ser beijada e aguardou ansiosa pelo beijo. Ele não beijou e continuou com o rosto bem próximo sem fazer nada.

– Por favor, eu preciso do seu beijo. – Foi a primeira vez que ela falou nestes sonhos. Encostou sua boca na dele, ele lhe deu somente um beijo suave, ela queria mais. Estava acostumada a sentir muito prazer quando ele a beijava e enchia seu corpo de carícias. Tentou aprofundar o beijo, ele a afastou.

– Não posso continuar assim, preciso de você. –
Também foi a primeira vez que Rebeca ouvia sua voz. A voz dele era com um sussurro ao seu ouvido.
– Quero você pra mim! Seja minha, é só você dizer e me pertencerá para sempre.

– Eu não sei...

O protesto da menina ficou preso na boca que tomou a sua com paixão.

Ele começou a tocar seu corpo daquele jeito que deixava ela mole. Teve vontade de protestar, mas era tão gostoso o que sentia que ela queria sentir muito mais.

– Rebeca, diga que quer ser minha e eu faço esta agonia passar.

Ela confirmou com a cabeça. Não tinha forças para falar nada.

– Fale. – Ele afastou-se.

– Eu quero.

– Não, diga a frase completa e você vai conhecer o paraíso.

Rebeca teve medo, não era ingênua, sabia que beijos e carícias eram coisas sem conseqüências, mas passar disso era perigoso.

– Ridículo!

Estava sonhando, que mal havia em ir até o final num sonho. Era só um sonho! A maioria de suas amigas admitiu já ter tido sonhos assim.

– Eu aceito ser sua para sempre!

Rebeca viu o triunfo no semblante bonito dele, agora ele não parecia com ninguém que ela conhecia. Era tão belo, nenhuma mulher esqueceria um homem com tanta beleza.

– Você é minha.

A partir daí o sonho ficou confuso, ela via a cachoeira e a janela do seu quarto, fechou os olhos, não queria deixar de sentir nada. Não queria que nenhum outro pensamento atrapalhasse este sonho tão bom. Até que sentiu uma dor lacerante lhe rasgar as entranhas!

– Não!

Rebeca acordou ao som do próprio grito.

Capítulo IV

Lucas tinha o hábito de acordar cedo para orar, naquela madrugada sentia-se ansioso, como se um grande perigo rondasse sua casa. Estava de joelhos num canto do quarto, orava baixinho para não acordar Cláudia, desde o nascimento de Davi, sua mulher estava com o sono leve e muito agitado. Estava apresentando a filha em oração quando ouviu um grito cortar a noite. Levantou e correu para o quarto da filha.

Miguel ouviu sons em volta da casa, levantou-se apanhou a pistola dentro da gaveta do criado mudo e saiu silenciosamente do quarto. O quintal de sua casa era menos arborizado que o de Lucas. Ele preferiu assim para facilitar a visão durante a noite, sombras podem esconder intrusos, deixou sua vista se acostumar à escuridão.

Ele podia jurar que viu um vulto agachado atravessar a porta de comunicação entre as duas pro-

priedades. Alguém invadira sua casa e rumava para a casa do pastor. Miguel seguiu para lá, ia surpreender o intruso. Já estava na casa de empregada quando ouviu um grito, vinha da casa do pastor. Antes de correr para lá, lembrou das câmeras de segurança, se corresse para casa, seus próprios homens de plantão, poderiam atirar nele.

Foi até a varanda ficou totalmente vivível na câmera de segurança, por gestos mostrou que havia um invasor e que direção tomaria. Como a porta da cozinha estava escancarada, seguiu por ela até o corredor dos dormitórios, tinha certeza que o grito foi de Rebeca. Seguiu para lá, testou o trinco, fechado. Arrombou a porta com um chute e ficou estarecido!

– Jesus!

A menina estava nua e flutuava acima da cama, como se alguém invisível a tomasse nós braços. A visão não durou mais que um segundo. A menina foi jogada na cama. Abriu os olhos e correu para ele. Miguel a amparou com o braço esquerdo, com o direito empunhava firmemente a arma. Tinha certeza que o intruso estava ali, mas onde?

Vozes se aproximavam pelo corredor. Miguel não sairia da porta, não daria oportunidade para o intruso fugir.

– Rebeca! Miguel! O que aconteceu aqui? – Lucas estava aflito.

– Pastor, leve a menina, tem mais alguém aqui.

– Como?

– Leve, antes que os rapazes cheguem, eu os chamei e ela está despida.

Lucas tirou a camisa e vestiu a filha, Cláudia

que vinha a seu encontro querendo saber o que aconteceu, levou a menina para seu quarto.

– Pastor, acenda o interruptor e fique atrás de mim. – Disse baixinho.

Lucas obedeceu. O quarto estava arrumado, exceto pela cama, que estava desferrada. Miguel foi até o banheiro, lá não havia ninguém. Vasculhou os armários, olhou todos os compartimentos onde caberia uma pessoa, ninguém foi encontrado. Droga! Onde estavam seus homens?

– Miguel, eu preciso ver minha filha e saber o que houve com ela. – Olhou sério para o amigo. – Você viu quem era?

– Não, eu ouvi passos em volta de minha casa e saí. Vi alguém vindo para cá pela porta de comunicação e o seguiu. Não sei o que houve com os seguranças que não chegaram aqui ainda. Fique com as mulheres que eu vou verificar o que está acontecendo.

Cada um dos homens tomou rumo diferente. Quando Miguel chegou à sala de monitoramento, os dois seguranças conversavam tomando café. Levaram tamanho susto ao vê-lo que a xícara de um deles caiu no chão e quebrou. Como Miguel não era homem de rodeios foi direto ao ponto.

– A minha casa e a do pastor foram invadidas e vocês tomam café com o se nada tivesse acontecido? O que ouve aqui?

– Nada. Não vimos nada fora do normal acontecer. – Disse o mais velho dos homens, chamava-se Ronaldo. – As câmeras estão ligadas e o alarme não disparou.

Miguel voltou à gravação das câmeras. Nada! Não havia nenhuma gravação sua pedindo refor-

ços, apenas uma oscilação na imagem, como se a fita estivesse amassada. Chamou o rapaz mais jovem e deram um busca na casa. Jonas era ágil e corajoso. Miguel confiava no rapaz.

Voltaram ao quarto de Rebeca. Ele tinha certeza que deixou passar algo. A cama. Revirou os lençóis, gotas de sangue manchavam os lençóis. Deus! Miguel teve medo de pensar no que poderia ter acontecido a menina. A esta altura o pastor já sabia, com certeza a doutora fez um exame na mocinha. Queria apanhar o safado antes de encarar o pastor, mas onde procurar?

- A casa de empregada! Como não havia pensado nisto antes? O sujeito podia ter se escondido lá e retornado para sua casa quando o viu entrar na casa do pastor. Sua casa estava aberta. Beatriz!

- Beatriz!

Miguel correu como um louco, Jonas o seguia de perto. O jovem desconfiava da existência de uma porta de comunicação entre as casas, mas não imaginou algo tão discreto.

A casa estava escura. As primeiras luzes da manhã despontavam no céu. Miguel seguiu direto para o quarto de casal ainda no corredor sentiu o cheiro de morte. Sangue!

- Bia, Deborah...

Capítulo V

Cláudia tinha acabado de aplicar um sedativo

em Rebeca, quando Lucas voltou para o quarto. A menina ainda chorava baixinho e tremia bastante, mas logo o remédio faria efeito e ela dormiria. Lucas sentou na cama ao lado da filha, alisou seus longos cabelos, e cantarolou uma canção de ninar.

A música falava do cuidado de Deus para com cada um. Era a canção preferida da filha. Ele estava tão envolvido na canção que nem percebeu que a filha dormia e que Cláudia lhe falava. Ela se aproximou e tocou em seu ombro.

- Venha, Lucas. Ela vai dormir algumas horas. - Como o marido não se mexeu, acrescentou. - Precisamos conversar querido. Acho que aconteceu alguma coisa na casa de Miguel. Ele e o segurança foram até lá e não retornaram.

Como ele estava sem camisa, Cláudia o ajudou a vestir uma camiseta de malha, sabia o quanto o marido se preocupava em andar composto mesmo dentro de casa. Era um bom homem, um amante carinhoso e apaixonado, mas nunca adormecia sem uma calça moletom.

Ela aprendeu a respeitar os hábitos do marido, visto que ele era um pastor e como esposa, cabia a ela apoiá-lo nas pequenas coisas, até as que ela achava desnecessárias, como este costume de andar coberto mesmo tendo um corpo bonito.

Seu marido estava sofrendo, ela sentia isso em cada gesto dele. Como aliviar sua dor? Se fosse qualquer dor física, ela saberia prescrever um analgésico, mas dor na alma, esta era a especialidade dele, não dela. Envolveu-o num abraço cheio de carinho.

Lucas agarrou-se a ela e chorou. Mesmo tendo ouvido muitas vezes da boca do marido, que deve-

mos chorar com os que choram, ela se manteve forte. Massageou suas costas, murmurou palavras de carinho.

– Por que fizeram isso com minha menina? Ela tinha o direito de amadurecer mais um pouco antes de se tornar uma mulher e nem sabemos quem foi? – Passou as mãos pelo rosto, deu um suspiro. – Cláudia ela falou alguma coisa? Disse algum nome?

– Nada coerente. Diante de uma situação traumática é comum a vítima não falar coisa com coisa.

Cláudia preferiu não dizer que a menina chamava por Miguel, há muito tempo ela percebeu a admiração que a menina tinha por ele. Também, o homem era o que a maioria das adolescentes sonha, forte, bonito, experiente corajoso. Ela sabia que estas paixões platônicas, além de comuns eram inofensivas, mas e se o homem impossível se tornasse acessível? Ele estava no quarto da menina, tinha a porta de comunicação! Rebeca cresceu muito rápido, tinha a aparência de uma moça de dezoito anos. Um corpo escultural, rosto de boneca e aqueles cabelos de tirar o fôlego masculino.

Era difícil um homem não notar sua presença ou sua beleza exuberante. Nem Beatriz era naturalmente tão bela e graciosa. O que estava pensando? Miguel era seu amigo, era responsável pela segurança de todos ali. Tinha que controlar sua imaginação fértil e ter cuidado para não transparecer seus pensamentos. Apesar da fé, seu marido era um homem.

– Venha querido, quando ela acordar vai nos contar o que aconteceu. Vou buscar Davi, nosso filho deve estar acordado.

Saíram juntos apanharam o pequeno no quarto ao lado e seguiram para a cozinha. Cláudia sabia que o marido precisava de um bom café. Foram interrompidos pela chegada do segurança.

– Doutora, pastor Lucas, Jonas ligou da casa de seu Miguel. Aconteceu algo lá e mandaram chamar à senhora. É pra ir logo e levar material de costura.

Cláudia correu para a garagem, sua maleta de primeiro socorros estava no carro. Pelo que o homem falou devia ser material de sutura. Alguém estava ferido.

– Lucas, fique com Rebeca, eu volto logo.

– Não, eu vou com você.

– Lucas, se Rebeca acordar vai querer ter alguém do lado. Fique. Eu dou conta do meu trabalho.

Mesmo relutante, Lucas concordou.

Cláudia seguiu pela porta de comunicação.

Capítulo VI

Miguel entrou no quarto com a arma em punho. Sua filha chupava os dedos da mãozinha sentada no centro da cama de casal, indiferente ao cenário de horror que a cercava. Escorregou no assoalho, segurou na parede e acendeu o interruptor.

Sangue!

O chão estava coberto de sangue. Caído ao lado da cama, uma massa disforme de carne.

Miguel seguiu a trilha de sangue até o banheiro. Lá sentada no chão, encostada ao Box, estava sua Beatriz, em seu colo um enorme cachorro de pelos escuros. Bia levantou a cabeça para olhar quem chegou.

- Miguel! - Sua voz estava fraca e rouca.

- Calma querida. Vou tirar você daí. - Miguel sabia que o animal estava vivo, seu tórax subia e descia. O bicho respirava. Se atirasse nele a bala poderia atingir sua mulher. - Bia, se afaste dele bem devagar.

- Não! Ele salvou minha filha! - Bia olhou para o marido com lágrima nos olhos. - Miguel, ele não vai machucar ninguém, mora conosco há um ano. Desculpe querido eu não contei porque sabia que você ia matá-lo.

- De quem é aquele corpo lá no quarto?

- Do tal mestre, ele tentou abusar de mim, como não pode me tocar correu para levar Deborah. O cachorro dorme lá, e o atacou. Terminou de estraçalhar a carcaça dele ali. - Apontou para o quarto. - Ele está muito ferido e eu também tenho alguns cortes. Miguel, chame Cláudia, por favor? - Vendo que ele não se movia gritou: - Miguel, vá chamar a doutora!

A cabeça de Miguel girava, foi até o quarto pegou a filha no colo e disse a Jonas que chamasse a doutora com urgência. Abriu as janelas para que a luz do sol e o ar circulassem no quarto, voltou para o banheiro.

- Bia, troque de lugar comigo. Eu cuido do cachorro enquanto a doutora cuida de você.

- Ele tem medo de você, Miguel. Vai tentar atacá-lo e vai morrer. Eu estou bem.

Miguel contemplou o rosto molhado de lágrimas da esposa, os cabelos brilhavam vermelhos e rebeldes sob o raio de sol que entrava pelo vidro da janela. Ele cuidaria de mil cães se isso fizesse sua mulher sorrir, linda e viva!

- Miguel! Onde está Beatriz? - A chegada de Cláudia interrompeu seus pensamentos.

- Ela está no banheiro. - Miguel viu o espanto da mulher ao pisar no sangue espalhado pelo chão. - Como ela está?

- Um pouco ferida. Eu não pude examiná-la. Doutora, eu acho que vai ter que cuidar de outro paciente antes de minha mulher. Ele está muito ferido e corre risco de vida, veja por si mesma.

Cláudia entrou no banheiro e ficou chocada com o que viu.

- Cláudia, salve-o. - Cláudia olhava horrorizada para o enorme cão, tinha pavor a cachorros. - Ele salvou minha filha e foi ferido.

- Bia eu não sou veterinária. - Diante do olhar suplicante da outra acrescentou. - Vou ver o que posso fazer, onde está o corte?

- No pescoço, quando eu solto o sangue jorra.

- Certo. Continue fazendo pressão, e segure a cabeça dele para que não me morda. Vou aplicar um anestésico para que ele me deixe suturar sem arrancar meu braço.

- Fique tranqüila, Filho não vai atacar.

Miguel percebeu que não seria necessário ali. Colocou Deborah no berço e chamou Jonas.

- Jonas, vai haver a troca de plantão e eu gostaria de lhe pedir um favor.

- Claro. Pode falar seu Miguel.

– Vá até a casa do pastor, diga que estamos todos bem. Ele deve estar aflito e chame o outro segurança, seu Ronaldo, para vir até aqui me ajudar a limpar este lugar. Peço que nada do que houve aqui seja comentado com os rapazes que vão chegar. Use o portão da frente, não quero que outras pessoas saibam da existência da porta de comunicação. – Jonas já estava de saída. – Jonas, vou recompensá-lo muito bem por seu serviço.

Capítulo VII

O dia foi longo e cansativo para todos. Cláudia fez a sutura em Filho. – Nome estranho para um cachorro. Mas o que não era estranho ao seu redor? Fez os curativos em Beatriz, ela tinha alguns arranhões nos braços e um corte na mão direita, nada sério. Cláudia deu uns três pontos, o rosto estava com um hematoma do lado esquerdo, o agressor a esbofeteou feio. Mas sua amiga não ligava para si, cuidava do cachorro com se fosse seu filho. Este acordou bem dos anestésicos e até bebeu água. Miguel levou o cão para lavanderia, lá o animal teria privacidade e era mais fácil de limpar.

Cláudia desconfiava que Filho fosse um dos cães que a seguiam, ia esperar que a amiga se acalmasse para conversar sobre o assunto. Os homens retiraram a massa disforme de carne, que segundo Beatriz era o que restou do corpo do tal Mestre.

Ela colheu amostras do tecido para examinar no laboratório da clínica. Depois dos assassinatos o hospital faliu, Cláudia comprou e o transformou em um hospital moderno, trouxe equipamentos de alta tecnologia, contratou uma equipe eficiente.

Funcionavam a todo vapor, em um ano ela recuperou o dinheiro investido. Lucas não sabia, mas o hospital era patrimônio de Rebeca, como a menina não podia herdar nada seu, ela fez a compra em seu nome, Joab a representava. Quando está crise passasse daria um jeito de contar ao marido.

Rebeca acordou no fim da tarde. Não chorou, também não tocou no assunto, voltou para seu quarto e não saiu.

Lucas foi para lá levando um copo de suco. Cláudia sabia que a conversa entre os dois não seria fácil e estava muito cansada para participar dela. Pediu ajuda aos seguranças e levou o berço de seu filho para o quarto. Ela viu Miguel e Beatriz tomarem a mesma providência com Deborah. Ouviu vozes no quarto de Rebeca. Pediu a Deus que tudo acabasse bem, amava os dois e ambos estavam sofrendo muito, mas este assunto era para ser resolvido entre pai e filha, tomou Davi nos braços e foi ver como estavam as coisas na casa da amiga.

Saiu pela Rua, um dos seguranças a acompanhou até a casa de Beatriz. Foi recebida por Miguel. Pela aparência do homem, ele não tinha descansado um minuto durante o dia.

– Boa noite, Miguel, como está Bia?
– Bem. está brincando com Deborah na sala, vamos até lá.

- O cachorro melhorou?
 - Sim, aquela coisa comeu mais três quilos de carne fervida. Dá pra imaginar? É como alimentar um leão!

- Porque não compra ração?
 - Ele comeu uma bacia de ração, minha mulher deu carne por achar que ele precisa de proteína para se recuperar rápido.

- Bem, Bia tem razão, ele perdeu muito sangue precisa recuperar as forças.

- E que força! Você viu o que sobrou do corpo do homem? Ele triturou ossos e músculos.

- O que fez do corpo?

- Disse aos homens que a carcaça era de outro cachorro e enrolei tudo no tapete. Jogamos no lixo. Sei que tinha que chamar a polícia mais eu ia dizer o que? Ei, um demônio estava encarnado e invadiu minha casa, minha esposa o expulsou com oração e o meu cachorro triturou o corpo. Iam me achar um louco e me prender por assassinato.

- Beatriz já contou como foi?

- Contou algumas coisas, pode ser que com você presente ela forneça mais detalhes.

- Falou do cachorro?

- Sim, mas pergunte você mesma a ela, eu ainda não consegui digerir a informação.

- É assim tão chocante?

- Pior!

Cláudia foi recebida com um abraço. Miguel se ofereceu para cuidar das crianças enquanto elas conversavam mais a vontade na cozinha. Beatriz faria o jantar, ele estava faminto.

Assim que se instalaram na ampla cozinha da

casa de Beatriz, Cláudia começou as perguntas:

- Bia, me conte devagar e com detalhes o que aconteceu aqui hoje?

Beatriz separou e lavou alguns legumes para uma sopa, sentou-se numa cadeira em frente a amiga e se preparou para descascar, Cláudia lembrou do corte e tomou a atividade para si, Bia contou:

- Eu acordei com a sensação de que alguém me olhava da porta do quarto, chamei por Miguel e ninguém respondeu. Levantei para ver se estava tudo bem com Deborah, foi quando eu o vi.

- O que chamam de mestre?

- Sim. Ele avançou sobre mim. Lembra que seu Jerônimo falou que ele é um demônio que se utiliza de corpos clonados para andar em nosso meio?

- Sim, lembro que ele disse algo sobre isso.

- Bem, eu lembrei que debaixo da pele de humano ele é um ser das trevas e o expulsei como a palavra manda.

- Deu certo?

- Sim e não. Sim, porque ele não pode me tocar, eu disse que entre eu e ele tinha o sangue de Jesus. Daí ele saiu do meu quarto, tirou minha filha do berço e eu avancei sobre ele. Eu me cortei quando ele me jogou contra a parede, um brinquedo de Deborah quebrou. Daí tudo aconteceu muito rápido, Filho, veio nem sei de onde e avançou sobre ele. Cláudia assim que ele se viu dominado pela força do cachorro, deu um corte no pescoço do bichinho. Acho que usou as unhas e deixou a carcaça.

- Como assim?

– Ele deve ter abandonado o corpo, pois o mesmo ficou inerte e Filho o estraçalhou. Só soltou o corpo quando caiu fraco pela perda de sangue.

– Que horror! E você tem este cachorro há muito tempo? Pelo que pude perceber seu marido não sabia da presença do bicho?

– Claro que não! Miguel atiraria nele antes de fazer qualquer pergunta, eu pedi para ele se manter oculto da vista de meu marido. Faz mais de um ano que ele mora aqui.

– Bia você disse que pediu para o cão se esconder, amiga, ele é só um animal!

– Não, ele é inteligente. Não é um cachorro comum, acho que é meu filho.

– Bia! – Cláudia estava chocada. – Isto é impossível!

– Cláudia, você me disse que se eu não tivesse uma deficiência hormonal teria levado a gestação até o fim? E se a primeira gestação deu certo? – Cláudia ouviu em silêncio. – Os olhos dele são da cor dos meus, o pêlo dele parece preto, mas ficam vermelhos no sol, meus cabelos são assim e porque ele não me ataca? Porque cuida de Deborah? Eu lhe digo por que, porque são irmãos. Parece absurdo, mas temos a mesma carga genética. O tal Mestre quando viu o cachorro disse: Hum, vejo que a família está reunida!

– Desculpe Beatriz, eu estou pasma!

– Não vejo por quê? Você também é um OGM.

– OGM?

– Sim, Organismo Geneticamente Modificado, vi isso na televisão.

Cláudia foi até o filtro e bebeu um copo de água. Miguel tinha razão, era difícil digerir a idéia.

– Como ele veio para aqui?

– Não sei dizer ao certo, uma manhã eu deixei Deborah brincando no terraço e entrei para desligar o fogão. Dá para imaginar o susto que levei quando vi aquele bicho pulando e abanado o rabo para minha filha? O enxotei de perto dela, mas ele sempre dava um jeito de aparecer e nos fazer festinha. Comecei a alimentá-lo e ele foi ficando. É um excelente guardião. Hoje vejo que não me enganei. Você pode dar uma olhada nele antes de ir embora?

– Claro, vamos?

– Me dê um minuto para deixar a sopa cozinhando, Miguel deve estar faminto.

Depois de examinar o grandalhão, Cláudia concluiu que Filho se recuperava bem. Mesmo estando acordado durante o exame ele não se mexeu, evitou até olhar para não assustá-la.

Será que Beatriz estava certa? O bicho era inteligente e entendia o que falavam?

Com estas indagações apanhou Davi e voltou para sua casa.

Capítulo VIII

Lucas sabia que a conversa com a filha não seria fácil. Isso se ela quisesse falar sobre o assunto. Entrou no quarto após uma leve batida na porta. Puxou a cadeira que ficava próxima a mesa do computador e sentou ao lado da cama.

- Filha trouxe um copo de suco de cajá, seu preferido. - Ela pegou o copo e sentou-se na cama, encostada na parede de frente para o pai, Lucas iniciou: - Sabe, filha, eu sempre pensei no quanto foi difícil para mim, criar uma filha sem a presença da mãe. Hoje eu vejo que também deve ter sido complicado para você. Na maioria das vezes você não contou com uma orientação feminina. O que eu quero que você compreenda e que a vida não é fácil para ninguém, todos os dias nós temos que fazer o melhor que pudermos com o que nos é oferecido, compreende?

Ela confirmou com uma leve inclinação da cabeça.

- Muitas vezes você me cobrou uma mãe. Filha, eu amei demais sua mãe, ela era linda, forte, alegre. Contagiava todos com seu jeito descontraído de ser. Eu me senti o homem mais feliz do mundo quando ela aceitou meu pedido de casamento. Éramos jovens e cheios de sonhos, casamos. Eu sempre lamentei o fato dela ter partido tão cedo, mas filha, sua mãe teve o privilégio de não ser tocada pela dor ou decepção nesta vida. Eu fui seu primeiro namorado e ela veio para nosso leito nupcial virgem, como era para ser com uma jovem cristã. Mas não foi isso que a tornou especial, o amor que sentíamos um pelo outro e que fez do nosso casamento algo especial.

- Se ela não fosse pura você a amaria do mesmo jeito? - A voz de Rebeca estava rouca.

- Filha, a palavra de Deus nos diz, que o amor apaga uma multidão de pecados! Veja, eu sou um homem feliz e amo a mulher com quem estou ca-

sado. Sei que não fui o primeiro homem da vida dela, mas sou o único. É mais importante ser o único que ser o primeiro. Passei anos esperando uma mulher igual a sua mãe e tal mulher não existe. Cláudia é muito diferente de mim, mas é a companheira que esperei todos estes anos. Mesmo com toda essa celeuma de seguranças se revezando ao nosso redor. Eu não a trocaria por nada e é isso que como pai eu desejo para você. Que algum dia na sua vida, você encontre um companheiro para o resto da sua vida. Pouco me importa se você vai estar nova ou velha para isso, o que eu quero é que você seja amada por um homem que você ame. Filha, nesta vida está é a maior dádiva que Deus pode nos conceder.

- Pai eu conheço algumas mulheres que são solteiras e vivem felizes.

- Filha, lembra que eu lhe disse que a vida não é fácil, que às vezes temos que fazer o melhor que pudermos com o pouco que temos?

- Sim.

- Essas pessoas fazem isso, no entanto seu pai está falando de realização. De ser agraciado com algo fora do comum, porque o homem ficou tão afastado de Deus pelo pecado que está perdendo a capacidade de amar outro ser humano e isso é muito triste, filha. Passar por esta vida, que às vezes é tão ingrata e não ser amado por ninguém. Tem pessoas que só se sentem amados quando conhecem Jesus. Entende, filha? O único amor que alguém sentiu por elas foi o de Cristo.

- E se não conhecessem Jesus, como seria suas vidas pai?

- Como a da maioria das pessoas do mundo: vazia! Pregam que sexo é amor, fazem sexo com quem aparecer, sem compromisso, sem afeto. Pergunte o que elas sentem no dia seguinte, quando passa o efeito das drogas consumidas durante a noite? Sentem solidão, arrependimento e na maioria das vezes nem sabem do que realmente sentem falta.

Rebeca voltou a chorar e abraçou o pai.

- Pai, eu to com tanto medo.

- Seu pai está aqui. Eu não vou permitir que nenhum mal venha sobre você.

- Eu já permiti pai!

- O quê?

- Eu consenti que aquele homem fizesse coisas comigo!

- O que você tem nesta cabeça! - Lucas levantou a voz. - Porque você trouxe um homem para dentro do seu quarto! Fale!

- Porque ele me fazia sentir coisas novas e muito gostosas. Ele não era real, era fruto da minha imaginação, só aparecia nos meus sonhos!

- Rebeca o que aconteceu com você não foi sonho, foi real! E você vai ter que conviver com isso toda sua vida. Fale filha, quem é este homem.

- Eu não sei!

- Fale!

- Pai, eu não sei quem ele é. Eu sei quem ele não é.

- Como assim?

- A primeira vez que ele me tocou foi na varanda, eu pensei que fosse um sonho com o tio Miguel, mas depois eu percebi que não era o tio Miguel.

- Filha, se fosse o tio Miguel você teria consentido?

- Sim. - Vendo o olhar sofrido do pai acrescentou: - Não, pai era um sonho, a gente não manda nos sonhos. Ele era tão lindo, me levava a lugares incríveis eu achei que quando acordasse tudo seria igual. Como eu ia saber que ele estava aqui de verdade? Quando ele me mandou afirmar que seria dele para sempre eu estava sonhado.

- Então, você sonha com tio Miguel fazendo coisas com você e acha isso normal? Que tipo de educação moral eu dei para você? Ele é um homem casado. Se tivesse me contado nós teríamos orado juntos e nada disto teria acontecido!

- Você fala como se nossa religião fosse a mais perfeita e resolvesse todos os problemas do mundo! Eu vivo cheia de tantas repressões e tantas orações. Tudo é pecado pai! Acho que eu não sou como o senhor, quero coisas diferentes para mim. Eu quero mais da vida que viver só em torno de minha religião!

- Se você pensa assim, eu não tenho mais nada para lhe dizer. - Saiu do quarto cabisbaixo e em silêncio. Encontrou a esposa o esperando fora do quarto.

- Você ouviu.

- Só o fim da conversa, acabei de chegar da casa de Beatriz. - Cláudia estendeu as mãos. - Venha querido, você deve estar cansado e uma noite de sono lhe fará bem, amanhã é outro dia. Para vocês dois também não está sendo fácil para ela.

Sem muito ânimo, Lucas seguiu a esposa.

- Cláudia, eu falhei na educação da minha filha.

- Não, Lucas, você não falhou. Ela só está tomando as próprias decisões e escolhendo que caminho seguir.

- Ela tem apenas quatorze anos!

- Ela se sente madura o suficiente para discordar de você. Lucas ela está assustada, confusa, tudo que não quer no momento é ser racional. Dê um tempo para que ela perceba que está errada. Você sabe que admitir que estamos errados e a lição mais dolorosa que a vida nos ensina.

- Querida tem pessoas que passam pela vida e nunca aprendem esta lição.

- Você orientou bem, mostrou o certo e o errado, deixe-a fazer suas escolhas e quebrar o próprio nariz. Nós estaremos aqui para apoiar no que for preciso, quando ela achar que precisa de nós.

- Cláudia, ela se entregou a um homem que nem sabe quem é?

- Lucas. Posso falar meu ponto de vista feminino?

- Claro!

- Ela dormiu menina e acordou mulher. Nós mulheres sentimos duas coisas quando perdemos nossa virgindade: poder ou arrependimento e ela não parece arrependida.

- Não compreendo.

- Você nunca vai compreender isso. Você é homem, é macho demais para entender um sentimento feminino.

- Sabe querida, eu preciso realmente de uma noite de sono.

Entraram no quarto, Lucas notou o berço de Davi.

- O bebê está bem?

- Sim, vou me sentir melhor se ele estiver pertinho, você se importa?

- Não. Tudo bem com Beatriz e família?

- Durma. Amanhã eu te conto o que houve lá.

Lucas fez uma breve oração e adormeceu. Cláudia demorou um pouco a conciliar o sono. Não tinha contado ao marido o que houve na casa de Beatriz, ele estava muito confuso com as mudanças em sua filha.

No dia seguinte eles teriam que saber que quem esteve no quarto de Rebeca pode ter sido o tal Lúcius. Já sobre Filho, achou melhor não contar detalhes, melhor poupar um pouco a cabeça de Lucas, mas teria de contar sobre o corpo descartado. Caso houvesse complicações ele deveria estar ciente.

- Será que a gangue de Vlad nunca ia deixá-los em paz? Estavam seduzindo crianças, seqüestrando mulheres, matando pessoas, criando monstros e tudo por quê? Por serem adeptos de uma religião diabólica. E tem gente que afirma que religião é bobagem! Digam isso aos malditos satanistas que estavam tentando destruir sua família.

Capítulo IX

- Lúcius, teve êxito na missão?

Lúcius sabia que Vladmir não gostava de estar na sua presença. Idem! Ele também não suportava

a arrogância do homem. Só esperava uma oportunidade para destruí-lo, sabia que o outro faria o mesmo a ele quando pudesse. Mas por hora trabalhavam juntos, ambos se beneficiavam do pacto feito.

- Sim. A pequena é minha! - Lúcius observou os olhares lascivos que Yvlana lançava para ele. - Todas as mulheres que me vêem me desejam. É uma lei natural.

- Não tão natural assim, não houve uma que não lhe quis?

- Sim, mas vou tê-la.

- Apaixonou-se. Não disse estar acima dos sentimentos humanos?

- Você me diverte, Vladimir. Você sabe que não fui dotado de sentimentos, o que não significa que eu seja privado de cultivar alguns, dos maus é claro. Quero aquela mulher, a culpada disto é sua irmã. Ela interferiu no meu caminho e salvou a vida dela. Morta, eu não a desejaria. Mas enquanto ela viver vou querê-la para mim.

- Ela tem um marido e já é mãe. Você não se gloria de querer carne intocada? Vai começar a comer sobras? Está se adequando a sua posição?

- Quem disse que quero tocá-la? Quero vê-la rastejando, se oferecendo pra mim. Depois quero verter todo seu sangue, quente e escuro, deixar gota por gota escorrer no meu corpo. - Fechou os olhos e suspirou. - Admita, ficou interessado?

- Também tenho minhas formas de satisfação. Agora me conte com foi na casa do pastor?

- Eu já disse a menina me aceitou. Linda e receptiva, que carne macia, queria ter tido mais tempo com ela, ia me divertir muito.

- O pastor te colocou pra correr de lá? - Vlad não conteve o riso.

- Ora, não brinque! Você sabe o que pode acontecer com um de nós se formos pegos por eles! Nenhum deles me pegou, o segurança me interrompeu e saiu de lá.

- Mentira!

- Não acredita em mim?

- É obvio que não! Eu soube que perdeu um corpo na saída. Saiu fugido, mandei sondar e me informaram que eles fizeram um bloqueio espiritual que impede nosso acesso a casa, eles têm guardiões guardando a entrada e a saída. Pode?

- Eles com suas armas nós com as nossas, paciência é arma neste jogo. Mais cedo ou mais tarde eles abrem uma brecha e entramos para destruir o que pudermos.

- Pelo menos desta vez tivemos êxito, pois tentar colocá-los uns contra os outros não deu certo. Ainda pode usar a menina?

- Sim. Mesmo que digam que sou o próprio Lúcifer, ela sabe o que posso oferecer, sou uma droga viciante, ela vai querer mais.

- Então vamos oferecer mais até a overdose. Eles não vão poder vigiá-la vinte e quatro horas, quando ela estiver acessível, nós daremos o bote.

- Vejo que está aprendendo o jogo Vladimir.

- Você é um bom mestre, Lúcius.

Lucas acordou tarde no dia seguinte, soube por dona Cícera que as mulheres saíram cedo e não disseram para onde iam. Davi estava na casa de Beatriz, elas não confiavam em ninguém de fora

para cuidar das crianças. Como Bia não trabalhava fora, ela ficava com Davi sempre que Cláudia estava trabalhando e Rebeca não estava. Após tomar um café puro e quente, Lucas seguiu para casa de Bia, foi pela rua e Miguel o atendeu no portão.

- Bom dia, Miguel, a paz do Senhor.

- Amém. Lucas você está com uma péssima aparência. Dormiu bem?

- Na verdade dormi até agora, mas não estou muito bem, tem um tempo para conversarmos, Beatriz está com as crianças?

- Sim. Venha vamos conversar um pouco, comeu alguma coisa?

- Não, acordei sem apetite.

- Vou fazer uma vitamina com frutas e cereais é uma delícia e vai lhe abrir o apetite.

Seguiram para a cozinha, depois de preparar o lanche sentaram na varanda da casa, que era ampla e tinha uma vista muito bonita do pequeno jardim que Bia cultivava.

- Cláudia ficou de me contar o que houve aqui, mas saiu cedo com Rebeca, está tudo bem com sua família?

- Está. Graças a Deus elas estão bem, aquele tal de Lúcius veio aqui e atacou Beatriz. - Miguel contou em detalhes tudo que se passou naquela madrugada, inclusive o fim que deram ao corpo.

- Meu Deus! Então o tal Lúcius também entrou em minha casa, você acha que foi ele? No quarto de minha filha?

- Provavelmente. Como está a menina?

- Miguel, eu não reconheço minha filha. Confesso que me descontrolei quando ela me disse que

quis tudo que ele fez com ela! - Lucas levantou e caminhou de um lado para outro. - Miguel, o miserável seduziu minha filha de quatorze anos!

- Calma Lucas! Ficar nervoso não vai lhe ajudar a pensar com clareza. Rebeca é uma criança, ela não tem condições de se defender das maldades dele. Pelo que sabemos, ele é um sedutor, muito bonito e usa seus poderes diabólicos para encantar as mocinhas.

- Ele é um demônio, um maldito anjo caído! E minha filha está apaixonada por ele! - Lucas sentou-se e encarou o amigo. - Pode imaginar os pactos que ela fez com ele mesmo que de forma inconsciente? Debaixo da casca de príncipe encantado ele é a podridão, não tem sentimentos, nem amor, nem amizade e muito menos misericórdia. Segundo Jesus, veio ao mundo para matar, roubar e destruir. Ele tocou minha filha, fez... Pode imaginar as coisas que aquilo fez com a menina?

- Lucas, ele também tentou levar minha filha, tentou pegar minha esposa, não conseguiu graças à ajuda do cachorro. Infelizmente vou ter que ficar com a criatura, pois lhe devo a vida das duas. - Levantou e tocou o ombro do amigo. - Também estou irritado, agora temos que esfriar a cabeça e pensar com calma se quisermos nos livrar dele. Ele não veio aqui por acaso, acho que ele e aquele irmão da doutora estão armando para pegá-la. Você descobriu o que eles querem dela?

- Ainda não, ela se recusa a falar neste assunto.

- Eu sei. - Beatriz veio até uma cadeira vaga e sentou-se, foi seguida pelas crianças que correram para os respectivos pais e ganharam colo.

- Você sabe por que eles perseguem tanto a doutora? Por favor, querida, conte o que descobriu, assim vamos saber como ajudá-la.

- Parece que ela é a tal Porta que eles procuram.

- Porta? - Miguel olhou espantado para a esposa. - Como assim porta?

- Eu sei a que porta ela se refere, a Porta da Bíblia, Jesus falou que o filho veio pela porta. - Lucas prosseguiu sua explicação. - Alguns estudiosos em escatologia dizem que o Diabo quer nascer de uma mulher assim como o filho de Deus. Miguel, um homem só é legítimo cidadão deste mundo se nascer de uma mulher. Maria foi à porta perfeita, jovem pura de uma linhagem real impecável. Descendente direta e por casamento do rei Davi. Da tribo de Judá.

- Devagar Lucas, meu conhecimento bíblico é limitado, que história é essa de tribos?

- As doze tribos de Israel, lembram que eu falei delas na escola dominical, que os israelitas sabem citar sua árvore genealógica e a que tribo pertencem e que isso é muito importante para eles. Bem Jesus nasceu lá, sua genealogia era importante. Para cumprir as profecias Ele nasceu na casa de Davi.

Davi, que ouviu seu nome bateu palmas e repetiu: Davi, Davi.

- Davi, como você meu pequeno. O leão da tribo de Judá, como diz aquele hino.

- Então as criaturas das trevas querem trazer seu senhor para este mundo e sua esposa é a tal porta. Lucas eles querem engravidar sua mulher!

- Claro, por isso ele disse que ela é um clone de laboratório, eles precisam de uma linhagem genética que seja pura. Sangue real dos seguidores da Divindade deles!

- Lembra, Miguel, que o irmão da doutora falou do sangue real do pai deles? - Bia perguntou ao marido.

- Sim, disse que a esposa dele também tinha sangue real. - acrescentou Lucas.

- Céus, quanto mais eu sei desta história, mas eu fico estarecido. Para mim estas coisas de céu e inferno, era história que a igreja Católica inventou para assustar os índios e os fazer participar de seus cultos. Agora vejo minha família envolvida em uma verdadeira guerra espiritual!

- Desculpe, Miguel, eu não tinha a intenção de envolvê-lo deste jeito nos problemas de minha esposa.

- Lucas, eu já lhe disse que eu me envolvi com este problema quando me envolvi com Beatriz, estamos todos juntos e juntos somos fortes.

- Você tem toda razão Miguel. Juntos somos fortes, sua força e minha fé. Você vê o concreto e eu o espiritual, somos guerreiros em áreas distintas. Agora eu acho que entendo o que ele queria aqui.

- O que você acha?

- Ele queria nos dividir. Por que a primeira coisa que eu pensei quando vi minha filha nua nos seus braços, foi que tinha sido você. Se ele não tivesse passado aqui e feito tanto estrago, nós ainda estaríamos desconfiando de você, Miguel.

- Pastor! Meu marido jamais faria algum mal a sua filha!

– Ele não a vê como mulher, mas ela é apaixonada por ele, ou pelo menos foi.

– Bobagens de adolescentes. – Beatriz estava muito séria. – Pastor, fui professora durante muito tempo e sei que são comuns os jovens se apaixonarem por pessoas mais velhas, mas isso passa. Rebeca tomou por modelo o único homem que convive com ela que não tem vínculo de sangue. Acho que o tal Mestre usou isso como ponto de fraqueza para seduzir a menina. Ela precisa agora de nosso apoio e de muitas orações, ou vamos perdê-la para eles. Temos que conversar abertamente com Cláudia, ela tem que parar de esconder coisas de todos nós, somos uma família e só venceremos se pensarmos como família. Como eu conheço Lúcius, vou ter um conversa com Rebeca. Ela precisa amadurecer e ser forte para sobreviver à batalha que está por vir.

Os homens ficaram em silêncio diante da guerreira Beatriz!

Capítulo X

– Cláudia, eu não preciso de médico, estou bem.

– Cale a boca e entre, vou deixá-la sozinha com a ginecologista, ela é muito competente e discreta.

Uma hora depois Rebeca saiu do consultório e encontrou Cláudia na recepção.

– E aí como foi à consulta?

– Que pergunta! Você sabe que foi embaraçosa!

Ela tirou algumas dúvidas que eu tinha sobre anti-concepcionais e essas coisas de DST.

– É para isso que servem os ginecologistas, para orientar corretamente as mulheres sobre sua sexualidade e toda responsabilidade inclusa no pacote.

– Você acha que eu devo tomar comprimidos?

– Você vai precisar tomar comprimidos, Rebeca?

A moça ficou um pouco desconsertada.

– Ainda não sei se vai ser preciso.

– Então vamos fazer assim, quando você decidir, me diz e eu compro uma boa marca. Você não vai sair por aí sem proteção? Vai?

– Não!

– Rebeca, eu sou sua amiga. Você pode contar sempre com minha ajuda. Só não me peça para mentir para seu pai, você sabe que eu não faria isso.

– Sei você não mente para ele, mas também não conta tudo.

– Às vezes eu poupo seu pai de coisas que posso resolver sozinha.

– Também posso tomar alguma decisão sozinha!

– Pode. Desde que possa arcar com as consequências delas, tudo bem. Rebeca vamos tomar um lanche, daí você me conta esta história de homem dos sonhos.

Foram para uma galeria onde havia uma lanchonete bastante acolhedora, após fazerem os pedidos, Cláudia iniciou a conversa.

– Sim, agora me conte esta história porque eu não entendi nada. Quem foi este homem que você trouxe para casa ontem?

- Meu pai não lhe falou?
- Seu pai não disse duas palavras que fizessem sentido e eu tenho a impressão que você omitiu os detalhes mais interessantes. Tem coisas que os homens têm dificuldade em compreender.
- É verdade. Eu procurei ser o mais sincera possível e ele quase me agrediu.
- Seu pai a ama muito e está sofrendo.
- Por quê? Não aconteceu nada com ele, foi comigo e eu nem sei se estou arrependida. Cláudia é uma sensação tão maravilhosa! Você já sentiu isso?
- Todas as vezes que seu pai me toca.
- Ah, Cláudia! Meu pai é muito religioso, ele nunca faria uma mulher sentir tudo àquilo.
- Rebeca, você teve uma única relação amorosa mal terminada, eu estou sexualmente ativa há muitos anos! Garanto-lhe que seu religioso pai é um ótimo amante. – Cláudia conteve a impaciência. – Eu sei o que você sentiu, entendo seus motivos para querer sentir tudo novamente. O que não compreendo é o porquê deste homem não aparecer? É casado? É um dos seguranças?
- Não! Eu nunca o vi pessoalmente. Ele só aparece quando estou dormindo, entra nos meus sonhos e me faz sentir aquelas coisas. Eu sei que sexo trás conseqüências, mas para mim era um sonho, quando eu acordasse estaria tudo bem. Daí quando eu consenti tudo começou a acontecer de verdade e doeu muito.
- Você acordou durante o ato?
- Quando começou a doer eu gritei. Abri os olhos e vi o tio Miguel parado olhando para mim com uma arma na mão. Corri para ele, eu estava apavorada,

- o tio Miguel era bem real e me protegeria de qualquer coisa.
- Foi o Miguel?
- Não! De onde você tirou esta idéia?
- Você não disse que quando abriu os olhos era ele quem estava lá?
- Sim, mas não foi ele quem me tocou. O homem era lindo, olhos verdes e um corpo de fazer a gente perder o fôlego. Cláudia, ele só precisa tocar em mim para que eu fique toda mole. O tio Miguel não me fez sentir isso quando me tirou do quarto. Ele nem me vê, só tem olhos para a bela Beatriz.
- Onde você ouviu isso?
- O quê? Bela Beatriz? Sei lá, não lembro.
- Os pedidos chegaram e ambas comeram em silêncio. Cláudia ainda desconfiava de Miguel, tudo bem que alguém invadiu a casa dele, contudo alucinações não tiram a virgindade de mocinhas, ela entrou no consultório enquanto a menina se vestia e sua colega confirmou que ouviu a ruptura do hímen. Para isso era preciso alguém bastante sólido. Havia sido feita uma busca completa na casa e ninguém foi encontrado e se o corpo do tal Lúcius estava morto na casa de Bia, como ele podia estar no quarto da menina ao mesmo tempo?
- Rebeca. Vamos supor que o homem do sonho fosse tio Miguel, isso mudaria alguma coisa para você?
- Cláudia, eu já disse que não foi ele, sei lá. – Vendo que Cláudia aguardava uma resposta continuou. – Sim, se fosse ele eu aceitaria, eu disse isso a meu pai.
- Deus! – Agora ela entendia a fúria do marido.

– Rebeca ele é marido de Bia e da idade de seu pai! Filha, você precisa de alguém com sua idade, para namorar, sair. Você tem muito que viver até conhecer o homem com quem vai se casar. Relacionamento é muito mais que o que você sentiu, por que não arranja um namorado da sua idade, deixe que as coisas fluam devagar. Daí você me conta se não é bom ter algo real.

– Meu pai não vai me deixar namorar.

– Vai sim, eu estou lhe dando a minha palavra. Só espero que você confie em mim na hora que estiver pronta para tornar o namoro mais íntimo.

– Feito.

– Então, temos um acordo?

– Claro! Eu disse ao meu pai que não queria mais ir à igreja, acho que vou para não desagradá-lo.

– Não, Rebeca. Vá quando estiver pronta para assumir sua fé, não é certo brincar de ser crente. Vai magoar ainda mais o seu pai.

– Tudo bem. – Deu de ombros e terminou o lanche.

Cláudia fitou a bela jovem parada a sua frente. Onde estava a menina sapeca que conheceu num batismo a beira de um rio em Viçosa? Como pode mudar tanto em três anos? Será que sua presença afastou a menina de seu pai? Ou a confusão de seguranças entrando e saindo, mortes e medo, tudo confundiu a cabeça da jovem? Só a dela não, a sua também estava uma bagunça. Pagou a conta e voltou para o estacionamento.

Rebeca disse algo ao motorista que fez o rapaz corar, Jonas era um bom rapaz, cristão fervoroso,

talvez fosse o que a menina precisasse para se equilibrar. Notou que ele olhava para Rebeca pelo retrovisor. Bem, afinal que homem não parava para olhar uma segunda vez para a menina?

– Acho ele fofo!

– Rebeca, ele vai escutar. – Cláudia falou baixinho.

– Ele sabe, eu disse que achava ele muito lindo, pena que é tão sério.

– Eu o acho muito responsável, faz faculdade de administração à noite e trabalha para pagar o curso. Não é o tal homem do sonho, mas é bem bonito também.

– Vou dizer ao papai. – Disse Rebeca rindo muito.

– Pra você! Eu estou muito satisfeita com o meu marido. Já você está sozinha, não vejo nenhum mal em sair com alguém?

– Cláudia, eu já lhe disse o quanto acho você legal?

– Não. Deixe para dizer isso daqui a vinte anos.

– Por quê?

– Porque vai estar adulta o suficiente para compreender algumas das minhas decisões de hoje.

Sem mais comentários, o restante do trajeto foi feito em silêncio. Chegaram e encontraram Beatriz, Miguel, Lucas e as crianças acomodadas na varanda. Cláudia foi até o marido deu-lhe um beijo, sentou-se a seu lado. O pequeno Davi correu para seu colo. Cláudia encheu o filho de beijos e o colocou no chão ao lado de Deborah.

Rebeca não cumprimentou ninguém, passou direto para seu quarto.

- Cláudia, eu tive uma conversa muito esclarecedora com Miguel e Beatriz. Gostaria de partilhar com você o que descobrimos.

- Podemos conversar depois do jantar? Tive uma manhã cansativa e preciso de algumas horas de sono.

- Não, Cláudia, acho melhor falarmos logo. - Cláudia ficou surpresa com o tom de voz da amiga, Bia era sempre tão serena. O que houve com ela?

- Está bem. Então vão direto ao ponto.

- Cláudia, ontem depois do incidente na minha casa. - Cláudia teve vontade de rir, chamar aquele banho de sangue de incidente era ridículo. Conte-se para não ofender Beatriz. - Eu tive outras lembranças do tempo em que passei no cativeiro.

- Isso é perfeitamente natural, eu acredito que sua memória vá voltar aos poucos e você lembre de tudo o que aconteceu durante o período que passou consciente no cativeiro.

- Eu sei você disse isso lá no hospital, mas esta lembrança está relacionada a você, nós já sabemos o que seu irmão quer de você?

- O que?

- Eu lembrei que ele e o tal Mestre estavam falando de uma Porta. Você é a tal Porta. Você é a mulher que eles procuram para trazer o filho das trevas para este mundo.

- Você devia ter nos contado antes querida, muita coisa poderia ter sido evitada.

A cabeça de Cláudia girou. Sentiu-se um pouco tonta e nauseada. Porque Lucas estava tendo aquela conversa com ela na frente do outro casal? O assunto era íntimo e no mínimo nojento.

- Eu prefiro não falar deste assunto. - Já se levantava para sair quando seu marido segurou seu braço.

- Fique, Cláudia. Precisamos acabar com este mistério antes que estes adoradores de Satã machuquem mais alguém de nossa família.

- Cláudia, também não é justo que meu marido seja acusado de algo que não fez. Miguel jamais tocaria em Rebeca, ou você confia em todos nós para ajudá-la ou vamos perecer. Sozinhos não somos páreo para eles.

- Querida nós não vamos permitir que nada de mal lhe aconteça, confie em mim, Cláudia, eu sou seu marido acho que mereço sua confiança.

- Lucas, eu realmente não me sinto bem. - Cláudia tentou se afastar de Lucas, mas sentiu uma nova náusea e vomitou num vaso de plantas que estava ao seu lado, após esvaziar o estômago. Foi amparada por Lucas. Bia trouxe um copo com água e um pano úmido para passar no rosto da amiga.

- Eu vou ficar bem...

Desmaiou.

Capítulo XI

Cláudia acordou com um gosto amargo na boca, tentou levantar e sua cabeça voltou a rodar. Trouxe uma das mãos ao rosto e sentiu uma fisgada no braço. Tinha uma agulha furando sua carne! Não,

tinha um Scalp, com um equipo conectado em um tubo de soro.

Ela estava em um hospital! Como veio parar ali? Estava bem. Talvez um pouco estressada com tudo que se passava a seu redor. Podia inclusive estar grávida, estava com dois meses de atraso. Lucas, claro! Seu marido devia ter ficado preocupado e lhe trazido para o hospital.

– Bom dia, meu amor. – Lucas se aproximou da cama e depositou um beijo na face da esposa. – Está se sentindo bem?

– Eu estou bem. Não precisava ter me trazido pra cá, foi só uma tontura e vômito, nenhum motivo para alarme.

– Cláudia você desmaiou e ficou inconsciente por dois dias.

– Como?

– Ei, fique calma. O doutor Neiva está cuidando pessoalmente de você, ele me pediu para chamá-lo assim que você despertasse. Seus amigos do laboratório também têm vindo aqui à procura de notícias.

– Davi?

– Está bem, Beatriz tem cuidado pessoalmente dele, mais tarde ela vem ficar com você para que eu possa ir à universidade, ainda não justifiquei minha ausência.

– Vá querido, eu estou bem. Chame Neiva, quero falar com ele, pois quero receber alta imediatamente.

Lucas foi até o posto de enfermagem. Minutos após ter voltado ao quarto, o médico chegou:

– Bom dia, Cláudia. Deu um belo susto na gente. Como se sente?

– Como se tivesse dormido por horas.

– Você dormiu realmente por muitas horas. Eu trouxe o resultado de alguns exames, gostaria de lhe mostrar e comentá-los com você.

– Algo preocupante. – Cláudia deu um olhar significativo ao colega.

– Não, só rotina. Posso lhe mostrar agora?

– Claro. – Cláudia abriu os exames, o resultado do hemograma não era muito animador, continuou abrindo os outros resultados e disfarçando a surpresa para não chamar a atenção do marido. – Você mostrou estes exames a mais alguém?

– Sim, pedi a Arnaldo Lopes um parecer, ele disse que vem conversar com você mais tarde.

Arnaldo Lopes era um excelente oncologista, sorriu para o marido:

– Lucas, você poderia pedir um suco de laranja para mim. Peça fora do hospital, trabalho aqui e sei que a comida é péssima!

– Claro querida, vou buscar pessoalmente, volto logo.

Tão logo Lucas saiu, Cláudia encarou o amigo:

– Carlos, você tem certeza destes resultados?

– Mandei amostras para serem examinadas em outro laboratório. O resultado vai demorar alguns dias.

– Lopes fez algum comentário? Confirmou algum diagnóstico?

– Ele suspeita de leucemia, um tipo raro e bastante agressivo. Eu sinto muito, Cláudia.

– Meu marido sabe?

– Não. Preferi esperar você acordar, acho que quem deve ou não saber é uma decisão sua.

– Obrigada, Carlos. Você pode me dar alta, prefiro aguardar os resultados em casa.

– Claro, vou fazer isso, mas nada de esforços desnecessários? Ainda não temos nada definitivo, estamos avaliando. Tenho certeza que vamos vencer este desafio, você é uma mulher forte.

– Obrigada, eu gostaria de ficar sozinha alguns minutos?

– Tudo bem, tenha um bom dia. – Saiu em seguida.

Cláudia conhecia seu diagnóstico há muito tempo, desde a faculdade ela descobriu uma anomalia nas suas células sanguíneas. Foi este fator que motivou a pediatra a se especializar em pesquisas hematológicas e genéticas. Descobriu que não tinha leucemia, mas algumas células do seu sangue passavam por uma constante mutação ou deformação. Achou um milagre ter engravidado e dado a luz a um filho perfeito. Como aconteceu? Não tinha a menor idéia. Como podia viver tão bem com um metabolismo tão ruim, era um mistério. Pelos exames ela não tinha um semestre de vida, e isso foi há oito anos.

Um milagre!

Sua vida não era uma maldição, era um milagre!

Rebeca ficou responsável pelas crianças, Beatriz ficaria no hospital com Cláudia para seu pai poder ir ao trabalho. Como acontecia frequentemente, os bebês dormiram após o lanchinho da tarde. Rebeca foi até a sala de monitoramento, Jonas estava sozinho e era uma boa oportunidade para se aproximar.

mar. Abriu a porta sem bater, ele estava atento as telas onde as imagens das câmeras de segurança passavam.

– Oi, posso ficar aqui um pouquinho.

– Pode. Os pequenos estão dormindo?

– Estão, mas você sabe, pode ver pela tela.

– Não, eu não tenho acesso a imagens do interior da casa.

– Você pode explicar como funcionam estes equipamentos, sei lá, um dia posso precisar, é legal saber sobre várias coisas.

Rebeca achou que ele ia mandá-la sair, ou ignorar seu pedido, pois demorou bastante para responder.

– Venha, sente aqui. – Mostrou uma cadeira vazia a seu lado. – Este equipamento é o que temos de mais moderno em segurança eletrônica no momento. As imagens das câmeras são gravadas neste vídeo cassete, os sensores de movimento, instalados na vias de acesso a casa, emitem um som que chama a atenção para o setor.

– Ou seja, mesmo que você não esteja prestando atenção, o equipamento chama sua atenção para qualquer movimento próximo a casa!

– Exatamente. Você aprende rápido.

– É só me ensinar uma vez e eu aprendo rapidinho. – Ele percebeu a insinuação, pois ficou visivelmente constrangido. – Jonas, é esse seu nome?

– Sim, mas só aqui no trabalho me chamam de Jonas, minha família me chama de Beto.

– Beto. Por quê?

– Meu nome é Jonas Roberto de Almeida. O Beto vem de Roberto.

– Acho que combina mais com você. Jonas parece nome de gente velha e feia, você é um gato. – Lá estava ele vermelhinho. Rebeca teve vontade de rir. – Sério, acho você muito fofo!

– Você também é muito bonita, mas tenho certeza que seus namorados já disseram isso. Desculpe menina, mas tenho que trabalhar seu pai não vai gostar de vê-la aqui. – Ele levantou e mostrou a porta. – Foi muito bom conversar com você.

Rebeca parou de frente para ele, casualmente soltou os cabelos e voltou a prendê-los com um elástico, sabia que os movimentos fariam sua blusa curtinha subir e mostrar a barriga e a curva dos seios. Os olhos dele deslizaram atrevidos pelas curvas de sua cintura até as pernas a mostra no short curto e voltaram para seu rosto se detendo na boca, Rebeca passou a língua pelos lábios para umedecê-los, num gesto carregado de sensualidade.

– Porque você quer que eu vá embora? Nós estamos sozinhos.

– Exatamente por isso! Você é simpática, bonita, mas é uma menina. Eu não quero problemas no meu trabalho.

– Você é um tolo. – Rebeca ficou furiosa. – Eu venho até aqui para ficar perto de você e você nem sabe como tratar uma garota. Olhe, Jonas, Beto, ou seja, lá quem for! Eu deixei de ser menina há muito tempo. Só um cego ou um idiota como você é que não percebe!

Dito isso saiu pisando duro. Beto a alcançou antes que ela passasse pela porta, a menina atrevida merecia uma boa lição. Agarrou-a bruscamen-

te e lhe deu o beijo que ela veio buscar. Sua intenção era beijá-la e mandá-la embora.

No entanto ao tocar aquele corpo e sentir seu gosto, não conseguiu soltá-la. A menina era um vulcão de mulher. Era ela quem comandava os beijos e tomou a iniciativa de trocar carícias íntimas. Ela estava certa, sabia o que estava fazendo, ele seria mesmo um tolo se não aproveitasse.

O som do sensor indicou a chegada de alguém, afastou-se e olhou a tela. – Deus! Os pais da menina estavam chegando!

– Vá Rebeca, seu pai está chegando e eu não quero que ele veja você aqui, principalmente toda desarrumada deste jeito.

Ela correu para a porta.

– Eu volto. – Lançou para ele um olhar sensual, mandou um beijo e saiu correndo para casa.

Beto suspirou, seu coração batia alucinado e seu corpo reclamava a interrupção. Ele estava louco! A menina é menor de idade e filha do patrão!

Ele saía com algumas mulheres ocasionalmente, sabia que como cristão estava errado, mas era um homem. Deus entendia estas coisas, não?

Capítulo XII

Rebeca chegou a seu quarto encantada. Quem diria que o tímido Jonas, na verdade Beto, era tão quente. Bem até que não era má idéia namorar o rapaz. Como aconselhou Cláudia, emoções verda-

deiras, eram mais interessantes que ficar esperando o tal homem do sonho que não aparecia há bastante tempo. O rapaz era um gato, cabelos e olhos escuros, devia ter pelo menos um metro e oitenta, um corpo bonito, certamente fazia algum esporte. Vinha de um lar cristão o que abrandaria o coração de seu pai e lhe abriria as portas para sair e ver o mundo.

Examinou sua silueta no espelho. Seu corpo era bem moldado, os anos de dança e ginástica lhe fizeram muito bem, também era alta para seus quatorze anos, um metro e sessenta e oito, já era considerada bem alta mesmo. Talvez por isso as pessoas lhe julgassem mais velha.

Aproximou o rosto do espelho. Seus traços eram suaves e seu rosto harmonioso, tinha uma boca cheia e olhos dourados circulado por cílios longos e escuros, o nariz um pouco arrebitado lhe dava um ar rebelde. No seu ponto de vista era uma moça bonita.

Será que Beto ia resistir a seus encantos? Uma coisa boa seus sonhos lhe deixaram: experiência. Mesmo tendo sido o beijo de hoje à tarde o primeiro com um homem real, ela sabia exatamente como deixá-lo louco.

Ia ligar para Layana, sua prima, filha de tio Joab, ambas sempre trocavam confidências e tinha muita novidade pra contar.

- Lay, é Beca.

- Manda.

- Acabei de dar uns amassos naquele segurança fofo que trabalha aqui.

- Beca, conta tudo, ele beija bem?

- Muito! Acho que não rolou porque meus pais chegaram, mas vou convencê-lo a ser meu namorado.

- Será que ele vai topa?

- Acho que sim. Ele ficou doido, acho que ele vai me procurar para terminarmos o que começamos.

- E você vai deixar rolar?

- Não, né, sua boba! Vou ficar puritana e dizer que precisamos nos conhecer melhor pra rolar. Se eu me entregar logo ele não vai querer namorar comigo. Lay, eu não agüento mais só sair daqui para ir à igreja com meu pai. Poxa, seus pais são mais liberais deixam você sair, ir a festas, eu nunca dancei num baile ou fui a um show.

- Beca eu já fiz dezoito anos e meu pai é diferente do seu. Mas fica esperta. Tem que ter manha, se bater de frente com ele vai ser bem pior. Faça como eu, seja artista. Na frente dele seja como ele quer, quando ele não estiver seja você, entendeu?

- Lay, você é mil, vou seguir sua dica.

- Vai fundo. Beijo, prima.

- Beijo.

Cláudia chegou, acompanhada de Beatriz e Lucas. Estava ansiosa para ver seu filho, foi direto para a varanda, à tarde as crianças dormiam em colchonetes espalhados no chão, assim não corriam risco de quedas e aproveitavam o frescor da tarde sem ventiladores ou condicionadores de ar. Ouviu a voz de Rebeca, estava ao telefone. Seguiu e estreitou seu filho nos braços.

- Uma dádiva de Deus! - Este era sempre seu pensamento quando tocava seu pequeno. A generosidade do criador foi grande em sua vida. Sentiu-se um pouco tonta. Os braços amigos de Beatriz a ampararam e a ajudaram a sentar e colocar Davi no colchão.

- Cláudia, você tem que tomar cuidado, ainda está fraca.

- Eu estou bem, acho que este calor está me afetando, mas não se preocupe vou ficar bem.

- Tem certeza? Hoje eu vou ficar com você até a noite. Assim você descansa sem se preocupar com Davi.

- Acho que vou aceitar sua oferta. Você tem certeza que não vai lhe atrapalhar?

- Não. Vou ficar bem aqui, trouxe até um bordado para fazer. - Dito isto tirou uma manta de bebê da bolsa e mostrou à amiga, Cláudia a olhou espantada. - Ainda não tenho certeza, mas acho que tem outro bebê a caminho.

- Bia, é maravilhoso, parabéns! - Deu um abraço na amiga. - Miguel já sabe?

- Ainda não, quero ter certeza antes de falar com ele.

- Vou solicitar um exame de sangue, está com quantos dias de atraso? Pegue minha bolsa, lá tem receituário.

- Não vou pegar nada. A doutora está de licença e vai repousar, se eu estiver grávida amanhã, vou continuar grávida a semana que vem daí você faz os exames.

- Bia vou somente escrever.

- Quando ficar boa. Agora arraste aquele morto

vivo que você chama de marido e o faça descansar também, Lucas passou todo este tempo no hospital com você. Cláudia, se cuida, se lhe acontecer alguma coisa aquele homem enlouquece.

- Eu sei. - Cláudia sentou-se novamente e não conteve algumas lágrimas. - Bia, às vezes eu me arrependo de ter entrado na vida dele. Ele estava muito melhor sem mim.

- Que tolice, você só está cansada! - Ajudou a amiga a levantar. - Cláudia, Lucas te ama e eu tenho certeza que ele é muito feliz com você. Agora deixe de tolice e dê um pouco de atenção a seu marido.

- Certo. Até mais, Beatriz. - Sem alternativa seguiu para o quarto, seu marido tinha acabado de sair do banho, estava com uma toalha envolta da cintura.

- Ei, porque não me esperou? Eu estou me sentindo imunda.

- Venha. Posso tomar outro banho com você.

Cláudia se deixou levar pelo marido, era muito bom tê-lo ali, cuidando dela, o banho foi rápido e ele a ajudou a vestir uma camisola bem confortável de algodão. Deitaram bem agarradinhos e Lucas adormeceu em seguida.

Cláudia estava muito preocupada com o cansaço e a tontura que sentia. Tinha medo que Lucas soubesse dos resultados de seus exames. Não sabia se seu marido tinha estrutura para suportar este golpe. Ela mesma também não sabia o que esperar de seu organismo, era geneticamente modificada, então era pouco provável que seu organismo reagisse igual ao das outras pessoas. Tinha que

procurar alguém com experiência em clonagem e manipulação genética.

Infelizmente não podia revelar sua origem a ninguém. Passou as mãos pelo rosto adormecido do marido. Como amava aquele homem! Lutaria como fosse preciso para ficar ao seu lado mais algum tempo. E Davi ainda precisava muito da mãe para que ela desistisse tão fácil. Acreditava em milagres, ia buscar o seu.

Capítulo XIII

Na semana seguinte, a gravidez de Beatriz foi confirmada, o casal estava radiante com a chegada de mais um filho. Aproveitando o clima de alegria, Rebeca pediu para Cláudia interceder junto ao pai, tinha convencido Jonas, agora conhecido como Beto, a falar com seu pai para namorarem.

A pedido da esposa, Lucas aceitou o namoro da filha. Quem sabe dando mais espaço ela não enxergava melhor e voltava a ser a menina meiga de antes? O rapaz era sério, trabalhador, estava terminando a faculdade de administração e o mais importante, era cristão e de família conhecida. A soma destes fatores deu tranqüilidade a Lucas.

Já Cláudia via diferente, por mais sensato que Beto fosse, ele parecia encantado por Rebeca. Ele se esforçava em satisfazer todos os caprichos da menina, que agora se vestia com esmero. Adotou um estilo de roupas mais adultos como vestidos e

saias longas com fendas e nesgas. Que lhe davam uma aparência mais adulta e deixavam seu namorado literalmente babando.

Como a família de Beto congregava em outra igreja, era comum o casal ir assistir o culto dominical lá. Em casa, a menina parecia mais calma e centrada, até estudava nas horas vagas. O pai estava satisfeito e Cláudia preocupada, tanto que resolveu procurar Rebeca para conversar. Foi até o quarto, ela estava ao computador, conectada a internet.

- Oi, tem um tempinho para mim?
- Claro, sinta aqui. - Apontou para uma cadeira vaga. - Já estou concluindo minha pesquisa.
- Estudando?
- Sim, você sabe que eu adoro estudar, faltei algumas aulas por estar irritada com o papai.
- Como está o namoro? Já vai fazer três meses que estão juntos e você ainda não me falou nada sobre ele.
- Desculpa. O que quer saber?
- Se você gosta dele, se ele é legal com você.
- Eu acho que ainda é cedo para falar de sentimentos, mas ele é legal, excessivamente.
- Excessivamente?
- Sim, é certinho. Me dá presentes, só me leva a lugares seguros e calmos, me respeita e tem medo do papai.
- Sei. - Cláudia percebeu a frustração de Rebeca, infelizmente a menina conheceu o sexo antes de conhecer o namoro, assim achava chato todo ritual de conquista do rapaz. - Beca, ele sabe que você é menor de idade, trabalha pro tio Miguel,

conhece seu pai, claro que ele não vai forçar um namoro íntimo com você.

- Foi o que ele disse, mas Cláudia, eu fico irritada quando ele me beija, troca algumas carícias e me deixa. Eu sei que ele quer mais, entende?

- Claro que entendo. Deve ser frustrante, mas com ele você tem saído de casa. Dê um tempo pra ele perceber até onde pode ir com esse namoro, ou fale com ele abertamente sobre isso, mas tenha juízo, sexo tem que ser seguro, digo isso como médica; como mãe, digo que é cedo pra você. Logo estes seus hormônios sossegam e este fogo todo se acalma e não se preocupe com isso, você é normal.

- Como eu queria que meu pai pensasse assim.

- Seu pai é pastor antes de tudo. Mesmo que não concorde você deve respeitar o ponto de vista dele, ele só quer te ver feliz.

- Eu sei. Ele é que não sabe como é barra ser feliz hoje em dia. Às vezes eu quero coisas que nem sei o que é.

- Adolescência é uma fase complicada, mas como tudo na vida passa.

- Cláudia você já ouviu falar de um luau que acontece numa praia particular depois da Barra?

- Não. Minha vida social é muito resumida e não tenho muito tempo para ler a coluna social.

- Eu li, dizem que todo mundo vai estar lá, será que papai vai me deixar ir?

- Tenho certeza que não. - Diante da cara da enteada acrescentou. - Você sabe que ele não vai deixar.

- Então eu vou dizer que vou dormir na casa de uma amiga.

- Veja, se Beto for com você, eu prometo não revelar seu plano. Caso contrário não conte com meu apoio.

- Vou falar com ele.

- Certo. Juízo. - Deu um beijo no rosto de Rebeca e saiu do quarto.

Não queria perder a confiança da moça, mas às vezes era complicado manter a fidelidade a ambos, principalmente porque pai e filha queriam coisas tão distintas.

Naquela tarde, Beto foi buscar Rebeca na saída do colégio. Desde o começo do namoro, ele não usava mais o terno escuro para buscá-la e ela sentava ao seu lado no banco da frente.

- Beto, não vou pra casa agora.

- Posso saber para onde vamos?

- Qualquer lugar, eu quero ficar sozinha com você! Não me olhe com essa cara, minha madrasta sabe que vou demorar um pouco.

- O que você tem em mente?

- Você não ia concordar. Então me leve para onde você achar melhor.

Como era fim de tarde, Beto estacionou no Mirante de São Gonçalo, de lá dava para ver toda vista do litoral e vários casais paravam ali para namorar, por ser próximo ao centro, o local era seguro e ao mesmo tempo com certa privacidade. Saíram do carro e foram até banco de pedra que funcionava como limite do mirante e assento ao mesmo tempo.

Sentaram lado a lado e Beto tomou a iniciativa dos beijos. Ele estava apaixonado por Rebeca, se

controlava para não fazer nada que viesse a separá-lo dela. Tinha certeza que ela queria que ele tornasse seu namoro mais íntimo, entretanto ela era menor de idade e filha do patrão. Sem contar com a fúria de Miguel que cuidava da moça como filha.

Ele não disse a Rebeca, mas Miguel tinha conversado com ele, em outras palavras ele pediu para que ele agisse como homem com a menina, que o pastor estava passando por muitos problemas com a esposa e não queria que esse namoro se tornasse mais um problema.

– Ei, você tá tão distante, parece que estou beijando uma estátua.

– Beca, estamos num local público.

– Sim e porque me trouxe aqui? Poderia ter me levado para um local onde pudéssemos ficar a vontade.

Beto passou as mãos pelos cabelos. Suspirou e encarou a jovem a sua frente.

– Rebeca, sei que você e suas amigas vivem ansiosas para terem sua primeira vez, mas essas coisas são complicadas, primeiro você é menor de idade, segundo pode aparecer uma gravidez indesejada e você é muito nova para ser mãe.

– Beto, você parece meu pai falando, eu não sou idiota! Sei tudo isso. Por isso eu quero você. Você é meu namorado, é só eu pedir e Cláudia prescreve um bom anticoncepcional para mim.

– Você falou com ela?

– Claro! Ela é médica e é minha mãe.

– Ela sabe que você quer fazer isso comigo?

– Sim. Se você é meu namorado é natural que seja com você.

– Beca você tem somente quatorze anos, eu posso parar na cadeia por pedofilia.

– Credo. Eu só daria queixa de você se não gostasse! – Rebeca notou que ele não riu da piada. – Beto, já estamos juntos há três meses e você me deixa louca quando me toca.

– Vamos fazer assim, quando surgir à hora e o local certo nós faremos, sem pressa e de um jeito que não aja arrependimentos depois. Combinado assim?

– Fazer o que? Será que se eu pedir para me levar a um luau, você me leva?

– Se seus pais deixarem, eu levo.

– Ótimo! Vou combinar com Cláudia. Vamos para casa?

– Vamos.

Ao chegarem a casa, Rebeca entrou e Beto foi estacionar o carro, encontrou a garagem vazia. Pelo visto sua namorada estava sozinha. Foi até a sala de monitoramento e o segurança de plantão lhe informou que o casal saiu e não deixou recado. No interior da casa ele encontrou Rebeca na sala.

– Parece que se esqueceram de você.

– Não, eu sabia que eles iam sair. Hoje é dia de culto, eles só voltam depois das dez.

– E você fica sozinha?

– Não, eu disse que ia sair com você. Eles acharam que ia demorar. – Olhou séria para ele. – Pode ir, eu vou pro meu quarto estudar. Quer conhecer meu quarto?

– Não, é melhor ficar aqui.

– Diga o que nós faríamos no quarto que não podemos fazer aqui?

Ele abriu a boca para responder, mas a moça não deixou:

- Eu lhe digo? Eu tenho um computador.
- Sério?
- Ganhei de Cláudia. Vamos ver?

Beto ficou encantado com as coisas que Rebeca tinha no quarto, som com CD, televisão, vídeo cassete, até um DVD e um computador, ela tinha mais objetos ali que sua família na casa toda, mais um motivo para manter as mãos longe da menina.

- Fica olhando tudo a vontade eu vou tomar um banho e tirar esta farda escolar ridícula.
- Você fica linda nela.
- Vou fazer de conta que acredito, quer esfregar minhas costas?
- Melhor não.
- Tudo bem, só estava testando.

Alguns minutos depois Rebeca voltou para o quarto, ela estava envolta em uma toalha felpuda, que grudada ao corpo e revelava muito mais que cobria.

- Vou sair para você trocar de roupa.
- Não, fica! Você fica de costas e eu me visto rápido.

Beto queria sair correndo dali, sabia que Rebeca o estava provocando, a menina sabia deixar um homem louco, o que ela não sabia eram as loucuras que passavam na mente dele. Se soubesse ela o mandaria embora aos chutes. Ou será que não?

Seu pensamento foi interrompido por Rebeca.

- Ei, fecha minha blusa, os botões são nas costas. - Beto se voltou e aproximou-se para atender ao pedido. Ela estava de costas, a toalha presa aos

quadril e ambas as mãos segurando os cabelos. Ele juntou os lados do tecido e começou a abotoar a blusa. O tremor dos seus dedos não ajudava muito na tarefa.

- O toque das suas mãos me deixa arrepiada. - Rebeca encostou o quadril nele, pressionou o corpo até sentir o quanto ele estava excitado, ele afastou-se. Rebeca suspirou e deixou a toalha escorregar de seu corpo, revelando sua nudez.

- Droga Rebeca! - Ele a virou bruscamente de frente e a beijou com sofreguidão. Rebeca enlaçou o pescoço dele com os braços e a cintura dele com as pernas.

- Beto. - Sussurrou ao ouvido dele, enquanto mordiscava sua orelha e enterrava os dedos em seus cabelos. - É a hora certa?

- Agora vai ter que ser!

Capítulo IX

Lucas entrou em casa carregando um adormecido Davi no colo e quase foi atropelado por Beto, que vinha no sentido oposto feito um furacão, pelo seu semblante estava irado.

- Beto, boa noite. Onde está Rebeca?
- No quarto. - Disse seco e saiu em seguida.

Cláudia que vinha logo atrás do marido comentou:

- Devem ter brigado por alguma bobagem, você sabe como sua filha é temperamental.

– Vá falar com ela. – Olhou cansado para a esposa. – Eu coloco Davi no berço.

Cláudia encontrou Rebeca chorando, estava deitada em sua cama enrolada num lençol. Sentou-se ao lado dela e tocou seu rosto.

– Beca o que aconteceu?

– Ele me chamou de vadia, disse um monte de palavrões e foi embora. – Nova onda de choro, Cláudia a esperou se acalmar e perguntou:

– Conte devagar o que aconteceu. Vocês fizeram amor?

– Sim.

– Você disse a ele que talvez não fosse mais virgem?

– Não.

– Ah! Rebeca! Homens gostam de saber estas coisas antes de levarem uma mulher para cama. Não depois.

– Cláudia, em um minuto ele estava dizendo que me amava, em outro já estava me xingando, foi horrível.

– Calma, ele está decepcionado, mas vai passar depois vocês conversam e tudo fica esclarecido.

– Não. Eu não quero vê-lo nunca mais.

– Você quer falar sobre isso?

– Não, eu quero ficar sozinha.

– Tudo bem, vou dizer a seu pai que está tudo bem, que foi só uma discussão tola. Amanhã conversaremos melhor, boa noite.

Cláudia saiu do quarto aflita, não podia contar ao marido o que a filha tinha feito. Porque Rebeca tinha aquela pré-disposição para fazer bobagens? Uma moça tão linda, e educada com tanto amor.

Beto saiu da casa do pastor transtornado. A menina o tinha feito de tolo! Agora ele compreendia a pressa da moça em levá-lo para cama, queria alguém para servir de bode expiatório.

– Droga! – Socou a parede a sua frente. – Como foi se meter numa enrascada destas?

Se ela dissesse ao pai que ele era o autor da sedução? Ela era menor e ele estaria encrencado. Quem acreditaria que uma menina tão nova e de um lar cristão já estava perdida? Sim, modernidades a parte, era assim que seus amigos falavam das meninas que não eram virgens, perdidas! Sua linda Rebeca era uma mocinha mimada e perdida. Nossa! Como doía a decepção, sua princesa de conto de fadas era uma vagabunda, destas que ninguém atribui nenhum valor.

Procurou controlar-se tomou um banho frio e tentou dormir.

Miguel passava mais tempo ao lado da esposa, Beatriz estava nauseada e precisava muito de seu apoio. Deborah normalmente acordava elétrica e necessitava de atenção e cuidados, assim ele ia ao escritório somente à tarde. Naquela manhã tinha acabado de alimentar o cachorro e estava brincando com a filha no jardim quando alguém tocou a campainha, atendeu e ficou surpreso ao ver Beto. O rapaz parecia nervoso e um tanto ansioso, a julgar pela aparência tinha passado a noite em claro.

– Bom dia, seu Miguel, podemos conversar alguns minutos?

– Claro! Você se importa se conversarmos aqui

fora? É que minha filha está brincando no jardim com o cachorro e não gosto de deixá-la sozinha.

- Não, por mim tudo bem.

Miguel o conduziu a uma das cadeiras que ficavam na varanda, em frente ao jardim, ao passar disse ao cachorro.

- Fique de olho nela.

- Ele é adestrado?

- Quem?

- O cachorro. Ouvi quando o senhor pediu para ele ficar de olho na menina.

- Ah! Sim, o cachorro é adestrado, só falta falar de tão inteligente.

- Nossa. Ele é enorme de que raça é?

- É mestiço, como não entendo de cachorros nem me inteirei das raças, ele pertence a minha esposa é o xodó dela. Sabe como são as mulheres? Mas diga o que o trouxe aqui tão cedo?

- Na verdade eu gostaria de lhe fazer um pedido.

- Diga. Vou fazer o possível para atendê-lo.

- Eu gostaria de ser transferido para outro setor.

- Problemas com Rebeca?

- Para evitar problemas com Rebeca.

- Compreendo. O namoro não vai bem?

- Desculpe seu Miguel, mas este assunto é muito pessoal e eu não gostaria de falar sobre isso. O senhor pode me ajudar?

- Sim. Mas antes de transferi-lo vou precisar de alguém capacitado para assumir seu lugar, você pode aguardar algum tempo?

- Posso, vou fazer o possível. Obrigada pela atenção.

Sem mais palavras, Miguel acompanhou o rapaz até a saída.

- Problemas querido?

Bia aproximou-se do marido.

- É o que parece. Pelo visto a menina está tornando a vida do rapaz um inferno.

- Às vezes eu acho que Rebeca precisa de um corretivo para enxergar a realidade. Miguel, a menina já passou por tanta coisa e não amadurece. Sei não, esta menina ainda vai criar muita confusão, principalmente porque ela tem consciência e muito orgulho da beleza que possui.

- Eu que o diga, sei como mulher bonita chama problema!

- Miguel!

Seguiram sorrindo para o interior da casa.

Capítulo X

Rebeca surpreendeu a todos com o novo comportamento. Não acordou chorosa ou deprimida, como Cláudia previa, muito pelo contrário, mostrou as garras afiadíssimas logo cedo lhe pedindo dinheiro para compras. Como a madrasta nunca lhe negou nada, o pedido foi atendido.

Layana, filha de Joab, veio buscá-la e juntas foram às compras. No fim da tarde chega à casa uma jovem com os cabelos lisos e dois tons de loiro mais claro, sem as mechas e os cachos que lhe davam um toque diferenciado.

As roupas, provavelmente resultado das compras, eram compostas de saia de couro preta e curta, blusa de lycra, justinha e abusada no decote e comprimento. Como ela chegava e se trancava no quarto, Lucas não chegou a ver o novo look da filha. Cláudia preferiu manter assim, quem sabe esta nova fase não passava logo.

Na semana seguinte foi o festival de cultura e artes, patrocinado pelo colégio onde a moça estudava. Ainda no dia da abertura, Cláudia recebeu um telefonema do diretor, que irritado pedia a presença de um responsável pela moça. Ela foi e ele lhe mostrou as imagens de um vídeo. Rebeca estava dançando, linda, numa apresentação de dança do ventre, a moça exibia seu corpo de curvas esculturais num traje típico árabe, havia outras moças no palco, mas a moça se destacava por dominar a técnica da dança.

O diretor apressou a fita, na cena seguinte a jovem aparece num vestido longo preto, era outro musical, o ritmo começa lento e evolui para uma dança frenética, de repente ela arranca o vestido, que devia ser fechado por velcro, e continua a dançar num short curtinho preto e um top na mesma cor com toques de lantejoula. A dança frenética e sensual, estilo Madona, levou a platéia ao delírio e num gesto ousado a moça retira o top e joga para alguém na platéia.

A filmagem mostra de relance o homem que apanhou o objeto. Beto! Rebeca puxa o elástico que prende os cabelos e eles caem formando um véu sobre o busto, gritos e assovios cortam o ar. Um jovem atrevido sobe ao palco e agarra a jovem e lhe

rouba um beijo na boca, firme mais gentilmente, ela o empurra daí sobe outro, e mais outro, a confusão está formada! Os jovens começam a brigar entre si, o segurança entra na briga e a situação fica caótica!

- Onde está minha enteada?

- A moça está na sala da orientadora. A senhora deve entender que o comportamento da jovem foi impróprio para uma moça de família e a escola tem que tomar uma posição firme. Alguns pais estiveram aqui e ameaçaram transferir seus filhos se não punirmos severamente a jovem causadora do tumulto. Dona Cláudia. - O homem olhou consternado para a mulher.

- Doutora, pois tenho doutorado em medicina.

- Corrigiu ela, se o homem estava sendo arrogante porque ser humilde com ele?

- Desculpe, doutora, mas infelizmente alguns jovens se machucaram durante o tumulto e muitos pais estavam assistindo a apresentação, não me resta alternativa senão expulsar a moça deste colégio. Somos uma escola tradicional e respeitável.

- Sei, conheço o tipo. Entretanto por ser sua escola uma das mais conceituadas aqui, minha filha fica!

- A senhora não compreendeu. Ela não faz mais parte do corpo discente desta escola.

- O senhor não me compreendeu. Estou lhe dizendo que ela fica até que eu decida transferi-la daqui, caso o senhor coopere isto pode ser providenciado ainda este mês, caso contrário vamos brigar na justiça e a justiça neste país é lenta. Enquanto durar o processo ela fica. O que me diz?

- Senhora, a posição da escola é delicada.
 - A posição da escola vai ficar realmente delicada se o senhor não facilitar as coisas. - O tom firme da doutora surpreendeu o homem. - Não seja tolo. Eu também não quero a moça aqui! Contudo eu quero a ficha dela impecável, pois vou mandá-la para a melhor escola americana.

- Infelizmente, isso não será possível.

Cláudia sentou-se e encarou o homem idoso e excessivamente suado a sua frente:

- Senhor, antes que eu tenha um ataque de nervos gostaria de fazer uma ligação. Posso?

- Certamente. - O homem entregou o telefone. Cláudia discou o número e aguardou.

- Alô. Passe para o deputado João Albuquerque, diga que é a neta dele. - Cláudia observou que o diretor suava ainda mais. - Vovó! Estou passando por uma situação constrangedora e preciso de apoio jurídico. - Pausa. - Prefiro falar pessoalmente, mande um advogado, não, pode ser um da câmara mesmo. Vou aguardar.

Voltou-se para o diretor e acrescentou:

- Grata pela ligação. Como o senhor deve saber eu não entendo nada de leis. Bem, o senhor já tomou sua decisão então devo ir.

- Doutora, será que podemos entrar num acordo?

- Não sei. Seria possível?

- Bem podemos agradar a todos. A menina será transferida com a ficha impecável e boas referências, assim todos ficam satisfeitos.

Cláudia fingiu considerar e concordou:

- Certo, providencie a papelada que meu advo-

gado virá buscar. Até logo. - Saiu sem esperar resposta.

Encontrou Rebeca no corredor, estava usando a farda da escola. Olhou duro para ela e sem uma palavra seguiram juntas para o estacionamento. Quando estavam acomodadas no carro. Rebeca perguntou:

- Fui expulsa do colégio?

- Sim, o que você queria? Tirou a roupa na frente de toda escola!

- Desculpa Cláudia, eu não queria criar problema para você.

Como elas estavam sozinhas no carro esporte de Cláudia, podiam falar abertamente. Os seguranças seguiam atrás em outro carro.

- Rebeca você criou problemas bem maiores do que imagina. Já pensou em estudar em outro país?

- Não.

- Pois pense seriamente. Estou estudando a possibilidade de mandá-la para longe por um tempo, o que me diz? Sua sonhada privacidade sem seu pai tendo um ataque a cada mudança sua.

- Ele não concordará, nem vou alimentar esperança e o meu inglês é péssimo.

- Rebeca para isso existe curso e podemos praticar.

- Vou pensar. Como fica minha situação aqui?

- Não sei. Vou falar com seu pai.

- Merda!

- Rebeca!

- Desculpa, mas meu pai vai ter um ataque. Vou para outra escola?

- Ainda não sei. A decisão é de seu pai, você tem que cooperar um pouco, o que deu em você?

- Ele.
 - Beto?
 - Sim, ele ficou me olhando com aquela cara de crítica. Sei lá, perdi a cabeça e tirei a roupa só para irritá-lo.

- Sim e agora está totalmente encrencada. Aprenda a pensar antes de agir.

- Vou tentar.
 - Você não está nem aí, não é?
 - Sinceramente? Não. Tava cheia daquela escola idiota. Ó povinho ridículo, sei lá quero um grupo mais cabeça.

Cláudia ficou calada, brigar com Rebeca não ajudaria em nada.

Como era de se esperar, pai e filha discutiram feio e mesmo irritado Lucas não aceitou a idéia de mandar Rebeca estudar fora.

Capítulo XI

Desde o problema na escola, Rebeca tinha seu dia livre, quando o pai saía para trabalhar, ela saía com Layana, as primas se reuniam com uns amigos no apartamento de Roni, namorado de Layana.

Beto estava esperando Rebeca descer, fazia mais de duas horas que ela e a prima tinham subido. Normalmente ele ficava no carro aguardando, quando ouviu a voz da jovem, saiu e foi ao seu encontro.

Rebeca estava aborrecida, um dos amigos de

Roni, insistia em transar com ela. O cara não era do tipo que aceitava um não como resposta. Estava saindo do elevador quando ele a agarrou e beijou. Ela deu um tapa no rosto dele, prontamente ele devolveu. Rebeca engoliu o choro, seu rosto ardia tanto que parecia em brasa.

- Canalha, você bateu em mim! - Rebeca arranhou o rosto dele. Que avançou sobre ela. Ela ainda fechou os olhos esperando um outro tapa. Nada! Quando abriu os olhos ainda pode ver Beto expulsando o rapaz aos socos para fora do estacionamento.

- Você está bem?

Ela teve vontade de dizer que estava péssima, mas teve vergonha de admitir. Não falou nada. Agarrou-se a ele e começou a chorar.

Beto levou Rebeca para o banco de trás do carro. Logo o rosto dela ia ficar roxo.

- Quer ir para casa?

- Não, me leva para qualquer lugar, menos pra casa.

Como a vida era irônica, pensava Beto. Há alguns dias aquela moça implorava para que ele a levasse ao motel. E agora ele estava em um, com ela desacordada e ele colocando compressas de gelo em seu rosto. Deixou-a dormir, tinha certeza que ela estava alcoolizada e o sono ajudaria.

Ele telefonou para a doutora. Ela lhe pediu que ficasse e cuidasse de Rebeca até ela estar melhor. Mas e ele? Quem cuidaria dele?

Quando acordou Rebeca ainda estava tonta e pediu ajudá-la a ir ao banheiro.

- Beto, me ajuda a tirar essa droga de roupa.
Preciso tomar um banho bem frio!

- É melhor não!

- Você já me viu nua, lembra? Vem!

Depois de ajudá-la no banho, ele a enrolou numa toalha e voltou para o quarto.

- Pronto, agora você se veste e vamos embora. - Beto falou de forma brusca. A última vez que viu Rebeca de toalha não acabou bem.

- Ainda está irritado comigo, ou tem medo de não me resistir?

Ambas as coisas pensou ele.

- Rebeca, você está bêbada!

- Por quê? Por que eu sei que você me quer. - Foi até ele e tentou beijá-lo, ele a empurrou. - Eu sei que você me quer!

- Eu não quero nada!

- Então me beija, é um desafio. Se você me beijar e conseguir me mandar embora sem querer mais nada, aí eu acredito em você, feito?

- Que aposta tola!

- Tá com medo. - Rebeca o desafiava. - Tá morrendo medo!

- Feito. Um beijo e vamos embora.

Beto levou Rebeca pra casa bem tarde, passaram horas dentro do quarto de motel, fazendo amor!

Definitivamente ele não podia ser o segurança dela.

Apesar da raiva que Rebeca demonstrava ter do segurança, Beto era o único que Cláudia confiava para cuidar da moça. Desconfiava que por trás de tanto rancor a menina ainda gostava dele. Ficou até um pouco surpresa quando Beto a procurou:

- Tem um minuto doutora?

- Claro. Sente-se.

Estavam na sala de estar da casa.

- Como o assunto é delicado eu vou direto ao ponto. - A doutora concordou com um gesto ele prosseguiu. - Acho que você deve saber que Rebeca anda metida com gente barra pesada.

- De que tipo?

- Drogas.

- Você a viu usando?

- Ver eu não vi, mas ela vai para o prédio dos amigos e some. Volta cheirando a álcool e vomita na calçada. Ontem ela encontrou um homem que disse ser seu irmão.

- E eles conversaram muito?

- Não, ele a levou até outro que a beijou na rua, de um jeito que chamou a atenção de todos que passavam. Não gosto de ser leva e trás, mas estou preocupado com a moça.

- Gosta dela não é?

O rapaz ficou constrangido.

- Não se preocupe, ela me contou o que aconteceu entre vocês e sua reação. - Vendo que ele empalideceu, Cláudia disse: - Beto, amo Rebeca, mas reconheço que ela gosta de criar confusão. Alguém, provavelmente o amigo de meu irmão, seduziu a menina. Ela se recusa a falar sobre dele, mas é importante que ele não chegue perto dela. Ela é uma menina num corpo de mulher. Tenho medo que aquele canalha a destrua.

- Doutora, ela não me contou que já tinha tido alguém, não foi fácil descobrir isso assim.

- Ela não sabia ao certo. Beto é uma história

complicada, o que importa é que ela acha que tudo foi um sonho. Você foi o único homem real que ela teve.

- Como assim um sonho?

- Foi na noite que Miguel levou você até a casa dele. Lembra? O homem que atacou Bia esteve aqui e seduziu a menina durante o sono, ela acordou quando sentiu dor. Foram os gritos dela que trouxeram Miguel até aqui.

- Meu Deus! Que tipo de homem abusa de uma garota durante o sono?

Cláudia viu o brilho de revolta nos olhos de Beto.

- É exatamente o tipo de homem que ele é que estamos tentando descobrir.

- Vocês não sabem nada. Quem ele é, onde mora, coisas assim?

- Sim, sabemos o nome. Mas onde ele mora é um mistério. É muito importante que ele não se aproxime de Rebeca. Ela está muito insegura e temo por ela.

- Este homem oferece risco de vida a Rebeca? É algum tipo de marginal?

- De certa forma sim. Beto este homem é um membro de uma seita satânica, o grupo dele é capaz de muita maldade para atingir um objetivo e Rebeca é a parte mais frágil, através dela eles podem atingir a mim. Lamento dizer que meu irmão está metido nisso e que preciso contar com sua discrição e colaboração.

- Pode contar comigo, como eu posso ajudar?

- Continue sendo o segurança de Rebeca. Eu confio no seu amor para manter minha enteada segura, posso inclusive dobrar seu salário?

Beto ficou calado diante da afirmativa da dou-

tora, não tinha como negar seu sentimento pela moça e saber que ela corria um risco real lhe causava calafrios, tudo bem que ela era rebelde e um tanto atrevida, mesmo magoado como estava ele faria qualquer coisa para salvá-la do perigo.

- A senhora vai conversar com ela sobre as porcarias que ela anda usando?

- Vou conversar e fazer meu marido entender que tirar a menina do país é a melhor saída no momento. Existem excelentes universidades na Europa e América onde ela teria uma educação de qualidade e todo tempo para pensar, longe desta guerra que se formou entorno de mim, tenho certeza que ela vai melhorar. Rebeca sempre foi uma boa garota e é muito inteligente.

- Vou ficar mais um mês, mas não aceito dinheiro extra.

- É difícil pra você ficar ao lado dela?

- Muito, ela faz de tudo pra me agredir.

- Já parou pra pensar que ela quer chamar sua atenção?

- Tirando a roupa num palco? O auditório estava lotado e aquele bando de rapazes loucos avançou sobre ela, foi horrível.

- Ela me confessou que fez para lhe afrontar. Coisas da cabeça dela.

Cláudia suspirou.

- Rebeca ainda não aprendeu a lidar com suas emoções, tenho certeza que ela confunde sexo com amor. Beto ela precisa de tempo para amadurecer, eu lhe peço para não pressioná-la, neste momento nem ela sabe ao certo o que quer da vida. Posso contar com você?

– Pode.

Mesmo tendo concordado em ficar Beto saiu da sala com a sensação de derrota, algo lhe dizia que devia ter ido embora.

Rebeca estava novamente no apartamento do namorado de Layana. Lá a turma se reunia para tomar uma e fumar um baseado. Mesmo não gostando de nenhuma das opções ela ia por se sentir da turma, às vezes até dava um trago ou bebia alguma coisa. Mas ultimamente estava se sentindo muito mal, além do desprezo de Beto, que mesmo depois da tarde que passaram juntos a evitava, ela estava sempre tonta e nauseada, ninguém da turma ligava a mínima para sua indisposição. Afinal, saúde não era o lema do grupo.

Deixou os amigos viajando e voltou para a garagem, tinha certeza que Beto lhe esperava para levá-la para casa.

– Porcaria! A droga do elevador estava piorando seu estômago. Assim que as portas se abriram saiu dele e vomitou. Segurou-se na parede, sua cabeça girava e suas pernas pareciam de gelatina, sabia que ia desmaiar.

Beto correu para amparar Rebeca, a moça caiu antes mesmo que ele a segurasse, desesperado a levou para o hospital, a Dra. Cláudia saberia o que fazer.

E soube. Depois de medicada a moça passaria a noite em observação. Beto foi para casa, tinha muito trabalho da faculdade para preparar estava em período de conclusão de curso.

Capítulo XII

Rebeca acordou num lugar estranho, mesmo estando na penumbra, seus olhos sentiram o impacto da luminosidade. Demorou um pouco para reconhecer um quarto hospitalar.

Droga! Ela não lembrava o que aconteceu, mas estar em um hospital não era nada bom. Tentou levantar e se deu conta de que estava com alguns tubos de soro conectados a sua veia através de uma agulha. Ela detestava agulhas!

Sentiu um toque em sua mão, o homem dos seus sonhos estava ali, seus belos olhos verdes a fitavam daquele jeito que a vazia suspirar.

- Estou sonhando?
- Não.
- Você está aqui de verdade?
- Pode se dizer que sim.
- Senti tanta saudade sua. Você vai ficar comigo agora?
- Você aceita ser minha Rebeca?
- Eu sou sua. Qual seu nome?
- Lúcius. – Ele tocou a face de Rebeca. – Venha comigo pequena.
- Eu não posso estou doente.
- Diga o que sente eu curo você. Você acredita em mim?
- Sim. Eu me sinto esquisita. Acha que foi algo que usei, entende?
- Nada que nos dá prazer pode ser ruim. Durma

eu volto para lhe buscar. – Ele tocou sua boca na dela, ambos sentiram repulsa.

Lúcius saiu, em seguida entra seu pai e Cláudia, Rebeca deu um sorriso fraco para eles e adormeceu.

- Eu não vou tocá-la novamente!
- Vai sim. Quantas vezes forem necessárias.

Lúcius encarou Vlad:

- Não toco em carne usada.
- Pare de ser tolo, a menina foi sua.
- Não! Quando toquei nela senti o cheiro de outro homem em sua carne.

– Lúcius você está me dizendo que a menina já se deitou com outro homem?

– Eu lhe disse que sou uma droga viciante. Mesmo que não seja comigo ela procurou meios para suprir sua necessidade de prazer. É por isso que fico apenas uma vez com uma mulher, a partir daí ela se desgraça por seus próprios meios.

Ambos riram e Vlad afirmou:

– Eu preciso da cooperação dela. E você é o único que pode tirar o que quiser da menina, então deixe de frescura e use este poder que tem sobre as mulheres para trazer meu sobrinho para mim.

– Não se preocupe. Sei como mantê-la sob meu domínio.

– Pouco me importa o que você fará desde que o menino seja meu.

– Será. Você tem minha palavra.

Lúcius sentiu até vontade de rir, quem disse que ele tinha palavra!

Capítulo XIII

Cláudia saiu do laboratório muito tensa, sua conversa com o oncologista foi difícil, ele insistia na idéia de que ela precisava de quimioterapia. Como explicar para ele que não tinha leucemia? Que era um clone e apresentava constante mutação celular. Cláudia estava preocupada com a fraqueza que sentia, suas hemácias estavam passando por uma fase de mutação. O que comprometia o abastecimento de oxigênio de todo seu corpo. Era uma fase, já passou pelo mesmo processo com outros grupos celulares, logo de alguma forma seu organismo superaria. Mas como explicar ao colega algo tão bizarro? Era como tentar convencê-lo de algo tão inacreditável como bruxas e duendes. Assim usou a religião como desculpa para ignorar o tratamento. Como a passar do tempo ele até ia acreditar que ela recebeu um milagre, que não deixava de ser verdade.

Abriu os exames de Rebeca, Beto tinha razão, o exame sanguíneo detectou a presença de substâncias químicas e níveis elevados de álcool. Além é claro de ter confirmado uma de suas piores suspeitas, mas não ia se preocupar com isso no momento. Tinha assuntos mais urgentes para resolver. Como por exemplo, deixar o organismo da menina limpo. O outro problema ainda tinha tempo para ser esclarecido, afinal o que não tem remédio, remediado está.

Lucas estava abatido com o comportamento de sua filha, nesta noite se recolheu cedo ao quarto para orar. Deus, na sua infinita sabedoria, era o único que poderia lhe dar as respostas que precisava para entender como sua filha pode se envolver com drogas. Ela tinha recebido alta hospitalar e estava em casa desde o início da tarde, Miguel e Bia tinham vindo recebê-la.

A cintura fina de Bia já mostrava os primeiros sinais da gestação. Lucas se alegrava com a felicidade do casal, além de membros de sua igreja, ele se sentia um pouco responsável por eles, afinal ambos se conheceram em sua casa.

Cláudia estava superando o mal estar que foi acometida. Como ela não quis falar sobre o assunto ele achou melhor não pressioná-la. Amor é confiança, ou se confia ou não, o meio termo não existe. E ele já conhecia a esposa o suficiente para saber que ela não era dada a desabafos e confidências, o que ela achava capaz de resolver ela resolvia, era o seu jeito de não sobrecarregá-lo.

Ele agradecia por ela ser tão forte e decidida, tinha horas que ele achava que sua cabeça ia estourar com tantas novidades. Eram cães predadores, mulheres gestando animais, demônios encarnados em clones, uma esposa clonada, assassinos, seitas demoníacas e sua filha totalmente a mercê de um demônio sádico e pervertido.

Sem contar é claro com os problemas de seus congregados, pois toda e qualquer questão envolvendo seu rebanho era trazida a ele para resolver e aconselhar. Dobrou seus joelhos, curvou a cabeça e começou a apresentar todos em oração, este

povo não era seu, era de Deus e Ele cuidava pessoalmente dos seus. Sabendo disso Lucas pediu a Deus Pai, em nome de Jesus, uma interferência divina. Quando as forças do homem acabam é a hora de Deus agir. Lucas sabia sair da frente para dar todo espaço que o Senhor necessitava para operar.

O dia seguinte amanheceu quente e ensolarado, como quase todos os dias do bom clima nordestino, afinal era aquele verão o ano todo. Cláudia levantou cedo para trabalhar, sentia-se muito bem, sabia que seu organismo tinha se adaptado e superado a mutação. Quantas ainda sofreria? Ela não tinha a menor idéia, o que sabia era que superaria uma fase por vez.

No laboratório colheria sangue para analisar e ter certeza do que sentia. Seguiu para o berço de Davi, vazio. Como seu marido ainda dormia foi até o quarto de Rebeca, eles não estavam lá. Claro ambos já acordavam famintos, seguiu para cozinha, vazia!

Seu coração começou a bater apertado no peito, procurou a casa toda e nem sinal deles. Foi à sala de monitoramento, os dois vigias estavam adormecidos. Tomou o pulso de um deles, normal, cheio e pulsando bem, repetiu o processo no outro. Graças a Deus estavam vivos! Voltou para o quarto e acordou o marido, contou que seus filhos tinham sumido e estranhou sua própria calma.

Enquanto Lucas se vestia ligou para Miguel, ele disse que chegaria logo. E veio, usou a porta de comunicação e trouxe uma sonolenta Beatriz car-

regando a filha. O enorme cachorro os acompanhou e deitou-se no meio do tapete da sala com tanta descontração que parecia estar em casa.

– Cláudia, bom dia. Já conseguiu acordar os seguranças?

– Já, eles estão tomando café preto e forte, estão com Lucas na cozinha, eu não quis sair de perto do telefone pode se tratar de um seqüestro e eu não queremos que eles corram riscos desnecessários.

– Tudo bem. Fique aqui, que eu vou interrogar os homens, não se preocupe logo você terá seus filhos de volta.

– Obrigada Miguel.

Miguel interrogou os homens e descobriu que eles receberam uma garrafa de café das mãos de Rebeca, no início da noite. Certamente alguém instruiu a menina a drogá-los para poder fugir com o irmão. Miguel tinha certeza que era obra do tal irmão da doutora, talvez uma forma de pressioná-la a ceder. Ligou para Joab e Beto, não era sensato chamar a polícia, só complicaria um caso que em si já era muito complicado.

Lucas parecia mais arrasado que Cláudia, a mulher não derramou uma lágrima e procurava participar atentamente de tudo que era decidido.

Com a ajuda de Beto deram uma busca nos locais onde a moça costumava freqüentar, interrogam os colegas barra pesada e Joab quase enfartou ao encontrar a filha lá.

Layana, filha de Joab, disse que Beca nunca faria mal ao irmão, mas faria tudo que o tal homem

do sonho lhe pedisse, segundo ela, a prima tava arriada pelo cara. Joab se desculpou e levou a filha para casa.

Por sugestão de Beatriz o casal passou a noite na casa do pastor. Ela se recusava a deixar a amiga sozinha neste momento.

Na noite do segundo dia de buscas, antes da chegada dos homens o telefone tocou, Cláudia correu para atender:

– Alô.

Silêncio.

– Alô, fale logo o que quer.

– Clodie, estou muito satisfeito com a visita de meus sobrinhos.

– Maldito! Devolva meus filhos! Eles estão bem? Como está meu bebê?

– Controle-se, uma mulher de sua estirpe não deve se comportar como uma louca!

– Claro, você está certo. – Cláudia procurou controlar a raiva e o desespero, Vlad era um louco e irritá-lo poderia custar à vida de seus filhos. – Como estão meus filhos?

– Bem, o menino é lindo, um lorde, não chorou, comeu direitinho e agora dorme como um anjo. Já a moça tem passado horas na cama, Lúcius tem se esforçado para mantê-la satisfeita. È uma boa moça.

Cláudia controlou a voz, algumas lágrimas escorriam por seu rosto.

– Posso ver meu filho?

– Claro. Que tipo de homem você pensa que eu sou? Sou seu irmão, o menino tem meu sangue.

– Onde eles estão?

– Vou fazer melhor que dizer, meu motorista esta aí a sua espera, entre no carro e ele a trará até aqui, venha sozinha, nada de marido ou seguranças. – Houve uma pausa. – Traga sua vizinha com você, assim você vai se sentir melhor. Viu como posso ser generoso?

Cláudia teve vontade de gritar!

– E mana, se apresse, o menino tem meu sangue já a moça, não.

Desligou.

Bia olhava chocada para a amiga, pelas emoções estampadas no rosto de Cláudia, ela soube que o telefonema era de Vlad.

– Fala logo, o que ele disse?

– Era Vlad, ele quer que eu vá até as crianças. Pediu para levá-la comigo.

– O tal Lúcius deve estar com ele.

– Bia, você não precisa ir comigo, sei tudo que você já sofreu nas mãos daquele demônio. Eu vou, avise Lucas que farei o possível para tirar nossos filhos são e salvos de lá.

– Ligue para Miguel. Meu marido saberá o que fazer.

– E dizer o que? Ele tem um motorista lá fora me esperando, posso ser levada para qualquer lugar e não tenho como avisá-los. Eles pensaram em tudo.

– Espere um instante, vou com você.

Beatriz saiu em disparada para a cozinha levando Deborah, dona Cícera preparava o jantar.

– Dona Cícera, vou deixar minha filha com a senhora, por favor, não a entregue a ninguém, só ao seu Miguel.

– Pode deixar dona Bia, ninguém vai tirar sua menina de mim.

Voltou para a sala e arrastou Cláudia para fora, antes de abrir o portão deu ordens aos seguranças.

– Vou buscar as crianças com dona Cláudia, avisem nossos maridos. Seu Ronaldo, entre e fique com dona Cícera, se acontecer algo a minha filha você vai responder diretamente a meu marido, entendeu?

O homem balbuciou um sim.

– Seu Ronaldo, lembre meu marido de seguir o cachorro é muito importante.

– Vá tranqüila, não vou esquecer o que a senhora disse.

– Vamos, Cláudia, Filho ira conosco, assim saberá do nosso paradeiro.

A esta altura Cláudia não questionava mais as atitudes de Bia, que se voltou para o cachorro:

– Filho siga o carro e não seja visto. Volte e leve meu marido até lá. E não banque o herói, volte e leve Miguel.

O cachorro cheirou a mão de Beatriz, para surpresa de todos correu para a lateral do muro e sem muito esforço pulou para rua.

As mulheres saíram e entraram no carro que as esperava, seguiram rumo ao desconhecido.

Capítulo XIV

Os homens chegaram à casa de Lucas, famin-

tos e cansados. Miguel estranhou a ausência das mulheres logo na entrada, acompanhou Lucas até a cozinha da casa. Lá, Dona Cícera e um dos seguranças, estavam tomando café.

– Onde estão as mulheres? – Miguel dirigiu a pergunta diretamente a seu Ronaldo.

– Elas saíram há uma hora. Dona Bia me pediu para ficar aqui e não sair de perto da menina. – O homem apontou para o berço de Davi que foi trazido e colocado próximo a janela. Miguel foi até o berço onde a pequena Deborah dormia. – Ela mandou lhe avisar que espere o tal cachorro e siga o bicho.

– Dona Cícera, minha esposa lhe deu algum recado?

– Não. Desculpe seu Miguel, mas dona Beatriz parecia muito nervosa e eu não quis ficar fazendo pergunta.

– Elas foram buscar as crianças. – Concluiu seu Ronaldo após um gole de café.

– Idiota! E você deixou duas mulheres indefesas saírem sozinhas! – Miguel avançou sobre o homem, Beto, que os seguiu, o segurou antes dele alcançá-lo. – Me solte! Como ele pode deixá-las sair assim.

– Miguel, seu Ronaldo não tinha como impedi-las. Você sabe que elas fugiriam pela saída de comunicação. – Lucas voltou-se para o segurança. – Vá, seu Ronaldo. Está tudo bem, o senhor fez um bom trabalho ficando aqui e seguindo as ordens de dona Beatriz.

– Desculpe seu Lucas, mas eu não vou embora. Prometi que ficaria e cuidaria da menina e vou fi-

car até a volta da mãe. – O homem afastou-se um pouco mais de Miguel e acrescentou. – Tenho certeza que seu Miguel vai sair para seguir o tal bicho que o levará até elas. E a menina vai ficar só?

– Ele tem razão, Miguel. Sua mulher foi muito esperta em levar o animal, aquele bicho é capaz de segui-los a qualquer lugar e sem levantar suspeita.

– Lucas, o tal Lúcius quer Beatriz para ele, eu nem quero imaginar o que ele fará a ela.

– Miguel, temos que manter a calma. Desespero não vai ajudar em nada. Elas sabiam o que estavam fazendo quando saíram daqui. Tenho certeza que sua mulher acredita que você vai chegar lá a tempo. – Deu um tapa no ombro de Miguel. – Eu também confio em você. Juntos, vamos trazê-las sãs e salvas.

– Deus te ouça pastor.

Lucas tinha certeza que Deus os ouviria.

– Venham, sentem por aqui. Que vou por comida pra vocês, passar fome não vai dar sustança pra ninguém. – Disse dona Cícera e se pôs a servir um farto jantar. Mesmo um pouco hesitantes, todos comeram com apetite. Joab, que tinha saído à procura de seu José Jerônimo, chegou a tempo de participar da refeição. Seu Jerônimo aceitou apenas um café.

Após a farta refeição. Eles se reuniram na sala de estar. Miguel explicou a seu Jerônimo o que houve com as mulheres.

– Elas deveriam ter esperado por vocês, este Vladimir não é de brincadeira, ele faz o tal Lúcius parecer inocente.

- Tenho certeza que elas não tiveram escolha. Cláudia só se exporia desta forma se as crianças estivessem em risco.

- Lucas está certo. Nossas mulheres sabem que tipo de homens eles são e Bia levou o cachorro. Filho é uma máquina de matar.

- De que cachorro vocês estão falando? - Joab ainda desconhecia a presença do animal na casa de Miguel.

- Bia domesticou um dos cães que perseguiram a doutora, quando minha casa foi invadida pelo tal Mestre, o cachorro salvou minha mulher e minha filha das garras do miserável.

- Como ela conseguiu por a fera contra o próprio dono?

A pergunta foi feita por seu Jerônimo. Miguel pensou em dizer a verdade, mas era tão absurda. Olhou para Lucas em busca de ajuda, este respondeu:

- Amor. Nada é mais forte que o amor, a fidelidade do animal está com a pessoa que lhe deu amor, carinho e um lar para ficar. Eu acredito que o tal Lúcius nunca fez um afago na criatura.

- E aqueles bichos são um pouco humanos e como nós eles tem necessidade de afeto, minha mulher o chama de Filho. Acho que o bicho se sente parte da família. O mais importante é que ele está com elas. Parece loucura, mas eu acredito que ele vira nos buscar a qualquer momento.

- Eu sei onde ficam os locais onde ele mais freqüenta. - Seu Jerônimo voltou-se para Miguel. - Vai esperar pelo cão ou quer começar imediatamente uma busca?

- Vou esperar. Sair para uma busca nos dividirá e perderíamos tempo procurando. Tempo é algo precioso num caso como este.

- Miguel está certo, eu não chamei a polícia e nós não temos muitos homens disponíveis para fazer uma busca. Assim vamos concentrar nossa energia num palpite seguro. Joab você chamou nossos irmãos?

- Sim, Lucas, minha esposa também está vindo para cá, achei que ela seria útil para cuidar da menina e ajudar no que for preciso. Também existe a possibilidade das mulheres conseguirem fugir e a casa precisa de estrutura para recebê-las e mantê-las seguras.

- Você tem razão meu irmão. Miguel você dispõe de quantos homens para ir conosco e para ficar aqui?

Miguel pensou um pouco e falou:

- Como meu número de clientes tem aumentado bastante, eu não disponho de muita gente. Acho que posso manter quatro homens fortemente armados aqui e levar Beto e outros dois conosco.

- Eu vou com vocês. - Afirmou Joab.

- Eu também vou, posso ser útil se mudarem de esconderijo. - disse seu Jerônimo.

- Meu irmão Alberto, também pode ir conosco. Ele faz artes marciais e atira bem. - Beto perguntou a Miguel. - Posso chamá-lo?

- Pode. Então as equipes ficam completas, pois não quero muita gente. Meu plano é entrar e sair o mais rápido possível.

- Acho um pouco difícil Miguel. - Disse seu Jerônimo. - O tal Lúcius tem muitos seguranças

zumbis e as feras que criou. Eu contei três cães fora o que está com sua mulher. Você sabe o estrago que um bicho daqueles pode fazer. Então é melhor irmos prontos para enfrentar aquelas feras.

– Vou providenciar armamento pesado. Aquelas coisas morrem com um tiro na cabeça. Você pode me acompanhar Beto.

Miguel e Beto saíram para o quintal da casa, Lucas sabia que iam para casa de Miguel pela porta de comunicação.

Dois dos irmãos de Lucas chegaram. João e Mateus, Eli, o segundo mais velho estava num congresso de avivamento pentecostal em Santa Catarina, todos os irmãos eram cristãos e pastores. Lucas saudou os irmãos e fez um resumo dos acontecimentos, pediu para que eles fizessem uma corrente de oração intercedendo pelo grupo de busca e pelas pessoas que estavam em poder daqueles sádicos.

Seus irmãos não entendiam nada de armas ou de resgate, mas eram homens de oração, Lucas sabia que estaria enfrentando poderes diabólicos e precisariam de toda oração possível.

Capítulo XV

Rebeca acordou de um terrível pesadelo, sonhou que era possuída por algum tipo de espírito maligno e tinha entregado seu irmão ao malévolo tio Vlad. Tentou levantar, sua cabeça continuava rodando e

seu estômago não fazia diferente. Ao que parecia estava deitada em uma cama de casal, estendeu a mão e tocou algo gelado ao seu lado.

– Céus! Ela estava deitada ao lado de um cadáver. Deu um salto fora da cama. Sua cabeça continuava tonta. Agarrou-se a parede e se aproximou do leito. O corpo estava nu e o rosto voltado para o lado oposto.

Com muita dificuldade ela conseguiu andar até o outro lado da cama e contemplou o belo e estático rosto.

– Lúcius! O homem dos seus sonhos estava morto!

Correu para a porta, precisava sair dali e pedir ajuda. A porta do quarto estava fechada. Ouviu um gemido, olhou para cama. Lúcius abriu levemente os lábios e voltou a respirar. Piscou várias vezes e para o espanto de Rebeca levantou e caminhou até ela.

– Belo e diabólico!

Rebeca sentiu atração e repulsa. Na sua mente voltaram às lembranças dos dias anteriores e todas as coisas que tinha feito com aquele ser. Sentiu náuseas, mas conseguiu se controlar. Diante de seu pavor Lúcius riu.

– Com nojo de você mesma, querida?

Novas náuseas, Rebeca correu para uma porta que ela deduziu ser um banheiro. Limpo e perfumado, perfume forte de rosas a fez vomitar. Lavou o rosto e só então se deu conta de estar despida. Apanhou uma das toalhas que encontrou e enrolou-se. Voltou ao quarto, ele ainda estava lá e continuava despido.

- Tire a toalha.
 - Eu estou nua.
 - Oh frase pouco original! Desde Eva, toda mulher chega a essa conclusão sozinha, ou fazem um curso! - Caminhou até ela e puxou a toalha. - Assim você fica perfeita. - Passou os dedos frios por seu rosto. - O grandão os fez assim, sabia? Caminhe para mim, gosto de vê-la indo e vindo.

Rebeca obedeceu. Caminhou até a janela e pode ver as grades de ferros por trás das cortinas. Girou e fez o trajeto de volta. Olhou fixamente para Lúcius, seu corpo perfeito e escultural, seu rosto de traços belos e frios, seu olhar sensual e perverso. Não sentiu nenhuma atração, só repulsa, como pode ter se entregado a ele?

- Você é transparente para mim, Rebeca, porque a dúvida?

- Eu não sei.

- Não gosta das coisas que lhe faço sentir?

- Sim, mas...

- Arrepentida? A minha sensual Rebeca arrependida de ter me dado seu corpo? Vou ficar magoado, não lhe agrado?

- Sim, você é perfeito.

- Então me deixe mostrar algumas coisas que ainda não fizemos. - Lúcius olhou para porta que se abriu, duas meninas entram no quarto, não aparentavam mais que dez anos e pareciam hipnotizadas, automaticamente se despiram e deitaram na cama com os braços estendidos para Lúcius. Mais uma vez o estômago de Rebeca se revoltou. Ela correu para o banheiro, quando voltou ao quarto mais um homem tinha se juntado a eles na cama.

- Venha Rebeca, vou lhe mostrar a excelência do prazer.

- Não! Eu não vou lhe dividir com ninguém!

- Pare de tolice criança, não posso ser seu, nem de ninguém!

- Mas eu sou sua!

- É mesmo Rebeca? E o outro homem?

Como ele podia saber, pensou Rebeca.

- Ele não é importante.

- Você é uma vagabunda, mas eu gosto disso! Venha, quero que você aprenda a me agradar logo teremos mais companhia e quero que ela veja o quanto você é prendada.

- Não estava funcionando, Rebeca continuava nauseada vendo as atrocidades que os quatro estavam fazendo. Num gesto inesperado saiu do quarto e bateu a porta.

Estava apaixonada por Lúcius, como ele podia fazer tudo aquilo com ela? Porque se sentia tão mal?

- Rebeca? Veio dar um pouco de prazer a seu tio?

Mesmo sabendo que estava despida, Rebeca ergueu a cabeça e continuou seu caminho, sentiu medo. O jeito como seu tio a olhava lhe dava calafrios. Parou repentinamente ao ouvir o choro de Davi.

- Seu irmão estava mesmo ali! Deus do céu! O que tinha feito?

- Posso ver meu irmão?

- Se for boazinha com o titio, pode.

Rebeca olhou em volta, estava em outro quarto, pelo jeito havia uma porta de comunicação entre

eles. Sobre uma cadeira havia um roupão masculino, apanhou-o e vestiu. Sentiu-se um pouco mais segura vestida.

- Posso segurá-lo um pouco?

- Claro você mesma o trouxe para mim, lembra? - Rebeca olhou assustada para Vlad. - Trocou seu irmão por algumas horas nos braços de Lúcius. Você deve me agradecer, ele não queria mais tocá-la, meu amigo enoja rápido das mulheres.

- É mentira Lúcius me quer, você deve ter me drogado para conseguir que eu trouxesse meu irmão para cá!

- Tolice! Sabe, que você é bem bonita, porte de rainha, pele de camurça e beleza de uma ninfa. Pelo visto os nativos têm caprichado bem mais em suas crias. Venha para mim, não sou exigente como Lúcius e gostaria de me divertir um pouco com sua carne jovem.

- Você prometeu me deixar pegar meu irmão.

- Claro, pegue.

Rebeca se aproximou e tomou o pequeno no colo. Davi reconheceu a irmã e parou de chorar. Vlad se pôs a explorar o corpo de Rebeca com as mãos atrevidas. Ela se afastou segurando o irmão com firmeza.

- Lúcius não vai gostar de saber que você está abusando de mim, eu sou dele.

- Posso lhe dar mais prazer que ele.

Como Vlad estava de costas para porta não viu Lúcius se aproximando e Rebeca resolveu tirar vantagem da vaidade dos dois, afinal de vaidade ela entendia.

- Impossível ninguém é mais perfeito que Lúcius.

- Tenha um homem de verdade e descubra a diferença. - Dito isso enlaçou a cintura de Rebeca, de modo que Davi ficou entre os dois e voltou a chorar. - Deixa o titio brincar com você querida? Um? Coloque o pequeno no chão.

Rebeca fingiu obedecer para ter a chance de afastar-se dele.

- Procurando problemas Vlad?

- Não. Só estava sendo gentil com minha sobrinha, coisa de família.

Lúcius colocou a boca bem próxima ao ouvido de Vlad.

- Nunca toque numa caça minha eu viro bicho! Literalmente.

- Não seja tolo! A meretriz não me interessa, estou me guardando para a perfeita.

- Ela já chegou? A bela veio com ela?

- Sim foram levadas para o laboratório, não quis trazê-las para cá até ter certeza de que não foram seguidas, logo elas chegarão.

- Estarei aguardando nos meus aposentos, venha Rebeca.

- Posso ficar com o bebê?

- Não. Quero todos seus sentidos voltados para mim. O pequeno é desnecessário.

- Deixe-a levá-lo, o pequeno chora bastante, não quero matá-lo antes da hora. - Vlad saiu sem esperar a resposta.

Lúcius voltou para o quarto sem Rebeca. Estava mesmo farto da petulante garota. Logo sua bela Beatriz estaria ali, finalmente uma diversão a altura.

Capítulo XVI

Cláudia e Beatriz chegaram num lugar parecido com um laboratório, ficava no subsolo de um prédio aparentemente abandonado. O local era afastado da cidade e bastante deserto.

Saíram por outra entrada e foram novamente colocadas em outro carro, seguiram por uma estrada escura rumo a um local semelhante a uma fazenda. De longe o perfil de uma casa antiga se destacava na escuridão. Assim que o portão foi aberto dois enormes cães se aproximaram do veículo. No escuro seus olhos vermelhos se destacavam como bolas de fogo.

– Bia olhe, são daqueles cachorros diabólicos. Pelo menos dois estão seguindo o carro.

– Calma, eles não vão nos atacar. Devemos temer os que estão nos esperando dentro da casa. – Vendo que a amiga tremia, Bia falou. – Pense nos seus filhos, temos que ganhar tempo até o socorro chegar.

Cláudia confirmou com um gesto da cabeça. Estava aterrorizada, nada nesta vida a assustava mais que aqueles bichos.

Bia tinha razão, os animais nem se aproximaram e elas foram levadas ao interior da casa. Seguiram por uma escada de madeira polida que levava ao piso superior. Foram jogadas no interior de um quarto e a porta foi fechada em seguida. Tentaram segurar o trinco, mas não conseguiram.

– Cláudia, Bia!

Ambas se voltaram e viram Rebeca sentada em uma poltrona com Davi dormindo em seu colo. Cláudia correu até ela e tomou Davi nos braços. Cobriu o sonolento filho de beijos, Rebeca chorava bastante.

– Você está bem? Eles machucaram você?

Rebeca não disse nada. Nunca teria coragem de contar às coisas que fez e viu naquela casa. Era como se não fosse ela, mas alguém parecido com ela agindo enquanto ela assistia a tudo. Queria sair dali e esquecer, se possível recomeçar. Seria possível?

– Eu estou bem.

– Fique tranqüila nós daremos um jeito de sair daqui. Tia Bia trouxe Filho.

– Cláudia, eu contei três bichos daqueles rondando a casa enquanto esperava vocês.

– Como você sabia que nós estávamos vindo para cá?

– Vlad contou a Lúcius, assim que ele ouviu sobre a chegada de Beatriz perdeu o interesse por mim.

– Eu sinto muito Rebeca. – Disse Bia. – Mas Lúcius não é humano, você já percebeu isso, não? Ele não ama ninguém, só te usou para nos trazer aqui.

Rebeca sentiu a presença de Lúcius, deu um olhar significativo para Cláudia e avançou sobre Bia.

– Mentirosa você tem inveja porque eu sou a preferida dele! – Cláudia separou as duas. – Fique longe do meu homem! Lúcius é meu!

– Não pude deixar de ouvir meu nome. – Lúcius

entrou no quarto vestindo um terno verde musgo, estava impecável e parecia recém saído de um banho. – Desculpem os maus modos da menina, ciúmes, acho que as senhoras compreendem.

Cláudia olhava encantada para o belo homem a sua frente. Rebeca agarrou-se a ele e deu-lhe um beijo na boca. Beatriz aproveitou a distração para murmurar no ouvido de Cláudia.

– Evite olhar nos olhos dele ou estará perdida.
– Cláudia baixou os olhos para Davi. Sim, seu filho precisava dela lúcida. Não ia ser enfeitada por um maldito demônio encarnado. Compreendeu o fascínio de Rebeca, Lúcius era a personificação dos sonhos de toda mulher, belo, refinado e extremamente sensual.

– Senhoras, tive a honra de conduzi-las até nosso anfitrião. Queiram me acompanhar, por favor. – Indicou a saída para as duas, Cláudia não largou o filho e Beatriz não largava Cláudia, Rebeca seguia de mãos dadas com Lúcius.

Todos foram conduzidos a uma sala de jantar estilo colonial, pratos de porcelana e talheres de prata enfeitavam a bela mesa. Vlad os aguardava sentado à cabeceira da mesa. A sua direita estava sua esposa Yvlana e outra mulher de pele clara e longos cabelos negros. Cláudia achou o rosto da jovem familiar, mas não recordava de onde. Cláudia e Beatriz foram acomodadas de frente para as outras mulheres. Rebeca murmurou algo no ouvido de Lúcius que concordou e ela saiu da sala sozinha. Um farto jantar foi servido, Vlad agia como um duque recebendo a rainha, no entanto só ele comia e parecia nem se dar conta do fato.

Quando ele já estava quase terminando a refeição, o som de música árabe encheu a sala. Para surpresa de todos, Rebeca entra, linda, vestia uma túnica de seda vermelha transparente sem nenhuma peça por baixo. Seu corpo esguio de curvas perfeitas se movia no ritmo sensual da música. Os longos cabelos loiros estavam soltos e formavam um véu dourado que cobria as costas até a cintura. Atrevida a moça pulou sobre a mesa mostrando uma sensual performance. Extasiado, Lúcius puxou a toalha e toda louça foi ao chão, levantou-se e do chão acompanhava os passos da jovem. Rebeca parou de frente para Vlad.

Cláudia viu cobiça nos olhos invejosos do irmão. Temeu por Rebeca, pediu a Deus para que a menina soubesse o que estava fazendo, pois seduzir os dois homens poderia ser perigoso. Também admirou a coragem da moça, Rebeca estava se expondo para dar tempo do socorro chegar.

Agora a moça estava sentada na mesa passando às pernas na cintura de Vlad, que sem nenhum pudor desabotoava a própria roupa, esperta a moça gira e passa as pernas pela cintura de Lúcius saindo do colo de Vlad. Irritado, Vlad a puxa de volta, o gesto acende a ira de Lúcius que dá um brado!

Todas as luzes se apagam e um vento forte varre o salão. Os homens se encaram movidos pelo mais antigo motivo para guerrear, o ciúme! Luxuria e cobiça motivando os predadores a disputarem uma presa. Rebeca agarrava-se a Lúcius e com os olhos convidava Vlad. Yvlana e Jaciara esperavam pelo vencedor para se entregarem a ele também, no seu mundo está era a regra. Cláudia e Beatriz aprovei-

taram para sair dali sem serem notadas. Cláudia ainda hesitou próxima a saída.

- Cláudia, Rebeca está se sacrificando para nos dar a chance de fugir, não vamos desperdiçar o gesto dela.

- Bia eles vão... Você sabe o que eles vão fazer com a menina!

- Cláudia, o que você acha que eles fizeram com ela todo este tempo? Rebeca é esperta sabe o que está fazendo, confie nela. Vamos. Temos que nos esconder até Miguel vir nos buscar. Lá fora não é seguro, aqui é bem pior.

Cláudia concordou com Bia, pelo jeito Rebeca sabia se defender.

Ou não?

Encontraram um bom esconderijo, uma velha adega de vinhos próxima a saída. Bia deixou a porta da frente aberta para que todos pensassem que haviam saído.

Capítulo XVII

Os homens já estavam divididos em três grupos, Lucas, Miguel e Beto entrariam primeiro. Alberto e os dois seguranças escolhidos por Miguel dariam apoio ao primeiro grupo, guardando a retaguarda. Joab, seu Jerônimo e outro segurança entrariam pelos fundos dando suporte a todos. Miguel dava as últimas instruções quando Filho pulou o muro e entrou na casa. A chegada do imenso ani-

mal assustou a maioria dos presentes. Um tanto hesitante Miguel se aproximou do bicho.

- Filho, sei que você sabe onde Beatriz está então nos leve até ela.

O cão deu dois sonoros latidos que estrondaram pela casa. Dona Cícera veio da cozinha trazendo uma bacia com água e colocou na frente do animal. Este bebeu toda água sem cerimônia.

- Bichinho do Totó, morto de sede e estes homens malvados nem deram água ao coitadinho.

Lucas tinha certeza que o cachorro concordou com a mulher e encarou Miguel. Sem perda de tempo todos se acomodaram nos carros e pisaram fundo para seguir o animal, que pelos cálculos de Miguel corria a mais de cem por hora e parava em determinados trechos para indicar a direção. Chegaram a um sítio, num local de difícil acesso e bem afastado da estrada principal. Param e deixaram os faróis apagados. Beto foi o primeiro a tentar sair do carro e foi atacado por Filho, o animal repetiu o gesto com todos que tentavam sair dos carros, por meio de rádio Miguel pediu que todos esperassem um pouco nos carros e fizessem silêncio. Filho desapareceu na escuridão. Alguns minutos depois, voltava correndo e outros cachorros grandes como ele o seguiam estrada a fora. Lucas falou admirado:

- Miguel o cachorro afastou as outras feras para pudermos entrar.

- É o que parece. Talvez minha esposa tenha alguma razão, vamos.

Seguiram para uma casa antiga e escura que estava um pouco mais a frente.

Rebeca sabia que talvez não sobrevivesse aquele jogo, oferecer sexo aqueles sádicos era com jogar carne às feras. Todos avançavam sem pensar. Pelos cantos dos olhos percebeu a saída das mulheres com o bebê. Bem, já tinha sido possuída por Lúcius tantas vezes que uma a mais outra a menos não faria diferença. Resignada aceitou quando os dois se aproximaram e se puseram a explorar seu corpo, aparentemente concordaram em partilhá-la. Sentiu certo alívio quando as outras mulheres entraram no jogo e foram seguidas pelos seguranças do local. De repente, foi posta sobre a mesa. Lúcius não sabia partilhar e pelo visto não a dividiria com ninguém, Vlad contentou-se com as duas mulheres que o assediavam. Era arrogante, não tolo para enfrentar a fúria de Lúcius. Os outros homens se relacionavam entre si.

Miguel ouviu ou suspiros e gemidos vindos do salão a sua frente e pediu a Deus, que sua mulher não fizesse parte daquilo. Sabia que aquelas criaturas demoníacas tinham um grande poder de sedução, algo hipnótico. Encostou-se na soleira da porta e olhou para a sala envolta na penumbra.

A cena era nojenta e degradante. Felizmente as mulheres não estavam ali. Estava pronto para voltar quando reconheceu uma! Tentou impedir a visão dos outros, mas Lucas e Beto já tinham visto. Rebeca estava deitada sobre uma mesa e havia um homem com ela.

Beto seguiu para lá, Miguel conseguiu segurá-lo a tempo. Já Lucas, não foi detido por ninguém!

– Solte minha filha! Eu ordeno em nome de Jesus!

Lúcius não se afastou de Rebeca. Trouxe-a consigo e afastou-se da mesa e de Lucas.

– Pastor, ela veio a mim por vontade própria! – Lúcius ergueu o rosto de Rebeca, ela fitou o rosto transtornado do pai. – Diga a ele que você é minha. Eu só tomo o que me é ofertado.

Lucas evitou olhar para a nudez da filha, deteve o olhar em seu rosto e viu o brilho de uma lágrima deslizando pela face. Soube que não era tarde para sua filha. Ele não ia desistir, não de sua filha, não sem lutar.

– Rebeca, você aceita Jesus como seu único e suficiente salvador?

Antes que Lúcius pudesse impedir ela respondeu chorando:

– Aceito!

– Pela autoridade que me foi concedida como Ministro do Evangelho, eu ordeno que toda cadeia e toda maldição sobre a tua vida seja quebrada em nome de Jesus. – Rebeca chorava. – Que seu nome seja escrito no livro da vida e todos os seus pecados sejam perdoados e as portas do inferno não prevaleçam contra ti.

Lúcius explodiu como uma nuvem de fumaça e Rebeca correu para os braços do pai.

Miguel e Beto se aproximaram e o rapaz apanhou a túnica e vestiu em Rebeca.

– Você sabe onde estão as mulheres? – Perguntou Miguel.

– Elas fugiram com o bebê, devem estar escondidas na casa, lá fora elas não sobreviveriam às

feras. – A voz de Rebeca estava rouca devido ao choro.

– Beto, leve Rebeca para o carro com Joab e fique com ela. Eu e o pastor vamos procurar nossas esposas.

– Pai, eu quero ficar com você. – Rebeca agarrou-se ao pai, ela sentia muito medo do que Lúcius faria se a pegasse novamente, pelo que pode ver, seu pai o assustava. – Por favor.

Lucas olhou para Miguel, confiava em Miguel para orientar a busca.

– Tudo bem, Lucas, ficaremos todos juntos.

– O pastor poderia levar a menina para o carro e nós continuaríamos a busca. – Disse Beto.

– Acredite em mim, você não ai querer continuar esta busca sem o pastor! – Miguel tocou o ombro do rapaz. – Eles são demônios, anjos caídos. Nossas armas não são páreo para a força deles. Já o pastor tem a palavra, está pode derrotá-los. Você viu?

– Vi e que o sangue de Jesus nos cubra e livre de todo mal!

Todos responderam:

– Amém.

– Vocês viram para onde foram todos? – Perguntou Rebeca.

– Não. Devem ter se espalhado pela casa. – A resposta foi de Miguel.

– Então vamos nos apressar, fora Vlad que é humano, todos os outros podem se mover através de paredes. Elas não estão seguras em lugar nenhum aqui. Principalmente Davi, Vlad quer sacrificá-lo para agradecer seu deus.

– Vamos. – Todos seguiram Rebeca escada abaixo, pois foi para lá que as mulheres foram.

Capítulo XVIII

Beatriz e Cláudia mantiveram-se em silêncio, como o pequeno Davi estava adormecido, nenhum ruído chamava a atenção para elas. O local onde estavam era uma velha adega de vinhos e cheirava a mofo e estava infestada de insetos, Bia agradeceu a Deus pela escuridão, assim não via o que estava a seu redor. Ouviu o som de uma respiração próxima a elas.

– Cláudia, não estamos mais sozinhas. – Murmurou no ouvido da amiga.

– Eu sei, é um cão, ele está farejando as minhas costas.

– Continue quieta. – Ambas falavam em sussurros quase inaudíveis.

A porta da adega foi aberta num supetão, a entrada de um feixe de luz, cegou temporariamente as mulheres, que continuaram estáticas no lugar onde estavam. Um movimento e seriam estraçalhadas pela fera. Elas só se moveram quando ouviram o som de um grito e os urros do animal destruindo a vítima. Sem perda de tempo correram para a porta e saíram do esconderijo, fechando a porta atrás de si.

Bia foi agarrada por braços fortes, o mesmo aconteceu a Cláudia, que envolveu Davi nos braços

para abrandar o impacto da queda. O som de madeira quebrando deu-lhes a certeza de que a fera atravessou a porta.

Dois estrondos terríveis cortaram o ar. Bia sentiu um jato quente cair sobre suas pernas. O cheiro era inconfundível: Sangue!

Num gesto movido pelo desespero, Miguel conseguiu levar Beatriz ao chão e acertar a fera na cabeça. O bicho caiu tão próximo a eles que seu sangue molhou as pernas de ambos, pelo facho de luz da lanterna caída ao chão, dava para ver seu pêlo cinza manchado de vermelho e a enorme boca aberta expondo a presas super desenvolvidas.

Cláudia teve um pouco mais de sorte. Lucas jogou-a com o bebê sobre o irmão de Beto e o outro segurança que sobreviveu ao ataque, os corpos amorteceram o impacto e a criança não sofreu nenhum dano. Apenas acordou, mas ao ver o rosto da mãe agarrou-se a ela e voltou a fechar os olhinhos. Todos se levantaram, Miguel chutou o bicho, não queria dar as costas para a criatura sem ter certeza que a coisa tinha morrido. Voltou-se para a esposa, esta não estava mais lá.

- Bia!

Alguém tinha levado sua mulher bem debaixo do seu nariz!

Ao grito de Miguel vários feixes de luz começaram a se mover em torno deles. Joab, Jerônimo e outro segurança chegaram, tinham ouvidos os tiros e correram para o local. Formaram uma espécie de círculo em volta da doutora e do bebê. A luz revelou que estavam cercados por homem magros

e pálidos, com o corpo que parecia feito de parafina, estavam espalhados por todos os lados e ao redor deles. Estes seres portavam espadas que pareciam ferro em brasa, o olhar experiente de Miguel calculou mais de trinta.

Eles eram apenas oito homens e apenas seis portavam armas, pela aparência das criaturas, não eram humanas.

- Não desperdicem munição nestas coisas, concentrem-se nos cães que estão passando pela porta.

Só então os homens se deram conta dos bichos que se colocavam ao lado dos homens esqueléticos, Miguel disse a Lucas:

- Pastor, se tem algo para dizer, à hora é esta.

Lucas fechou os olhos e orou:

- Senhor, a tua palavra diz que destes uma ordem aos teus anjos para nos guardarem. Agora na autoridade do nome de Jesus, eu reivindico um exército de anjos guerreiros para nos guardar de todas as hostes malignas que nos cercam.

A voz suave de Cláudia se fez ouvir:

- Eu te amo, ó Senhor, força minha. O senhor é a minha rocha, a minha cidadela. O meu libertador, o meu Deus, o meu rochedo em que me refugio. O meu escudo, a força da minha salvação, o meu baluarte.

Lucas conhecia bem o Salmo dezoito, era o predileto de sua esposa, fez coro com ela.

- Invoco o senhor, digno de ser louvado. E serei salvo dos meus inimigos.

A voz de Joab e seu Jerônimo juntaram-se a eles:

- Laços de morte me cercaram, torrentes de impiedade me impuseram terror. Cadeias infernais me cingiram, e tramas de morte surpreenderam...

- Na minha angustia invoquei ao Senhor e fui salvo dos meus inimigos.

Beto ouvia o som de vozes recitando o que parecia ser um Salmo, ele não o sabia de cor, assim concentrou sua atenção na entrada da casa, pelo menos vinte feras, das mais estranhas, tinham entrado no recinto. Isso sem contar com os homens de corpo macilento que portavam espadas incandescentes. Viu dois vultos se moverem por trás da fileira de seres, estavam arrastado alguém para fora da casa. Aqueles cabelos! Rebeca!

Miguel ficou comovido com o fervor que todos oravam, mas oração não era seu forte. Era um homem de armas e sempre pronto pra ação, tinha fé, mas estava atento, não ai morrer, não ali, não sem salvar sua esposa. Um movimento no alto da escada chamou sua atenção. O tal Lúcius trazia sua mulher pelos cabelos. Ela dizia algo que o fazia ranger os dentes. Entre os dois e ele estava o exército de criaturas das trevas, os homens esqueléticos e os mortais cães. Miguel aguardava o momento certo para agir, não era hora para gestos heróicos tolos. Todas as vidas ali presentes contavam com sua perícia para mantê-los seguros. Miguel elevou a voz aos céus:

- Deus se vai fazer algo, poderia ser agora?

Capítulo XIX

Bia se debatia para se livrar da força sobrenatural de Lúcius. Ele a arrastava pelos cabelos. A dor a impedia de pensar com clareza. Ele para repentinamente, todas suas criaturas estavam reunidas ao pé da escada. Lúcius riu, antecipava seu triunfo. Aquele patético grupo de humanos poderia orar o quanto quisessem, seus monstros eram carne, e contra carne e sangue oração tem pouca serventia.

Ergueu Beatriz pelos cabelos e falou junto ao seu ouvido:

- Veja querida, assista minhas feras devorarem seus patéticos amigos. Ainda pode salva-los se entregando a mim. Aqui, para seu marido ver-me possuindo seu corpo.

- Eu sou do meu amado e meu amado é meu.

- Cantares! Gosto desta citação, ainda que não seja Salomão meu escritor preferido. - Lúcius zombava de Beatriz, ele também conhecia as escrituras.

- Veja se gosta desta citação de Davi: Senhor meu Deus, clamei a ti por socorro e tu me saraste. Não deixou minha alma descer à sepultura.

- Você morrerá, bela Beatriz ou será minha. Podem ser também ambas as coisas para minha satisfação.

Um som como de um trovão ecoou sobre eles fazendo tudo estremecer, pedaços do teto se espalhava ao redor deles. Do teto quebrado vários sol-

dados estavam descendo por cordas jogadas para o chão.

Todo este movimento deu a distração que Bia precisava.

– Afasta-te de mim Satanás, em nome de Jesus!

Lúcius soltou Beatriz e ela correu escada abaixo.

Ao som do teto quebrando seu Jerônimo saiu da casa. Tinha visto os cabelos escuros de Jaciara seguindo Vladmir para fora. Eles arrastavam alguém para dentro da garagem. Foi até lá. Para sua surpresa apenas a moça o esperava.

– Sentiu saudades papai?

– Você não é minha filha. Minha filha está morta!

– Existem muitos conceitos para morte. Não me reconhece?

– Você pode até ter o mesmo corpo, mas não possui alma.

– Você também não, velho demente! Vou beber seu sangue como fiz com a insossa da sua filha e todas as galinhas que você me trazia no terreiro.

A criatura a sua frente assumiu uma forma tenebrosa, meio gente, meio dragão e avançou sobre o indefeso homem. Parou a poucos centímetros de seu Jerônimo e caiu. O soldado que o golpeou puxava sua espada de luz da carcaça. Sem perda de tempo seu Jerônimo correu para casa, precisava ajudar os outros.

Beto viu quando a casa foi invadida por um ba-

talhão de soldados armados até os dentes. Chegou a pensar que eles eram reforços do inimigo, mas eles puxaram espadas fluorescentes e degolavam uma a uma todas as criaturas tenebrosas presentes. Aproveitou a tentativa de fuga de algumas criaturas para sair da casa.

Viu o irmão da doutora arrastar Rebeca para um carro, apontar uma arma para a cabeça da moça e sair em disparada estrada a fora. Beto estava com a chave de um dos carros, não pensou duas vezes, entrou nele, seu Jerônimo veio correndo entrou também, deu partida e os seguiu em alta velocidade.

Miguel estava estarecido, nunca tinha visto soldados tão bem treinados nem tão impiedosos, não fizeram nenhum preso. Degolavam todos os seres das trevas que passavam por eles. Os cães gruíam ante seus olhares e eram igualmente mortos. No meio desta carnificina, o pastor ainda recitava o Salmo seguido pelos outros. Seus homens estavam tão perplexos quanto ele.

Foi quando ele a viu correndo ao seu encontro. Bia vinha em disparada escada abaixo. Ele se desviou dos lutadores e tentou alcançá-la. Lúcius também procurava alcançá-la e tinha uma espécie de punhal nas mãos.

– Atrás de você! – Miguel sabia que em meio a tanto barulho ela não ouviria sua voz. Tentou por meio de gestos fazê-la compreender. Bia parou para tentar compreendê-lo. Foi o tempo que Lúcius teve para saltar sobre ela. Miguel sabia que ele cravaria o punhal no pescoço de sua mulher.

Bia vinha correndo escada abaixo. Viu Miguel correr em sua direção, parar e gritar algo. Ela não podia ouvi-lo. Ele gesticulava freneticamente. Parou para compreendê-lo. Ele queria que olhasse para trás.

Ela olhou.

Lúcius saltava sobre ela com uma faca na mão.

Bia gritou e abaixou-se para fugir do golpe. Foi quando uma bola de pelos escuros pulou entre ela e Lúcius. No esforço para defendê-la do golpe, Filho a derrubou e pisou sobre ela.

Bia se esforçava para se arrastar para longe da luta, quando o braço de Lúcius ainda com a faca na mão é arrancado do corpo, caiu a seu lado, para espanto de Beatriz a mão se joga sobre sua barriga cravando a faca! Uma dor fortíssima cortou o ventre e ela desmaiou.

Capítulo XX

A surpresa de Miguel foi tamanha ao ver o fiel cachorro pular sobre Lúcius. Ambos lutavam e sua esposa era pisoteada pela fera que bravamente lhe salvara a vida. Pedacos do corpo de Lúcius voavam pelo ar à medida que Filho destroçava o corpo. Miguel sabia que o astuto demônio já tinha saído dele, o cachorro não. Este continuava mordendo e estraçalhando, com sua forte voz de comando chamou o cão.

- Filho vem! - A enorme fera correu até ele e

cheirou o corpo desfalecido de Bia. Miguel ficou pasmo vendo o animal cheirar os pontos vitais. Como se quisesse ter certeza de que ela vivia. Tomou sua mulher nos braços e já estava descendo a escadaria quando um dos soldados passou por ele e ergueu a espada. Com uma agilidade incrível para seu corpo avantajado, Miguel colocou-se entre o homem e seu cão.

- Este não soldado! Este cachorro tem dono! - O olhar frio do soldado, indicava que ele não estava nem aí para quem quer que fosse o dono da fera. - Estou avisando, o cachorro é meu se tocar nele vai ter que se entender comigo.

Miguel era bem alto, no entanto teve que levantar o rosto para olhar para o rosto do soldado a sua frente. Este foi gentil, mas firmemente afastou Miguel da frente do animal, Filho se encolhia com medo do homem.

Droga! - Pensou Miguel. - Fazia tanto tempo que não quebrava nenhum osso. Agora ia ter uma briga com o grandalhão por causa do cachorro, colocou Beatriz no chão e avançou sobre o soldado. Ambos rolaram escada abaixo. Miguel levantou e o soldado também.

- Homem, eu agradeço sua ajuda. - Miguel ofegava e pedia a Deus que o homem lhe ouvisse. - Mas aquele cão salvou a vida de minha esposa duas vezes. Se tentar matá-lo, vou ter que matar você.

Cláudia abriu os olhos, os seres horrendos que os cercavam não estavam mais ali. Em seus lugares havia soldados fortemente armados.

- Lucas, veja!

Lucas olhou a sua volta.

Deus enviou e exército de anjos! Estavam salvos! Glorificou e agradeceu a Deus pelo livramento. Quando ouviram o barulho de luta e a voz exaltada de Miguel.

Jesus! Cláudia estava perplexa! Miguel lutava com um dos soldados, mas eram anjos!

- Lucas, ajude Miguel! - Cláudia implorou ao marido, temia o que pudesse acontecer a Miguel. Desde o Jacó da Bíblia, nunca ouviu falar em alguém que lutou com um anjo e sobreviveu.

Pelos argumentos de Miguel o soldado queria matar seu cachorro.

- Claro! - Pensou Lucas. - Os anjos tinham ordem de destruir toda criação de Lúcius e o cão era um das feras.

Sem perda de tempo correu escada acima e parou ao lado de Filho. O bicho era meio gente ou gente meio bicho, quem ia saber? Assim impôs as mãos sobre a cabeça do animal e elevou a voz:

- Deus Pai todo poderoso. Pela autoridade em mim investida como sacerdote, eu reivindico este ser do poder das trevas. Tomo posse dele em nome de Jesus e profetizo bênçãos de paz e longa vida para ele. Que as forças do inferno não tenham poder algum sobre sua vida. É o que te peço em nome de Jesus.

E todos os presentes gritaram:

- Amém!

O soldado deu as costas para Miguel e foi seguido por todos os outros que saíram e sumiram tão repentinamente quanto chegaram.

- Meu irmão, está foi à oração mais sem funda-

mento que eu já ouvi. Bom que deu certo. - Disse Joab.

- Quem disse a você que não tem fundamento bíblico?

Joab sorriu e perguntou:

- Se tem, qual é?

- Ora, Deus é senhor de toda terra, assim é senhor de toda carne. Filho é uma mistura de seres que são criação de Deus. Eu só reivindiquei a posse dele para mim.

- Vai ficar com o bicho? - Perguntou Miguel que subia os degraus para amparar a esposa que acordava.

- Não. Eu o dou para você Bia.

Bia deu um sorriso fraco.

- Miguel eu não estou me sentido bem. - Desmaiou novamente. Miguel a tomou nos braços e levou para fora da casa onde os outros aguardavam próximos aos carros.

- Doutora, Bia não parece bem. Pode dar uma olhada?

- Claro. - Entregou Davi ao marido, deu uma das lanternas para Joab segurar e verificou o pulso, fraco e acelerado. Tocou o abdome e teve a resposta, Beatriz tinha um corte e sangrava bastante. - Miguel, ela está ferida. Temos que levá-la imediatamente ao hospital.

- Vamos rápido então!

Foi quando Lucas perguntou:

- Rebeca? Alguém viu minha filha?

- Meu irmão Beto também sumiu. - Disse Alberto.

- Jerônimo! - Chamou Joab, como não teve resposta disse: - Acho que saíram juntos.

– Tomara que estejam juntos. – Disse Miguel. – Vamos, pode ter sobrado alguma fera. É melhor não correr riscos.

Todos concordaram e seguiram, uns para casa outros para o hospital.

Vladmir parou no aeroporto e arrastou Rebeca para a plataforma de embarque. Tinha um avião particular e poderia sair dali imediatamente. Viu o que aconteceu na casa, nenhum dos encantamentos que evocou funcionou. E aquele poderoso exército? Sorte que nem todos os cristãos tinham consciência de seu poder.

Ia sair dali e levar à jovem, assim poderia barganhar a volta dela. Pensou bem e compreendeu que não precisava do útero da irmã. Um óvulo seria suficiente. Uma célula pela moça.

– Vlad, deixe a menina! Ou eu vou atirar.

– Beto! – Gritou Rebeca e tentou se soltar.

Vlad apontou a arma para a cabeça de Rebeca, ignorou a ordem e continuou andando.

A confusão por onde passavam era geral. Pessoas gritando e fugindo, outras se jogando ao chão. Os seguranças do aeroporto correndo de um lado para o outro. Rebeca pedindo socorro!

Seu Jerônimo conseguiu entrar no carro quando a segurança já estava de saída. Vinha correndo atrás, para de alguma forma ajudar no resgate da moça. Percebeu que a situação era delicada, muitos homens armados no local, e ninguém sabia onde estava a razão. Temia pela segurança dos jovens. Quando conseguiu se aproximar de Beto já era tar-

de demais, o rapaz tinha pedido para Vladmir largar a moça e ele não obedeceu e num tiro certo atingiu a nuca de Vladmir, que caiu levando a moça ao chão. Pelo canto dos olhos seu Jerônimo viu um dos guardas do lugar apontar para Beto e disparar, num gesto rápido ele se colocou na frente do rapaz, o tiro atravessou-lhe o peito e atingiu o braço do jovem.

– Ele vai atirar de novo! – Dito isto seu Jerônimo caiu morto aos pés de Beto, que não teve alternativa, atirou no outro segurança para não morrer. Em seguida largou a arma e foi envolvido pelos braços de Rebeca que gritava desesperada para ninguém atirar que ele era seu segurança, ficaram assim agarradinhos até a chegada da polícia.

FINAL

Cláudia tinha acabado falar para Miguel que Beatriz passava bem. Estava saindo do centro cirúrgico naquele momento.

Lucas tinha ido para casa com Davi, certamente seu filho estava faminto. Eles esperavam de que Rebeca já estivesse em casa, alimentada e segura em seu quarto. Ainda conversava com Miguel quando a recepcionista avisou de uma ligação urgente, era Lucas.

– Como está Rebeca?

– Cláudia, ela já está aqui, foi trazida por um carro de polícia, está nervosa, mas aparentemente bem.

- Traga ela para cá, vou preparar uma equipe médica para examiná-la imediatamente. Nosso filho?

- Comeu e está brincando com Deborah, graças a Deus ele é muito novo para entender o que aconteceu. Como está Beatriz?

- Bem os médicos já terminaram a cirurgia.

- E o bebê?

Cláudia ficou em silêncio.

- Cláudia? O que houve?

- Nada! Querido o milagre foi completo.

- Graças a Deus! Cláudia aconteceram outras coisas, mas eu te conto em casa. Diga a Miguel que Deborah está bem.

- Direi. Lucas?

- Oi.

- Amo você, muito mesmo.

- Eu sei, eu sinto. Também te amo, vem logo para casa.

- Eu bem que avisei pra não casar com uma médica.

- Você sabe que eu sou bom em dar conselhos, mas nada bom em ouvi-los, a paz.

- Beijos, a paz querido. - Desligou.

Aeroporto Zumbi das Palmares, um mês depois:

- Miguel, boa viagem. - Lucas apertou a mão do amigo, quando Miguel lhe contou sobre a família que não via há muito tempo, Lucas não imaginou que ele fosse mesmo viajar e fazer uma visita aos pais. Agora estavam todos no aeroporto e por sugestão da esposa, Rebeca viajaria com a família de

Miguel. A jovem precisava de um tempo para se recuperar de todos os traumas vividos.

Beto estava preso, foi preso em flagrante e tinha que esperar o julgamento recolhido à carceragem. Joab estava trabalhando para tirar o rapaz de lá. Logo ele estaria livre para seguir com sua vida. Lucas seria sempre grato ao rapaz por ter salvado sua filha. Temia que ela nunca se recuperasse da experiência traumática que passou, mas continuaria orando, descobriu que a oração podia mover os céus e terra. Confiava em Miguel para ajudar sua filha a superar esta fase. Tinha também o carinho de Beatriz, após aquela noite ela estava muito apegada a Rebeca. Só ela não, Cláudia também. As três eram inseparáveis. Algumas pessoas falam que experiências traumáticas unem as pessoas envolvidas. Poderia ter acontecido isso às mulheres?

- Pai. - Rebeca deu um forte abraço no pai. Lágrimas rolavam pela face pálida da jovem. - Me perdoa?

- Filha não há nada para ser perdoado. O passado é passado, certo?

Ela confirmou com um gesto de cabeça e seguiu o casal rumo à plataforma de embarque.

- Lucas, nada de cara de tristeza. Eles vão passear, vai ser muito bom para todos.

- Eu sei. É que este meu coração tolo já está com saudades.

- Vamos para casa, tenho planos maravilhosos para deixar seu coração tolo bem feliz!

Lucas enlaçou a cintura da esposa e seguiram para casa. Saber que sua esposa não corria perigo

o deixava aliviado. A morte de Vladmir trouxe o fim das perseguições a tal porta e a certeza de segurança para todos, quanto a Lúcius? Ele estaria pronto caso ele apareça novamente.

Sua mulher não sabia, mas ele não precisava de nada. Ele já era um homem bem feliz!

A PORTA II

– Rebeca, antes de sair, tem algo que preciso lhe contar.

– Você me conta no caminho.

– Não. Eu quero que você saiba antes de chegar lá. – Como a outra fez silêncio continuou. – Quando eu comprei aquele hospital eu fiz a compra em seu nome. O hospital é seu. – Diante do olhar perplexo de Rebeca esclareceu. – Você não podia herdar nada meu, daí eu providenciei um patrimônio para você. Durante todos estes anos os lucros do seu hospital foram depositados em uma conta em seu nome, apenas uma pequena parte foi enviada para você durante seus estudos. Você é uma mulher rica. Se souber administrar pode viver bem com o que possui.

– Cláudia, eu não sei o que dizer. Obrigada.

- Diga que está feliz!

- Estou! Papai sabe?

- Sabe, contei a ele, e a Davi. Sim, a administração do hospital é feita por Beto. Ele tem feito um excelente trabalho, está conosco há dez anos. Gostaria que você o mantivesse no cargo.

- Ele sabe que sou a dona do hospital?

- Sabe. Era impossível esconder este detalhe dele. Ah, ele é noivo de Juliana, a nefrologista que está fazendo meu tratamento.

- Cláudia, muitos anos se passaram, sou grata ao que Beto fez por mim, mas não há nada pendente entre nós.

- Ele não fala, mas sei que guarda suas mágoas. Nós não lhe contamos devido a sua gravidez ser tão complicada, mas ele passou quatro anos preso.

- Oh! Porque não me contou depois que a menina nasceu?

- Você estava estudando, tentando superar as lembranças terríveis daquele dia. Foi melhor assim.

- Cláudia eu teria vindo. Ele precisava de apoio.

- Nós lhe demos todo apoio necessário! Desculpe Rebeca, mas às vezes temos que tomar algumas decisões difíceis e conviver o resto da vida com elas. Na época eu julguei estar lhe fazendo o melhor.

Rebeca teve vontade de gritar que queria ter estado ao lado dele, que tinha este direito. Que ninguém podia consolá-lo como ela. Ela lhe daria amor. Ela podia lhe dar esperança, ela lhe deu uma filha! Juntos poderiam ter ficado com ela!

- Você tem razão Cláudia. Às vezes a vida não nos deixa muitas opções. Vamos!

Este livro foi impresso nas oficinas da
Editora Nossa Livraria
Recife - PE
(81) 3302.6084/6085
editora@nossalivraria.com.br